BIBLIOTHECA DA LIVRARIA DO POVO

A HISTORIA E A LEGENDA

SEGUNDA SÉRIE

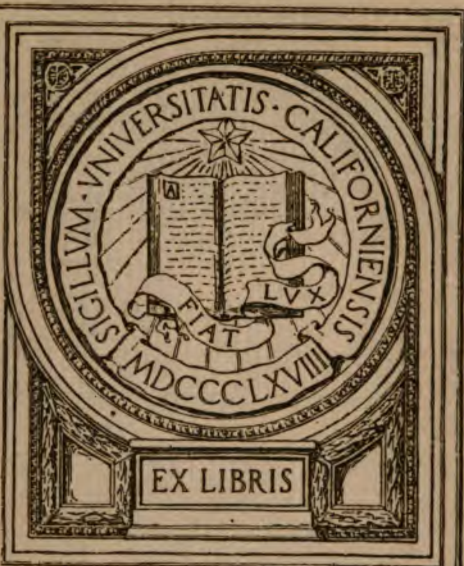
PELO

CONSELHEIRO J. M. PEREIRA DA SILVA



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DO POVO
QUARESMA & C. — Livreiros-Editores
65 e 67 — Rua de S. José — 65 e 67

1893


SIGILLVM · VNIVERSITATIS · CALIFORNIENSIS
FIAT LVX
MDCCCLXVIII
EX LIBRIS



A HISTORIA E A LEGENDA

SEGUNDA SERIE

BIBLIOTHECA DA LIVRARIA DO POVO

A HISTORIA E A LEGENDA

SEGUNDA SÉRIE

PELO

CONSELHEIRO J. M. PEREIRA DA SILVA



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DO POVO
QUARESMA & COMP.—Livreiros-Editores
65 e 67 — Rua de S. José — 65 e 67
1893

ADVERTENCIA

Entendendo o auctor que não carecia de fazer nova advertencia para esta segunda serie do seu livro — *A historia e a legenda* — pois que devia servir-lhe a que se estampou na primeira serie, julgamos conveniente substituil-a pelo seguinte artigo, a seu respeito, inserido no periodico — *O Contemporaneo.*

O SR. CONSELHEIRO PEREIRA DA SILVA

Entre os primeiros, mais infatigaveis e fecundos collaboradores da nossa litteratura, occupa o Sr. conselheiro João Manuel Pereira da Silva glorioso e proeminente logar.

A' sua penna elegante, correcta e eloquente devem as lettras patrias uma boa parte das melhores obras, com que enriquece a sua bibliographia.

Nascido nesta cidade, ou ha poucos passos distante, quando ainda não irrompera a aurora da nossa independencia, o Sr. conselheiro Pereira da Silva partiu ainda muito moço para Pariz, onde formou-se em direito, contando em 1839 apenas 20 annos de edade.

De volta aos patrios lares, entregou-se á advocacia e n'ella fez tão prospera e rapida carreira que, dentro em poucos annos, tornou-se um dos mais procurados jurisconsultos da côrte; principalmente para causas commerciaes em que por vezes alcançou brilhantes triumphos.

Em 1844 tomou assento pela primeira vez na camara dos deputados, onde desde então até agora, com poucas interrupções, tem occupado com galhardia o seu posto de honra nas fileiras do partido conservador, a que sempre pertenceu.

Retirado da vida activa de advogado, percorreu por várias vezes a Europa, collaborando em jornaes francezes do maior credito, como a *Revista dos dois mundos* e a *Contemporanea;* conseguindo assim ser vantajosamente conhecido na culta Europa. O *Diccionario dos Contemporaneos* de Varapeau menciona honrosamente seu nome e suas obras.

Ha bastantes annos desempenha tambem S. Ex. o encargo de director do Banco do Brazil; e anteriormente tambem exerceu o de presidente da provincia do Rio de Janeiro.

Dotado de talento robusto e fecundo, de instrucção variadissima e profunda, o Sr. conselheiro Pereira da Silva é um dos mais esplendidos ornamentos da nossa tribuna e da nossa imprensa.

Sua palavra facil e corrente tem muitas vezes prendido a attenção do mais illustrado auditorio, quer na camara dos deputados, quer na Escola da Gloria: isto é, quer como politico, quer como litterato.

De seus mais notaveis discursos politicos, além dos que andam exparsos pelos Annaes das Camaras, temos dois bons volumes, que muito honram a eloquencia nacional.

Se os discursos politicos do Sr. conselheiro Pereira da Silva, não têm a profundeza do estadista, que só vivendo para a politica empregam todas as suas horas de trabalho em estudar a situação e marcha do paiz, tambem não são aggregados de palavras ôcas, sonoras e retumbantes que só servem para produzir effeito.

Nas questões, principalmente financeiras, em que S. Ex. tem entrado, seus discursos têm pesado valiosamente.

Na tribuna litteraria o Sr. conselheiro Pereira da Silva conquistou o primeiro logar. Nas conferencias da Gloria ninguem tem sido até agora mais eloquente nem mais erudito.

O seu curso de historia dos descobrimentos, colonisação e independencia dos Estados americanos, pronunciado em várias conferencias naquella tribuna, é um trabalho de summa valia e importancia, que fórma hoje um excellente volume digno de occupar as mais selectas estantes.

Os cursos litterarios sobre a poesia épica e dramatica formam tambem duas bellissimas series de suas conferencias; sendo para sentir-se que esta ultima não esteja completa. O orador tratou da poesia dramatica grega, latina, castelhana e ingleza, faltando-lhe ainda fallar da franceza, italiana, portugueza, allemã, hollandeza e prussiana.

Concluida, como esperamos que seja, esta ultima parte, essas duas series de conferencias formarão uma obra sem egual na lingua portugueza.

As conferencias já publicadas, pelo Sr. J. M. Almeida, de toda a parte épica, já é um trabalho que muito honra a litteratura nacional; nelle revela o seu auctor uma vastidão admiravel de conhecimentos litterarios.

A historia foi sempre a musa predilecta do illustre publicista. Pelos paralipomenos desse ramo ensaiou elle brilhantemente os seus primeiros trabalhos, escrevendo e publicando em 1847 o *Plutarco Brazileiro* que mudado para o titulo de *Varões illustres do Brazil* foram reimpressos em 1861 e sahiram de novo, em terceira edição, em 1871.

Os *Varões illustres do Brazil* valeram desde o seu apparecimento, ao auctor, os maiores encomios não só do jornalismo brazileiro e portuguez, como do francez, inglez e allemão.

A critica de auctorisadas pennas, que na primeira edição teve de notar demasia no florido da linguagem e um tanto pretencioso o titulo de *Plutarco Brazileiro*, rendeu depois ao auctor os maiores elogios por vel-o, docil aos bons conselhos, não só cortar por aquelle floreio tornando o estylo mais conciso e grave, como requer a historia, como até mudando o nome á obra.

Este exemplo de respeito á critica dado pelo Sr. conselheiro Pereira da Silva, ainda nos mais bellos annos de sua mocidade, é digno de consignar-se entre nós, onde tão refractarios se mostram todos ás admoestações ainda as mais suaves e amigas.

Desde que publicou os seus *Varões illustres* pela primeira vez, que alçando as vistas a mais altos horisontes, emprehendeu o Sr. conselheiro Pereira da Silva escrever a historia da formação e nascimento do imperio.

Por muitos e seguidos annos trabalhou o infatigavel escriptor

nesta nova obra e quando, em 1864, pôde dar ao publico o primeiro volume da *Historia da fundação do imperio brazileiro*, viu tambem corôado do mais feliz exito a sua gloriosa empreza.

A imprensa do velho e novo mundo saudou victoriosamente o apparecimento de tão valioso trabalho; e os sete volumes de que elle se compõe foram unanimemente reputados como dignos de figurar ao lado de identicas producções dos mais auctorisados historiadores modernos.

A primeira edição da *Historia da fundação do imperio brazileiro*, que nos consta ter sido de 3.000 exemplares, esgotou-se entre nós! Este facto rarissimo diz muito em favor da obra.

A segunda edição, em grossos volumes, appareceu em fins do anno proximo passado.

A' *Historia da fundação* seguiu-se a do *Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil*, obra egualmente de merito superior, e que tambem já está em segunda edição.

Não é só como historiador que o Sr. conselheiro Pereira da Silva occupa logar distincto entre os nossos escriptores, tambem na provincia das ficções tem elle conquistado invejaveis louros.

Jeronymo Côrte Real é um romance historico, e como elle tambem *Manoel de Moraes;* escriptos ambos naquella linguagem fluente e harmoniosa em que o auctor sabe expôr as suas narrativas.

A esses dois volumes veiu juntar-se, em 1873, *Aspasia*, phantasia romantica de inexcedivel belleza, quer sob o ponto de vista descriptivo, quer de estylo. No Porto acabam de fazer uma segunda edição deste livro, o que prova ter elle agradado tanto lá como cá.

Muitos outros trabalhos de merecimento tem o auctor exparsos em varias publicações periodicas ou em livros, taes como: a introducção do *Novo Parnaso Brazileiro*, do poema *Gonzaga* de ignorado auctor, e os escriptos em lingua franceza intitulados :—*Situation politique, économique et sociale du Brésil*, sahido primeiramente na *Revista dos Dois Mundos* e depois em volume; e a — *Litterature portugaise, son passé et son état actuel*, que foi traduzido e publicado em Portugal.

Tambem a poesia tem tido no Sr. conselheiro Pereira da Silva, senão um adorador inspirado e arrebatador, pelo menos um cultor suave e de bom gosto. Algumas versões poeticas, taes como o *Mergulhador*, de Schiller, são dignas do maior apreço.

Taes têm sido, em resumo, os fructos que na vasta seára das lettras tem produzido a penna elegante do illustre fluminense de quem hoje damos o retrato.

Saudando o varão prestante que tanto tem honrado o nome brazileiro, apertamos tambem a mão do cidadão illustre que honra o modesto escriptor destas linhas com tão valiosa amizade. Esta, porém, não nos céga a ponto de esquecermos a verdade, elevando o Sr. conselheiro Pereira da Silva acima de seu real merecimento.

O que acabamos de dizer com respeito a tão distincto patricio, é o que pensavamos muito antes de conhecer pessoalmente S. Ex., tributamos-lhe sempre a mais vehemente sympathia; porque, entre os homens de verdadeiro merito deste paiz, sempre distinguimos o illustre escriptor fluminense.

Se a critica póde no historiador encontrar defeitos, se a politica póde na sua vida partidaria descobrir senões, o escriptor destas linhas, que não tem pretenção a critico e muito menos a politico, só vê no Sr. conselheiro João Manoel Pereira da Silva o homem de lettras infatigavel, o concidadão benemerito, o amigo illustre a quem rende o mais sincero preito de admiração e vota a mais profunda estima.

(Do *Contemporaneo*, Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1877.)

A HISTORIA E A LEGENDA

Carlos I de Hespanha e V de Allemanha

Era Carlos I da Hespanha e V da Allemanha bisneto do imperador Maximiliano, filho do archiduque austriaco Felippe e da princeza Joanna de Hespanha, unica herdeira de Isabel e Fernando, que fundiram, por seu casamento, em uma só corôa, todos os Estados da peninsula iberica, com excepção de Portugal. Carlos V nascera na cidade flamenga de Gand no anno de 1500.

Possuia Felippe como seu reino proprio as Flandres e Paizes Baixos, o Luxemburgo e o Franco Condado ou Condado de Borgonha, por herança materna da filha de Carlos o Temerario, ultimo duque de Borgonha, casada com seu pai Maximiliano da Austria, que eleito imperador lhe transferira esses dominios. Por morte dos avôs maternos, recebeu Carlos além da herança paterna a corôa de Hespanha, que comprehendia os antigos reinos de Leão, Castella, Aragão, Granada e Navarra ; e bem assim as conquistas americanas effectuadas em tempo de Fernando e Isabel e o reino de Napoles e Sicilia.

Unidos estes Estados aos que haviam pertencido ao finado duque de Borgonha, e certa a successão da Casa da Austria, a cuja frente achava-se ainda seu avô Maximiliano, imperador da Allemanha, podia-se desde logo

conjecturar que Carlos seria o mais poderoso soberano da época, não contando mesmo com a corôa do imperio da Allemanha, caso fosse eleito pela Dieta, quando seu avô paterno se finasse.

Bem não tinha completado 16 annos que era em Flandres acclamado rei de Hespanha e senhor dos Estados flamengos, posto que sua mãi, viuva de Felippe da Austria, ainda vivesse, enlouquecida, porém, e julgada incapaz de reinar.

Partiu immediatamente de Flandres para Hespanha, a empunhar o sceptro dos reis catholicos. Desembarcando em Villa-Viçosa, nas Asturias, seguiu para Valhadolid, e empossou-se logo da corôa.

Iniciou mal seu governo. Baldo de experiencia, rodeado de cortesãos flamengos que o acompanharam para Hespanha, e o aconselhavam contrariamente aos foros e interesses dos subditos ibericos, tratou com desdem o cardeal Ximenes, que regia até então os reinos da peninsula, e revelara-se estadista consummado; descontentou a nobreza castelhana, e o orgulhoso povo de Hespanha; e suscitou immediata opposição, que fundava suas principaes queixas no influxo indebito de estrangeiros, estimados pelo joven monarcha de preferencia aos naturaes do solo.

Corriam, no entanto, crespos e perigosos os tempos. Francisco I de França apoderara-se de Milão em 1815 e ameaçava toda a Italia de curval-a a seu jugo. Os sultões da Turquia adeantavam-se cada vez mais em conquistas de territorios do Danubio, e batiam audazmente ás portas da Hungria, cujo reino estava annexado ao ducado da Austria. Piratas musulmanos da Africa avassallavam o Mediterraneo, apoderando-se de navios de commercio, assaltando e rapinando povoações da Italia, das ilhas Baleares, e até terras de Hespanha e de Portugal, e arrastando para o captiveiro os infelizes christãos, que em suas correrias apanhavam. A Allemanha convulsionava-se com o procedimento tribunicio e escriptos de Luthero que tendiam a modificar as crenças religiosas da nação e desligal-a da obediencia ao Papa e á Curia Romana.

Ao terminar o anno de 1519, teve Carlos noticia em Hespanha de que, finado seu avô Maximiliano, a dieta dos magnatas eleitores da Allemanha o havia eleito imperador.

Desgostaram-se os hespanhoes ao saberem que elle aceitara a corôa imperial, e dispunha-se a partir para a Allemanha, no proposito de sagrar-se em Aix-a-Capella.

Convocou Carlos, no entanto, côrtes para Santiago de Galiza, e exigiu subsidios pecuniarios para occorrer á necessidades da administração publica e de sua viagem.

Installada a assembléa e expostos os motivos da reunião, suscitou-se azeda opposição. Recusaram muitos deputados os subsidios solicitados pelo monarcha. Irritado Carlos, suspendeu as côrtes de Santiago, e transferiu-as para Corunha, declarando dellas expulsos os representantes de Toledo, por se haverem collocado á frente dos recusantes de subsidios.

Conflagrou-se Toledo ás vozes de João de Padilha e de sua mulher Maria Pacheco, inspirada de ardores varonis e patrioticos. Communeros denominaram-se os sublevados, e empossaram-se do governo da cidade, enviando convites a outras povoações para que lhes acompanhassem o movimento sedicioso.

Em Corunha foi mais feliz Carlos, porquanto, dos membros das côrtes logrou subsidios por tres annos com a condição de entregar as praças e fortalezas de Hespanha a hespanhoes, de mandar sahir de Hespanha os flamengos, de não permittir mais a vinda de estrangeiros á Hespanha, e de confiar exclusivamente o governo do reino a nascidos em Hespanha, emquanto ausente o rei se conservasse.

Não prescindiu, todavia, Carlos, de introduzir no governo de Hespanha o cardeal Adriano, seu preceptor, comquanto na regencia tres hespanhoes collocasse.

Deixou então Carlos a Hespanha, e seguiu para a Allemanha ; corria o anno de 1520.

Estendia-se, no entanto, a sedição das Communas.

De Toledo contaminara Valhadolid, Madrid, Segovia, Avila, Leão e outros pontos do territorio.

Partiram de Flandres para Hespanha ordens apertadas para que os regentes, cujo numero augmentara-se com a nomeação do almirante de Castella Henriques e do condestavel Inigo de Velasco, combatessem com energia a sublevação das cidades, suscitada pelos denominados communeros.

Puzeram os communeros em campo mais de dez mil homens. Encontraram, porém, deante de si, os nobres e ecclesiasticos armados em defesa da auctoridade régia, e tropas numerosas reunidas. Em 1525 foram completamente derrotados, preso e condemnado á morte e executado na forca seu chefe João Padilha, e reduzidas as cidades revolucionadas a entregar-se aos regentes.

Conservou-se ainda firme e por alguns mezes Toledo dominada por Maria Pacheco. Foi a illustre patriota por fim compellida a fugir para Portugal, e escapou a tempo das vinganças dos inimigos.

Chegando no entanto Carlos a Aix-a-Capella, aceitou da dieta condições de não empregar na Allemanha estrangeiros, de não introduzir em seu seio soldados de fóra, e de residir a maior parte do tempo em territorio do imperio.

Recommendou para Hespanha aos governadores clemencia, perdões ao revoltados, afim de acalmarem-se os animos e restabelecer-se inteiramente a paz e a concordia; recuperou força e ganhou sympathias em Castella com esta revolução conciliadora e prudente.

Socegado Carlos no tocante a Hespanha, convocou dieta dos nobres allemães para o fim de pacificar-se a agitação promovida pelás discussões religiosas. Já alguns principes haviam adoptado as doutrinas de Luthero e abraçado a reforma propagada, exasperados pela devassidão e avareza do clero catholico, e peló pensamento de se não subordinarem ao Papa que lhes parecia estrangeira auctoridade.

Foi Luthero intimado a comparecer e defender-se na dieta. Reuniu-se a assembléa em Worms em 1520. Apresentou-se Luthero, depois de receber uma carta de seguro assignada pelo imperador, garantindo-lhe liberdade para sahir da cidade, qualquer que fosse a decisão da dieta. Sustentou Luthero perante a dieta suas doutrinas, sem que se mostrasse intimidado pela presença do imperador e nem pela maioria de catholicos alli reunidos. Após discursos calorosos, foi Luthero condemnado, pela maioria de votos, como réo de lesa magestade, e auctorisado o imperador a empregar os meios necessarios para cumprir-se a sentença, e castigar-se o reformador apregoado.

Ordenou Carlos que livremente sahisse Luthero da cidade, respeitada a sua carta de seguro.

Desconfiado, porém, seu protector, o duque eleitor da Saxonia, de que fóra das portas de Worms fosse Luthero perseguido, levou-o ás escondidas para um castello fortificado que possuia, e ahi o conservou a salvo de perseguições, que se pudessem contra elle intentar.

Do castello, a que se recolhêra Luthero, partiram escriptos seus, e uma traducção da Biblia e dos Evangelhos, em lingua allemã, e que, impressos e espalhados profusamente, excitaram decidida e progressiva propaganda e transtornaram as idéas religiosas dos povos, para se desapegarem da egreja catholica.

Começou e desde logo tambem a interminavel lucta de Francisco I, rei de França, e de Carlos V. Rivaes e inimigos constituiram-se, e durante a vida de ambos uma guerra de morte travou-se e teve por theatro Hespanha, França, Paizes Baixos e Italia. Temia-se Francisco I de tão poderoso concurrente, que poderia aspirar a monarchia universal, e curvar a seu jugo todos os povos da Europa.

Procuraram alliados cada um por sua parte. Apezar das caricias de Francisco I para com Henrique VIII de Inglaterra, preferiu o Tudor ser amigo de Carlos V. Alcançou no entanto Francisco I as sympathias do Papa Leão X, que mais se amedrontava deante do poder de

Carlos, que dominava em Napoles e Sicilia, tão proximos de Roma.

Recorreu depois Francisco I para as armas. Mandou em vão invadir a Navarra e o Luxemburgo : teve egualmente de retirar de Milão, Parma e Placencia as tropas, que occupavam o norte da Italia em nome da França, e viu desligar-se de seu auxilio as republicas de Veneza e Genova. Desde o principio manifestou-se-lhe contraria a fortuna.

Carlos V elevou ao throno pontificio, por morte de Leão X, o preceptor Adrianno, flamengo de Utrech. Poderoso na Italia e em Roma conseguiu ao mesmo tempo acommetter com hespanhoes Bayonna, a Champanha com allemães, e a Proença com italianos. Por outro lado os inglezes de Henrique VIII apoderavam-se de Calais.

Rehabilitou-se Francisco I apezar d'esses revezes. Levantou excellente exercito e partiu em 1524 para a Italia. Tudo correu-lhe favoravelmente ao principio. Depois de retomar Milão, seguiu para Pavia. Ahi, foi-lhe, porém, funesta a sorte. O duque Bourbon, valente general francez, que se bandeara para Carlos V, os famosos marechaes hespanhoes, Pescara, Lannoy e Leiva, ganharam contra elle uma victoria estrondosa, no assignalado anno de 1825. Prisioneiro Francisco I, escreveu a sua mãi que tão grande fôra seu infortunio, que só salvara a honra e a vida. Remettido para Madrid, onde se achava Carlos V, que ao principio não quiz vel-o e nem visitou-o quando doente no carcere, jazeu Francisco I physica e moralmente aniquilado sem que lhe fosse permittido enviar correspondencias para França.

Em 1526 foi Francisco I obrigado para obter a liberdade a assignar um tratado vergonhoso. Cedia a Carlos o ducado de Borgonha, renunciava ás suas pretenções na Italia, rehabilitava o marechal de Bourbon em seus fóros e propriedades, e comprometti-se a casar com uma irmã do imperador.

Póde então sahir da prisão, despedir-se de Carlos V, deixar Madrid e entrar em França. Ahi apenas chegado, e

empossado da auctoridade, protestou Francisco I contra o tratado de Madrid, e desafiou Carlos para um duello singular, como cavalheiros e adversarios. Ocioso é dizer-se que Carlos V não acceitou o alvitre para resolver o assumpto por meio de maior valentia, e destreza no manejo das armas, que o braço de cada um provasse em seu beneficio. Era homem mais de gabinete e de raciocinio e não aventureiro e temerario como Francisco I. Proseguiu, portanto, a guerra entre a Hespanha e a França. Differentes successos, reciprocos triumphos e revezes, nada resolviam. Horrorisou-se, no entanto, o mundo com os escandalos e attentados praticados pelas tropas do duque de Bourbon, que, penetrando em Roma, roubaram, destruiram, incendiaram edificios, bibliothecas, museus, e mostravam-se mais barbaros que godos e vandalos. O Papa Clemente VII que succedera a Adriano declarara-se por Francisco, e soffreu por esse motivo assedio no Castello de Santo Angelo, de que libertou-se sómente por meio de pagamento de elevadas indemnisações pecuniarias.

Com a humilhação do Papa e dos pequenos principes e estados da Italia que se haviam rebellado contra Hespanha, subordinou-se toda a peninsula ao poder de Carlos V.

Incommodavam no entanto a Hungria os turcos governados pelo sultão Solimão II, e Hespanha e Italia corsarios africanos. Percebeu Carlos V que lhe convinha accommodar-se com a França afim de livremente combater os musulmanos, e conseguiu chegar a accôrdo com Francisco I, assignando o tratado de Cambraia de 1530.

Convém dizer que mais com forças hespanholas que flamengas e italianas praticava Carlos V suas campanhas. De tropas allemãs quasi não dispunha. Hespanha era que principalmente contribuia para alimentar as guerras empenhadas com dinheiro, soldados, armas e militares experimentados. Tudo devia á Hespanha, e por isso Carlos mais se lhe affeiçoara que aos outros dominios, e até mesmo que a Flandres que fôra seu berço; visitava-a frequentes vezes,

revelava publicamente sua predilecção pela Hespanha e lisongeava assim o amor proprio dos hespanhoes, que se tornaram seus dedicados subditos, quando ao iniciar seu reinado suscitara elle tantas apprehensões, como flamengo que era e apoiado em flamengos.

Para Hespanha viraram-se todos os seus olhares, toda a sua attenção, todo o seu cuidado, todas as suas finezas e amores. No intuito de corresponder aos prejuizos, superstições e velhos odios dos hespanhoes, continuou Carlos a obra de Fernando e Isabel, obrigando os musulmanos de Valença a baptisar-se, e os de Granada a renunciar a suas vestes, e a trocar a lingua arabe pela castelhana; incitou egualmente a inquisição introduzida no reino por Fernando e Isabel a commetter barbaras torturas, e a condemnar os intitulados hereges ás fogueiras no proposito de unificar-se a fé catholica em toda a peninsula.

Governava franca e absolutamente Hespanha, Italia e Flandres; resistia-lhe sómente a Allemanha, que obrigava-o muitas vezes a recuar de seus designios.

Em 1530 publicou Carlos V, em Augsburgo, um edito, prohibindo o uso e propagação das doutrinas reformadoras de Luthero. Protestaram muitos magnatas não o executarem em seus principados e formaram liga offensiva e defensiva com o titulo de Samalkade.

Transferiu-se, no entanto, Carlos para a Italia. Necessitava impôr com sua presença ordem nas localidades perturbadas pela anarchia e alvorotos lamentaveis que seus proprios exercitos haviam fomentado. Accommodou-se com o Papa Clemente VII, a quem tinha assediado no Castello de Santo Angelo e obrigado a capitular vergonhosamente. Attrahiu-o á sua causa, concedendo o titulo de duque ao chefe da familia dos Medicis, que governava Florença. Não pertencia o Papa á familia de Medicis, e não se alegraria com a conversão em ducado do Estado que theoricamente se appellidava republica, e que legalmente de então em deante se declarou hereditario para o governo de seus parentes?

Exigiu em compensação Carlos que o Papa se dirigisse a Bolonha, e ahi solemnemente o coroasse e sagrasse rei da Lombardia, e imperador como successor de Carlos Magno. Não se investia Carlos V do mesmo poder e auctoridade? Não era tambem imperador da Allemanha, titulo que do grande rei Franko transferira-se para seus successores germanicos?

Obedeceu-lhe Clemente VII. Sagrado em Bolonha, voltou Carlos para Hespanha. Equipou uma excellente armada, embarcou luzidas tropas e resolveu atacar e aniquilar os piratas africanos que, protegidos pelo sultão de Constantinopla, causavam tantas calamidades e commettiam tamanhas depredações no Mediterraneo e nas costas meridionaes da Europa.

Exterminado o ninho dos malfeitores maritimos, poderia mais facil e efficazmente repellir da Hungria e do Danubio os audazes turcos que alli soltava Solimão II, inimigo irreconciliavel dos christãos.

Collocou-se á frente da empreza, dirigiu-a pessoalmente. Não lhe foi difficultoso o assalto em Tunis. Cedeu a cidade aos primeiros golpes. Curvou-se-lhe a fortaleza de Goleta. Cêrca de vinte cinco mil christãos ahi encontrou escravisados. Concedendo-lhes a liberdade, inscreveu nas suas fileiras muitos que anciavam vingar-se das injurias, violencias e tormentos que haviam supportado dos musulmanos.

Enveredou depois para Argel. Desembarcou suas tropas. Começou a incommodar a praça. Não lhe sorriu, todavia, a victoria, como a procurava. Não rendeu-se Argel, que resistiu com soberbia a seus assaltos, e obrigou-o a reembarcar-se, confessando-se vencido deante da valentia dos defensores da praça, da peste que declarou-se no seu acampamento e da mortalidade causada nas fileiras dos seus soldados pela terrivel epidemia, que valia para os musulmanos mais que um exercito de soccorro.

Tirou desforra, comtudo, encontrando nos mares o famoso pirata Barbaroxa, que era o terror e o mais feroz

inimigo dos christãos. Destruiu-lhe as forças completamente, e obrigou-o a fugir e asylar-se sob a protecção do sultão da Turquia.

Regressou Carlos para a Hespanha, após estes acontecimentos. Chamava-o a guerra contra as tropas de Solimão II, que trazia a Hungria em susto permanente. Não era particularmente ahi interessado, como senhor dos ducados da Austria e do reino da Hungria ? Como imperador da Allemanha não devia expulsar tambem das suas vizinhanças adversarios tão atrevidos ?

Achando-se felizmente suspensas as hostilidades entre França e Hespanha, mandou pedir licença a Francisco I para atravessar seus Estados.

Galhardamente lh'a enviou Francisco I e foi Carlos acolhido em Pariz com festas esplendorosas.

Referem as legendas francezas um dito espirituoso do buffo de Francisco I. Ao saber que Carlos V devia entrar em França, comprimentou o rei por se lhe proporcionar occasião de encerrar seu inimigo em uma enxovia, e inscreveu entre os nomes dos tolos, que sua caderneta continha, o do imperador da Allemanha. Respondeu-lhe Francisco I que a nenhum perigo se expunha Carlos V. "—Então, replicou-lhe o buffo, substituirei o nome de Francisco I ao do imperador da Allemanha."

Convocou Carlos V os principes e magnatas eleitores da Allemanha a uma dieta em Spire. Astuto politico como era, cuidou de angariar-lhes as vontades para a guerra contra os turcos. Catholicos e lutheranos tratou com egual cordialidade.

Comprometteu-se a fundar a liberdade religiosa, revogando editos que a offendessem, com a condição, porém, de não continuar publica e progressivamente a propaganda favorisadora do novo culto, e de se não estabelecer nas escolas ensino das doutrinas de Luthero. Pediu concurso de forças allemãs contra os turcos.

A maioria dos membros da dieta sanccionou-lhe as idéas ; protestaram, porém, muitos principes, e d'ahi

derivou-se o appellido de protestante dado posteriormente aos adherentes do culto lutherano. Apoiado na maioria, logrou Carlos egualmente que para a guerra da Turquia pudesse introduzir tropas italianas, flamengas e hespanholas, afim de auxiliarem ás da Allemanha.

Correu então Carlos para o Danubio. Venceu os turcos em varias pelejas: coagiu-os a recuar e abandonar invasões na Hungria ; firmou paz com Salomão II, para cessarem as mutuas hostilidades. Salvou Carlos, por este feitio, seus dominios proprios e particulares, que eram a Austria e a Hungria.

Pensou então que, fortalecido com soldados estrangeiros, que chamara para o imperio, podia dictar a lei na Allemanha e coagir seus povos á obediencia do Papa e á restauração do catholicismo.

Por não possuir até então recursos para alcançar este alvo, não rasgara o véo que encobria seus designios. Agora, porém, não se lhe esclarecia e propiciamente o horizonte, e não podia impôr sua vontade, como o praticava nos demais Estados que lhe pertenciam ?

De volta do Danubio publicou Carlos V na Allemanha novas proclamações contra a liberdade religiosa : declarou nullas as abolições de conventos effectuadas por varios principes em seus dominios e ameaçou com severas penalidades os propagadores das novas doutrinas, quando continuassem em seus planos ; decretou castigos contra os impressores de escriptos tendentes a desmoralisar a Egreja Catholica e a favonear o schisma iniciado.

Foi a faisca que incendiou a Allemanha. Renovou-se e fortaleceu-se a liga da Samalkalde. Responderam-lhe muitos principes que empregariam as armas para defenderem seus povos e a tolerancia dos cultos religiosos.

Era o que Carlos desejava. Tinha tropas suas para esmagar os protestantes, e unificar a Allemanha na fé catholica. Raiava occasião propicia para impôr de novo a dominação do catholicismo, extirpando as seitas que d'elle se haviam separado. Procurou no entanto colorir com a

politica a questão religiosa, manifestando-se não adverso á liberdade dos cultos, mas á ousadia de subditos que arcavam com seu poder e pretendiam coarctar-lhe a auctoridade.

Logrou com esta linguagem, dirigida contra os magnatas da Liga de Samalkade, conciliar alguns principes lutheranos, que não approvavam rebelliões armadas e que se uniram de preferencia ao imperador.

Abriu-se a campanha. Cêrca de oitenta mil homens puzeram em campo os ligueiros de Samalkade, sob as ordens de tres chefes denodados, o eleitor da Saxonia, o de Hesse e o langrave Schwerttin de Butenbach, bem que rivaes no commando, divergentes nos planos e ciosos uns de outros.

Collocou-se Carlos V á frente de suas tropas. Dispunha de allemães com alguns duques, fieis ao imperio, posto que protestantes ; de bons soldados, que dirigiam os magnatas catholicos ; de flamengos, que obedeciam ao general Bares; de italianos e de hespanhoes, que se orgulhavam de ter por chefe o celebrisado duque d'Alva.

Depositava, sobretudo, Carlos V sua confiança nos hespanhoes, e particularmente na infantaria, que era o terror dos seus inimigos na Europa. Voava a fama da infantaria hespanhola, e ninguem em campanha se atrevia a affrontal-a.

Encetou-se a lucta e provou-se logo a desegualdade dos belligerantes. Desordenadamente, por parte dos protestantes ; methodica, systematica, harmonicamente, pelo lado dos imperialistas. A superioridade do commando, o tino propriamente militar, revelavam-se nas fileiras adherentes a Carlos V. A's portas da cidade de Muhlberg, e em 1547, foram os protestantes completamente derrotados, prisioneiros a maior parte dos principes da Liga, mortos numerosissimos soldados, officiaes e cabos de guerra.— Hespanha, Hespanha— era o grito de guerra dos batalhões, que do seu reino occidental introduzira na Allemanha o poderoso monarcha, sob o pretexto de combater turcos

na Hungria. Venceu Carlos V em Mulhberg, mas foi a ultima victoria com que laureou-se. Succedeu-lhe o que a Pyrrho acontecera. O grito de guerra dos hespanhoes impressionara fundamente os allemães, lembrando-lhes influencia estrangeira e alvoroçando-lhes os brios e zelos da patria.

Do campo da batalha dirigiu-se Carlos V para Wittemberg, onde resistia valentemente a princeza, consorte do eleitor, que cahira prisioneiro na derrota de Mulhberg. Recusou a princeza entregar a praça. Ameaçou-a Carlos V de degolar o marido. Chegou-se então a accôrdo: renunciou o eleitor seus dominios, e cedeu a Carlos V Wittemberg, Gotta, Weimar e Ieña.

Ao entrar em Wittemberg, mostrou-se-lhe a princeza coberta de luto: ao visitar o castello, descobriu na capella o tumulo de Luthero, que fallecera em 1546. Refere a tradição, se não a legenda, que o duque d'Alva aconselhava-o a desenterrar o corpo e queimar-lhe os ossos, ao que respondera Carlos V :—"Deixa-o em paz; está já em presença do seu juiz: faço guerra aos vivos e não aos mortos."

Apezar de todas as simulações da clemencia e magnanimidade, foi durissimo Carlos V nos castigos inflingidos aos partidarios da liga de Samalkade. Desapossou os principes da Saxonia e Hesse, e quantos magnatas da colligação usufruiam feudos; impoz pesadissimos tributos pecuniarios ás cidades; puniu os habitantes com rigorosos castigos, e dominou completamente o norte da Allemanha, que se havia sublevado, não attendendo a privilegios e nem ás instituições privativas do imperio.

Considerou-se então verdadeira e efficazmente poderoso na Allemanha como o era em Italia, Flandres e Hespanha. A' sua voz rendiam-se principes, cahiam por terra leis e instituições, rasgavam-se as cartas antigas da nobreza, desappareciam os direitos consuetudinarios dos magnatas, habituados á independencia desde os tempos famosos de Carlos Magno.

Que mais podia Carlos V aspirar? Não era o mais poderoso e opulento monarcha da Europa? Não se lhe curvavam quasi todos os reis? Não vencera tantas vezes a Francisco I, unico rival que se atrevia a affrontal-o? Se lhe escapara Henrique VIII, de Inglaterra, de ser-lhe subordinado, não o devia á posição insular do seu reino?

Não casara por fim seu filho e herdeiro Felippe com Maria Tudor, filha de Henrique VIII, e que por morte do pai e do irmão Eduardo reinava em Inglaterra, e ahi promovia a extirpação da seita protestante, e a restauração do culto catholico? Não contava que resultaria desse matrimonio liga de Inglaterra com ás corôas de Allemanha, Hespanha, Italia e Flandres?

Victorioso quasi sempre nos combates ou conduzindo em pessoa as suas tropas, ou confiando-as com planos e instrucções meditadas a generaes hespanhoes, italianos e flamengos, que educara com rude disciplina, instrucção e experiencia notaveis, que soberano se lhe poderia comparar depois de Carlos Magno?

Satisfeito em seu orgulho, e confiado em sua sagacidade, illudia-se, comtudo, o grande rei da Hespanha, no tocante á Allemanha. Dos seus actos contra protestantes; de sua perseguição á reforma lutherana; da restauração pretendida do culto catholico; das arbitrariedades praticadas relativamente ás leis e instituições; do emprego de forças estrangeiras nas luctas intestinas; derivaram-se opposições novas, já caracterisadas pela politica, e ataviadas de brios patrioticos.

Enviou, no entanto, Carlos V suas tropas contra a França, com a qual se renovara a lucta. Acreditou que podia dispensar na Allemanha as forças estrangeiras que ahi introduzira e dirigil-as agora contra Henrique II, que cingira a corôa por fallecimento de Francisco I. Mas aggravo lançava-se-lhe continuamente em rosto como attentatorio das condições estipuladas quando fôra eleito imperador e se lhe não attenuava, apezar da acquiescencia

da dieta, illudida com suas astucias de que só as empregaria contra turcos.

Emquanto seus generaes combatiam em França, resolveu transferir-se interinamente para Inspruk, no Tyrol, afim de observar e dirigir d'ali o Concilio de Trento, que ás suas repetidas instancias convocara o Papa no intuito de pacificar os animos perturbados dos povos christãos, chamar á concordia os dissidentes, fixar os dogmas mais rigorosos, que extirpassem os abusos e os desmandos praticados no seio da egreja catholica.

Procurava Carlos exercer auctoridade nas resoluções do Concilio congregado, na qualidade de mais poderoso monarcha da Europa.

Costumava, desde a edade de 30 annos, a soffrer insultos de gotta, que lhe causavam grandes e dolorosos padecimentos. Assaltou-o em Inspruk um d'elles, que pela sua violencia prostrou-o no leito.

Aproveitavam-se os principes allemães das occurrencias. Tratavam de restaurar as antigas fórmas sociaes e politicas do imperio, e reduzir o imperador a suas funcções e attribuições, como era de uso na Allemanha. Não era elle rei da Allemanha, mas unicamente imperador eleito; nesta ultima categoria reinava, não governava. Reuniramse os magnatas protestantes e até alguns catholicos. Collocaram-se á frente dos patriotas Mauricio da Saxonia e o duque da Prussia, que posto lutheranos tinham coadjuvado a Carlos V na batalha de Mulhberg. Organisaram incontinente tropas, e publicaram um manifesto solemne, ponderando as causas do seu rompimento com o imperador, não esquecendo de incluir o facto da introducção de tropas estrangeiras na Allemanha, e o caracter de ministro de estado que o imperador outorgara ao cardeal Granvelle para os negocios germanicos.

A' frente de forças imponentes partiu Mauricio para Inspruk, no proposito de compellir Carlos V a assignar decretos revogatorios de seus editos anteriores, para que se firmassem de uma vez a liberdade de religião, o

reconhecimento dos privilegios dos principes, e as instituições politicas da Allemanha.

Tão recatadamente se formara a conjuração, que só foi ella denunciada quando já para Inspruk marchava Mauricio; não dispunha o imperador de tropas para resistir-lhe. Não poderia conservar-se em Inspruk. Cuidou de escapar ao perigo.

Preparou immediatamente liteira para a viagem, rodeiou-se de amigos leaes e em noite fechada e tormentosa deixou Inspruk, no proposito de garantir sua pessoa dentro dos muros de Trento.

Chovia a cantaros; fuzilavam trovões, o terreno inundado, os caminhos obstruidos. Com archotes accesos procuravam as escoltas descobril-os, tropeçando a cada instante nos perigosos passos que produziam as neves, as enchentes dos rios, os profundos lamaçaes, e os escombros precipitados das montanhas e dispersados por todos os logares que cumpria atravessar.

Doente, soffrendo as dores crueis da gotta, curvado pela molestia, enterrado em uma liteira, comprehendeu então Carlos V sua situação melindrosa. Allemanha não era Hespanha: esta domava-se, aquella agitada, convulsionada com as innovações religiosas, contaminada com as doutrinas de liberdade das consciencias, revelava-se robusta, audaciosa, decidida á resistencia; era acompanhada ainda por principes, ciosos de garantir seus antigos direitos e privilegios.

Fugiram de Trento assustados os membros do Concilio: não demorou-se tambem ahi Carlos e transferiu-se logo para Carynthia.

Não encontrando-o em Inspruk, seguiu Mauricio para Passáu, onde devia reunir-se uma assembléa dos principes conjurados.

Imagine-se a humilhação de Carlos V, ao supportar revez tão doloroso de fortuna. Foi sem duvida nos momentos de meditação, que então o occuparam, que pensou em abdicar as corôas que sua fronte cingia, em abandonar

os governos, de que estava investido, e em recolher-se a uma solidão pelo resto da vida, que poderia caber-lhe no mundo.

Ha historiadores que antecipam esta sua resolução. Apoiam-se no seu caracter melancolico, nos soffrimentos physicos que desde a mocidade o mortificavam. Parece-nos, porém, insustentavel conjectura. A vergonha por que Carlos passou em Inspruk é que produziu semelhante resolução. Não se rebaixavam seus brios, seu pundonor, sua reputação de guerreiro afortunado?

Certo é que de Carinthia enviou diplomatas a Passáu, confiando particularmente a seu irmão Fernando, duque da Austria, a tarefa de accommodar os principes da Allemanha.

Em 1522 concordaram principes e emissarios do imperador; fixou-se em solemne convenio a liberdade de cultos, a restauração dos privilegios feudaes, a soltura dos magnatas de Saxonia, Hesse e outros, que se conservavam presos desde a batalha de Muhlberg.

Assentou-se ainda que na Allemanha para todos os negocios politicos e religiosos, prevaleceria o parecer da dieta de eleitores. Este convenio foi logo depois sanccionado em Augsburgo, datando dahi a pacificação religiosa da Allemanha. Pôde então Carlos V continuar a nova guerra travada contra França. Bem que soffrendo ainda a gotta, e resguardado em uma liteira, dirigiu Carlos V o cerco de Metz, que pretendia arrancar ao monarcha inimigo.

Foi coagido, porém, a abandonar o assedio da praça e a recolher-se aos Paizes Baixos, afim de melhorar as condições de suas tropas e recomeçar a campanha com melhor exito.

Principiava o anno de 1556, e Carlos V, achando-se então em Bruxellas resolveu emfim realizar a idéa de abdicação que ha tempos lhe sorria á mente. Cada vez mais se lhe fixava no espirito a necessidade de retirar-se do mundo: nada mais lhe restava, seu papel estava representado. Acabassem outros a obra que encetara. Não percebia


SIGILLVM · VNIVERSITATIS · CALIFORNIENSIS
FIAT LVX
MDCCCLXVIII
EX LIBRIS

Fernando. Deixou os Paizes Baixos logo depois que soube haver sido satisfeita sua vontade e seguiu por mar para a Hespanha.

Até esta data historica, conformes andam, pouco mais ou menos, todos os chronistas e historiadores. D'ahi por deante é que muito divergem os modernos dos antigos. Ninguem eguala a Robertson, historiador aliás elegantissimo, em adoptar legendas, ficções e fabulas, relativamente á vida de Carlos V, depois da abdicação de suas corôas. São desse numero a cópia numerosa de relogios que elle se divertia em regular; os funeraes em vida que elle mandara preparar, e que verificara pessoalmente; os colloquios intimos com os monges do convento de S. Justo, a que o imperador se recolhera e que unicos amenisavam sua existencia.

O inglez Stirling, Mignet e Pichot entre os francezes, Prescott o americano, o hespanhol Lafuente, o allemão Raumer e o flamengo Van den Prinde desmentem inteiramente as narrativas pittorescas de Robertson. Lograram examinar os archivos de Simancas e os ricos depositos de documentos de Hespanha, e puderam reduzir á historia a sua exacção e natural colorido.

De preferencia, pois, aos documentos, e separada a verdade da ficção, completaremos este estudo, resumido quanto possivel, e que só tende a esclarecer a historia.

Emquanto, por ordem de Felippe II, se construia um palacio para Carlos V, annexo ao convento de S. Justo, que elle escolhera na Extremadura hespanhola, afim de ahi viver o resto de seus dias, demorou-se Carlos em Valhadolid, em Burgos, e no castello de Jarandilha. Chegou, emfim, a S. Justo, depois de um anno de viagem, e tomou conta de sua nova residencia, que interiormente communicava-se com o convento, e era cercada de parques e jardins para alegrar a vista.

Um curioso numero de quadros, estatuas, cartas geographicas, instrumentos de mathematicas, livros e manuscriptos deparava-se na habitação. Numerosos criados,

alguns favoritos ou no proprio paço, ou em casas adja-centes alojaram-se. Estabeleceu Carlos desde o principio seu systema de vida. Colloquios diarios com o confessor, assis-tencia a sermão e missa : leitura profunda de livros ; exame de cartas geographicas ; redacção de consultas do filho passeios pelo parque. Mostrava-se alegre e contente, recebia infinitas visitas de fidalgos, de prelados e do povo miudo revelando-se gracioso e amavel para todos.

E' tambem destituido de verdade que elle se houvesse arrependido da abdicação das suas corôas, bem como que se conservara alheio á politica de seu filho, Felipe II,

Não apparece em documentos o menor indicio ácerca do primeiro assumpto, e no tocante ao segundo encontram-se provas exuberantes de que elle aconselhava frequente-mente ao filho, com quem entretinha correspondencia con-tinuada, e ao qual ajudava com avisos experimentados Não foi Carlos V quem de S. Justo empregou o jesuita Francisco Borgia em negociações diplomaticas em Portugal para arranjos politicos e de familia ?

Em S. Justo procurava-o a familia, a irmã D. Ca-tharina, a filha D. Joanna, Leonor de França e Maria de Hungria.

Viveu assim occupado até 21 de Setembro de 1558. Um resfriamento produziu-lhe então febre e fortes assaltos de gotta. Escreveu testamento e um codicillo, recom-mendou que fosse enterrado ao lado da primeira finada imperatriz, que muito amara e que repousava eternamente na sé da Granada, ao lado de Isabel a catholica : pediu ao filho que nomeasse Maria de Hungria para o governo dos Paizes Baixos. Vinte e dous dias durou a molestia e deu, pois, tempo a Carlos V para sacramentar-se e ungir-se segundo os ritos da egreja catholica.

Foi depois de morto que se verificaram suas exequias levando-se para a egreja o cadaver revestido de todas as insignias da realeza.

No intervallo decorrido desde a época de Carlos Magno, nenhum monarcha, á excepção de Napoleão I

gozou na Europa de maior prestigio, influencia e poder que Carlos V. Foram os seus Estados os mais vastos, seus subditos os mais numerosos, seu genio o mais elevado, seus feitos e victorias os mais esplendidos.

Bem que pertencente ao seculo XVI, em que a politica de traições, crueldades e ciladas fosse geralmente adoptada na Europa pelos chefes dos povos, desde o Papa Alexandre VI e seu filho o Duque Cesar Borgia ; desde Luiz XI de França e D. João II, de Portugal até o astucioso Fernando de Aragão, mostrou-se Carlos V disposto, todavia, á mais razoavel comprehensão dos direitos e deveres dos soberanos. Não deixou de empregar astucias, mas fugiu de meios ignobeis até então usados, e dir-se-hia nascido em melhores tempos.

A' grandeza particular da Hespanha dedicou-se de coração ; era a pedra preciosa da sua corôa, era o mais querido e opulento dos seus Estados.

Rodeava-se de personagens habilitados, que honrava com carinho, e pagava com generosidade, posto que por si, e depois de ouvil-os, resolvesse os negocios importantes que estudava pausadamente.

Soube com geito aproveitar-se do prestimo dos fidalgos e guerreiros da Hespanha, que haviam servido com brilhantismo a seus antecessores no throno : conseguiu formar uma escola de excellentes cabos de guerra, que o coadjuvaram em sua vida, e que elle legou a Felippe II, para lhe sustentarem o-governo, e dirigirem seus exercitos.

Era de altura regular, activo, infatigavel nos trabalhos do gabinete e da guerra, perspicaz para conhecer e apreciar os meritos dos homens, atirado a aventuras amorosas, e folgava nos prazeres da mesa, preferindo comidas apimentadas e vinhos generosos, e soffendo indigestões continuas : gostava muito da pintura e da musica.

Assaltavam-n'o epilepsias desde annos ainda verdes. Curou-se, mas sobreveiu-lhe a gotta. Seu genero de vida, suas continuadas excursões pela Europa, suas guerras incessantes, augmentaram-lhe os soffrimentos, aniquilaram-lhe

as forças physicas e tornaram-lhe o caracter melancolico.

Finando-se aos 58 annos de edade dir-se-hia um ancião octogenario, tão alquebrado de corpo, ainda que robusto de espirito.

Quem lê as descripções do convento e do palacio de S. Justo, atirados no meio do deserto, e como que escondidos do mundo, espanta-se ao avistal-as actualmente. Desappareceu o jardim tão decantado, e que por vezes Carlos V folgava de cultivar. Estragou-se inteiramente o parque que lhe servia de passeio e recreio. Desmoronou-se o palacio, saqueado e incendiado pelos francezes em 1810, e cujos restos foram despersados depois pelos revolucionarios hespanhoes de 1820.

Acompanhou-lhes as ruinas o convento dos Jeronymos desde que foram abolidas em Hespanha as ordens monasticas, e expellidos os frades de suas moradas. Resta apenas de pé a egreja despida dos ornamentos preciosos que possuia, dos quadros e objectos de escultura que excitavam a admiração, e mostra-se como uma sombra negra no meio do deserto alastrado de destroços, pedras, muralhas cahidas, e columnas quebradas. Nota-se ainda felizmente uma velha nogueira, esgalhada em braços enormes sob as quaes repousava ás tardes o imperador, meditando a respeito das peripecias da vida humana.

Almanzor, Hadjeb do Califado do Occidente

Desde que no anno de 714 fôra a peninsula iberica conquistada pelos arabes aos godos, que haviam substituido na sua posse aos suecos, vandalos e alanos, governaram-n'a emirs, em nome do califa, e do imperio arabe, cuja sede principal fôra estabelecida na cidade asiatica de Bagdad.

Mouza, walli do Margreb ou Mauritania, já tambem curvada sob o jugo, lingua e religião arabiga, mandou transferir força militar da Africa para Hespanha, ao mando do general Taryk. A batalha ferida entre christãos e arabes ás ribas do rio Guadelete, proximo a Xerez, decidiu da sorte da peninsula. Vencidos os godos, segurou-se em Hespanha a denominação arabe. Seu territorio foi declarado pertencer ao califa de Bagdad.

Que lhes importava que grupos de fugitivos se recolhessem ás selvagens florestas de Navarra e aos selvagens escondrijos de Covadonga nas Asturias, onde recolheu-se o chefe Pelayo, um dos parentes do ultimo rei godo, que morrera na famosa batalha ?

Mais ou menos tranquillamente administravam Hespanha os emires nomeados pelo califa de Bagadad e corria na Asia a situação sob a dynastia dos Omeyades, quando em 750 uma revolução derribou do throno Meruão II e transferiu a corôa a um Abassyde, oriundo egualmente da familia de Mafoma. A' guerra civil rebentada na Asia correspondeu guerra civil na Mauritania e nas Hespanhas.

Um descendente dos Omeyades, Abderraman, evadiu-s de Bagdad para Hespanha, e após luctas crespas e san grentas conseguiu vencer seus adversarios, proclamar-s califa do Occidente, e declarar-se independente do califa d Bagdad, ou do Oriente. Tomou o titulo de Abderraman I Em 756 escolheu a cidade de Cordova para capital de seu estados, que comprehenderam logo as Hespanhas e a Mau ritania. Continuaram fieis ao califa de Bagdad a Asia e Africa desde o Egypto até Tripoli e Tunes.

Começou para Hespanha um periodo brilhante d feitos memoraveis, de governo esclarecido, de civilisaçã adeantada, de progressos de sciencias, de artes e de lettras Transplantou-se de Bagdad para Cordova uma corte luzida luxuosa, cavalheiresca, elegante. Ornaram-se as cidade com academias, museus, bibliothecas, edificios, hospitaes mesquitas portentosas.

Lavraram-se os campos com mais aperfeiçoamento, ap plicando-se-lhes util systema de irrigação; fomentou-se a in dustria com mais intelligencia; fabricaram-se armas, sedas pannos e arames ; desenvolveu-se o commercio e a navega ção com mais proveito ; fundaram-se emfim escolas pratica e theoricas em todos os ramos dos conhecimentos.

Das artes a que mais prosperou e progrediu foi architectura, e ainda hoje o revelam os numerosos edificio que se admiram na Andaluzia.

Tornou-se então a nação mais rica e civilisada a Hes panha Musulmana, quando da Europa os demais paize extorciam-se ainda nas trevas da ignorancia e da barbaria que haviam resultado do desmoronamento do Imperi Romano do Occidente. Aos arabes coube a dita de eleva sua nação ao apogeu da illustração e da gloria.

Conviveram Hespanha e Mauritania unidas e gover nadas por califas de merecimento e qualidades apreciavei da estirpe Omeyade, até que no correr do seculo XI revol tas de mouros ou mauritanos, irritados contra as oprima ções dos arabes dissolveram o Imperio dos califas, arran caram-lhes o dominio superior que lhes pertencia com

classe aristocratica e mais intruida, e partilharam o territorio por emires quasi todos mouros ou africanos que se denominaram d'ahi por deante reis e soberanos.

Em luctas intestinas puzeram-se em guerras contra os godos e hespanhoes que dos agrestes penedos das Asturias ininterruptamente marchavam para o occidente e para o sul da peninsula a recuperar sua patria ; manifestaram suas divisões e sua fraqueza, proveniente de falta de unidade de governo e principiaram os musulmanos a perder quanto tinham ganho até que por fim nos ultimos annos do seculo XV foram expellidos da peninsula para a Africa, de onde haviam partido.

Esta é a verdadeira historia dos arabes e dos mouros de Hespanha. Imperfeitamente reproduzida nos livros christãos, hoje, porém, sufficientemente conhecida pelos escriptos arabigos, que se têm descoberto e traduzido, e que confrontados com as chronicas hespanholas aclareiam os acontecimentos.

D'ellas extrahiremos um episodio, que interessa pela luz que derrama sobre a grandeza e magnificencia do imperio arabigo do occidente.

Herdara Hescham II o throno dos califas de Hespanha na edade de dez annos, e em 976. Sua mãe, a sultana viuva Sobbiaha, nomeou para o cargo de primeiro ministro ou Hadgeb, que correspondia a grão visir, o general Almanzor, respeitado como guerreiro e walli de provincias. Contava então Almanzor cêrca de quarenta annos de edade. Bem que tivessem estendido seus territorios recuperando-os sobre os conquistados pelos arabes ; e houvessem fundado o condado de Barcelona e um pequeno reino christão na Navarra encostada aos Pyreneos, a pouco e pouco se tinham os godos adeantado, e apoderado de todas as Asturias e Galiza, e por fim fundado a cidade de Leão, pertencente já á provincia denominada Cartella, que em geral estava ainda na posse dos musulmanos quando Almanzor começou a governar o califado arabe da peninsula.

Governava então o reino de Leão, Asturias e Galiza Bermudo II.

Começou Almanzor enviando seu filho Abdel-Maleck para a Mauritania, que de quando em quando se revolucionava: tranquillo na Africa, cuidaria de retomar aos christãos as terras, de que elles se houvessem apossado. Dirigiu-se no entanto contra o conde de Castella, e á força penetrou nas cidades de Zamora, Salamanca, Astorga e por fim de Leão, arrasando-as, incendiando-as e reduzindo-as a cinzas.

De Castella passou-se para a Catalunha, e apoderou-se tambem de Barcelona, que ousara resistir-lhe e que soffreu por esse motivo devastações consideraveis.

Era, porém, systema arabe marchar para as guerras em estações apropriadas do anno; parar e recolher-se durante o inverno. Tanto mais servia este systema a Almanzor quanto era obrigado a administrar todo o califado.

Terminadas suas operações militares recolhia-se a Cordova deixando guarnições nas povoações conquistadas.

Aproveitaram-se do seu descanso os christãos; tanto em Castella como na Catalunha revoltaram-se apenas retirado o grosso das tropas arabigas. Barcelona foi ainda soccorrida por Hugo Capeto de França e tornou-se inexpugnavel para segunda invasão.

Abriu Almanzor em 990 contra Leão nova campanha seguindo terras mais proximas doMediterraneo: atravessou Merida e as Estremaduras, passou por Santarém e Leiria: domou Coimbra, Lamego e Braga; transpoz as aguas do rio Minho e conquistou Tuy, Orense e Santiago de Galiza. Mandou transportar para Cordova os sinos enormes que adornavam a cathedral da cidade, e ás costas de prisioneiros; ordenou que se suspendessem ás abobadas da magnifica mesquita edificada pelo califa Abderramam I virados para baixo afim de servirem de lampadas destinadas a illuminar o templo durante as preces dos musulmanos.

Não descontinuava, pois, a guerra entre christãos e musulmanos, victorioso constantemente Almanzor,

apezar de que as chronicas christãs procurem reduzir-lhe os triumphos, phantasiando pequenos revezes.

O anno de 995 raiou ainda mais glorioso para Almanzor. Contrá o conde de Castella, Garcia Hernandes e o rei de Leão e o de Navarra reunidos, partira Almanzor de Cordova, á frente de consideravel exercito. Em aguas do rio Tormes encontraram-se os combatentes. Descortinavam-se numerosissimas tropas christãs occupando pontos estrategicos nos morros, que se elevam em amphitheatro.

Um e outro inimigo pareciam animados de identico ardor e valentia. Commandava em chefe os alliados o conde Garcia Hernandes, que passava pelo mais destemido e intrepido guerreiro.

Referem as chronicas arabigas que na vespera do combate, appareceu na tenda de Almanzor o poeta celebrisado. Saïd Abou Olah, que recitou a Almanzor versos enthusiasticos, vaticinando-lhe a victoria e offerecendo-lhe um veadinho magro ornado com uma colleira de metal em que se gravara um distico glorioso para o chefe musulmano, relembrando-lhe as proezas em que competira.

Iniciou-se a batalha : ao romper da aurora façanhas notaveis praticaram tanto christãos como musulmanos. Copiosa foi a carnagem. Ensopou-se a terra de sangue, cobriu-se o solo com numerosissimos mortos e feridos. Decidiu-se por fim a victoria pelos musulmanos. Cahiu primeiro o rei de Navarra, Sancho, que morreu logo depois dos ferimentos que recebera no prelio. Fugiram em debandada os christãos, e Bernardo II foi coagido, pela sua miserrima situação, a enviar a Almanzor emissarios implorando pazes, que lhe foram concedidas, e pagando-lhe tributos, que lhe foram impostos pelo vencedor afortunado.

Referem os annaes arabigos que por meio de pombos voadores communicou Almanzor a noticia de sua victoria para Cordova, onde foi celebrada com festas estrondosas, antes mesmo que Almanzor ahi se achasse de volta.

A victoria de Tormes bem que differentemente contada em chronicas de um e outro belligerantes, demonstrava, todavia, e esplendorosamente, a sciencia militar e o valor admiravel do chefe musulmano.

Resistiu Almanzor na guerra contra os christãos, e os reduziria de certo, e novamente, aos antros de Covadonga, restaurando para os arabes os territorios que haviam perdido.

Rebentou infelizmente para elle uma revolta consideravel na Mauritania. Contrariados, sujeitavam-se os mouros da Africa, beduinos e benberes ao jugo arabigo. Collocara-se á sua frente um emir poderoso e temerario, que proclamou sua independencia de califado de Hespanha.

Suspendeu Almanzor suas reconquistas em Hespanha, e foi compellido a transferir seus exercitos para a Mauritania, afim de submettel-a de novo ao dominio do califado, esmagada a rebellião effectuada, e castigados os auctores e cumplices do movimento separatista.

Não podendo pelas necessidades da administração abandonar a Hespanha, escolheu para commandar suas tropas na Africa o filho primogenito, Abdel Maleck, joven guerreiro e digno da confiança paterna.

Convém notar que Almanzor governava absolutamente os dominios do califado arabe do occidente, ainda que havia El Hachem II attingido a edade legal para reger seus estados. Vivia, no entanto, o califa internado em seus paços e confiado a mulheres e guardas: nada sabia do que se praticava, entregava-se a prazeres domesticos; era vigiado constantemente por sua mãi, que exercia consideravel influxo nos negocios publicos, e deixava Almanzor exercer livremente a auctoridade.

Apparecia o califa unicamente em publico nas festas religiosas que os musulmanos usavam celebrar em dias designados do anno.

Abria então a grande mesquita não sómente suas dezenove portas de bronze que enfrentam a praça de Mosalah, como as demais numerosissimas entradas lateraes e

do fundo, isolada como estava e rodeiada de jardins recamados de laranjeiras.

Ramos de flôres exquisitas e perfumadas accrescentavam as bellezas artisticas de sua construcção monumental; os enleios peregrinos de seu lavor escultural; as mil e duzentas columnas primorosas e as flexas elegantes de suas arcarias inebriavam a vista; partia uma luz esplendida das quatro mil e setenta lampadas, que contava, e dos sinos enormes trazidos de São Thiago de Compostella, virados para o ar, que attrahiam a curiosidade dos crentes do Korão. Resoavam as charamelas, os anefins, e os timbales, appellidando os povos á oração.

Sahia então El Hachem II, de seu palacio situado em Medina Zorah, cidade edificada por Abderramam II para sua favorita, resplendente pelo colorido variado de marmores, que cobriam as muralhas das casas; pelas torres esguias, que as coroavam; pelas columnas de pórfiro, que inebriavam a vista; pelo dourado dos tectos, que emparelhava com os raios solares. Em um palanquim de fórma que se diria indiatica, mas sustentado em rodas, puxado por doze cavallos de raça e cercado de numerosos escravos negros e de esquadrões copiosos de cavallaria, recostado o califa, era levado á mesquita, de onde voltava para sua residencia com o ceremonial pomposo, que sempre o acompanhava.

Afóra esta occurrencia, fechado vegetava o califa em seus paços regios, á curta distancia de Cordova.

A administração, todavia, do hadgeb Almanzor agradava geralmente aos povos pela sua prudencia, moderação e perspicacia; levantava as forças nacionaes e fomentava a prosperidade publica; honrava as sciencias, as lettras e as artes, e estendia o seu cultivo, além da cidade de Cordova, a todas da peninsula iberica e da Mauritania: Sevilha, Saragoza, Murcia, Valencia, Granada, Merida, Toledo, Malaga, Xerez, Silves, Lisbôa, Fez, Marrocos, Ceuta, Tanger possuiam academias para ensino de mathematicas, medicina, sciencias phisicas e naturaes, historia, eloquencia,

poesia, cosmographia, agricultura, pharmacia, e nauti Não sómente o sexo masculino como o feminino educava e instruia. A litteratura arabiga da Hespanha gloriosamente cultivada tambem pelas mulheres, e n poucos nomes de poetisas refere honrosamente sua histori

A Hespanha Musulmana considerava-se feliz sob s governo. Odios apenas de mouros contra arabes, despeit de subordinados contra seus dominadores, rebentavam p vezes em pequenos alvorotos, que immediatamente se ab favam.

Afortunadissimo foi Abdel-Malek na Mauritani para onde o pai o enviara: posto que mais de tres annos d continuas escaramuças, de porfiadas pelejas, de combates encarniçados, sustentou contra os revoltosos, apoderou-se comtudo de Fez, Marrocos, Ceuta, Tanger, e de outras cidades: curvou todas as resistencias dos emires rebeldes; castigou-os severamente; restabeleceu a ordem em toda a parte, e pôde coberto de louros provar ao pai que lhe herdara os brios e a valentia, regressando para Hespanha, onde foi acolhido com estrepitosas manifestações de gratidão e alegria.

Não se esqueceu então Almanzor de proseguir em suas guerras contra os christãos, que se haviam aproveitado do intervallo de paz, que durará quasi cinco annos para reivindicar muitos territorios perdidos, contractar allianças intimas, e preparar-se para a defesa, quando novamente atacados.

Tinham-se unido de feito Affonso V, successor de Bermudo II, no throno de Leão, Galliza e Asturias, Sancho III, rei de Navarra, e os estados autonomos bascos para a causa commum da religião e da patria. Obrigaram a pegar em armas quantos pudessem empregal-as por qualquer maneira qualquer que fosse sua edade. Formaram exercitos numerosos, que adestraram com esmero, disciplina, e ensino pratico, e esperaram que do inimigo partisse a invasão, convencidos de que lhes resistiriam vantajosamente.

Não tardou Almanzor em procural-os. Na primavera de 1001 iniciou, segundo as chronicas arabigas, sua 52ª expedição militar. Enveredou com seu exercito para Castella, e assolou-lhe duramente os territorios, sem encontrar opposição ainda, porque com notavel estrategia tinham-se os povos christãos retirado para cobrirem-se com os muros de Catalanazar, situada sobre um morro denominado Forte das Aguias.

Ahi perto nascia o rio Douro, que seguindo ao principio linha identica á do Ebro para o sul, toma depois rumo para o occidente e precipita-se no Oceano Atlantico. N'aquelles sitios existira Numancia, a famosa e heroica cidade, cuja fama perdura ainda pela resistencia que oppuzera aos romanos. Seus restos nem mais se descobriam na localidade ; como os de Troya, balbuciam apenas aos posteros uma linguagem enthusiastica e patriotica.

Planejou Almanzor romper a liga de navarros e bascos com os castelhanos e leonezes ; atravessada a serra de Aylon, dirigiu-se confiado em sua estrella, que lhe aclareava vinte e cinco annos de victorias, para os descampados, que os christãos occupavam.

Proximos estavam os combatentes, e não devia tardar o dia em que a fio de espada, ao encontro de lanças, e ao voar de settas, deviam provar suas valentias.

Um grupo de bereberes, ás ordens de Solimão, chefe mouro, incumbido da retaguarda do exercito de Almanzor, surprehendeu em uma atalaia postos de christãos : arremetteu inopinadamente contra elles, destroçou-os e aprisionou muitos dos inimigos. Notava-se entre estes um bispo hespanhol, que commandava uma partida. Trazia na cabeça mitra de aço, no corpo couraça de metal, por baixo da couraça vestes encarnadas, e á cinta espada de guerreiro.

Endereçaram-lhe os africanos zombarias, insultaram-n'o sem piedade, e rasgaram-lhe bruscamente as vestes, perguntando-lhe se era fato militar ou ecclesiastico o que trazia no corpo. Amarraram-n'o á cauda de um cavallo, e

voltaram para o acampamento, mostrando-o a seus companheiros ao estrepito de gargalhadas insolentes.

Ao ignominioso espectaculo acudiu um cadi arabe, ordenou que entregassem-lhe o prisioneiro, exprobando-lhes seu procedimento que era reprovado pelas palavras do Propheta, e ordens dos califas. Resistiram-lhe os bereberes, declarando que pertencia o preso ao chefe Solimão. Retorquiu-lhes o cadi que o primeiro chefe era Almanzor, e em seu nome exigia obediencia.

Ao tumulto suscitado correu Solimão, e sustentou seus direitos sobre o bispo prisioneiro. Crescia a disputa, e já arabes e mouros tractavam de decidir o conflicto pelas armas, quando appareceu Aberraman, segundo filho de Almanzor, que exigiu de Solimão lhe confiasse o desgraçado godo. Não attendeu Solimão ás reclamações do joven principe. Tornava-se imminente a lucta entre mouros e arabes. Ao desembainhar espadas para se ferirem, introduziu-se no meio dos combatentes um homem com traje de romeiro, e exclamou :—"Não consentirá o Propheta que os crentes do Korão se trucidem por causa de um cachorro." Puxou de um punhal, enterrou-o no peito do bispo, que cahiu ensangaentado e morto, e praticado seu feito execrando desappareceu do theatro da briga.

Apenas avisado Almanzor apressou-se em apaziguar a disputa, e já eram todavia passados os acontecimentos referidos. Reprehendeu severamente Solimão e o filho, e condemnou-os a compensarem suas imprudencias mostrando cada um mais valor na batalha, que no dia seguinte tinha de travar-se contra os inimigos. Mandou trazer á sua presença o romeiro que tinha commettido o assassinato.

Não tardou elle em mostrar-se conduzido por uma escolta que fora incumbida de sua prisão. Encarou-o fixamente Almanzor, e perguntou-lhe quem era e porque matara o bispo.

Magro, alto, exhaurido de forças, coberto de cãs, curvado de corpo, e extremamente pallido de cores, respondeu-lhe ousadamente o romeiro :

"—Sou um faky, venho de Meca, cuja Kaaba volteei sete vezes, e recebi sete vezes as abluções sagradas: venho de Medina, onde beijei respeitosamente o tumulo do Propheta: semeio pela terra a palavra de Deus: trago duas armas, o punhal para o combate e a lingua para as preces. Meus irmãos do poente, e teus irmãos do levante, brigavam por um miseravel christão. Decidi o pleito, e terminei a lucta."

"—Sabes a pena de talião?—disse-lhe Almanzor—Quem com ferro fere com ferro será ferido."

"—Obedeço-te—exclamou o faky, e louco e fanatico, tirou das vestes o punhal ainda ensanguentado com que havia morto o bispo, enterrou-o em seu proprio peito, e cahiu sem vida.

Impressionou-se tristemente Almanzor com scena tão lamentavel, e recolheu-se á sua tenda. Suffocavam-n'o pensamentos superstíciosos. Não pôde conciliar o somno durante a noite inteira. Não derivaria presagio fatal do evento tão extraordinario?

Ao amanhecer parecia demudado de côres, e os olhos notavam uma tristeza infinita, ao mesmo passo que se diriam desvairados.

Deu suas ordens, todavia, com toda a serenidade para o combate contra os exercitos inimigos.

Começou a lucta. Oito horas durava, e mostrava-se a victoria indecisa. Por mais que appellidava-se a vanguarda para tomar seu logar no prelio, nem Solimão e nem os mouros, que elle commandava, appareciam. Faltavam-lhe, pois, na mais opportuna occasião os bravos com que contava, e Almanzor achava-se reduzido quasi exclusivamente ás tropas arabes que não poderiam resistir a inimigos tão numerosos.

Conheceu que estava a batalha perdida. Era a primeira, que o contrariara e por isso os musulmanos chamavam-n'o vencedor. Mandou tocar a retirada, logo que começaram as sombras da noite a escurecer a atmosphera. Estava Almanzor ferido em varias partes do corpo,

havia-se mostrado em todos ospontos; de espada em punho atirara-se arrojadamente contra os godos, como se fôra um simples mas intrepido e arrojado soldado. Grande cópia de mortos deixara no campo, e pranteava particularmente a morte de muitos chefes bravos, seus companheiros de armas, e que não temiam perigos.

Chamou para perto do leito, em que se deitara, para sujeitar-se ao curativo necessitado pelos ferimentos que recebera, o filho primogenito e querido Abdel Maleck.

A's queixas do mancebo no tocante ao abandono de Solimão e dos mouros, que intitulava covardes respondeu o velho hadjeb:—"Não o chames covarde: é pelo contrario bravissimo. Mouro é inimigo de arabe. Abandonou-nos para deixar-nos a sós com triplicado numero de inimigos: cada uma de nossas lagrimas é para elle um transporte de alegria, e nossa derrota uma victoria. Vingou-se, mas responderá perante Deus. Pela primeira vez de minha vida fui derrotado: perdi minha reputação: não posso mais viver: recitai todos que me rodeiam as soratas do Korão."

Arrancou logo depois os apparelhos que os cirurgiões haviam collocado em seus ferimentos e que suspendiam o derramamento do sangue, e exhalou o ultimo suspiro da vida.

Acabou assim um dos guerreiros mais *arrojados*, instruidos e felizes de que falla a historia dos arabes de Hespanha.

São unanimes os juizos dos historiadores hespanhoes a respeito de Almanzor.—Para um musulmano—diz Ferrera—possuiu grandes virtudes moraes—Foi um grande guerreiro e um grande politico. Accrescenta Masdeu: Superior á maior parte dos seus coevos: governou com prudencia e moderação seu povo, ganhou o coração de todas as classes da sociedade, favoreceu os pobres, honrou os ricos, e tomou parte nos trabalhos litterarios e scientificos das academias e no ensino das escolas.

Mais enthusiastico revela-se ainda Conde, enumerando as fundações, que Almanzor commettera, de hospitaes,

de casas publicas de recolhimento para velhos, crianças e pobres, de lyceus de instrucção militar, de edificios destinados aos soldados, que dos combates escapavam feridos. Lembra que em seu tempo se traduziram e commentaram na lingua arabica, da qual se passaram depois para as europêas, as obras de Aristoteles, de Euclides, de Ptolomeo, de Galiano e que nas academias de Cordova, Granada e Sevilha aprendiam estudantes christãos a medicina, a cirurgia, as sciencias mathematicas e physicas, porque então não haviam ainda na Europa universidades, que se crearam muito posteriormente. Que sabios apresentava então a Europa em comparação de Averrhoes, de Endrissi, e de Avieno ?

Nada encontra no mundo o chronista hespanhol da guerra dos mouriscos, que possa comparar-se á cidade de Cordova, que resplendia com duzentas mil casas, seiscentas mesquitas, oitenta escolas publicas, mil estabelecimentos de banhos, cincoenta hospicios, sessenta palacios, e cêrca de um milhão de habitantes.

Não a acompanhavam em progressos Sevilha, Granada, Merida, Malaga, e tantos outros centros opulentos de civilisação ?

Orgulhava-se Hespanha Musulmana de sua superioridade a todos os respeitos sobre as nações que habitavam a Europa, e que era tão manifestamente reconhecida que um Papa, Silvestre II, cursara e aprendera nas escolas arabicas da peninsula iberica, e n'ellas revelara-se grande mathematico, e os reis christãos mandavam buscar á Cordova medicos afamados, quando os assaltavam graves enfermidades.

Póde-se comparar a Hespanha no meio da Europa no tempo de Almanzor ao oasis fertilissimo cercado de solidões agrestes e de bravios penedos.

Ricardo, Coração de Leão

Exceptuada a historia da Russia, nem uma outra nação européa eguala á de Inglaterra no numero de invasões, conquistas, guerras, revoltas, assassinatos e deposições de reis, processos e sentenças condemnatorias, e execuções no patibulo de condemnados politicos e de dissidentes de religião.

A differença consiste em que Inglaterra praticou esses horrores e attentados em tempos idos, e ha mais de dous seculos que não pensa senão em seus verdadeiros progressos sociaes e moraes, na felicidade e liberdade do seu povo, na firmeza da ordem e tranquillidade publicas. A Russia, todavia, persevera na carreira vertiginosa das revoltas dos nobres e ecclesiasticos, e, o que é mais grave ainda, nas conjurações tramadas nos palacios e no seio da propria familia do autocrata. Ainda em nossos dias assistimos aos feitos ferozes praticados por Nicoláo, de ominosa memoria, e que ha pouco desappareceu do mundo.

A's dynastias celtas succederam em Inglaterra as bretães, e anglo-saxonias, impostas pela conquista e apoiadas em forças de armas ; na metade do seculo XI appareceu a do bastardo Guilherme, duque da Normandia, que nos campos de Hastings derrotara o ultimo rei nacional, appellidado Harold, e á frente de poderoso exercito invasor, submettera e escravisara toda a população que habitava o sólo.

Confiscaram-se todas as propriedades urbanas e rusticas dos infelizes vencidos ; partiram-se todas as terras

em lotes que se distribuiram aos principaes cabos de guerra normandos, ornados de novos titulos nobiliarios, com direito de os arrendarem e aforarem, sem que os pudessem alienar ; casaram-se violentamente as donzellas ricas com fidalgotes companheiros de Guilherme o conquistador; prohibiu-se o uso da lingua saxonia, e em seu logar empregou-se o da franceza, ou normanda ; nomearam-se novos bispos e padres para as dioceses e egrejas ; jugo de ferro pesou sobre todos e tudo, e o paiz reduziu-se a só contar duas classes, vencedores e vencidos, aquelles aristocratas e livres, estes servos e escravisados.

Posto que acclamado e coroado rei de Inglaterra, conservou Guilherme I seus direitos magestaticos sobre a Normandia e mais territorios que possuia em França, e que, pela valentia e audacia normanda, consideravam-se independentes do rei de França, bem que o primeiro chefe normando invasor o houvesse reconhecido seu suzerano.

A Guilherme o conquistador succedeu no throno de Inglaterra, por eleição dos nobres, Guilherme o ruivo, seu segundo filho, com exclusão do mais velho por incapaz e inepto ; seguiram-se áquelle o irmão mais moço, Elias I, a este o sobrinho Estevam, e depois o neto Platagenet, com o nome de Henrique II.

Poucos reis, e bem poucos homens mesmo, têm sido tão infelizes com os filhos como o foi Henrique II de Inglaterra.

Monarcha, no entanto, victorioso nas guerras que travara, quer com estrangeiros, quer com vassallos revoltados ; illustradissimo no governo e administração de seus estados, bem que em seu tempo houvesse sido assassinado Thomaz Becket, arcebispo de Cantuaria, preconisado santo pela Egreja catholica.

Accrescentara á Inglaterra e á Normandia os territorios da Bretanha, do Anjou, da Guyanna, da Touraine, do Poitou, de Bolonha e do Auvergne.

Conquistara a Irlanda e a incorporara em seus dominios ; acurvara a Escocia, obrigando seu rei a

reconhecer-se vassallo da Inglaterra; collocara-se, pois, no primeiro plano dos soberanos e imperadores que durante sua época occuparam thronos na Europa.

Inimigos mostraram-se, porém, do pai os quatro filhos, que tivera de sua consorte Leonor, da qual elle se separara, e que incitava-os á revolta constante contra Henrique II.

O mais velho, Henrique, tentou contra a vida do rei, e refugiou-se na côrte de França, apezar de coroal-o o pai como seu successor e herdeiro da corôa. Goffredo, nomeado para governar a Bretanha, e Ricardo, que obtivera a administração da Guyana, não trepidaram em abrir luctas sangrentas entre si, e por fim, unidos, revoltaram-se egualmente contra o poder paterno. João, que era o mais moço, e que não alcançara apanagio, e por isso lhe fôra dado o appellido de João Sem Terra, ligara-se em secreto com os irmãos, posto que não ousasse proclamar sua insubordinação.

Felizmente para Ricardo II morreram Henrique e Goffredo, e apenas assim teve nos dias da velhice de occupar-se com Ricardo. Não se tornara este herdeiro do throno? Que interesse poderia ter em continuar pelejando contra seu pai? Inspirava-o, todavia, ambição desenfreada e para exercel-a tratou com o rei de França, Felippe Augusto, de inquietar e desapossar o pai do governo do seu reino.

Foi Henrique II desgraçadissimo na nova contenda, porque coadjuvado por seu proprio filho, Ricardo, Felippe Augusto tomou-lhe cidades importantes na Normandia e obrigou-o a uma paz desairosa.

Por intermedio de embaixadores, concordaram, por fim, juntar-se os dois reis e conferenciar sob um velho, copado e enorme olmo, situado entre Gisors e Trie, e que sombreava mais de uma geira do terreno francez.

Quando applicados a seus reciprocos interesses e accôrdos, appareceu-lhes o arcebispo de Tyro, revestido de trajes esfarrapados, narrando-lhes as perseguições dos christãos na Syria, a ruina do Santo Sepulchro em Jerusalem,

as violencias e despotismos de Saladim, chefe dos turcos, e convidando-os em nome do Papa a trocar brigas intestinas por cruzadas contra os musulmanos, que eram serviços mais agradaveis a Deus, e destinados á salvação da Egreja Romana.

As vozes eloquentes e lastimadas palavras do prelado encontraram éco nas consciencias de quantos o ouviram. Harmonisaram-se immediatamente os dous monarchas e trataram de levar suas armas ao Oriente em defesa da religião que professavam, em liga offensiva e defensiva, terminadas assim suas luctas particulares.

Preparava-se Henrique para partir para a Terra Santa quando a morte o apanhou no castello de Chinon, perto de Saumur, acompanhado unicamente por um filho natural, e abandonado pelos dous legitimos, que se tinham revoltado contra a sua auctoridade.

Apenas soube Ricardo do infausto acontecimento, correu para a abbadia de Fontevraille, onde se depositara o corpo do pai finado. Aqui começa a legenda a annexar-se á sua historia. Não faltam escriptos inglezes e francezes que narrem scenas pavorosas que se passaram entre o cadaver e o principe, entre o finado pai e o filho rebelde. Sangue saltava da bocca, dos olhos e dos narizes do morto. Consideravam as superstições do tempo este prodigio como condemnação de Ricardo, que bem como a João Sem Terra lançara Henrique II maldição antes de trocar a vida terrestre pela da eternidade. Confessara-se, no entanto, Ricardo arrependido de seus crimes, ajoelhara-se, chamara padres, e supplicara-lhes o perdão, que os religiosos não hesitaram em conceder-lhe dentro do melancolico recinto, que guardava o tumulo e antes mesmo que ao ultimo jazigo se transportassem os restos do rei miserando.

Em 1189 subiu Ricardo ao throno, cingiu a corôa e empunhou o sceptro de Inglaterra, cuja ambição o arrastara a sublevar-se como filho ingrato, e vassallo desleal e turbulento.

Dir-se-hia que mudara, que se transformara, e metamorphoseara. Rei, esqueceu os procedimentos e as paixões do principe. Cuidou exclusivamente de seus deveres de chefe da nação, que lhe coubera em sorte governar. Conservou os antigos ministros de seu pai, mandou soltar sua mãi, que estava presa, porque defendia os filhos; concedeu favores e privilegios a seu irmão João, no intuito de angariar-lhe as sympathias e satisfazer os interesses. Não tentou saber quem fôra seu adversario, nem quem incitava o finado rei nos actos que praticara contra elle. Agradou á nobreza, lisongeou o clero, e cuidou de grangear o amor dos povos miudos, iniciando uma administração moderada, justiceira, respeitadora de todos os direitos privados e publicos, e amalgamando em quasi perfeita egualdade as raças vencida e vencedora. Dedicado além d'isto á poesia, que aprendera dos trovadores proençaes, folgava de recitar e cantar com elles ao som de alaúdes que tanto se usavam em Tolosa e Catalunha. Mais angariou a estima de seus vassallos perseguindo os judeus, e sacrificando-os ao odio que contra elles nutriam as massas populares. No dia da coroação de Ricardo, trucidaram-se em Londres sem piedade cópia immensa de israelitas, e no castello de Iorck quinhentos que para seu recinto se tinham recolhido. Não eram detestados pela arraya miuda e pelas classes privilegiadas como assassinos de Jesus Christo, como usurarios que sorviam todas as economias e rendas do Estado e das multidões, e como inimigos figadaes dos christãos?

Era aventureiro, no entanto, o espirito de Ricardo. Exaltado com idéas religiosas, amante de peripécias romanescas, enthusiasta de emprezas temerarias, cuidou logo de partir para a Syria, guerrear os sarracenos, libertar o Santo Sepulchro, e recuperar a cidade de Jerusalém, ratificado o accôrdo com Felippe Augusto, de França, conforme o que ajustara Henrique II, antes de expirar.

Preparou um exercito, embarcou-o para o Oriente. Atravessou então a França, reuniu-se em Vezelay, na Borgonha, com Felippe Augusto que se collocara tambem á

frente de numerosas tropas. Jurada entre elles amizade perpetua e fidelidade inabalavel, para Marselha seguiu Ricardo e para Genova Felippe, no intuito de se embarcarem para a Syria nos navios aprestados naquelles dous portos e destinados a transportal-os.

Tempestades maritimas obrigaram ambos a refugiar-se em Messina, na Italia. Ricardo acampou nos suburbios, Felippe dentro dos muros da cidade, segundo combinações com Tancredo, rei da ilha.

Corria então o anno de 1190.

Rixas suscitaram-se logo entre os habitantes de Sicilia e os soldados de Ricardo. Attribuem os inglezes a Felippe Augusto intrigas e incitações dos naturaes da terra para a querella que rebentara. Agostinho Thierry, porém, contesta-lhes a asserção. Assevera que as violencias e vexações que exerceu Ricardo contra os insulanos davam motivos á animosidade destes e affirma que o incendio procedera principalmente de haver expellido o rei da Inglaterra de um convento de monges os respectivos habitantes, collocando n'elle suas guarnições militares.

Fecharam os moradores de Messina as portas da cidade aos vassallos de Ricardo, suspenderam com elles todas as relações, e retiraram-se os camponios para o interior das montanhas, no intuito de reduzil-os á fome.

Assaltou Ricardo no seu furor a cidade e tomou-a á força de armas. Irritou-se Felippe Augusto e protestou contra a aggressão. Combinaram os dous reis em não brigar, mas em deixar immediatamente a ilha, ciosos e despeitados ambos, rivaes e adversarios, quando até então pareciam tão ligados e amigos.

Ao chegarem á Palestina, parece que se não lembravam mais de suas animosidades. Deante dos perigos, ao travarem guerras regulares contra os sarracenos, commandados por Saladim, que reunira em torno de si egypcios, arabes, persas, turcos e quantos professavam a religião mahometana, comprehenderam os dois reis a necessidade da união. Achavam-se alli com elles o duque de Austria,

o marquez de Montferrat, e barões feudaes de varias raças, que dominavam então a Europa. Era o tempo das cavallarias, das façanhas temerarias, da força do braço. Capacetes, elmos, arnezes, guantes, saios, calções de aço reluzente, escudos para a defensa, espada e lança para os ataques, massa de armas para os momentos de insulto, cavallos adestrados, pagens vigorosos, tudo ahi se via do maior primor e da mais acabada perfeição. Perseverava o espirito das cruzadas contra musulmanos e á Palestina iam ou morrer ganhando nomeada, ou absolver-se de crimes, os fidalgos de tão barbara época.

Bateram-se Ricardo e Felippe galhardamente em Acre, destroçaram e expelliram para longe os sarracenos, que haviam acudido em soccorro da cidade; obrigaram por fim a praça a capitular.

Porém de novo suscitaram-se ciumes e despeitos mutuos; pretextando negocios politicos que o chamavam á França, Felippe declarou a Ricardo que regressava para o seu reino, e que o acompanhavam os duques da Austria e de Montferrat, que muito se queixavam do monarcha britannico.

Comquanto desfalcado de forças necessarias para a empreza encetada, bravo e temerario continuou Ricardo perseverando em batalhar só e briosamente. Internou-se pela Syria, e em varios encontros venceu a Saladim, subjugou Ascar e chegou até perto de Jerusalém.

Ahi é que parou, depois de deixar rastos de sangue por onde passava e derramar terror extraordinario por entre os inimigos. Impressionado, porém, com noticias que lhe chegaram de Inglaterra, annunciando que seu irmão João destituira o governo que elle deixara installado durante sua ausencia do reino, deu a guerra por finda e concluiu pazes com Saladim, reservando para os christãos quer a residencia nas cidades maritimas, quer o direito de visitar sem perigo o tumulo de Jesus Christo em Jerusalém.

Mais gloria que proveitos derivaram-lhe da cruzada

emprehendida e executada. Tratou, pois, de regressar para Inglaterra, no proposito de pôr ordem nos negocios publicos. Temendo-se de Felippe, indo pela França, seguiu viagem para a Istria, no Adriatico, pretendendo atravessar a Allemanha. Naufragando perto de Aquilea, tomou trajes de peregrino para escapar ás perseguições de que se temia. Enveredou através da Allemanha, disfarçado, tomando caminhos escuros, e guiado por poucos, mas fieis companheiros e amigos.

Reconhecido, porém, em Vienna, foi preso por ordem de Leopoldo, duque de Austria, que servira sob suas ordens na Palestina e se retirara do Oriente, irritado contra os arbitrios de Ricardo. Vendeu Leopoldo seu prisioneiro ao imperador da Allemanha, Henrique VI, da casa de Suabia, que o mandou recolher á fortaleza de Triefelds, ás margens do rio Rheno.

Depois de supportar humilhações e miserias, foi Ricardo arrastado perante a dieta de senhores feudaes e magnatas da Allemanha, reunida em Hagneneau, e n'ella accusado de concluir pazes com Saladim, de deixar Jerusalém em poder dos sarracenos, e de haver maltratado em Acre o marquez de Montferrat. Interveiu o Papa em seu favor e ameaçou excommungar os que ousassem condemnar Ricardo. Conveiu então o imperador em conceder-lhe a liberdade, mediante a somma de um milhão de escudos de ouro e o juramento de que renderia, como rei de Inglaterra, preito e homenagem ao imperador da Allemanha.

No proposito de dourar e poetisar o captiveiro de Ricardo, não tardaram legendas interessantes. Uma pinta um trovador cantando ao som de um alaúde ás portas da sua prisão e o rei respondendo-lhe de dentro, acompanhando-lhe as melodias angustiadas. Descobrira-se, assim, o sitio onde se occultava o infeliz, e pôde o Papa acudir-lhe em soccorro, empregando as armas espirituaes, que dispunham de valiosa e decisiva força moral naquelles tempos. Descrevem outros escriptores o rei enamorado na fortaleza e esquecido do seu reino e dos seus vassallos,

em enlevo encantado de sentidos pela belleza de fada que o acurvara a jugo doce e aprazivel. Não faltam ainda fabulas attribuindo-lhe aventuras, fuga e perigos que o occuparam em lances tão duros e attribulados. Presta-se, de facto, o successo a romances, a poesias e a dramas. Os trovadores, particularmente, amigos e confrades de Ricardo, que preferia a lingua proençal á sua natural gallo-normanda, para compôr versos, descreveram por todos os feitios e phantasticamente scenas de Ricardo no interior do castello que o guardava. Summariam-se egualmente tentativas e intrigas de Felippe Augusto, de França, e de João Sem Terra, no proposito de prolongar-lhe o imperador o captiveiro ou de mandar-lhe tirar a vida, para o fim de se libertarem de seu inimigo.

Para a Inglaterra, Normandia, Bretanha e Guyanna partiram emissarios de Ricardo, pedindo a seus vassallos que o salvassem das masmorras germanicas. Foi geral o sentimento do povo ao saber qual era a desastrada situação do seu rei. Irritado contra o governo intruso de João Sem Terra, que se dizia rei na falta do irmão, que não tinha filhos, nem um subdito faltou com seu obulo, bem que João Sem Terra intrigasse, afim de que se não recolhesse o dinheiro preciso para a libertação de Ricardo. Em pouco tempo estavam completas as sommas e em despeito do governo partiram para a Allemanha e foram entregues ao imperador, por intermedio de portadores seguros. Anciavam os inglezes pela vinda de Ricardo, que pelas suas façanhas no Oriente, suas victorias contra os sarracenos, e mais que tudo pelas suas desventuras e prisão ao regressar para a patria, exaltavam todos os animos.

O imperador convocou em Metz a dieta de seus magnatas leigos e ecclesiasticos, ahi fez Ricardo comparecer; d'elle recebeu juramento de vassallagem e concedeu-lhe a liberdade. Seguiu logo Ricardo para Antuerpia, onde embarcou para Inglaterra.

Depois de uma ausencia de quatro annos, dous passados na Syria, e dous nas prisões da Allemanha, entrou

emfim Ricardo em Londres por entre geraes acclamações e applausos.

Que regozijos, que festas, que enthusiasmos do povo inglez ao rever seu rei querido, cuja fama ecoava em todos os logares do reino pelas façanhas que praticara na Palestina, pelas valentias de que dera provas patentes, pelas victorias que conseguira contra os sarracenos, pelas desditas, perseguições e affrontas que supportara durante dous annos de prisão nas fortalezas e masmòrras da Allemanha, endeosado nos cantos e versos dos poetas proençaes! Todos queriam ver o rei para verificarem com seus olhos se era elle mesmo, e não outro, que regressava! Dos condados da Inglaterra, da Irlanda, da Escocia corriam os povos para Londres. Da Normandia, da Guyanna, da Bretanha, do Anjou, das povoações britannicas no continente europeu, chegavam á capital barões feudaes, ecclesiasticos, bispos, soldados, camponios, anciosos de confirmar pessoalmente a exactidão da noticia que se espalhara do regresso de Ricardo para seu Estado.

E' que, emquanto elle combatia na Syria, ou soffria martyrios e insultos, recolhido ás enxovias dos castellos allemães, novas desencontradas, e dadas com grandes intervallos, assustavam seus vassallos, no tocante á sua sorte. E' que durante a sua ausencia lavrava a guerra civil, quer nas suas possessões insulares, quer nas que lhe pertenciam no solo da França. E' que faltando-lhe o rei, o povo em lucta permanente com a regencia que elle deixara e depois com o principe João Sem Terra que se apossara do mando, marchava victorioso Felippe Augusto, rei de França, aproveitava-se das circumstancias propicias, augmentava a olhos vistos seu reino e apoderava-se de cidades, castellos e campos pertencentes aos duques de Normandia.

Entristeceu-se funda e sinceramente Ricardo, ouvindo e vendo o que se passara no seu reino. João Sem Terra contractara com Felippe Augusto ceder-lhe a Normandia, ajudando-o o rei da França a sustental-o no throno inglez que pretendia usurpar ao irmão.

Fez-se Ricardo coroar de novo em Winchester, entrou triumphalmente em Londres e, postos em ordem regular os negocios publicos, partiu immediatamente para França, no intuito de recuperar seus dominios, que Felippe Augusto conquistara.

Seu coração de irmão prevaleceu sobre seus deveres de soberano: perdoara ao traidor João Sem Terra, bem que o afastasse de toda a ingerencia politica e administrativa.

Lucta de gigantes. Se maior era a bravura de Ricardo nos campos de batalha, compensava-a em Felippe mais prudencia e calma, com que arcava feliz e vantajosamente. O appellido que Ricardo, pelas suas temeridades, adquirira de Coração de Leão, lançava o terror nas hostes inimigas, que o viam audaciosamente á frente de seus soldados, exposto aos golpes, e desassombrado de todos os receios. Calculava, por seu lado, Felippe peripecias da sorte, e não perdia occasião de escapar a perigos e aproveitar-se das opportunidades favoraveis. Em poder de Ricardo cahira prisioneiro o bispo de Beauvais, que combatia como guerreiro, dirigindo tropas armadas. Requereu-lhe o Papa que o libertasse como filho da Egreja. Mandou Ricardo remetter ao Summo Pontifice de Roma as vestes do bispo, salpicadas de sangue. Eram ellas de malhas de aço, com que o prelado se cobria nos combates em que se precipitava, e as manchas de sangue ganhara-as em lide enraivecida. Respondesse o Papa se eram trajes de um filho da Egreja. A cabeça do bispo não tardou em ser cortada no cadafalso.

Qualidades de estremecido cavalheiro ornavam, comtudo, Ricardo, e grangeavam-lhe o amor e admiração dos vassallos. Faltavam-lhe, porém, as qualidades solidas que mais apreciam as nações civilisadas. Franco, generoso e bravo, tanto quanto temerario, cruel, vingativo em momentos de raiva. Não poupava, para alcançar gloria ou tirar desforras dos que o offendiam, nem o sangue e nem os thesouros dos seus vassallos. Guerras emprehendia, não para

augmentar seus Estados, não para sustentar a dignida da corôa e nem para defender os interesses da nação, m por caprichos ás vezes momentaneos ou fanatismos re giosos mal entendidos. Agradava, no entanto, ás raças co quistadas pela sua galhardia, palavras sonoras e actos justiça com que ás vezes as amparava contra os conqui tadores normandos.

Quando mais baralhadas as luctas em França, acud o Papa, enviando delegados, e conseguiu em 1096 congraç os dous soberanos e coagil-os á paz.

Bem que conservando sua residencia em Londre como capital de seus Estados, atravessava Ricardo ami dadas vezes o estreito que separa Inglaterra daquel terra de França e visitava com alegria intensa seus dom nios do continente, sua terra de nascimento e berço c seus antepassados, cuja principal séde era a cidade de Ruã preguiçosamente atravessada pelo rio Sena, e situada e solo uberrimo e situação aprazivel.

Ao passo que esforçava-se em conservar as sympa thias dos seus vassallos de raça franceza, tratava de gran gear a estima e gratidão dos saxões, que continuand escravisados formavam sociedade particular, ralados d odios contra seus oppressores. Em um passeio que engenho á grande floresta, que se estendia cêrca de duzentas milh desde Nottingham até o centro do condado de York, e on se asylavam para livremente viverem milhares de famili anglo-saxonias, appellidada Sherwood, encontrou-as R cardo, fallou-lhes amorosamente, tirou-lhes os sustos qu nutriam de perseguições dos normandos, e prometteu-lh todo o amparo e protecção. Era um sitio que atemorisav os conquistadores, mas que provocava o sentimento do pov vencido como sagrado, por ter sido alli o escondrijo de u antigo chefe e bardo, Robin Hood, celebrado pelo se patriotismo, caracter, valentia e talentos de poeta. A antigas baladas repetiam aos saxões, lembrando-lh saudades, os feitos de seus maiores, quando não aind acurvados pelos normandos. Muitos seculos ainda depo

da conquista da Inglaterra, alli commettiam-se romarias em certas épocas do anno no proposito de renderem homenagem á memoria do bardo e do guerreiro que se não sujeitara jámais ao jugo dos companheiros de Guilherme I. O nome de Robin Hood ainda hoje conserva-se em uma bahia, no condado de York, e em uma fonte de aguas puras no sitio de Pontefract, e suas baladas reunidas e impressas em um volume são lidas com o titulo de Guirlandas. Honrou-lhe Ricardo a memoria, mandando levantar em Sherwood um pequeno monumento de pedra em seu louvor e honra. Data assim do tempo de Ricardo I o começo de amalgama e fusão das raças vencedora e vencida, para formarem uma só nacionalidade e uma só lingua, a ingleza.

Muito diversamente referem os chronistas e historiographos os successos dos ultimos annos da vida de Ricardo, Coração de Leão. Uns o fazem fenecer de morte natural. Descrevem outros romanticamente seus derradeiros dias de existencia. Onde a fabula, onde a verdade, não está ainda averiguado, e pois não é sabido com exactidão e modo por que deixou de governar seus estados e de existir no mundo.

Goldsmilh e varios escriptores, bem que contestados por outros que deixaram livros a respeito, narram o seguinte:

Achando-se Ricardo em Ruão, na Normandia, fôra desobedecido por um vassallo e barão feudal, o visconde de Limoges. Resolveu castigal-o. Partiu em 1199, á frente de forças, para o castello de Chabus, ao qual o fidalgo se recolhera. Encontrando resistencia na intimação que lhe dirigiu para levantar as pontas levadiças, abrir as portas e entregar-se, pôz-lhe cêrco no intuito de, ou pela fome ou pela força, constrangel-o por fim a render-se No quarto dia do assedio passava Ricardo a cavallo em torno das fortes muralhas, que examinava cuidadosamente, e que anciava transpôr no mais breve espaço de tempo possivel. Um archeiro, escondido por entre montões de pedras, disparou contra elle uma setta, que tão certeira voou, que varou-lhe

a espadua direita. Não parecia incuravel a ferida, e menos ainda mortal. Um inhabil cirurgião, porém, arrancou-lhe das carnes a flexa com tal desazo, que, sobrevindo gangrena, levou-o á sepultura, na edade de quarenta e oito annos.

Vida tão entremeiada de peripecias e aventuras não podia deixar de ser aproveitada pelos poetas e pelos historiadores, que timbram em attrahir interesse e suscitar curiosidade de leitores com ficções e legendas que mais agradam que narrações exactas da verdade.

Ricardo, Coração de Leão, tornou-se um protogonista, um paladino, um herôe para Inglaterra, para as nações européas, e até para os egypcios, sarracenos, arabes e outros povos asiaticos, contra os quaes combatera, ganhando gloria para seu nome e nem uma vantagem para a causa que sustentava.

Roma e Avinhão — Papas e Antipapas

Havia Gregorio VII conseguido realçar a auctoridade espiritual do Pontificado e libertal-a da influencia que em sua administração e em sua eleição exerciam até então os imperadores de Allemanha.

Innocencio III, aproveitando-se da força adquirida pela egreja e das superstições de que se imbuiam os povos, tornou ainda o Pontificado supremo o unico arbitro das questões temporaes, e curvou á sua politica os imperadores, os reis, os barões feudaes, as classes médias e as multidões infimas da sociedade.

Innocencio IV pretendeu imital-o; impoz sua vontade a Portugal, mas esbarrou na Allemanha e na Italia, soffrendo revezes de modo que se viu obrigado a asylar-se em França.

Bonifacio VIII, que cingiu a tiara em 1295, exigiu até ostentações materiaes, que demonstrassem cabalmente a suzerania universal da Egreja Catholica.

Fulgurara Gregorio VII no fim do seculo XI; Innocencio III no terminar o XII, e Bonifacio nos ultimos annos do XIII. Durante os duzentos annos decorridos chegara ao zenith a auctoridade do Papado; começara, porém, a declinar. Como todos os poderes da terra, tinha de certo de decahir logo que principiasse a reacção. Só o que é divino resiste ao tempo. A' sua força devia seguir-se a fraqueza; ao apogeu da sua auctoridade a quéda do prestigio; á sua supremacia espiritual e temporal a revolta dos reis e

dos povos. Do tempo de Innocencio IV principia o influxo do Papado a diminuir, e seu prestigio a decrescer.

Resultaram da modificação de idéas que se operava deposições forçadas ou voluntarias, prisões, exilios e simultaneidade de dous ou mais Pontifices pretendendo todos considerar-se os legitimos successores de S. Pedro. Nem se lhes respeitou mais a direcção das almas, o dominio das consciencias e o direito natural da religião. Tão notavel fôra a sua plectora quanto depois a sua debilidade.

Mostrara-se Bonifacio VIII habilissimo diplomata durante o pontificado de Martinho IV e de Nicoláo IV, e illustrara-se tambem na cadeira de professor de theologia. Eleito Papa, pela vaga deixada por Celestino V, no conclave reunido em Castel Nuovo, perto de Napoles, partiu immediatamente para Roma. Patenteou logo a altivez do seu genio, exigindo que os reis da Sicilia e da Hungria, que se achavam em Roma, pegassem as redeas da sua cavalgadura quando se dirigiu a S. João de Latrão, afim de ser coroado pontifice, e que á mesa do banquete, que lhe fôra preparado, lhe servissem os primeiros pratos os mesmos monarchas, ornados das suas mais primorosas insignias, e cobertos com suas coroas de ouro, sendo-lhes apenas permittido tomar parte no brodio á mesa dos famulos. Queria demonstrar assim que os Papas eram soberanos superiores aos monarchas da terra.

Empossado do sceptro, revelou-se absoluto e voluntarioso nas relações que abriu com os reis da Europa. Obrigou uns a celebrar pazes, outros a modificar sua politica, alguns a jurar-lhe obediencia como a suzerano. Intromettia-se nas suas questões domesticas, em assumptos de administração civil, e reivindicava o direito de fiscalisar-lhes os intentos e os actos, sob o pretexto de corrigir os costumes e sustentar e garantir as leis moraes do christianismo.

Numerosos eram já os decretos e os rescriptos dos Papas, que se reuniam em codigos e reputavam-se bases do direito canonico.

Primou Bonifacio VIII no desenvolvimento theorico pratico das maximas, que favoreciam a auctoridade da greja, e que deviam estabelecer seus direitos.

Opulentissimo em rendas era então o clero em quasi odas as nações; inquietavam-se os principes reinantes, e atavam de limitar os legados denominados pios, e coarctar faculdade da egreja de herdar ou comprar propriedades, npondo-lhes tributos annuaes, afim de não ficar fóra da i commum que regia os leigos; por seu lado, os Pontifices ugmentavam as attribuições dos tribunaes ecclesiasticos no ituito de libertarem tanto o clero, como todos os empreados da egreja, da acção dos magistrados temporaes e da lministração civil.

Entendeu Bonifacio VIII que o mundo governava-se omo no tempo de Innocencio III e que o Papa podia por ua auctoridade espiritual formar da Egreja um Estado no stado, e desembaraçal-a de toda a pretenção leiga quer obre os bens que possuisse quer sobre as pessoas que lhe rtenciam já pelo caracter ecclesiastico já pelos serviços que estavam ao clero.

Impuzera o rei Felippe, o Bello, uma contribuição bre as rendas do clero em França, arrastado pela neceslade urgente de subsidio para as guerras em que se achava npenhado.

Publicou logo o Papa Bonifacio VIII uma bulla com o ulo *Clericislaicos*, e data de 1296, declarando que nenhum clesiastico estava sujeito a tributos pecuniarios, quer pela nda quer pela pessoa, sem preceder approvação do Pontifido; que seria excommungado tanto o clerigo que os passe, como as auctoridades temporaes que as decretassem.

Respondeu-lhe o rei de França, determinando a exlsão dos padres e frades italianos, que residissem em seu rritorio, e dos portadores e vendedores de bullas romanas: endeu mais ainda a Curia, prohibindo sahida de qualquer antia de dinheiro de França para Roma, e inflingindo nas severas aos contraventores de suas disposições legistivas.

Assustou-se Bonifacio VIII deante da attitude res luta de Felippe o Bello ; sem que reconhecesse que os c rigos eram tão subditos dos reis como membros da Egre auctorisou todavia o rei a decrêtar impostos moderados sol os bens dos clerigos. Pareceu ter-se desfeito o tempor que ameaçava lucta perigosa.

Renasceu, porém, a briga em 1301. Um bispo e gado do Papa ousou insultar a Felippe o Bello, em publ audiencia. Preso, foi por ordem do rei submettido a julg mento perante um tribunal ecclesiastico, presidido pelo a cebispo metropolitano. Irritou-se o Papa e lavrou u bulla com o titulo — *Ausculta filii*— accusando Felippe opprimir seus povos com despotismos, roubal-os na fab cação de moeda falsa, oppor-se á execução de senten ecclesiasticas e devorar rendas da Egreja, impondo tribut pesados.

Terminava a bulla com estas palavras :—"Constitui nos, felizmente, Deus sobre os reis e os reinos, afim de a rancar, destruir e dispersar as plantas nocivas. Não pens Felippe, que não tens superior, e que não estás sujeito chefe da jerarchia ecclesiastica; quem assim pensa é inse sato ; herege quem o sustenta. "

Não se percebiam, pois, na bulla, limites que sep rassem a auctoridade temporal da espiritual ; ambas av cava o Pontifice, como de direito canonico, envolvendo na administração interna do estado civil e politico.

Escreveu Felippe ao Papa em termos arrogante mandou queimar em fogueira publica a bulla ; reuniu 1302 uma assembléa de deputados das universidade communas, a que deu o titulo de estados geraes, e exigi lhes apoio, que lhe foi enthusiasticamente promettid Foi o primeiro grito que écoou em França contra a supr macia de Roma.

Por seu lado o Papa oppoz á assembléa franceza u assembléa da Egreja, composta de bispos e prelados su riores, e promulgou nova bulla com o titulo— *Un sanctam*—excommungando Felippe o Bello, e ordenan

que fosse lida aos povos de todo o orbe catholico, do alto do pulpito, e em todas as quintas-feiras santas.

Não era, no entanto, a situação dos espiritos a mesma dos annos anteriores. O mundo caminhava, esforçava-se por sahir das trévas da edade média, que tendiam a desapparecer e ser substituidas pela renascença. Havia, além d'esta circumstancia, perdido muito do seu valor a arma ecclesiastica das excommunhões pelo abuso com que fôra manejada.

Curiosas eram de certo as disposições d'esta bulla e para sciencia dos leitores copiaremos alguns trechos.

"São excommungados todos os que falarem em concilios futuros; os que estabelecerem em suas terras novos impostos ou augmentos dos antigos sem consentimento do Papa; os que fornecerem armas e munições de guerra a turcos e a hereticos; os que obstarem a remessa de provisões de bocca destinadas para o Papa e para a Curia; os que offenderem as pessoas que pertencerem á Egreja e ao sequito do Papa, bem assim a romeiros que se dirigirem para Roma; os que se oppuzerem á jurisdicção avocada por juizes ou tribunaes ecclesiasticos; os que appellarem para quem quer que seja de decisões ecclesiasticas; todos que denunciarem ou civil ou criminalmente ecclesiasticos; usurparem propriedades da Egreja, ou tentarem por qualquer modo contra os direitos da Curia Romana; os que não cumprirem exactamente as bullas pontificias; todos os reis e povos emfim que não reconhecerem a supremacia da Egreja e não respeitarem seus Canones."

Partiu dos reis e governos temporaes o protesto mais vehemente contra as pretenções do Papa. Transferiu-se a irritação aos povos, já em demasia tambem exasperados pelas arbitrariedades do clero, e bastante desabusados a respeito dos bons costumes e exemplos moraes que elle devia dar ao mundo como representante da fé e pureza de Jesus Christo e dos primeiros apostolos.

Rebentaram pouco tempo depois tumultos em Roma; manifestou-se sedição popular contra a Curia, e o Papa foi

compellido a fugir para Agnani. Lá mesmo seguiu-o o alvoroto capitaneado por um emissario de Felippe o Bello chamado Guilherme de Nogarat.

Viu Bonifacio ondas de revoltosos assaltarem seu palacio, arrombarem-lhe as portas e penetrarem-lhe os aposentos. Sentou-se no throno pontificio, revestido de todas as suas insignias e coberto com a corôa, e esperou-os tranquillamente, apertando nas mãos as chaves de S. Pedro. Affirmam uns chronistas que os amotinados lhe não offenderam a pessoa : referem outros, porém, que Sciarra Colonna atirara-lhe á face um guante de ferro e gravemente o maltratara. Como quer que fosse, abandonaram-n'o os revoltosos na solidão de seus paços, depois de haverem devassado e praticado actos de selvageria.

Moveram-se então os habitantes de Agnani em favor do Papa ; perseguiram e maltrataram alguns suspeitos de seus inimigos que domiciliavam na cidade ; libertaram o Papa, offereceram-se a acompanhal-o para Roma e ahi defendel-o contra qualquer aggressão que ousassem praticar seus adversarios. Aos francezes, ao rei Felippe, foram imputados os maleficios e insultos com que se desacatara o Papa.

Tanto impressionou-se Bonifacio VII com os acontecimentos, que não tardou em ser assaltado por molestias que o conduziram, poucos dias depois, ao sepulchro. Foi então eleito Papa Bento XI, em 1303.

Mais perspicaz e moderado que seu successor, comprehendeu Bento XI a necessidade de accommodar-se com Felippe o Bello, levantar-lhe a excommunhão e abrir os braços á concordia. Escreveu egualmente aos demais soberanos que se tinham manifestado adversos ao seu antecessor, e em nome de Deus instou que se restabelecesse a paz e a ordem nas suas relações para que podesse manter a dignidade do Pontificado e garantir a fé religiosa.

Menos de dous annos, porém, conservou a vida, e em 1305 foi em seu logar nomeado Papa um bispo francez, que tomou o nome de Clemente V.

Depois de dez mezes de luctas indecisas para a escolha, foi o conclave dos cardeaes compellido por fim a curvar-se á influencia do rei de França, e eleger o seu candidato predilecto.

Historia-se assim a quéda da acção pontificia e a marcha da reacção que começava e que tendia a diminuir o influxo do Pontificado.

Antes de Gregorio VII era o imperador da Allemanha quem impunha candidatos ao papado, approvava ou recusava os eleitos.

Gregorio VII garantiu a eleição dos Papas, confiando-a exclusivamente aos cardeaes reunidos em conclave. Fôra este principio sustentado até Clemente V.

Na eleição de 1305 voltou-se á predominancia estranha e civil, que transferiu-se para os reis de França; passou depois para os monarchas de Hespanha e volveu por fim outra vez para os imperadores da Allemanha, que a conservaram por algum tempo.

Foi o primeiro acto de Clemente V revogar a bulla de Bonifacio VIII, denominada *Clericistaicos*, contra a qual exasperara-se Felippe o Bello; abandonou logo depois Roma, viajou pela França, fez-se coroar em Lyão e fixou de uma vez sua residencia em Avinhão, cidade que pertencia á Egreja, bem que encravada em territorio de França.

Converteu em palacio pontifical o convento grandioso dos dominicanos; creou as repartições necessarias para a administração publica; ordenou que de Roma para alli se dirigissem todos os funccionarios da Curia, e nomeou muitos cardeaes novos, todos francezes, no intuito de segurar em Avinhão os futuros conclaves. Capital do mundo catholico tornou-se Avinhão. Roma perdeu seu pontifice, sua côrte, sua curia, suas pompas e galas ecclesiasticas, que lhe mantinham o prestigio, e chamavam a seu seio multidões de fieis, que em romaria corriam de todas as partes do mundo a adorar e beijar as reliquias dos santos, e os tumulos de S. Pedro e de S. Paulo, e admirar a magestade da antiga capital do mundo.

Foi Roma, como simples cidade de provincia, confiada a legados do Papa, incumbidos discricionariamente de sua administração e governo. De soberano independente na Italia passou, porém, Clemente V a subordinado do rei de França, que o dominou e dirigiu d'ahi por deante.

Um dos acontecimentos mais graves teve então logar em França. Escravisado o Papa, assistiu indifferente á prisão dos cavalleiros do Templo ordenada por Felippe o Bello, á sua sujeição a tribunaes nomeados pela corôa, quando a ordem era reputada ecclesiastica e organisara-se sob o influxo dos Pontifices, e, finalmente, a morte ignominiosa dos principaes templarios em fogueiras levantadas nas praças publicas.

Formavam os Templarios uma milicia religiosa, e haviam brilhado nas guerras das cruzadas do Oriente, e mereciam geral respeito espalhados por toda a Europa. Possuiam dez mil casas conventuaes, muitos castellos fortificados e immensas riquezas em ouro e joias.

Mandou-lhes Felippe ao principio applicar os tormentos da tortura para que confessassem crimes de impiedade e immoralidade ; arrancou pela dôr dos castigos confissões que nunca falham, posto que falsas, mas que a dôr e a violencia obrigam, e que serviram de fundamento á sua condemnação. Em 1309 foram executados em Pariz cêrca de sessenta cavalheiros do Templo, e no anno seguinte ainda o Grão-Mestre da ordem e muitos de seus mais afamados membros. Pronunciou logo depois Clemente V a abolição da ordem, e dividiu seus bens pelo rei de França e pelos cavalleiros de Malta. Uma legenda popular espalhou-se então affirmando que o Grão-Mestre dos Templarios ao morrer convidara o rei e o Papa a comparecerem no anno seguinte perante Deus e dar contas de sua crueldade. Certo é que o vaticinio verificara-se. Não contente ainda Clemente V, mandou por exigencia de Felippe instaurar processo na Curia contra a memoria de Bonifacio VIII, e declarou revogadas suas bullas em tudo quanto se referia aos direitos temporaes do rei de França.

Por morte de Clemente V, o conclave dos cardeaes reunido em Avinhão nomeou Papa, em 1416, a João XXII, egualmente francez. Abandonada pelos seus pontifices, extorcia-se, no entanto, a população de Roma nas maiores amarguras e miserias. Invadiu a cidade á força Luiz de Baviera, fez-se coroar imperador pelo arcebispo de Veneza, e nomeou outro Papa, declarando deposto João XXII, sem mais assustar-se com os raios da excommunhão que foram vibrados de Avinhão. Bem se não tinham retirado as tropas allemães, quando restaurou o povo o dominio do Papa João XXII e o governo do seu legado. Não tardou, todavia, em apparecer um tribuno, que falando ás multidões linguagem vehemente e inciadora de liberdades, conseguiu improvisar instituições republicanas, semelhantes mais ou menos ás da antiga Roma. Não percebeu o desgraçado que victimas são sempre das revoluções os que as promovem. A população muda a cada instante: passa facilmente do amor ao odio, do enthusiasmo á desesperação. Seus idolos duram poucos dias. Trucida o que adorara com paixões sempre exaltadas.

Foi ainda um exemplo deste continuo movimento do vulgo Rienzi Colas. Do capitolio proxima está a rocha Tarpeia. Excommungado pelo legado do Papa, corrido da cidade, conseguiu difficultosamente fugir para Florença.

Não só Roma mas toda a Italia soffriam desordens, anarchia, guerras intestinas. Batiam-se condotieri, levantavam-se salteadores, e por toda a parte derramava-se sangue e commettiam-se horrendos attentados.

Lamentava em vão Dante Alighieri, exilado da patria, tão duras provações. Chorava debalde a lyra de Petrarca ás ribas de Vauclousa, em Avinhão, pelos soffrimentos de seus amigos e pela perda da liberdade. Erguia-se, é verdade, a primeira litteratura moderna da Europa, ás vozes e inspirações de tão sublimados poetas, que faziam esquecer os gemidos monotonos da teorba proençal, unica que até então se ouvia, exprimindo novas linguas ás ancias e

aspirações dos novos povos, nascidos de mescla dos barbaros do norte e dos antigos romanos, por elles subjugados.

Continuou Avinhão a eleger Papas, e Roma a considerar-se viuva e captiva.

Sete Papas em Avinhão governaram ainda a Egreja desde que finou-se João XXII, e todos francezes, até que Gregorio IX, em 1376, resolveu visitar a cidade de Roma, e acceder ás supplicas de Italia.

Para executar este designio dirigiu-se de Avinhão a Roma, simulando acudir ás supplicas dos catholicos, que lhe exigiam deixasse de ser Papa de França para ser Papa do universo em Roma. Não lograria sua viagem prevenir schismas que ameaçavam?

Foram estrondosas as festas praticadas em Roma pelo regresso do Pontifice. Tinha a cidade tanto decahido, que viam-se só ruinas de edificios, ruas e praças convertidas em pasto de animaes, desertas as casas, a população minguada tres quintos quasi menos do que fôra cêrca de setenta e sete annos antes, quando se commettera a transferencia da séde do Pontificado para Avinhão. Parecia que recuperaria Roma a sua categoria de capital do mundo catholico; e na egreja de S. João de Latrão, a primeira christã fundada pelo imperador Constantino, pôde o povo saudar o seu soberano, que voltava para o logar sagrado, onde se haviam sepultado os ossos do primeiro Pontifice, o martyr S. Pedro.

Pouco tempo assistiu, porém, Gregorio XI ao regozijo e veneração dos romanos. Finou-se em 1378, e reuniu-se logo em Roma o conclave dos cardeaes, composto de onze francezes, quatro italianos e um hespanhol. O povo temendo nomeação de Papa francez, assediou-os no Palacio do Quirinal e ameaçou trucidar os cardeaes quando não elegessem Pontifice italiano. Impressionados pela attitude das multidões e curvados pelo terror, nomearam os cardeaes um napolitano, que tomou o nome de Urbano VI. Proclamado o novo Papa e livres os cardeaes dos furores da população, fugiram para Forli, e ahi, protegidos pela

rainha de Napoles, installaram-se de novo em conclave, declararam nulla, por violentada, a eleição que haviam praticado em Roma, e escolheram para Papa o cardeal de Genebra, que tomou o titulo de Clemente VII.

Terminara o periodo denominado pela Egreja captiveiro de Babylonia com o regresso dos papas para Roma. Começou então o do schisma, que escandalisou os fieis, e desprestigiou a auctoridade moral do pontificado. Clemente VII, retirando-se para Avinhão, para alli oonvocou os cardeaes seus partidarios e ahi restabeleceu a séde da Curia, emquanto que Urbano VI, permanecendo em Roma, considerava-se legal Pontifice. Dividiu-se, pois, a Egreja; dous Papas principiaram a funccionar simultaneamente; um em Roma e outro em Avinhão.

Um e outro Papa apoiavam-se em nações e governos catholicos. Declararam reconhecimento e submissão ao Papa de Roma, Inglaterra, Allemanha, Hungria, Bohemia, e a maior parte dos principes soberanos e republicas de Italia, Portugal, Polonia, Dinamarca, Noruega e Suecia.

Tomaram o partido do Papa de Avinhão França, Hespanha, Escocia, Saboia e Napoles.

Cada um dos dous Papas anathematisou seu rival e denominou-o anti-papa: excommungou os cardeaes contrarios, e nomeou cardeaes novos. Estabeleceram-se, pois, curias distinctas, uma em Avinhão e outra em Roma.

Por morte de Urbano VI cingiram a tiara em Roma quatro Pontifices até 1409.

Pela de Clemente V, fallecido em 1394, nomearam os cardeaes de Avinhão Pedro de Luna, que se appellidou Bento XIII.

Amedrontava e escandalisava, todavia, a sociedade esta divisão do Pontificado. Queixas sobre queixas para seus soberanos partiam das consciencias amarguradas, e os povos imploravam de seus governos puzessem cobro ao schisma existente, derivado antes de interesses privados e politicos que das necessidades da religião, que se desprestigiava deante de espectaculo tão desmoralisador. Era voz

geral que se devia installar um concilio ecumenico, composto de todos os representantes da Egreja e de embaixadores dos estados catholicos, para o fim de esmagar-se o schisma, e firmar-se a unidade da Egreja.

Muitos cardeaes, bispos e theologos afamados da época adoptaram esta providencia como indispensavel para o catholicismo. A Universidade de Sorbona reclamou-a energicamente, e uma geral opinião formou-se em toda a Europa contra a existencia simultanea de dous Papas.

Resolveram então alguns cardeaes e numerosos arcebispos collocar-se á frente do movimento. Juntaram-se em Pizza, em 1409, declararam-se em concilio e resolveram a deposição dos dous Papas de Roma e de Avinhão e a nomeação de um terceiro; publicaram o resultado de suas sessões, e instaram que todos os catholicos se submettessem ao novo Papa Alexandre V, por elles eleito.

Baldado esforço! Ninguem obedeceu, e mais uma difficuldade creou-se: em vez de dous Papas tres surgiram!

Falleceu, porém, logo depois, o nomeado Alexandre V, e dezeseis cardeaes aproveitando-se de não achar-se então em Roma o Papa Gregorio XII, formaram um concilio no templo de S. Petronio, e elegeram Papa João XXIII, considerando depostos os dous Pontifices de Roma e de Avinhão.

João XXIII dirigiu-se immediatamente ao imperador da Allemanha Sigismundo e a varios reis da Europa, pedindo sua protecção e annunciando-lhes ter convocado um concilio ecumenico na cidade de Constança. Requereu que todos os cardeaes, bispos da christandade, theologos, doutores, e embaixadores nomeados pelos seus governos, se reunissem no local escolhido e na época fixada afim de resolverem a crise tremenda que pesava sobre a Egreja.

Collocou-se á frente dos principes que lhe attenderam ás supplicas o imperador Segismundo. Dirigiu-se então João XXIII aos dous Papas de Roma e de Avinhão,

e supplicou-lhes comparecessem no concilio, e ahi allegassem seus direitos e interesses, reconhecendo-o tribunal superior ecclesiastico em todos os assumptos religiosos.

Em 1414 reuniram-se na cidade de Constança, então pertencente ao imperio da Allemanha, e hoje parte da Confederação Suissa, cardeaes, bispos, abbades, theologos, deputados das universidades, e embaixadores de muitos principes reinantes na Europa. Assistiu o imperador á sua installação e presidiu varias de suas sessões. De cêrca de mil membros compoz-se o concilio. Italianos, francezes, inglezes, hespanhoes, allemães, e representantes do clero das demais nações catholicas, compareceram pressurosos, no intuito de não consentir no predominio de um só povo. Decidiu o concilio ecumenico dividir-se em cinco camaras e não contar os votos por cabeça, mas pelo methodo de representação de nacionalidades. Ficou logo decidida a supremacia appellidada anglicana sobre a que se intitulava ultramontana, e que se considerava exclusiva da Italia.

Officiou o concilio, apenas inaugurado, aos tres Papas, convidando-os a renunciar a seus cargos, a comparecer em Constança e sujeitar-se ás suas resoluções.

João XXIII apresentou-se e comprometteu-se a renunciar á tiara quando egualmente o praticassem seus dous competidores, Gregorio XII e Bento XIII.

Gregorio XII respondeu que reconhecia o Concilio e abdicava o Papado, mas não concorreria ás suas sessões.

Bento XIII, porém, não accedeu a nenhuma intimação e nem a pedidos particulares de amigos. Declarou que fôra eleito legalmente Papa e não considerava a auctoridade do concilio, embora denominado ecumenico, superior a seus direitos.

Continuou o concilio suas sessões e resolveu declarar depostos os tres Papas e auctorisar uma commissão do seu seio, composta de cincoenta e tres eleitores para eleger novo Papa, o que immediatamente se praticou, sendo nomeado em 1417 o cardeal Colona, que tomou o nome de Martinho V.

Evadira-se, no entanto, João XXIII da cidade de Constança, depois de protestar contra as decisões do concilio por elle proprio convocado, mas que lhe parecia usurpar attribuições que lhe não haviam sido conferidas.

Instaurou-lhe o concilio um processo, condemnou-o e requereu ás auctoridades de Friburgo, onde se homisiara, que o remettessem preso para o forte de Heidelberg. Ahi foi por bastantes annos encerrado João XXIII.

Declarou o concilio, relativamente a Bento XIII, de Avinhão, que como schismatico obstinado fosse excommungado, e deposto publicamente de seu cargo.

Executou-se a sentença sem perda de tempo, auxiliada pelo rei de França e pelo povo da cidade.

Gregorio XII foi eleito bispo do Porto e deão do sacro collegio, por se haver submettido sem a minima reluctancia á resolução do concilio.

Cingiu então em Roma a corôa pontifical Martinho V, e o universo catholico pareceu tranquillisado.

Governou, todavia, Martinho V no meio de alvorotos e perturbações constantes.

Não cessavam as desordens no seio da Egreja. Uma nova seita denominada dos Hussitas recusava obediencia ao catholicismo e promovia schismas, sublevando os povos na Allemanha. Martinho V entendeu conveniente convocar novo concilio ecumenico em Basiléa.

Estabelecera o concilio de Constança sua superioridade no tocante ao regimen ecclesiastico tanto civil e politico como espiritual, e reduzira a auctoridade dos Pontifices, para que não pudessem deliberar sem o conselho dos cardeaes; limitara as dispensas e appellações dos bispos para a Curia Romana; obrigara os empregados da Egreja á residencia; fixara normas e penalidades severas para obrigar os monges a manter as tres obrigações impostas pela instituição, obediencia, castidade e pobreza; regulamentara os costumes do clero afim de poupar-lhe desmandos e abusos; reorganisara o conclave dos cardeaes e o modo de procederem a eleição dos Pontifices; fixara nos concilios

ecumenicos o direito de depôr os Papas que não cumprissem as santas obrigações de seu cargo, ou commettessem actos que se pudessem acoimar heresias.

Em 1431, por fallecimento de Martinho V, foi eleito Papa Eugenio IV no conclave reunido no convento da Minerva em Roma.

Um dos seus primeiros cuidados foi mandar abrir o novo concilio ecumenico em Basiléa que Martinho V convocara, no intuito não só, dizia, de resolver sobre as heresias dos Hussitas, como a respeito de reformas necessarias, que modificassem os principios proclamados pelo de Constança, e prestassem maior prestigio ao Pontificado, que desfalcado de sua auctoridade não podia servir como desejava os interesses do catholicismo.

Surgiu, todavia, logo depois, um lamentavel successo. Sublevou-se o povo em Roma e proclamou a republica como governo politico. Evadiu-se o Papa, disfarçado em trajos de mendigo e asylou-se em Florença. Conseguiu, no entanto, pouco tempo depois, voltar para Roma, e restaurar sua auctoridade mediante negociações amigaveis com os amotinados.

Reunido, no entanto, no anno de 1431, na cidade de Basiléa, o concilio ecumenico convocado, confirmaram-se por suas deliberações todos os principios assentados anteriormente pelo de Constança, sem attender-se ás supplicas do Papa, que exigia maior amplitude de attribuições magestaticas.

Irritou-se Eugenio IV; ordenou que se transferisse o concilio de Basiléa para Bolonha. Resistiram os membros do concilio, sustentados pelo imperador Segismundo e persistiram em suas sessões regulares. Declarou-o então o Papa dissolvido, ameaçando com excommunhão maior os que lhe não obedecessem.

Originou-se nova lucta, e agora entre o Papa e o concilio ecumenico.

Tornou-se azeda a divergencia, e mais decididos os membros do concilio em sustentar as doutrinas de supre-

macia, e sujeitar os Pontifices a suas decisões. Bem que s houvesse retirado de sua presidencia o legado do Papa decretou o concilio regras, discriminando os limites d espiritual e do temporal, que Carlos VII de França acceito immediatamente e mandou cumprir em seu reino com titulo de Pragmatica Sancção.

Instaurou o concilio egualmente um processo contr Eugenio IV, que declarou deposto do Pontificado, e eleit para occupar a cadeira de S. Pedro, Amadeo, duque d Saboia, que tomou o nome de Felix V.

Renascia o schisma, e a existencia de papas e anti papas.

Passara já a época em que o raio das excommunhõe incendiava e produzia effeitos favoraveis á auctoridad moral dos Pontifices.

O mundo marchava para outras idéas e para novo horizontes. Que era feito dos tempos de Gregorio VII e d Innocencio III?

Não lhe tirara o prova Bonifacio VIII? Que restava a Eugenio IV?

Protestar e morrer! Foi o que elle praticou.

Ratificou o concilio a eleição que havia effectuado Amadeo de Saboia, porém, declinou da honraria, meditando maduramente ácêrca dos acontecimentos verificados. Prevaleceu então a idéa de pertencer ao conclave dos cardeaes a eleição do novo Papa, e recahiu sua escolha em Nicoláo V.

De então em deante até nossos dias, têm rebentado perseguições contra os Pontifices, têm elles soffrido dias amargos, mas não se imitou mais o terrivel precedente de pretenderem dous ou mais Papas cingir ao mesmo tempo a Corôa de S. Pedro, e nem á Roma de disputar primacia de capital do orbe catholico qualquer outra cidade do mundo.

O Cid Campeador

Immensissimas são as difficuldades que se offerecem a quem pretende conhecer com exacção a historia do famoso castelhano, Ruy Gomes de Bivar, conhecido geralmente pelo nome de Cid, memorado em verso e prosa na peninsula iberica, heróe de poemas, elegias, odes e dramas; cantado em quadrinhas nas rusticas moradas, ás festas das lareiras, e ao som das gaitas e das violas dos camponios que applaudem suas estupendas e gloriosas façanhas.

Honra-se Castella de ter sido seu berço, e, pois, converteu-o em vulto patriotico, animou com sua sombra os combates contra mouros e com seu exemplo incitou os denodados guerreiros, para defenderem-lhe o solo.

Voôu pela tradição e pela legenda sua fama, gravou-se sua reminiscencia em todos os peitos; suas façanhas enthusiasmam ainda! Transportou-se seu nome para toda a Europa. Dos Pyreneus espalhou-se por toda a parte a reputação do Cid Campeador.

Estudemos, no entanto, com cuidado e criterio os documentos e as chronicas do seu tempo; comparemol-os com o que posteriormente escreveu-se a respeito, e digamos francamente a verdade sobre tão celebrisado paladino.

Mais legendas, mais ficções, mais fabulas que realidades, resultarão de escrupuloso exame. Quasi que se não encontra a historia, pois que espraiou-se por toda a parte a invenção, e em todas as chronicas se estenderam os horizontes da tradição legendaria.

Que houve em Castella, no correr do seculo XI, u guerrilheiro audacioso, um verdadeiro *condotière* á mo italiana, denominado Ruy, ou Rodrigo Dias, nascido, que parece, em Burgos, ou no Castello de Bivar, vizinh cidade e proveniente de familia illustre, não ha duvid Mostra ainda Burgos actualmente reliquias, que procla haverem pertencido ao Cid. Em um modesto aposento palacio municipal encontra-se uma urna, que se procla conservar os ossos do Cid e de sua mulher, D. Chimen Sobre ella inscreveu-se que em 1842 se retiraram do con- vento de Cardena, distante onze kilometros da cidade, onde fôra o heróe sepultado. Levantou-se tambem um mesquinho monumento de pedra para lembrar-lhe a me- moria. Se ha cidade que represente fielmente a edade média hespanhola é Burgos, uma das mais velhas e mais pittorescas: quasi que não possue edificios modernos, con- tenta-se com monumentos antigos de architectura peculiar da peninsula proveniente, dos visigodos. De suas numerosas egrejas, e de suas casarias ennegrecidas pelo tempo, parte uma tristeza que corresponde ás exterioridades severas e graves de seus habitantes.

Nada consta ao certo no tocante ao anno do nasci- mento do Cid e conjectura o escriptor Müller que devia ser o de 1026, bem que no monumento de Burgos se mencione o de 1020. O territorio de Burgos limita com a Navarra, faz parte da Castella Velha, e pois castelhanos e navar- rezes disputam ainda preferencia a respeito das glorias de Cid, cada uma das duas provincias acreditando-se berço dos avoengos do illustre legendario.

Extinguira-se o ramo varonil da velha stirpe goda, que se asylara em Covadonga, provincia das Asturias, entre o mar Cantabrico, hoje golfo de Biscaia, e o galho dos montes Pyreneus, que para o oeste corre da linha que separa França e Hespanha. Fernando, filho segundo de Sancho III de Navarra, casando-se com Sancha, herdeira do reino de Leão, foi então coroado rei deste ultimo estado, annexou-lhe o condado de Castella, cedido em dote por seu

pal, e accrescentou-lhe as terras de Galliza, que gozavam de tal ou qual autonomia e independencia. E' chamado na historia Fernando II de Castella, titulo que elle preferiu ao de rei de Leão e Galliza. Fallecera em 1065, depois de provar grandes qualidades de guerreiro contra os arabes e mouros; e de apoderar-se das cidades de Madrid, Alcala de Henares, Guadalaxara e de muitas fortalezas possuidas pelos musulmanos. Como era então uso entre os principes, legou seus estados em partilha a cinco filhos, que deixara: Castella a Sancho o mais velho, Leão a Affonso, Galliza a Garcia, Zamora a Urraca e Toro a Elvira.

Da divisão resultaram despeitos e ciumes entre os herdeiros, que romperam em guerras, pretendendo uns aos outros despojar do que lhes devia pertencer.

Foi prisioneiro Affonso, e Sancho encerrou-o em um castello de Burgos. Para libertar-se cedeu seus dominios a Sancho e retirou-se em 1071 ao principio para o mosteiro de Sahagum e depois para Toledo, onde recebeu honrosa hospedagem de Elmansour, walli mouro da cidade.

Não foi mais feliz Garcia, que fugiu para Sevilha e pediu soccorro ao rei mouro Aben-Hamed, que recusou-lhe apoio.

Voltou a tentar a sorte das armas e cahiu em poder de Sancho, que mandou-o recolher a uma fortaleza.

Senhor dos tres reinos, Castella, Leão e Galliza, ambicionou Sancho concentrar em suas mãos todas as mais posses paternas, roubando ás duas irmãs as migalhas com que haviam sido aquinhoadas. Resistiu, porém, Urraca aos assaltos que elle dirigiu contra a praça de Zamora.

Nos combates que se feriram, perdeu Sancho a vida, assassinado por um soldado.

Ao saber a noticia partiu Affonso de Toledo; tomou conta dos seus estados de Leão e dos de Castella e logo depois, em 1074, dos de Galliza, antes mesmo que houvesse finado seu irmão Garcia.

Denominou-se Affonso VI.

Viveu em paz com o walli de Toledo, lembrado da gratidão que lhe devia no curso das suas desventuras.

Aproveitou-se, porém, da morte de Elmansour, para não respeitar os direitos transferidos aos seus sucessores.

Ambicioso imperterrito de augmentar seus dominios, á custa de christãos e de mouros, convocou guerreiros de França, Aragão e Navarra, para uma cruzada contra musulmanos, aprestou forças imponentes, assenhoreou-se de Toledo e dos territorios que d'ahi se estendem para o rio Guadianna.

Foi então que dividiu em duas partes o territorio de Galliza; uma até o Minho, cedida em feudo a Raymundo de Borgonha, e a outra do Minho para o Sul, e que tinha o nome de Portucale, a Henrique de Borgonha, casando-os com duas filhas, em reconhecimento dos serviços por elles prestados nas luctas contra os mouros. Eram ambos principes francezes que tinham vindo coadjuval-o na guerra, e adquirir fortuna.

Deriva-se desta circumstancia a autonomia e independencia de Portugal, como reino separado de Leão e desmembrado do territorio de Galiza.

Não fôra Affonso victorioso sempre contra os mouros; citam-se revezes e derrotas que soffrêra em Merida, Badajoz e Xerez: a fortuna, porém, favoreceu-o, por fim, e tornou-se um chefe poderoso, e um rei que impunha respeito.

Curioso é saber que se casara pela quarta vez com Zaida, filha de Aben-Hamet, rei mouro de Sevilha, conhecida na historia pelo nome de Maria Izabel que tomou no baptismo; e della tivera um filho, que Affonso educara para succeder-lhe na corôa, mas que, com grande sentimento do rei, muito joven fallecera. Ao morrer Affonso em 1109, subiu ao throno de Castella e Leão sua filha Urraca, casada com Raymundo, conde de Galliza. A outra filha, viuva de Henrique, que governava Portugal, luctou muito tempo contra a irmã, sem querer reconhecer-lhe a supremacia, e por fim o filho, D. Affonso Henrique, creou

o reino de Portugal, e declarou-o independente de Leão e Castella.

Foi durante esse periodo convulsionado que appareceu e ganhou celebridade Ruy Dias de Bivar.

Asseveram as chronicas que servira nos exercitos de Fernando II de Castella e fôra muito estimado na côrte de Sancho, que o protegia efficazmente. Accrescenta a tradição que apezar de christão combatera ao lado do emir de Tarragona em 1063 contra o rei de Aragão, e por varias vezes tomara partido ora contra musulmanos, ora contra godos. Refere egualmente a legenda que ao cingir Affonso VI a corôa, mostrara-se desgostoso contra o Cid, e o exilara de seus territorios, mas que depois arrependido do acto e necessitado do braço de Ruy Dias, revogara a decretação de desterro, e o chamara a seu serviço.

Habitavam a peninsula iberica povos christãos e musulmanos: aquelles oriundos da fusão dos visi-godos, suevos, alanos, romanos, phenicios, carthaginezes, celtas e bascos: estes da alliança de arabes e mouros da Africa, de asiaticos e bereberes, invasores e conquistadores das Hespanhas no seculo VIII.

Governados os primeiros pela raça goda, que sobrepujara as outras, e os segundos pelos arabes, que eram civilisadissimos, e que partidos da Asia tinham domado toda a orla septentrional da Africa, e imposto aos vencidos seu jugo, sua religião e sua lingua.

Refugiados os hespanhoes em escondrijos das Asturias e dos paizes vasconços, para escaparem ao captiveiro, que lhes infligiam os arabes, d'alli a pouco e pouco foram sahindo, afastando os inimigos e recuperando terras; pelo lado do Norte, depois das Asturias, Galliza, depois da Galiza as duas Castellas; pelo Oriente coadjuvaram-n'os poderosamente os frankos com a invasão de Carlos Magno no seculo IX. Reintegrara-se então o governo christão em Barcelona e creara-se o reino da Navarra.

Durante o seculo XI, tres reinos christãos e independentes existiam já em Hespanha: Aragão, ligado a

Barcelona, que prestou a raça de seus condes para governal-o; Navarra, encostada aos Pyrineos; Castella, Leão, Asturias e Galliza, fundidos sob o sceptro de Affonso VI. Um novo levantou-se ao principiar o seculo XII, Portugal, que, posto apoucado em territorio e população, revoltou-se contra Leão, proclamou sua autonomia e avançou para o Sul, afim de engrandecer-se e solidificar-se.

Não menos divididos e brigados andavam por esse mesmo tempo os arabes e mouros, no sólo que ainda possuiam na peninsula. Quando invadiram e conquistaram as Hespanhas, subordinavam-se todos os musulmanos ao imperio arabe do Oriente, que fixara sua capital e séde em Bagdad, quasi ás ribas do Euphrates, e tributarios do Oriente declararam-se francamente.

Romperam, porém, no seculo VIII graves scisões no Oriente, e a submissão devida aos califas asiaticos desappareceu com a fundação de um segundo imperio musulmano nas Hespanhas e Africa, perfeitamente distincto e independente da união anterior; seu califa foi reconhecido Abderramam, descendente da familia de Mafoma, e que da Asia emigrara fugitivo para Hespanha. Novas revoltas rebentaram, todavia, em seu seio; no novo califadado, que se appellidou do Occidente, cansaram-se no seculo XI os mouros do dominio dos arabes; superiores em numero, formaram de cidades diversas e de varios estados reinos independentes; tornaram-se soberanos os emires; e a Hespanha musulmana partilhou-se em muitos paizes separados e autonomos; Cordova, Sevilha, Granada, Murcia, Valencia, Badajoz, Algarves, foram os principaes, expostos constantemente a brigas mutuas e a assaltos e violencias dos africanos de Marrocos, que mais proficua e sabiamente haviam firmado sua unidade, e pois, mais poderosos e influentes mostravam-se que os mulsumanos de Hespanha.

Foi dos reis africanos um dos mais poderosos em Hespanha o celebre mouro Iousouff, que fundara em 1069

Marrocos para ter uma capital no Magbreb, e d'ahi influir sobre os correligionarios da Iberia. Resultava desta situação que os bereberes da Africa assolavam por vezes os estados dos musulmanos de Hespanha, depunham seus reis particulares, e nomeavam novos chefes para os povos. Acontecia tambem que pelas luctas e guerras que entre si levantavam ös novos reis de Cordova, Sevilha, Valencia e outros estados, ganhavam os christãos de Castella e Aragão, e não raro se viam christãos combater contra christãos ao lado de musulmanos, e estes unidos aos seus naturaes inimigos contra seus proprios correligionarios. Dahi, a fraqueza em geral dos mouros, e pois as victorias e as recuperações do solo que os christãos conseguiam com o lidar das armas, que o tempo progressivamente incitava e alimentava. Pode-se affirmar que a historia dos arabes na Hespanha terminara no seculo XI, e começara a dos mouros, que proclamaram seu predominio ; perdera Cordova a supremacia da capital do califado, e cada uma cidade governava-se por si e convertiam-se em rivaes e inimigas umas das outras.

O periodo era, portanto, apropriado para vantagens e progressos dos chistãos e finalmente para o exterminio dos mouros.

Aproveitavam-n'o os reis de Castella, Aragão e Navarra ; tomavam parte em todas as brigas dos mouros, e lucravam sempre com a sua intervenção interessada.

Para um condotière arrojado, avido de riquezas, enthusiasta de combates, nem uma época mais propria poderia raiar.

Deve-se acreditar que muitos bravos guerrilheiros mouros e hespanhoes ganhavam extensa fama pelas suas correrias e façanhas. A tradição do povo, que folga sempre de descobrir um superior em qualidades e valentias, concentrou, e encarnou os feitos gloriosos reaes ou imaginados de muitos em um só, e o Cid foi o feliz mortal, cuja memoria estampou-se solidamente no coração e na lembrança dos compatriotas. Não representava um typo adornado de prendas maravilhosas, tendo pela valentia do braço, ardor

e temeridade do animo, combatido victoriosamente contra mouros?

Provado acha-se, no entanto, que elle ou não acompanhou Affonso VI em suas guerras porfiadas, em suas victorias e derrotas, ou representou então papel secundario, que lhe não realça os merecimentos.

Apparece, porém, como chefe de guerrilhas temerario e valente na conquista que effectuou da cidade de Valencia em 1094. E' o feito heroico que a verdadeira historia lhe reconhece e affirma, e elle bastou para enthusiasmar e inebriar os seus contemporaneos, e para arrancar aos futuros poëtas canticos que immortalisaram seu nome.

Como já o declarámos, o Cid alugava tambem, á maneira dos condotières italianos, seu braço, e empregava seu bando de satellites ora aos christãos contra os mouros, ora aos emires mouros nas suas correrias e luctas ou entre si ou contra os proprios godos. Não o inspirava amor de gloria, que é sempre nobilissimo sentimento, mas a ambição de rapina e o lucro de despojos, que lhe deviam produzir seus feitos.

Não era o Cid um guerreiro na expressão technica deste vocabulo: não sabia a arte de combater com regras, não tinha a sciencia necessaria a um general adestrado e conhecedor da tactica e manobras militares.

Sempre que encontrava em frente um adversario experimentado, soffria revezes, era compellido a recuar, e abandonava o campo do prelio.

A' calada, porém, da noite, empregando álgara ou correria de surpresa; assaltando de repente um acampamento ou uma cidade, devastava tudo, afugentava os que ousavam resistir-lhe, incendiava, matava, roubava e voltava para seu ninho de leão, victorioso, carregado de saque, riquezas, armas, prisioneiros, gados e alimentos.

Assemelhava-se-lhe neste ponto o primeiro rei portuguez, D. Affonso Henriques, que em batalhas campaes fôra sempre batido, mas em escaramuças, surpresas, álgaras, ataques nocturnos ganhava o melhor, e augmentava suas

conquistas. Com o punhal atravessado na boca, a espada desembainhada na mão direita, escalando muralhas, subindo precipicios, trucidando sentinellas, atirando-se temerariamente no meio de numerosos inimigos, que não adivinhavam o inexperado e repentino assalto, marchava sobre cada veres, exterminando os defensores da praça, vencia-os, subjugava-os, apoderava-se das fortalezas, e ganhava Santarem, e outros sitios importantes. Para tomar Lisboa foi-lhe, porém, preciso o soccorro dos cruzados do Norte, aceitou a sciencia da guerra que elles conheciam, e a arte de applicar assedios em que se mostravam extremamente entendidos.

Aventureiro e soldado de fortuna, praticava o Cid a guerra por sua conta, não como Affonso Henriques, para conquistar territorios ; não era Ruy de Bivar rei ou barão feudal para pretenções identicas. Arrastava-o unicamente o desejo de saques ; não lhe importava que de chistãos ou de mouros lhe proviessem.

Cobriu-se de louros, todavia, á rendição de Valencia, quanto á façanha commettida, não no tocante aos meios empregados para effectual-a.

Governava a cidade um Walli, em nome dos Almoravides africanos, baldo de forças sufficientes para guardal-a e que só lhe podiam vir da Africa. Percebeu o Cid a fraqueza do Walli e decidio-se por sua conta e risco assaltal-a, como fazia relativamente á outras povoações. Reuniu gente bastante, inclusivamente grande numero de arabes inimigos dos berebres, e acommetteu-a com desespero.

Aterrorizado o Walli percebeu que não podia oppor-se ás forças do Cid, pilhado, como fôra, despercebido. Resistiu-lhe ao principio com alguma bravura, mas recolheu-se á fortaleza, e d'ahi propoz-lhe capitulação, e, aceitas as condições, entregou Valencia ao vencedor, abrindo-lhe as portas que a fechavam.

Penetrou o Cid na cidade. Bem se não achava senhor de todos os pontos, e já declarava rota a capitulação e protestava que o Walli sonegava riquezas que possuia.

Prendeu-o, e fel-o queimar vivo em uma grande fogueira, levantada na praça mais espaçosa. Despojou a mulher e filhos do Walli de quantos bens lhe pertenciam; e, depois de declarar a cidade conquista de Castella, retirou-se tranquillamente, garboso de seus actos heroicos.

Ganhou assim Affonso VI uma cidade bella, populososa, ornada de admiraveis edificios, collocada á beira do mar como uma feiticeira que convida a seus braços os incautos navegantes.

O feito memoravel de Cid écoara no entanto por toda a Hespanha, e cobrira-lhe o nome de gloria. Os proprios mouros attonitos tributaram-lhe respeitosa admiração, e applicaram-lhe o titulo de Cid, que os castelhanos annexavam ao de Campeador!

Tudo quanto refere a historia verdadeira no tocante ao Cid é o que acabamos de summariar. Premiou-o naturalmente Affonso VI, e o nome do vencedor de Valencia gravou-se na pagina das chronicas da época, que tratou da conquista de tão importante cidade.

Perpetuou-se a memoria do Cid na tradição do povo. Um seculo depois já se cantavam seus feitos em verso. Poemas improvisaram aventuras assombrosas, cercaram-n'as de legendas heroicas, teceram-lhe uma historia brilhante de façanhas, crearam-lhe uma familia particular e curiosa, introduzindo o elemento dramatico para commover, interessar, exaltar e enthusiasmar.

Da poesia e do falso patriotismo, que se orgulha com prodigios e ficções, originou-se a crença de que fôra o Cid um verdadeiro heróe, que honra e gloria a patria.

Formou-se-lhe, pois, uma biographia, espalhada posterior mente, um complexo de fabulas, que agradava, todavia, e muito, ás massas rudes e ignorantes do povo.

Que importa aos poetas e exagerados patriotas que em uma ou em outra chronica do tempo seja descripto como homem cruel, feroz e barbaro? Que refiram que elle se alugara ao serviço dos mouros contra christãos de Aragão; e ao rei Sancho para despojar dos seus estados as irmãs e

irmãos? Recorra-se á leitura do livro, publicado em Leyde em 1849, por Dori, com o titulo de — Investigações conscienciosas, sobre a historia de Hespanha durante a edade média—e ahi encontram-se provas sufficientes de que na parte moral não mereceu Cid as honrarias imaginadas, que apregoa o povo patriótico.

Lance-se, porém, a vista para os poemas, de que Hespanha se orgúlha e que endeosam seu heróe predilecto; para os dramas de Guilherme de Castro, de Corneille e de Diamante. é o Cid um cavalheiro civilisado, ganha á ponta da espada a mulher com quem se esposa, Chimene, depois de matar-lhe o pai em duello para vingar a honra paterna, rodeia-se de uma familia importante, lucta com os genros Cabrions, commette aventuras maravilhosas, combate e vence mouros; de um só golpe da famosa durindana trucida inimigos aos pares; possue um cavallo de guerra tão adestrado e astucioso, denominado Babieca, que lhe poupa dissabores e o liberta de perigos que parecem imminentes, e morre emfim no meio de grandezas e glorias!

Não ha alli uma imitação das fabulosas façanhas dos falsos paladinos de Carlos Magno, que no seculo XI escreveu um desconhecido francez, que foi attribuida ao arcebispo Turpin, e que serviu tambem de molde a tantos diversos romances e particularmente aos poemas de Pulci, Boyardo e do imaginoso Ariosto?

Fóra é de duvida, todavia, que falleceu o Cid nos ultimos annos do seculo XI, ou em Valencia, como repetem algumas chronicas hespanholas, ou nas proximidades de Burgos, como outras o attestam, no intuito de melhor garantir-se, a authenticidade de seus restos, transportados para a cidade que, como sua patria, mais se ufana com a sua existencia e com as suas proezas.

Não nos devemos espantar da quantidade prodigiosa de legendas, com que se enriqueceu e abrilhantou em Castella a memoria do Cid, vencedor de Valencia: não referem tambem chronicas portuguezas tantas gentilezas e façanhas praticadas pelo celebrisado Condestabre, Nuno

Alvares Pereira, cuja filha casada com um filho bastardo de D. João I, dera nascimento á casa dos Braganças?

São de certo admiraveis os actos heroicos de Nuno Alvares, e mais dignos de elogios que os de Cid.

Não passava este de um aventureiro arrojado, de cavalheiro a soldo de potentados da época, de condotiéri avido de presas e rapinas, emquanto que o heroe portuguez mostrara-se patriota desinteressado, guerreiro notavel e consciencioso da independencia da patria e da elevação ao throno de um principe portuguez.

Bastava, porém, que se contentassem os historiographos portuguezes com a exacta narrativa dos feitos briosissimos e das façanhas praticadas por Nuno Alvares, e que o aureolavam de gloria immorredoura, já quando combatera castelhanos e ganhara a batalha de Aljubarrota, já quando concorrera tão poderosamente para cingir-se a fronte de D. João I com a corôa de Affonso Henriques. Viu refulgir com efficacia e proveito em rhetorica o mestre João das Regras, nas côrtes portuguezas de Coimbra, e com seu valor e victorias obrigara por fim Castella a reconhecer a autonomia da patria.

Corôavam ainda esses trophéos a retirada do heróe para o mosteiro do Carmo, e o resto de sua vida passada em dar esmolas e caldo aos mendigos, na portaria do convento; trocadas as armas de cavalheiro pelo burel tristonho do frade penitente, a espada pesada do guerreiro pela cruz, que symbolisa a caridade e não a força.

Para que, pois, as chronicas do Condestabre inventaram suas desaffrontas na solemnidade do casamento da princeza Dona Brites, sua apparição subtanea e milagrosa na Aldêa Gallega, tornando um vulto historico notavel em legendario como os paladinos de Carlos Magno, o Cid Castelhano, o rei de Inglaterra, Arthur, Lancelot, e os improvisados cavalheiros de Tavola Redonda?

Ah! Imaginação, imaginação! Quanto és creador de sublimes bellezas, mas quanto illudes egualmente, exagerando as qualidades do heróe que desejas radicar

eternisar na memoria dos homens, e que convertes em ente menos real que phantastico!

Não foi a irritação contra tão estupendas e exageradas extravagancias attribuidas á personagens historicos, que inspirou tambem o genio satyrico de Miguel Cervantes, para ridicularisal-os no seu escripto admiravel que corre o mundo com o titulo de Historia de D. Quixote de la Mancha?

D. João V, Rei de Portugal

Quem lêr os differentes historiadores, quer portuguezes quer estrangeiros, que trataram do reinado de D. João V, fará do monarcha opinião muito diversa da que elle merece, e dos acontecimentos verificados em seu tempo, apreciação contraria á sua realidade. Encerram quasi todas as obras publicadas narrativas officiosas, lisongeiras, exageradas da capacidade e do caracter do rei, e descreve-se o periodo de 1706 a 1750 faustoso, brilhante e felicissimo para a nação, que teve a ventura de possuir um principe tão illustrado e respeitado em sua vida. Documentos impressos em nosso seculo e em nossos dias, manuscriptos encontrados nos archivos e depositos publicos e particulares, relações, memorias e cartas daquella época ou da época immediata ultimamente conhecidos, modificam, porém, todas as idéas propaladas e esclarecem o curso daquelle reinado, sob aspecto inteiramente opposto ás asseverações de escriptores credulos ou demasiadamente cortezãos.

Filho de Pedro II, que roubou ao irmão Affonso V liberdade, corôa e esposa, não procedia João V da mulher de ambos os soberanos, mas da segunda, com quem, quando viuvo, seu pai se consorciara. Aos dezesete annos e em 1706 tomava conta do reino, envolvido loucamente por Pedro II na guerra desastrosa da successão do throno de Hespanha, disputado pelas casas de Bourbon e da Austria.

Não cansava a sorte das armas de mostrar-se adversa a Portugal, Austria, Hollanda e Inglaterra. Parecia timbrar favorecendo á França.

Ao neto de Luiz XIV sorria a fortuna de empunhar o sceptro hespanhol, emquanto que o archiduque Carlos, seu rival e contendor, apezar das suas fortes allianças, não divisava luz que lhe illuminasse o caminho para apoderar-se do governo e perpetuar em Hespanha a dynastia austriaca.

Soffria, no entanto, e muito Portugal, que, mais por subservencia que por interesse proprio, se unira á Inglaterra.

Ao Brazil dirigiram-se expedições francezas, levando a guerra egualmente á sua colonia americana, devastando suas possessões, e volvendo para a França carregadas de despojos.

Duguay Trouin em 1711 bombardeou a cidade do Rio de Janeiro, arruinou-lhe edificios, e compelliu a população a pagar exorbitantes sommas de dinheiro para resgatar-se de suas violencias.

Terminou-se felizmente a guerra em 1713, e assignaram-se em Utrecht pazes entre os belligerantes.

Foi reconhecido o candidato bourbonico Felippe V, rei da Hespanha, e podia o governo portuguez tratar de reparar seus destroços e melhorar sua administração interna, para o que o descobrimento de minas de ouro e de diamantes no Brazil lhe proporcionava elementos poderosos e riquezas deslumbrantes.

Já em vida de Pedro II manifestara-se a opulencia da sua colonia americana. Foi durante ella que se haviam encontrado as maravilhosas minas.

D. João V enfatuara-se e allucinara-se com tamanha ventura. Assombra a quantidade de metaes e pedras preciosas, que no seu reinado de quasi cincoenta annos recebera. Collige-se não dos registros officiaes, bem que cuidadosamente examinados, mas de escriptos particulares de Humboldt e varios auctores, que além do producto dos quintos de ouro, e do monopolio do páo brazil, que attingiam a uma somma de mais de milhão e meio de cruzados, arrecadara a corôa em ouro amoedado cento e

trinta milhões de cruzados, que, accrescentados a cem mil e setecentas arrobas em pó, e a vinte e quatro mil e quinhentos marcos em barras, patenteam lucros que parecem fabulosos. Obtivera ainda trezentos e quinze marcos de prata e trezentas e noventa e duas oitavas de diamantes, afóra quarenta milhões de cruzados em pedrarias preciosas de quasi todas as especies. Recursos extraordinarios de cincoenta annos que chegariam para retalhar de estradas o paiz inteiro, erguer-lhe altamente a industria e a agricultura, opulental-o de escolas de ensino, firmar-lhe excellente administração, garantir-lhe exercito e marinha de vulto, levantar-lhe as fortificações e praças de guerra, canalisar-lhe os rios, desenvolver-lhe o commercio e preparar-lhe o mais auspicioso futuro !

Não dotara, porém, a Providencia Divina o rei D. João com os predicados necessarios, e nem elle tomou avisos e conselhos de politicos atilados para aproveitar-se dos beneficios inesperados, que o acaso lhe offerecia, bem que um ou outro raro estadista apparecesse em seu tempo, mas que não foi attendido, e nem talvez ouvido !

A superstição subjugava e assoberbava todos os espiritos ; a nobreza, aos pés do rei, prostrava-se humilde, pobre, mendiga, ignorante ; o clero abatia-se para segurar seu predominio e importancia, provenientes quer das propriedades immensas de que ainda dispunha, conventos que lhe pertenciam, terras que possuia, cargos da administração que lhe tocavam ; quer dos prejuizos e abuzões, de que os animos populares se embaiam. Os jesuitas e a inquisição rivalisavam para que não se respirasse no reino e nem nas colonias senão a atmosphera que ambas as instituições lhe preparavam e ministravam, rodeiando o rei, apoderando-se do seu animo, formando-lhe o caracter, arredando-lhe as vistas e resoluções do verdadeiro systema de felicitar seus vassallos e engrandecer sua patria.

Instinctos máos não dirigiam D. João V. Antes fraco que voluntarioso, antes benevolo que propenso a maldades. Vicios o dominavam, crimes, propriamente não praticava.

Era,todavia, mais que nem um subdito seu, devoto, beato, supersticioso e fanatico. Tendia tambem para a hypocrisia. Para Roma olhava, para o céo dirigia a attenção, esperando que dahi lhe dirivasse claridade, que lhe illuminasse a vida. Conselheiros politicos, directores de sua consciencia religiosa, amigos, procurava exclusivamente nos ecclesiasticos. Frei Gaspar da Encarnação, o prior de S. Roque, o provincial dos jesuitas, o cardeal da Motta, considerava mais finos estadistas que Alexandre de Gusmão, D. Luiz da Cunha e Diogo de Mendonça, que não exercitavam nem um influxo sobre seu espirito, bem que varões distinctos, e experimentados na governação do estado.

Desde o principio deu destino singular aos dinheiros do Brazil; preferio remettel-os para Roma, no intuito de alcançar concessões ecclesiasticas, que pensava gloriosas á corôa e apropriadas á salvação das almas.

Comprou a elevação de sua capella particular á patriarchal, como arremedo do Vaticano, e dividiu o governo espiritual da cidade de Lisboa em dous differentes districtos; despendeu sem conseguir resultado sommas abundantes para que se declarasse dogma official a immaculada Conceição de Maria, mãe de Jesus Christo, que lhe absorvia toda a fé e cuidados; pagou caro ao Pontifice licenças para poderem os padres dizer tres missas em dias santificados; para canonisarem-se alguns frades obscuros, que se diziam mortos em beatitude e que o monarchia desejava figurassem no calendario; para se promulgarem indulgencias, lausperennes em adoração continua do sacramento, e exposições permanentes de reliquias; para transportar-se de Roma e erigir-se em Lisboa e na egreja de S. Roque a capella de S. João, maravilha da arte e de religião mais apparatosa que sincera. Armou em certa occasião uma esquadra que mandou passear pelo Mediterraneo proclamando-a ás ordens e em defesa do Papa e da Republica de Veneza contra os turcos, que os ameaçavam, esquadra que nunca combateu os Turcos, mas que ostentava a força e o apparato do rei de Portugal.

Com que jubilo adquiriu o titulo de rei fidelissimo para não ficar inferior ao christianissimo de França, ao catholico de Hespanha, ao apostolico da Austria? Tudo sentia o fausto, tudo patenteava pompa, tudo revelava grandeza e opulencia, tudo simulava devoção religiosa e riqueza illimitada! Quem deixaria de mostrar-se carola, quando o rei timbrava em parecel-o? Meticuloso nos pontos de etiqueta official, quer em seus paços régios, quer nos seus passeios e actos particulares, quer nas ceremonias da egreja, considerava D. João V que ahi cifrava-se sua dignidade, ahi depositava-se a consideração devida ao throno, ahi assegurava-se a obediencia que lhe deviam seus vassallos! Adorava todos os santos mas professava especial predilecção por S. Francisco de Assis, e inscrevera-se como andador na sua ordem terceira. Contraste, que parece incrivel! Professar predilecção pelo Monge e asceta do 13º seculo o rei sibarita, hypocrita e devasso! O mundo é assim mesmo. Os contrarios achegam-se. Não tem conta tambem o que gastou em donativos ás egrejas e aos conventos de Portugal e de paizes estrangeiros; o ouro do Brazil não adornava sómente o catholicismo no reino, esbanjava-se em Santo Antonio de Benevente, S. Francisco de Badajóz, capella portugueza em Londres, presépe de Belém na Palestina, templos de Jerusalém, de Roma, de varias cidades da Italia, claustros de frades Franciscanos, Bernardos e *tutti quanti*: exclamava attonito Alexandre de Gusmão, escrevendo a seu amigo Luiz da Cunha:—"A fradaria absorve-nos, a fradaria suga tudo, a fradaria arruina-nos!"

Enorme era o orçamento da despeza com o patriarchal: ahi aninhavam-se mais de quatrocentos figurantes e empregados, vinte e quatro principaes, setenta e dois prelados, vinte conegos, setenta e tres beneficiados, cem mestres de ceremonias, acolytos e capellães, musicos cantores, alémdo Patriarcha; dir-se-hia um exercito para a instituição querida e predilecta do soberano; as festas deslumbrantes que se praticavam, o ouro, as pedrarias, os velludos, as rendas, as luzes, as nuvens de incenso despedidas dos thuribulos

cinzelados, quantas despezas exigiam e consumiam para derramar o gosto religioso e cantar as glorias do Eterno!

Occupava-se o rei horas e horas, dias e dias inteiros, em saber noticias das irmandades instituidas nos templos, em exigir que se lhe declarassem os rendimentos, a disciplina, a regularidade com que funccionavam, dedicava-se particularmente ao cofre das almas destinado a salvar os mortos das penas do inferno! Ordenava missas em numero crescido pelos conhecidos que falleciam; perguntava constantemente pelos milagres, que se commettiam nos claustros e nas egrejas; reclamava de seus vassallos o cumprimento rigoroso de todos os deveres dos catholicos, aconselhava a punição dos que simulassem, bem que não acreditassem nos dogmas da Egreja Romana, animando assim a Inquisição a processar, perseguir e condemnar ás fogueiras as victimas suspeitas! Não fulgurou tanto a Inquisição em seu tempo? Não se fazia temer pelos seus tractos e polés de ferro, de agua e de fogo para conseguir confissões de crimes? Não praticou numerosos autos de fé, em que vivas se queimavam as victimas denunciadas muitas vezes falsamente por inimigos e invejosos?

O coração do rei penalisava-se, mas seu espirito exageradamente fanatico o arrastava máo grado a applaudir os terriveis espectaculos e a honral-os com sua presença, acompanhado por toda familia e côrte.

Não foi em seu tempo que se queimou o poeta comico celebrisado, Antonio José da Silva? Que foi obrigado a fugir para Hespanha o inventor dos balões aerostaticos, Bartholomeu de Gusmão, que aliás D. João V protegia e estimava, mas que não ousou salvar das garras do sanguinolento tribunal? Que se condemnaram tantos e tão illustres personagens, accusados de procedencia de judeus e de mouros? Que para longe de Portugal exilaram-se assustados os escriptores Verney, o cavalheiro Xavier de Oliveira, o medico celebrisado Dr. Sanchez, no intuito de escaparem ás torturas nos carceres e á morte na fogueira?

Como ao lado da devoção exaltada raiavam as fumaças da ostentação mundana ?

Luiz XIV de França era o sol que allumiava então o hemispherio europeu. Com elle pretendeu o pequeno rei de Portugal disputar rivalidades em grandiosas construcções de edificios, em apparatosas instituições scientificas, em côrte magnifica e deslumbrante, e até em amores e deboches, que offuscassem. Luiz XIV construira Versailles, edificava D. João V a egreja e o convento de Mafra, em cima dos morros de Cintra, a observar os mares, e a olhar para o Brazil, de onde lhe ia a riqueza, que esbanjava a mãos cheias: Mafra, frio e immenso edificio de marmore, sem architectura, sem poesia, sem alma, sem vida, abrigo mortuario, povoado de centenas de frades negros, repleto no entanto de alfaias preciosas de Flandres, França, Veneza, Milão, Genova, Roma, Indias, de lustres, candelabros, cancellas de bronze arrendado, tocheiros, lampadas, relogios, carrilhões, e sinos—sinos sonoros, que repicavam em musica cadente e harmoniosa—um, sobretudo, que pesava oitocentas arrobas !

Que prazer e orgulho manifestou o rei quando o soube collocado na torre, a resoar por aquellas campinas e montanhas, ao écoar pelos mares adjacentes, ao retumbar pelos descampados ! Deu emprego valioso a quem lhe annunciou a boa nova. Não tinha razão quando obrigara mais de cincoenta mil homens a trabalhar nas obras do edificio, castigados quando recalcitrantes, presos e condemnados quando desobedientes ?

Aponta-se sómente uma obra utilissima mandada construir por D. João V, e pensa-se que assim se lhe exalça o renome ! Cumpre, todavia, confessar que o abastecimento de aguas com o appellido de lires, praticado em seu tempo, foi pago pelo povo, condemnado a um tributo para conseguil-o, entretanto que tudo o mais devia-se exclusivamente ao ouro e diamantes do Brazil !

Nada mais pomposo e deslumbrante que esse reinado de apparato ! Atira poeira aos olhos do vulgo que considera

tudo opulencia. Extasia os chamados historiadores, qu
só notam as exterioridades, e se não entregam ao trabalh
de estudar o estado real e intimo da sociedade e nem
situação exacta e fiel de um povo, representado por um re
que passava por opulento nababo !

Vinham-lhe de Pariz os figurinos para modelos,
trajos, os calções, as meias, os gibões e azas com que se c
bria. Que hosanas e genuflexões recebia do seu povo quand
firmado em bengala encastoada de ouro e pedrarias, sem
blante sempre risonho, peruca enorme, punhos de larg
rendas de preço subido, passeiava pelas ruas, persignan
do-se, benzendo-se, ajoelhando-se perante os nichos d
santos prégados nos cantos, balbuciando orações ao pux
do collo um rosario de contas, e acompanhado de sequito d
vassallos e frades de habitos de diversas côres !

Miseria e fome soffria em geral o reino. Resplendi
porém, Lisboa com sua radiosa côrte. Despovoassem-s
empobrecendo as provincias ; abandonassem-se as terras
em vez de cultura crescessem hervas nocivas, e pantan
cobrissem o sólo ! Houvesse desapparecido toda a indus
tria, comprasse-se tudo ao estrangeiro — fatos para s
vestir, generos alimenticios para se viver ! Emigrassem par
o Brazil multidões em andrajos para não morrerem inan
dos na patria !

De antigas villas e cidades, outr'ora florescentes, ca
hissem edificios, desapparecesse a população !

O que era a administração, a politica, o governo ? Di
rigiam o rei jesuitas e ecclesiasticos ignorantes. Acreditar
se-ha que ouvia com attenção e fervor ao cardeal de Mott
instando para que pedisse ao Papa livrasse o reino de es
piritos malignos e feitiços que tantos males causavam,
que não soffriam outras nações ? Não propoz e conseguiu
prohibição de annuncios dos raios, tempestades e trovõe
nas folhinhas do anno para socegar o povo ?

Lembravam inutilmente Luiz da Cunha ou Diogo d
Mendonça, diplomatas empregados fóra do reino, qual
quer providencia politica, com que se firmasse o credito d

Portugal, e o rei ganhasse um logar de importancia no conceito europeu. Respondia-se-lhes que se restringissem ao que se lhes ordenava, que El-rei só queria paz com todos. "Se V. Ex., escrevia a Luiz da Cunha Alexandre de Gusmão, que exercia o emprego de escrivão da puridade, quizesse instituir algumas irmandades, haviamos de conseguir o empenho e ainda conseguir algum premio."

Era o cardeal de Motta eminente em alporcar craveiros ; fazia-o, porém, fóra do logar e tempo. Accrescentava o mesmo Gusmão: "O negocio de estado que occupa esta gente é a feitiçaria, de que o povo está perseguido, e que até nos conventos de freiras se intromette." Referiam ao rei, e devotamente, seus conselheiros os acontecimentos assombrosos de feitiçarias, e os apparecimentos assustadores de bruxas : contavam como o diabo apparecia a tentar os vassallos e como a Inquisição condemnava com toda a justiça e severamente as victimas de seus meleficios. Houve um escandalo no mosteiro de Odivellas ; fugiram de lá as monjas aterrorisadas, levando alçada a cruz pelas ruas de Lisboa, e acastellaram-se no palacio da condessa do Rio para não serem coagidas a voltar. Não fôra necessario energia e o emprego da cavallaria e infantaria, para as desalojar, prender e reconduzir ao santo cenobio? As religiosas de Sant'Anna pretenderam egualmente seguir-lhes o exemplo, transidas de sustos pela apparição do demo nas cozinhas do convento, e não custou tambem muito ao desembargador Souto Maior, appellidado Camões do Rocio, para accommodal-as?

Discutia-se profundamente nos conselhos perante o rei se convinha conceder aos santos postos no exercito, no intuito de grangear-lhes a gratidão. Concordou-se que assentada a praça competente se désse logo honras de alferes a Santo Antonio e a S. Jorge, concedendo-se-lhes ao mesmo tempo tenças pecuniarias. Não bastando para alegrar a côrte e ensoberbecer o povo uma opera italiana que se installara em Lisboa e se cantava no theatro, com a qual muito dinheiro o governo despendia, transportaram-se

tambem a musica e os cantores para as capellas, e ahi s
repetiam as arias e duettos.

O povo vivia no entanto satisfeito, o povo de Lisbo
particularmente, porque gozava-se de paz com todas a
nações, não desejava o rei outra politica, embora recebess
insultos continuados do governo inglez, armado com un
juizo privativo, denominado conservador britanico par
todas as questões de seus subditos, e fortalecido com o tra
tado de Methwem celebrado por Pedro II; e que arrui
nava-lhe a agricultura, e extinguia toda a industria, es
cravisando assim o reino á Inglaterra. Que importava qu
dos navios de guerra estrangeiros desembarcassem tropa
para por si colherem ás mãos marinheiros desertores, e de
fenderem seus nacionaes em quaesquer rixas travada
em terra? Era já espectaculo habitual, a que se resignar
o governo. Não era a Inglaterra protectora de Portugal?

O rei era um complexo de superstição, de vicios, d
vaidade e de apparato. Em que o molestava tambem qu
ás noites se commettessem em Lisboa crimes, assassinatos
assaltos ás casas, luctas ensanguentadas? Que ninguem ou
sasse sahir de suas residencias, com medo de encontra
troças armadas de vagabundos e tropelistas?

Não se sabia geralmente que as commandavam fidal
gos conhecidos, o duque de Cadaval, os marquezes de Ma
rialva e de Cascaes, os condes de Aveiro e Obidos, até
irmão do rei, o infante D. Francisco? Não se dizia tam
bem que o rei nos primeiros annos e ainda inexperient
praticara eguaes façanhas?

Não dava brado egualmente o bando da Carqueja d
Coimbra, que tornava inhabitavel a cidade?

Não se arrombavam ás noites portas de conventos d
freiras e não se commettiam dentro do sagrado recint
desacatos impudentes e vergonhosos?

Estava-se, porém, livre de guerras estrangeiras con
que outr'ora tanto soffrera o reino, durante os governos d
D. João IV, D. Affonso V e D. Pedro II. D. João V
sacrificava todos os interesses á paz e pois se não recrutav

pelas cidades e campos no proposito de preencher as vagas do exercito; e se não cobravam tão pesados impostos dos subditos como nas épocas anteriormente. Monarcha e nação reputavam-se, portanto, felizes e até orgulhosos com sua sorte de ostentação e socego; assistiam todos a festas magnificas da semana santa e da quaresma e a' procissões esplendidas; admiravam extaticos os presepes pomposos, que se levantavam nas ruas, praças e templos, em dias designados; penitenciavam-se deante dos nichos dos santos apegados ás paredes dos edificios e visitavam devotamente as egrejas, bem que mais como divertimento que por verdadeiro espirito de religião. Apezar de sua devoção não perdia, no entanto, D. João V ensejo para refocilar-se em prazeres mundanos; não se escondia aos subditos ao aventurar-se no golfão das delicias libidinosas, bem que, para salvar-se do peccado, ouvisse logo missa, confessasse-se, commungasse e remettesse esmolas para as egrejas: não ficava perdoado? Tinha o rei quéda para todas as mulheres; já em criança imputavam-se-lhe numerosas aventuras. Fallava-se francamente dos seus amores com a hespanhola Petronilla, da zarzuela do theatro do Bairro Alto, e com bailarinas e cantoras predilectas de opera, até com umas ciganas de má vida; referiam-se suas excursões pelos conventos de freiras, cujos incensos, embriaguez de devoção, recolhimento pacifico de vida seduziam-lhe, inebriavam-lhe o espirito e aguçavam-lhe os appetites lubricos.

Em Odivellas havia um singular aposento, um ninho mimoso, uma preciosa bocêta. Ahi residia Madre Paula da Luz, estremecida e particular paixão de João V. Agglomerava-se nesse recanto primoroso o luxo mais estimado da época: mosaicos da Italia, crystaes primorosos, vasos artisticos, quadros soberbos, tapetes da Persia, rendas, bambinellas, ouro, prata, pedrarias finas, relogios de minutos, joias de metal precioso, moveis embutidos de marfim e prata, tudo quanto resumbrava voluptuosidade que os objectos e os perfumes exhalados de continuo incitavam alvorotando os sentidos. Entrava ahi o rei ás

noites, mas com franqueza e liberdade, e as monjas na passagem ajoelhavam-se e beijavam-lhe a mão reverentemente. Sahia quando lhe agradava, atravessava as ruas conhecido e respeitado de todos; a hypocrisia revelava-se sómente ao chegar de volta ao seu palacio, porque então rebuçava-se, fingindo decoro. "Em Odivellas é que perde a vergonha" dizia uma memoria do tempo.

Não se dizia á odalisca visitada pelo pachá, á imitação da existencia oriental, que os balsamos, os perfumes, as flôres inebriam de prazeres ineffaveis e luxuriantes delicias?

Perdera-se completamente a India, já pela usurpação de inglezes, francezes e hollandezes, já pelas proprias ousadias dos indigenas, que expulsaram aos portuguezes, ajudados agora pelo seu braço e valor, quando no seculo XVI tremiam deante de seus invasores! Restava, todavia, o Brazil; bastava a colonia americana, não para favorecer propriamente a metropole, mas para sustentar luxo em Lisboa, e encher as arcas do erario regio com ouro, prata e pedrarias cujo producto D. João V dissipava loucamente mais talvez nos paizes estrangeiros que nos mesmos estravagantes monumentos que levantava, como maravilhas de máo gosto artistico!

Nem lhe póde valer, bem que meritoria, apezar dos mesquinhos resultados conseguidos, a installação da Academia Real de Historia, onde reuniu quantos sabios personagens encontrou em Portugal. Não havia academia franceza, porque Portugal não promoveria uma nacional? A pedanteria, a depravação do gosto litterario que começara sob o dominio e influencia de Hespanha, continuava no entanto com impulso vigoroso. Alcançou-se, todavia, graças ás exigencias d'esse instituto installado publicar á custa do thesouro alguns livros eruditos antigos e modernos, de notavel utilidade historica e philologica, mas chrismou-se até a historia da nação com o appellido de historia da casa real portugueza, provando-se por este feitio que não existia nação e apenas o rei que exclusivamente a representava e

ibsorvia! O gosto litterario continuou pervertido e abastardado, e as modas dominantes, vindas de França desde o tempo de D. Pedro II, atacaram tambem a lingua, a bella e opulenta lingua de Camões e Vieira, enxertando em seu tronco e em suas locuções formosas, palavras exdruxulas que a empestaram, e phrases e modos de dizer destoantes de sua autonomia, e que lhe roubavam o matiz, o encanto, a opulencia, a harmonia, que tanto a distinguiram nos seculos anteriores. Juntaram-se, é verdade, documentos e memorias, que muito servem para a historia; mas a critica, a philosophia, a eloquencia, as artes, nada ganharam, e a poesia dos crystaes da alma, do carro de Apollo e da Phenix renascida, os ensinamentos professados pelos jesuitas, monopolisadores da instrucção, e que abatiam a escola de Coimbra, e realçavam a sua particular de Evora, provam quanto foi esteril a época apparatosa de D. João V!

A despeito de tanta pompa, vaidade e vangloria, foi D. João V insultado por uma paralysia! Estremeceu toda a côrte; nobreza, clero e povo commoveram-se, agitaram-se todos! Preces sobre preces se ordenaram official e officiosamente; nas ruas, nas praças, nos templos, nas casas particulares, nos edificios publicos, ergueram-se altares, fizeram-se promessas a todos os santos da folhinha, rezou-se devotamente, implorando remedio do céo! Trasferiu-se a imagem do Senhor dos Passos para a patriarchal; para o quarto do rei a da Senhora do Carmo; para a sala do beija-mão a de S. Francisco de Assis. Procissões e vias sacras não se esqueceram. Tocavam os sinos das egrejas, resoavam pelas abobadas dos mosteiros as vozes cadenciadas dos frades, implorando misericordia. Condemnado pelos facultativos a partir para Caldas, a procurar saude em suas aguas milagrosas, improvisou-se, construiu-se e benzeu-se uma estrada para aquelle sitio, e acompanharam o rei a côrte, os principaes militares, um cem numero de clerigos e frades, occupados constantemente em rezas. Melhorou felizmente o rei e voltou para Lisboa. Oh! que festas,

que alegria, que enthusiasmo! Diziam os desembargadores que fôra tão grande a molestia de El-Rei como a affectuosa piédade de seus vassallos!

Por seu lado declararam os sabios da Academia que havia sido tão grande o sentimento da queixa de Sua Magestade como o gosto de sua melhora. Odes em portuguez e latim, lyras, sonetos, elogios dramaticos representados nas escolas dos jesuitas, folhetos encomiasticos, sonatas nas egrejas, canticos na Opera pelos artistas, nada faltou para manifestar ao rei o amor e veneração de seu povo!

No seu testamento politico dizia D. Luiz da Cunha ao infante D. José, herdeiro do throno:— "Vossa Alteza achará muitas terras usurpadas, outras incultas e os caminhos intransitaveis. A terça parte de Portugal é propriedade da Egreja que não contribue para a segurança e defesa do Estado; é dos cabidos, das dioceses, dos collegiados, dos priorados, das abbadias, das capellas, dos conventos de frades e de freiras."

E esse reinado apparatoso acabou miseravelmente, em 1750. Depois de quasi cincoenta annos de existencia D. João V não deixou nas arcas do erario dinheiro bastante para o seu enterro.

Verdade é que as legendas a respeito de D. João V encontram-se nas obras dos intitulados historiadores, que unisonamente lhe cantam as grandezas e glorias, e lhe pintam as apparencias como realidade. A historia, a verdadeira historia de que esboçamos alguns traços não está todavia ainda escripta; resta ainda a fazer-se!

Fernão de Magalhães

As navegações gloriosas dos portuguezes haviam pravocado os hespanhoes. Não habitavam a mesma terra peninsular no occidente da Europa? Não procediam todos das mesmas origens? Iberos, celtas, phenicios, gregos, carthaginezes, romanos, suevos, alanos, vandalos, arabes e mouros não eram avós communs de portuguezes, castelhanos, aragonezes e navarrezes, pela mescla e confusão das raças, pelas guerras e conquistas que uns e outros promoveram e desempenharam? Não formaram, ora juntos, uma nação, ora separados, reinos independentes, mas com os mesmos costumes e indole?

Portuguezes e hespanhoes, ao findar o seculo XV e ao começar o XVI, devassavam quasi que sós os mares, cortando temerarios suas ondas furiosas, e descobrindo terras ao Oriente e ao Occidente, das quaes ou não havia noticias na Europa, ou que muito pouco eram nella conhecidos.

A Africa e a Asia couberam ao principio exclusivamente a Portugal: a America pertenceu a Portugal e Hespanha. Andavam ainda atrazados em excursões maritimas os francezes e inglezes, bem que empregassem tambem em viagens do oceano ou navios particulares de commercio, ou piratas, que luctavam audaciosos com os dous povos ibericos.

Sabia-se já que o mundo formava um globo preenchido de mares e terra, e circumdado de uma

perenne atmosphera, rolando no espaço que se sumia á vista. Procedera do conhecimento deste facto a audaciosa viagem de Christovam Colombo, tentando ir em direitura da Europa á China e ao Japão; e encontrando em caminho a America, para lhe gloriar o nome e commemorar o feito venturoso e temerario.

Por vezes os hespanhoes trataram ainda e em vão abrir caminho pelas terras da America para attingirem ás Indias, cujas opulencias e riquezas incitavam mais as ambições e despertavam mais egualmente os instinctos interesseiros e exaltados.

Entre os mais intrepidos navegantes e guerrilheiros portuguezes revelava-se Fernão de Magalhães, nascido em 1480, em uma pequena povoação de Traz-os-Montes, denominada Sabrosa, e descendente de familia honrada e conhecida. Enganou-se o historiador Varnhagen quando lhe deu por berço a cidade do Porto.

Embarcou em 1505, sob o mando de D. Francisco de Almeida, na armada que seguia para as Indias, levando o primeiro viso-rei que devia governal-as e plantar em seu solo um regimen regular, em nome da nação portugueza. Moço, soldado e aventureiro marchava para o saque do Oriente, que tentava tantos infelizes, famintos de dinheiro e de fortuna. O que praticou na sua viagem não se sabe. Aprendeu naturalmente a batalhar, como todos quantos obedeciam ao famoso Almeida. Regressou para Portugal em 1508.

Não permaneceu, todavia, tranquillo na patria. Alistou-se entre os companheiros de Lopo de Siqueira, e partiu de novo para as Indias. Seu nome apparece notado com elogio na infeliz tentativa executada em 1509, contra Malaca. Dedicando-se depois ao serviço de Affonso de Albuquerque, tomou parte honrosissima na conquista desta celebrisada cidade em 1510.

Tocou-lhe boa parte no saque a que os portuguezes procederam, e que lhes permittiu o celebrisado general, que para si guardara unicamente alguns leões de bronze, no

proposito de ornar com elles seu tumulo, reservara para D. Manoel muitos preciosos objectos e predraria de valor, e dispensara a seus soldados o que lograssem nas buscas a que procedessem.

Voltou Magalhães a Portugal em 1512, trazendo attestado de bons serviços e feitos honrosos, que lhe valeram o fôro de moço da Camara d'ElRei D. Manoel e uma pensão pecuniaria inscripta nos livros de moradia dos Paços.

Parece, porém, que o não inspirava desejo de empregar-se como cortezão, porque em 1513 alistou-se ainda na expedição confiada a D. Jayme de Bragança contra o reino de Marrocos.

Apreciou-se sua galhardia temeraria no cerco da praça de Azamor e terminada a lucta, e volvido para Portugal, esperava melhoramentos de moradia e augmento de pensão. Não alcançou quanto desejava; acrescentou-lhe el-rei, apenas, alguns cruzados mais para contental-o, e elevou-o a categoria de fidalgo escudeiro.

Sentir-se-hia Magalhães offendido em sua vaidade e em seu orgulho? Magoara-se em avaliarem-se tão baixo seus serviços e serem pagos com escassez e avareza, quando todos os portuguezes aventureiros corriam após ganancias de riquezas, adquiridas pela rapina ou concedidas pelo governo como remuneração?

Não era a carreira ultramarina para a maior parte dos soldados uma mina, que devia enriquecel-os? Ou não o arrastaram talvez despeitos, ou imaginou emprezas mais vantajosas e temerarias. Magalhães em seu regresso para Portugal conferenciara com Faleiro, erudito em cosmographia e astronomia e residente em Covilhã. Meditaram então conjunctamente no tocante aos meios de descobrirem-se as ilhas Molucas.

Durante sua residencia em Malaca havia Magalhães ouvido fallar muito destas ilhas, situadas ao sueste. Trocava-se commercio activo entre ellas e Malaca. Apregoavam-se de grande fertilidade de solo, de immensa salubridade de ares, de copiosa riqueza de perolas e diamantes.

Excitavam as noticias desmedidas ambições de conhecel-as.

Não estavam, porém, incluidas na linha e zona hespanholas, fixadas na bulla pontificia de 1492, e no tratado de Tordesilhas de 1493, assignado pelos reis de Portugal e Hespanha, para divisão das terras que seus respectivos navegantes descobrissem? Poderiam portuguezes dirigir contra ellas expedições, quando á Hespanha exclusivamente cabia o direito de dominal-as?

Convenceram-se os dous amigos de que á Hespanha deviam pertencer as Molucas. Derivar-se-hia a intenção, desde logo formulada por Magalhães, de dedicar-se ao serviço de Hespanha, de pretender gloriar-se com o descobrimento das Molucas e enriquecer-se com os thesouros que sonhava encontrar na sua conquista? Ou seria o proposito de abandonar a patria, produzido pelo despeito de não ter alcançado os premios que almejava do governo de seu natural soberano?

Ponto é ainda sujeito á duvida, bem que os portuguezes porfiem em attribuir de preferencia ao seu amor da gloria o instincto grosseiro de vingar-se da patria.

Certo é que poetisando-lhe o genio emprehendedor e temerario, pintou-o Camões ralado de sentimentos condemnaveis.

"— Portuguez nos feitos, mas não na lealdade —"

proclama-o ao mundo nas immortaes estrophes dos *Lusiadas*, e para sempre imprimiu-se-lhe na memoria o ferrete desairoso de traidor á patria.

Formaram identico juizo não só os chronistas e historiographos portuguezes, como os moradores da sua aldêa natal, vizinhos de sua familia, residentes em Sabrosa. Logo que souberam que Magalhães se acolhêra á Hespanha, nacionalisara-se hespanhol e se empregara na marinha dos reis catholicos, exasperaram-se, sublevaram-se, expelliram violentamente da aldêa todos os seus parentes, arrasaram-lhes as casas e incendiaram-lhes os campos e propriedades.

Effeito terrivel das exageradas paixões patrioticas que animavam povos rivaes no descobrimento e conquista de terras ultramarinas, após as quaes corriam como doudos e ávidos de prezas !

Ou fosse ambição de gloria, ou despeito, logo que decidiu-se Magalhães a executar seus designios abandonou Portugal, e estabeleceu-se em Sevilha. Encontrou ali uma familia de portuguezes, que o acolheram galhardamente.

Chamavam-se Barbosas e haviam-se expatriado durante o reinado de D. João II.

Conversaram ácerca de varios descobrimentos ultramarinos, ajustaram projectos e trataram de desempenhal-os. Eram os Barbosas habeis pilotos e possuiam variados conhecimentos cosmographicos. Embalde haviam os hespanhoes até então procurado caminho directo para a Asia. Não o encontrara Colombo. Descobrira apenas Balbôa o mar do Pacifico, dobradas as montanhas do estreito de Panamá. Depararam Cortez o Mexico e Pizarro o Perú, mas não se internaram nos mares. Chegara Solis ao Rio da Prata, e ahi se finara ás flechas dos indigenas. Não terminavam mais ao sul as terras descobertas, por algum cabo ou ponta como da Boa Esperança ou de Somorim, de modo que se attingissem as Molucas por caminho directo ?

Examinaram com cuidado a questão os Barbosas e Magalhães durante o resto do anno de 1515 : percorreram mappas, verificaram distancias calculadas, aconselharam-se com navegantes que conheciam, e amadurecidos por fim os planos com os conselhos de Faleiro, que de Portugal transferira-se tambem para Hespanha, resolveram aproveitar, em 1518, a occasião propicia de chegar á Hespanha o novo rei, Carlos I, conhecido mais pelo nome de Carlos V, neto de Fernando de Aragão e Isabel de Castella, filho do archiduque austriaco Felippe e da princeza hespanhola Joanna, a douda.

Era joven o soberano, devia arrebatar-se de enthusiasmo por feitos grandiosos. Cumpria não perder um momento em se lhe pintar as riquezas das ilhas Molucas, e

incitar-lhe a cobiça de possuil-as. A Magalhães, aos Barbosas e a Faleiro juntaram-se Arandas, armadores considerados em Sevilha, o bispo de Burgos, e um personagem importante da côrte, que se inscreveu pela oitava parte dos lucros da empreza.

Attendeu-lhes ás vozes Carlos V e assignou em 1518 um contracto em que se especificavam direitos e obrigações da corôa, e dos exploradores das ilhas Molucas.

Resumiu Damião de Góes, na sua estimada historia de D. Manuel, as condições do convenio referido. Transcreve-o por inteiro o eminente geographo hespanhol Navarrete na sua interessante collecção de documentos historicos relativos ás conquistas ultramarinas. Deviam seguir rumo directo, procurando caminho por entre as Indias Occidentaes, ainda não conhecidas como parte nova e destacada das demais partes do globo, e menos pelo nome de America, que lhes foi dado posteriormente.

Consistiram os privilegios concedidos a Magalhães e a seus associados em aportarem em todos os dominios hespanhoes ultramarinos ; em se não conceder durante dez annos licença a nenhum outro subdito de Hespanha de seguir a rota por elles emprehendida e executada ; na vintena da importancia do quanto encontrassem, deduzidas as despezas effectuadas pela corôa ; no titulo de adelantados e regedores das terras, que descobrissem para elles e para seus descendentes ; na permissão de exportarem annualmente de Hespanha a importancia de mil cruzados de fazenda, afim de trocal-as pelo que quizessem, não pagando mais que a vintena ; em guardarem para si duas ilhas quando descobrissem mais de seis ; na mercê do quinto de tudo que trouxessem na primeira armada ; no recebimento emfim de cinco navios, armados, abastecidos e tripolados pela corôa.

Cabia á Corôa a suzerania das terras descobertas, vintenas e dizimos, para compensar-lhe os gastos e sacrificios.

Bem não chegara a Portugal a noticia do contracto de Magalhães, e já el-rei D. Manuel convocara conselho em

Cintra de seus ministros e secretarios. Lembraram-se alguns que conviria que Sua Alteza chamasse Magalhães ao reino, concedesse-lhe recompensas honrosas e lucrativas, e o retirasse por este modo do reino de Hespanha. Combateram outros este parecer, argumentando que se animariam os que pretendessem explorar a mesma industria a empregar meios identicos.

Notou o bispo de Lamego que cumpria mandar assassinar Magalhães em Hespanha para exemplo dos portuguezes que renegavam a patria e se empregavam em serviço e côrte de principes estrangeiros.

Resolveu D. Manuel que por intermedio de um feitor que tinha em Sevilha officiosamente se declarasse a Magalhães ser-lhe mais conveniente e honroso o regresso para a patria; e que se representasse a Carlos V rogando-lhe abandonar a empreza de Magalhães.

Nem um resultado logrou a deliberação régia de Portugal, nem Magalhães se deixou convencer pelo emissario de D. Manuel, e nem Carlos V admittiu a representação official da côrte de Lisboa.

Apromptaram-se, tripolaram-se os navios.

Cêrca de 230 homens embarcaram no *Trindade*, *Santo Antonio*, *Conceição*, *Victoria* e *Santiago*, assim denominados, e com arqueação cada um de 60 a 110 toneladas.

Tomou Magalhães o commando da expedição, arvorando sua bandeira de chefe a bordo do navio *Trindade*. Além de um indigena nascido no Brazil, por nome João de Carvalho, alistaram-se nas tripolações mais de 50 portuguezes.

Do porto de Sevilha partiram os navios a 10 de Agosto de 1519, e desceram o rio. De S. Lucas de Barrameda entranharam-se no oceano a 20 de Setembro.

Temos deante dos olhos para nos guiarmos na narração a que nos propuzemos, não só o *diario* de Pigafeta, publicado em 1528 na cidade de Milão, como um roteiro de auctor italiano desconhecido, bem que companheiro de

Magalhães, e que foi impresso ulteriormente pela Academia Real de Sciencias de Lisboa: comparando-os com o que dizem Barros, Castanheda e Damião de Góes, procuramos acertar na exposição da arrojada viagem.

Rumaram os navegantes para as Canarias, onde refrescaram os navios e marinheiros e seguiram depois para o sudoeste.

Iniciou-se logo insubordinação a bordo, levantando contra o chefe um conflicto o capitão adjunto castelhano, por nome Carthagena. Provou Magalhães sua severidade mandando-o castigar e recolher a ferros.

A 13 de Dezembro penetraram na bahia do Rio de Janeiro. Depois de uma demora de duas semanas, seguiram para o sul. Viram as boccas do Rio da Prata em 10 de Janeiro de 1520. Desceu Magalhães á terra, visitou-a e examinou-a, e a 14 de Fevereiro proseguiu em sua viagem.

A' vista da costa corria Magalhães no intuito de descobrir-lhe o termo. A 31 de Março ancorou no porto de S. Julião, e como a estação ia adiantada e muito fria, determinou ahi permanecer até occasião mais opportuna.

Tinham no entanto crescido despeitos e rivalidades entre portuguezes e hespanhoes, augmentados pelo castigo do adjunto castelhano, conservado preso no navio *Conceição*. Na noite de 31 de Março declarou-se a bordo desta embarcação uma revolta do capitão e dos tripolantes, que soltaram Carthagena , assaltaram o navio *Santo Antonio*, domaram-n'o e assassinaram-lhe o mestre. Communicou-se a sedição tambem á caravella *Victoria*, erguendo-se, pois, tres das náos contra o chefe Magalhães, que apenas conservava sob suas ordens duas da flotilha, a *Trindade* e a *Santiago*.

Dormia tranquillamente Magalhães em seu beliche, quando o acordaram os officiaes da *Trindade* para lhe noticiarem a revolta occorrida, e que se realizara de subito e ás trevas da noite. Saltou do leito, empunhou as armas, convocou a postos os subordinados e dirigiu-lhes energica

fala, ordenando-lhes disciplina e coragem. Ceder equivalia a perder-se. A salvação dependia de suprema audacia.

Ordenou immediatamente que se assaltasse a náo *Victoria*, e fosse reduzida á obediencia. Ninguem trepidou a bordo da *Trindade*, cuja tripolação contava muitos portuguezes. Partiram lanchas carregadas de gente armada para desempenhar o feito,emquanto que Magalhães fazia levantar as ancoras aos dois navios, e começava o fogo de artilheria contra as duas outras embarcações revoltadas. A náo *Conceição* foi conquistada, e não tardou tambem que as duas outras embarcações, bem que procurassem fugir, cahissem vencidas em poder do inclyto e arrojado chefe, depois de consideraveis destroços que lhes causaram a artilheria, os mosquetes, e a valentia praticada na abordagem.

Em uma enseada perdida da America representava-se, pois, scena lamentavel e sangrenta produzida por ciumes entre portuguezes e hespanhoes, quando destinavam-se todos a ganhar glorias descobrindo terras novas e desconhecidas, amparados todos sob a mesma bandeira.

Foi Magalhães cruel e feroz, castigando os sublevados. Participava das qualidades de seus compatriotas e dos hespanhoes. Não registra a historia os feitos atrozes de Albuquerque, Vasco da Gama, Francisco de Almeida, Pizarros, Bobadilha, Cortez, e de tantos outros conquistadores que desconheciam inteiramente a justiça e a humanidade, quando envolvidos em guerras com os proprios ou alheios povos ?

Degolou, esquartejou Magalhães os chefes e cumplices principaes do movimento. Castigou severa e duramente os inferiores. Mandou abandonar nús na praia deserta um francez e o adjunto castelhano Carthagena.

Continuou, depois, sua rota para o sul. Sossobrou a caravella Santiago, ao avistar-se o rio Santa Cruz ; reduziu-se a quatro o numero dos navios. Considerou Magalhães, ao perceber os violentos pampeiros, que revolveram os mares, que preferivel lhe era ainda estacionar por algum

tempo em qualquer porto ou bahia, que descobrisse. Aproximou-se á costa da Patagonia, e ahi lançou as ancoras das caravellas.

E' singular o que diz o diario de "Pigafeta". Avistaram-se homens gigantescos, enormes, a cuja cintura mal chegava o mais alto da tripolação dos navios. Não mostraram elles indisposição, antes revelaram contentamento á vista dos navegantes.—Affirma o mesmo facto o roteiro publicado pela Academia de Lisboa. Mas navegantes posteriores, Dorbigny, Durville e muitos outros provaram as exagerações dos dous companheiros de Magalhães.

Depois de dous mezes de demora, perseveraram os navegantes em sua viagem. Descobriram um ponto terminal e foram para o occidente, penetrando com cuidado, sondando e tomando alturas. Teriam percorrido cincoenta leguas, pelos calculos astronomicos, navegando constantemente, quando perceberam que era um estreito de aguas salgadas e não de aguas de rios. Abriu Magalhães então um conselho militar a bordo. Deveriam considerar finda sua missão e voltar para Hespanha? Opinaram por este alvitre os commandantes e pilotos dos navios. Era, porém, Magalhães teimoso. Decidiu que se proseguiria. Tremeram os companheiros, nenhum resultado antevendo para empreza tão temeraria. Que fazer, todavia, quando sabiam que Magalhães não recuava de seus designios, e que se expunha a perigos certos quem lhe oppuzesse obstaculos ou resistencia!

Escapou-lhe, comtudo, á vigilancia o navio *Santo Antonio*. Em uma noite escura, fez-se de vela, e seguiu para Hespanha, onde chegou em 1521, e ahi a tripolação recontava feitos barbaros de Magalhães, para lhe tisnar a reputação e conceito.

Posto que reduzido a tres navios, perseverou Magalhães em sua empreza, continuando a internar-se pelo estreito descoberto, que pelo bramido do mar, alcantilado das margens e solidão das terras, devia antes assustar que provocar a audacia dos mais arrojados navegantes. Tentou,

por vezes, descer á terra; encontrou, todavia, obstaculos que lhe impediram os propositos.

No dia 27 de Novembro, sahiram emfim do estreito percorrido, e acharam-se os navegantes no mar Pacifico. Conseguira, emfim, Magalhães abrir caminho directo para a Asia, sem ter necessidade de dobrar o cabo africano da Boa Esperança! Mandou a justiça que seu nome se applicasse ao estreito, porque fôra o primeiro a marchar para as Indias através da America, e pois o primeiro europeu que commetteu a viagem de circumnavegação do globo. Das Molucas, que decerto devia encontrar, poderia regressar para Hespanha pelo cabo da Boa Esperança. Não havia mais paragens vedadas ao genio. Bartholomeu Dias descobrira o Cabo da Boa Esperança, Colombo a America, Vasco da Gama as Indias, Balboa dobrara as montanhas do Panamá e descortinara o mar Pacifico; Magalhães foi além, pelo estreito rasgou o caminho para a Asia por meio da America!

Que miserias, que fome, que sêde, soffreram, no entretanto, os nautas audaciosos! Nada haviam encontrado para abastecer-se atravessando aquelle estreito percorrido. A aguada estava pôdre, a bordo cozinhava-se com a agua do mar; as provisões estragadissimas; comia-se até o couro dos mastros depois de molhado por muitos dias. Pó era já a bolacha roida pelos bichos. Ratos não appareciam mais; haviam sido todos devorados pelas tripolações. Peixes não se descobria meio de apanhal-os. O escorbuto que se declarara nas tripolações augmentava ainda as calamidades da situação.

Não cedia, porém, o chefe. Que lhe importava a idéa adoptada pela mór parte dos seus officiaes de dar-se a viagem por finda, e voltar-se para Hespanha?

Obstinava em chegar ás Molucas, quaesquer que fossem as desgraças que supportasse.

Devia-se abandonar o fim para que se constituira a expedição, quando agora proximo estava o momento de alcançal-o com mais alguma resignação e paciencia?

Segundo os calculos de Magalhães, deviam as opulentas Molucas jazer ao noroeste das bocas do Estreito. Por esse rumo dirigiu-se, e após attribulada navegação ainda, mostrou-se-lhe aos olhos repentinamente um archipelago de ilhéos,que por inesperados elle denominou "Ladrões". Divisavam-se arvores, morros e enseadas proprias para descanso dos navegantes. Lançou ao mar as lanchas, escolheu gente de capricho e mandou buscar á terra aguada e mantimentos.

Chegaram antes, porém, que partissem as lanchas, quantidade consideravel de canoas, carregadas de indigenas, que subiram a bordo e começaram a pesquizar quanto encontravam. Foi mister varrer o convés a tiro de espingarda, e repellil-os dos navios ; correram depois as lanchas atrás delles,com ordens de arrazarem-lhes as aldêas quando encontrassem resistencia. Fugiram assustados os selvagens, e em terra abasteceram-se os navegantes de agua pura, de viveres silvestres e de caça que encontraram abundante.

Continuou Magalhães sua viagem e deparou, passando por entre numerosas ilhas, que se appellidaram posteriormente Philippinas, uma que lhe sorriu com aspecto agradavel. Chamava-se Zebú na lingua dos indigenas. Ao approximar-se e lançar a fundo as fateixas, appropinquou-se de bordo uma enorme piroga com mais de 50 homens, e um que se dizia rei subiu a bordo e foi attenciosamente acolhido por Magalhães, que lhes mostrou couraças, capacetes, arcabuzes, peças de artilheria, amedrontando-o com seu poderio e singularidade de armas. Quanta admiração causou no animo do rude selvagem a vista da agulha magnetica, que traçava no empurrar das ondas os caminhos concernentes á certeza das navegações ?

Abriram-se amigaveis relações: concertaram-se ajustes de paz ; desceram tranquillamente á terra os navegantes, e plantaram no sólo a Cruz de Christo e as armas da Hespanha. Visitou Magalhães o interior da ilha para alcançar mais inteiro conhecimento. Notou que viviam os naturaes entre florestas, a cujo seio se abrigavam pendurando ao galho das arvores redes para lhes servirem de leito.

Magalhães depois de ter percorrido o ilhéo, e de convencer-se do caracter pacifico dos habitantes, que se submetteriam facilmente ao jugo da Hespanha, mandou saudar ao som da artilheria o facto do descobrimento desdobrando nos mastros dos navios mil differentes bandeiras que os ornavam encantadoramente, e fazendo resoar em éco marcial as vozes estridentes das tripolações.

Governava a ilha um chefe ou regulo, absoluto na sua auctoridade, que se não esquivou a receber o dominio da Hespanha, receber com os selvagens seus vassallos o baptismo christão, e acceitar a obrigação de pagar um tributo pecuniario aos reis catholicos.

Aventureiro audacioso,teimoso e impavido, crescia Magalhães de exigencias diariamente, com tanto mais razão quanto descobria a molleza de caracter e afiminação dos costumes dos selvagens. Do extremo da humilhação procedem, porém, não raro, resoluções robustas, que resgatam as vergonhas e vingam as injurias. Na ilha de Zebú não encontrou resistencia, mas em outra vizinha que visitou, e que se appellidava Makem,deparou terriveis inimigos, que no entanto o receberam tambem ao principio com symptomas de benevolencia, mas que lhe declararam que não permittiam o desembarque dos navegantes.

Feriram-se alguns pequenos combates oppondo-se pertinazmente os gentios ao desembarque dos castelhanos.

Resolveu então Magalhães de todo subjugal-os; altivo transmontano tratou de lhes dar golpe de mestre, que lhes servisse de lição, e arredasse para sempre de seus espiritos a idéa de opposição e desobediencia.

Mandou que seus soldados se apoderassem, em terra, de cabras, porcos, arroz, milho e farinha em quantidade. Resistiram-lhes os indigenas, oppondo força á força, coragem á coragem, armas á armas. E' o que desejava o orgulho de Magalhães, queria um pretexto para romper hostilidades.

Preparou uma expedição de homens resolutos. Preferiu aproveitar as trevas da noite, afim de não suscitar des-

confianças dos indigenas na execução de seus planos de ataque.

Antes que se manifestassem os primeiros clarões do dia 27 de Abril partiram de bordo lanchas atopetadas de gente bem municiada. Infelizmente com as marés baixas, encalharam as lanchas nas praias, e foi mister que saltassem á agua as soldados afim de tomarem terra. Sessenta acompanhavam Magalhães, dez conservaram-se nas lanchas para as defenderem. Andavam tão desconfiados os gentios que lhe perceberam as intenções e o movimento, e pois apromptaram-se logo para a peleja: em um instante mais de tres mil se reuniram armados de arcos, flexas e massas grossas de madeiras. Cobriram com sua quantidade as praias. Nos cimos mais elevados muitos postaram-se, para dahi dardejarem suas settas contra os navegantes que conseguissem desembarcar em terra.

Não tinham ainda os hespanhoes sahido do mar que circumda as praias e já ahi mesmo dentro das aguas, eram atacados resolutamente pelos indigenas. Choviam as settas sobre os capacetes e couraças dos castelhanos, não os rompendo todavia e nem abalando. Descarregavam os hespanhoes suas espingardas e seus arcabuses, e mais certeiros e efficazes os favoreciam os tiros. Morriam muitos indigenas que eram por outros substituidos immediatamente e mesclavam-se as aguas do mar com sangue, atterrando estrondosos alaridos e o som funebre das armas de fogo.

Astutos mudaram de alvo os gentios; em vez de apontarem ao corpo ou a cabeça de seus contrarios, enviavam as settas ás pernas, que indefesas, sangravam logo, e muitas das flexas continham peçonha nas pontas.

Tornou-se então egual a peleja; rivalisavam gentios e castelhanos na valentia e tenacidade. Cada vez crescia, porém, a mó dos indigenas, e as ondas espalhadas produziam horror, precipitando-se sobre esses homens, que no seu seio combatiam desesperadamente.

Não podiam os castelhanos chegar ás praias. Eram constantemente d'ellas repellidos e obrigados a entranhar-

se cada vez mais no mar, que os rodeiava. Não desanimava, comtudo, Magalhães; encorajava seus soldados, pelejava com calor extraordinario. Approximavam-se no entanto e progressivamente os gentios. Uma setta feriu a perna de Magalhães e inundou-o de sangue. Logo após atreveu-se um gentio a pôr-lhe a mão no hombro. Enterrou-lhe Magalhães immediatamente ao corpo a lança que manejava com pericia, bem que cercado por muitos outros gentios.

Tentou em vão Magalhães arrancar a lança que penetrara no peito daquelle que ferira para manobral-a contra os novos inimigos. Não conseguindo executar seus designios, desembainhou a espada e bateu-se como guerreiro esforçado. Crescia, no entanto, em torno delle, o numero dos adversarios: varias settas sangraram-lhe de novo as pernas. Gritou por soccorro: mas, antes que lhe acudissem os companheiros, cahiu e envolveu-se em um lamaçal de lodo e sangue, em que as aguas se tinham convertido. A gritaria victoriosa dos indigenas horrorisava.

O dia esclarecera. O sol rasgava as nuvens e inundava de luz a atmosphera. Perceberam então os hespanhoes seu perigo, não ouviram ou não attenderam á voz que ainda lhes dirigia Magalhães, envolvido nas vagas, reclamando soccorro. Precipitàram-se para as lanchas, abandonando o chefe heroico. Mais da metade morreu aos golpes dos gentios: salvaram-se a bordo dos navios os que lograram passar-se para as lanchas.

"— Assim pereceu o nosso guia — diz Pigafeta no seu roteiro — Assim nossa luz e nosso amparo."

As equipagens dos tres navios castelhanos, perdido o chefe, nomearam capitães a Barbosa de Sevilha e a Antonio Serrão. Largaram immediatamente daquella ilha e regressaram para a primeira, cujos habitantes lhes haviam sido tão propicios. Percebendo-os, porém, fracos, mudaram os de Zebú suas disposições. Armaram ciladas e assassinaram barbaramente Barbosa, Serrão e muitos companheiros que ousaram desembarcar. O resto dos castelhanos foi

compellido a fugir e seguiu desordenado para as Molucas marcadas na carta geographica de Magalhães. Não passavam já de 80, segundo o roteiro da Academia, posto que João de Barros ainda eleve o numero a 100. Não tendo sufficientes praças para tripolarem os tres navios, queimaram o *Conceição* e dividiram-se pelos dois restantes.

A 6 de Novembro de 1521 chegaram emfim as Molucas, que fôra o alvo de Magalhães. Descoberta a terra e reconhecida, resolveram os commandantes dos dous navios regressar para Hespanha, a prestarem contas da expedição. Divergindo de parecer no tocante a rota para o regresso, seguiu para Malaca o navio *Victoria*. D'ahi pelas costas africanas, e dobrado o cabo da Boa Esperança, logrou attingir o porto de S. Lucare rever o sólo de Hespanha. Era seu commandante Sebastião del Cano. O segundo navio porém, o Trindade, enveredou pelo mesmo caminho que o levara para ás Molucas, errou e vagou longos mezes pelo Pacifico, sem poder descobrir o Estreito; foi obrigado a voltar para as Molucas, e ahi naufragou miseravelmente, salvando-se poucos tripolantes.

Curioso é ainda saber que os dous redactores e narradores da infeliz viagem voltaram para Hespanha em epocas diversas.

Embarcara Pigafeta a bordo da *Victoria*. Soffrera muito mais que elle o desconhecido auctor do roteiro publicado pela Academia de Lisboa.

Naufragara com o navio *Trindade*.

Das Indias, onde conseguiu aportar depois de trabalhos inauditos, logrou seguir para a Europa e pôde então escrever sua viagem.

Foi Magalhães, portanto, quem executou a primeira viagem á roda do mundo, sem que a terminasse, por haver sido assassinado em uma ilha do grupo das chamadas Philipinas. Alguns de seus companheiros, porém, a concluiram e voltaram para Hespanha em 1522, após tres annos e alguns dias de ausencia.

Dous terços dos tripolantes morreram afogados pelas ·s maritimas, trucidados pelos indios selvagens ou em sequencia de molestias adquiridas.

A idéa do chefe, no entanto, cabalmente desempenhara-se.

Cêrca de meio seculo depois effectuou felizmente, e m notaveis accidentes, o famoso navegante inglez Drake segunda viagem de circumnavegação do globo, passando, o pelo estreito de Magalhães, mas pelo cabo de Horn, ponta meridional americana.

D. Sancho II, Rei de Portugal

No anno de 1823 baixou ao sepulchro D. Affonso II, o de D. Affonso Henrique, que fundara o reino de tugal e legara-o a sua descendencia.

Affonso II gastara seu tempo em luctas e conflictos o clero e com a nobreza. Doara seu pae Sancho I, ibulado pelas superstições religiosas e pelos sustos da rte, á fidalguia, aos bispos e prelados do reino bens im-antissimos; reconhecera-lhes privilegios consideraveis baixara perante as duas classes beneficiadas o prestigio propria corôa.

Occupou-se Affonso II em annullar os actos paternos e despojavam o throno de direitos e regalias que lhe iam. Rebentou rixa crespa ininterrupta, quando pelo ebispo de Braga, Estevam Soares, foi o rei excommun-lo e o reino declarado em interdicto.

Teria Sancho II trese annos de edade ao fallecer seu e e ao ser reconhecido e acclamado rei de Portugal. Conti-aram os antigos conselheiros a governar o reino rante a menoridade.

Prohibiu o orgulhoso arcebispo que Affonso II fosse terrado em sagrado, pois que a excommunhão da egreja o via fulminado!

Amedrontaram-se os tutores do principe e os regentes reino; faltava-lhes a auctoridade de um monarcha para ostar as iras e resoluções do clero, representado pelo

arcebispo. Propuzeram accommodações. Aceitou-as o arcebispo e chegaram a accôrdo, que escreveu-se e assignou-se. Pagaria o thesouro immediatamente a quantia de trinta mil morabidis de ouro, para serem distribuidos pelo arcebispo, varios bispos e ecclesiasticos; depositaria nas arcas da Sé de Santa Cruz de Coimbra mais vinte mil destinados á indemnização de egrejas e mosteiros que se considerassem lesados pelos actos do rei finado, e conforme os bispos julgassem suas pretenções e direitos: ordenaria o governo processos e castigos rigorosos contra os magistrados e empregados regios apontados como instrumentos de perseguição contra o clero. Por seu lado levantava o arcebispo a excommunhão de Affonso II e o interdicto do reino.

Pode-se dizer que o arcebispo não ajustara pacto, humilhara a corôa, pois que não cedera por sua parte senão o levantamento da excommunhão e do interdicto para que o rei pudesse ter sepultura sagrada e os officios divinos continuassem a ser celebrados em Portugal, emquanto que o governo civil desistira de todas as prerogativas, até então sustentadas energicamente pelo monarcha anterior.

Não satisfeito o arcebispo, exigiu ainda e obteve effectivamente concordata especial explicando os limites da auctoridade da corôa no tocante á pessoa e bens de ecclesiasticos; determinando que não interviria o governo em processos e castigo que os bispos decretassem dentro em suas dioceses; que não se apoderaria de sés vacantes; que prestaria seu braço para execução material das sentenças ecclesiasticas, e respeitaria os privilegios de que a egreja considerava-se de posse.

Poderosissimo era o clero de Portugal em propriedades rusticas, numero de vassallos, castellos, mosteiros e cidades; influia tambem e muito sobre os animos dos povos pelas armas da egreja; que consciencia podia arcar com as ameaças e raios da excommunhão? Geral a ignorancia, barbaros os costumes, crenças fanaticas, numerosas superstições, dependencias do clero para todos os actos da vida e para a

lvação das almas no outro mundo: que restava senão a ais completa subserviencia?

Lograra Affonso II reprimir muitas vezes os excessos a turbulenta fidalguia e as pretenções exageradas dos am- ciosos prelados. Não travaram mutuamente rixas e com- tes mortiferos? Não viviam os nobres em constantes eitos, degladiando-se, trucidando-se, roubando-se terras e opriedades? Não traziam as classes médias e baixas errorisadas, perseguidas, espoliadas, martyrisadas? No io do clero não se renovavam egualmente luctas e con- ctos? Aproveitava-se ardilmente Affonso II dessas di- ergencias e mais ou menos incolume mantivera a auctori- ade régia. Conseguira serenar de alguma maneira os hori- ntes com suas politicas combinações, ora attrahindo á sa nobres contra o clero, ora interessando o clero ntra os fidalgos.

Attingira Sancho II a edade de dezessete annos, e a opensão do seu espirito, a natureza do seu caracter, o re- elavam pouco affeiçoado aos negocios politicos, inclinado, davia, e muito, para as guerras. Exigiu de seus tutores llocar-se á frente de soldados, e partir contra os mouros, mando por exemplo o rei vizinho de Leão e Castella Fernando III, que augmentava diariamente seus estados, mpenhando-se em invasões dos vizinhos.

Não puderam tutores e regentes repellir-lhe desejos ue tão religiosos como patrioticos se manifestavam.

Depois da quéda do califado arabe de Cordova, di- vidira-se a peninsula musulmana em diversos pequenos e variados estados independentes, que fundamente se odiavam e perpetuamente se combatiam. A guerra civil em que os mouros se empenhavam constituia-os fracos perante os christãos, bem que estes egualmente não formassem uma unica nação. Leão unido á Galisa, Asturias e Castella por um lado, Navarra por outro; o novo reino que se fun- dara no seculo XI no Aragão, comprehendendo a Cata- lunha; e no extremo occidente o de Portugal devido a Af- onso Henrique, formavam quatro nações autonomas que

podiam arcar, felizmente, com as hostes musulmanas, separadas por odios e interesses, como abatidas de in tancia pelas suas brigas e alvorotos.

Valiam aos mouros de quando em quando socc dos bereberes da Africa, que punham então na Hesp cobro ás brigas, depunham velhos chefes, nomeavam n e obrigavam-n'os a concentrar forças, com que pude ainda ganhar victorias contra seus inimigos.

Rolava já, portanto, sacudida e dispersa a onda n sulmana: e cada anno, cada mez e cada dia que decorr recuperavam os chistãos territorios, e augmentavam quistas.

Começou Sancho II suas campanhas pelas prox dades do rio Guadiana; assaltou e apoderou-se de E ninho de aguias pendurado de um outeiro, pittores aspecto e defensavel pela natureza.

Nos encontros com os mouros, atirava-se denod mento ao meio das hostes, atravessava, intrepida e t rariamente, váos perigosos, escalava muralhas, e mos valentia e arrojo, que lembravam aos portuguezes o bisavô Affonso Henriques.

Após Elvas domou Jurumenha e recolheu-se vi rioso para Coimbra.

Tomou, bem moço ainda, as redeas do governo, s declarado em exercicio da auctoridade soberana por m dos louros de guerreiro que adquirira, e com que imp respeito e admiração a todos os vassallos.

Iniciou a administração interna, deixando se g pelos ricos homens que haviam merecido a confiança d pai e que cuidaram em levantar o influxo civil do gove já tratando de cohibir rixas e violencias da nobreza, já mando a deveres civis os ecclesiasticos e empregados do que se evadiam ao respeito e obediencia devidos á co

Nobreza e clero não abriam mão, todavia, dos dir de que se tinham investido; levantaram, pelo contra grande celeuma contra o rei e suscitaram-lhe desde logo posição decidida.

Não se importou Sancho II com as resistencias manifestadas.

Pouco adaptado para o governo civil, faltavam-lhe ainda as qualidades de energia moral de seu pai e inspirava-o demasiado fervor religioso.

Para as guerras e conquistas é que fôra talhado pela natureza.

Bravo, arrojado, temerario, ninguem ahi lhe disputaria superioridades.

No tocante ao governo interno confiava aos seus conselheiros, que nem sequer acertavam nos actos que praticavam.

O qne ambicionava Sancho II era augmentar os territorios de seu reino, apoderando-se dos Algarves que ainda os mouros occupavam. Communicou os seus intentos ao Papa Gregorio IX, que approvou-os enthusiasticamente: não equivalia a guerra de christãos da peninsula Iberica ás cruzadas que partiam para o Oriente, e que na Palestina tratavam de exterminar musulmanos e estender a auctoridade da Egreja de Roma?

Não eram egualmente os mulsumanos que possuiam a melhor e a mais bella parte das Hespanhas: Valencia, Murcia, toda a Andaluzia, os Algarves e os centros das Extremaduras e de Castella?

Fortalecido com o assentimento do Pontifice, ordenou Sancho II que pegassem em armas quantos moradores validos existissem no reino e que tomassem a farda nobres, ecclesiasticos, e o acompanhassem para combater mouros. Arrastaram-se alguns nobres pela cobiça, esperando grangear riquezas, e confiando na valentia e temeridade do joven rei, alistaram-se nas fileiras do exercito que se preparava, levando comsigo seus vassallos. Bastantes, porém, mostraram-se recalcitrantes ao convite do monarcha. Os bispos e cleros protestaram qne eram violados seus privilegios e as regalias da Egreja. Collocou-se á frente dos ecclesiasticos o arcebispo de Braga, e accusou o rei de arbitrario e despota Formularam os bispos queixas para Roma, requerendo que

a Curia os sustentasse na contenda suscitada. Allega que os vassallos da Egreja, pela profissão, pelos car. titulos de que se achavam revestidos, ou pela residen... logares, que lhes pertenciam como feudos, não podiar recrutados, e nem distrahidos de seus serviços nor: para emprezas de guerra, suscitadas pela cobiça de monarcha tão joven quanto tresloucado.

Como protegia Sancho II as ordens militare... Templarios e Hospitaleiros, que se tinham em Port estabelecido, considerou-se fortalecido, não se impo com as reclamações do clero, e obrigou todos os p guezes a empunhar as armas, e a partir para a gu declarando-a religiosa.

Publicaram os bispos que castigariam com os r da Egreja quantos obedecessem ao rei: deu-se por of dido o irmão de Sancho, o infante D. Affonso, que to dores pela causa do clero.

Abandonou Portugal acompanhado por muitos fi gos,e recolheu-se á França, confiado na protecção da rai parente Branca de Castella, mãi de Luiz IX.

Partiu, comtudo, Sancho II para a guerra acom nhado de leva sufficiente de soldados, enveredou pela m gem direi.a do rio Guadiana, e penetrou nos Algaves, pertenciam aos mouros.

Cobria-se o rei com o capello proprio do instituto penitencia de frades menores, instituido pelo arden ascetico espirito de Francisco de Assiz, e por isso deu-se o nome de Sancho-o-Capello. Com as ordens milita ás quaes doava, acabado o prelio, territorios e cidades; c os fidalgos que lhe seguiam as bandeiras e que for tambem generosamente remunerados, com valentes solda arrostava todos os perigos. Mouros fugiam-lhe, transi de susto; cidades e povoações, que assaltasse, abriam-l as portas incontinente.

Enumeram-se nos annaes portuguezes muitas lo lidades que curvara o seu jugo. Cahiram em seu pod transpostas as serranias de Monchique, Aljustrel, Tavi

ncella e Ayamonte chegando até ao mar na foz do Guadiana.

Não descontinuaram, no entanto, os bispos de indis-...-lo com o Papa e com a curia remana; nada ousavam ...aticar no reino, porque assustava e continha alvorotos e ...njurações a nomeada, a gloria, os triumphos adquiridos ...lo rei nas execuções mitliares.

Era o Papa Gregorio IX nonogenario; conservava, ...lavia, lucidez de espirito e preferia conciliar interesses ...postos com moderação e prudencia; ora continha os ...spos defendendo e sustentando o rei que ganhava tantas ...atalhas contra os inimigos do christianismo, ora admoes...ava o monarcha, para que respeitasse as regalias da ...greja, comquanto não poupasse indulgencias para quantos ...lejavam contra os mouros.

Decorreram varios annos em combates, até que fatigado ...ancho de pelejas, ou porque lhe faltassem recursos para ...ontinuar, pois que os emirs do Algarves e da Andaluzia ...haviam recebido auxilios poderosos da Africa, julgou prudente recolher-se á Coimbra e dedicar-se aos trabalhos da administração publica e á paz domestica.

Não se conhecia então exercito arregimentado e dici...plinado. Terminadas as guerras, dissolviam-se as hostes, e cada um procurava occupação no campo, nas cidades, nos ...mosteiros, nos paços dos reis, dos bispos e dos nobres. Appellidavam-se ás armas e alistavam-se voluntaria ou ...orçadamente quando se tratava de novos prelios e luctas, provocadas pelos animos ardentes do rei e dos caval...leiros.

Aproveitaram-se os bispos da paz para offenderem com mais certeza os creditos do monarcha. Juntavam-se em conciliabulos, em Lisboa e no Porto, afim de concer...tarem planos e dirigirem a campanha encetada contra Sancho II. Serviam-se de todas as circumstancias que favo...recessem suas causas, cobrindo-as já com o manto sagrado da religião, de que se diziam exclusivos defensores, já com o pretexto de arbitrariedades civis, desmandos administra

tivos, violencias insensatas, convertendo-se elles em pr tectores dos povos que propalavam esmagados pela cru dade, attribuida ao monarcha quando mais aos ministr se deveria applicar.

Sob este ultimo aspecto certo era, infelizmente, que governo dos ministros do rei, ou por vontade capricho- ou por ignorancia e cegueira, offerecia vasto campo pa. graves accusações. Que esperar de homens, que não pert ciam á classe ecclesiastica, unica quasi da época que sabia l e escrever, e que mais ou menos se illustrava com estud reguregulares? Não eram raros os livros e todos elles m nuscriptos? Não os possuiam exclusivaemente os mo teiros e abbadias? Não custeiava unicamente a order ecclesiastica escolas para os que abraçassem a profissão d sacerdocio? Onde então funccionavam en Portugal aula afóra as das ordens ecclesiasticas?

Sagazes, e mais ou menos illustrados eram os padres d Egreja; ignaros e despidos de toda a instrucção os reis, o nobres, as classes médias, e a arraia miuda. Nas luctras d vida vence sempre a intelligencia; esmagam-se os pobre de espirito.

Convem egualmente accrescentar que não havia ainda em Portugal escolas do idoma nacional, ou vulgar que, era o gallego, que se ia, todavia, modificando com o tempo, com as communicacões dos normandos, flamengos e arabes com a independencia nacional, e com o conhecimento da lingua latina, base fundamental dos idiomas, differente de algum modo uns de outros, e que se falavam na peninsula iberica. Era ainda uma linguagem rustica, bem que se considerasse mais apropriada á poesia que a castelhana. inferior, todavia, á catalã ou proençal.

Era latino o fundo, differentes as formas: a analyse substituia a synthese. A ausencia de subtilidade no espirito dos peninsulares causava inflexões de dissinencias, e empregava artigos em vez da formosa elocução romana.

Aulas de latim possuiam os mosteiros e as abbadias: empregava-se a lingua romana, bem que já deturpada e

corrupta, nos tribunaes, nos cartorios de tabelliães, nos escriptos da administração, no serviço da Egreja. No uso domestico e particular é que se falava o idioma nacional.

Como exigir desenvolvimento de intelligencia, conhecimentos litterarios ou scientificos das classes plebéas e até nobres?

Encerrava-se, pois, o saber nos claustros, nas abbadias, nos empregados da Egreja.

Resolvido Sancho II a casar-se, escolheu para consorte Mencia de Haro, filha do senhor da Biscaia, e parenta sua remota. Pintam-n'a as tradições como espirito insinuante, e formosura notavel. Viuva de um nobre castelhano, enfeitiçara o rei com seus olhares de fogo, suas maneiras delicadas, e suas palavras encantadoras. Não a estimava o vulgo, porque a considerava de estirpe inferior á do monarcha. Emprestava-lhe o espirito da época artes diabolicas com que submettia a vontade de Sancho. Fazia pezar sobre sua reputação graves manchas, e bellicoso como era o povo, e inimigo entranhavel de mouros, attribuia a inacção a que o rei agora se entregava ás fascinações exercidas pela consorte.

Concorreu efficazmente para diminuir a auctoridade de Sancho um conflicto que se travara por causa da eleição do bispo de Lisboa. Disputavam a mitra dous candidatos, um predilecto da côrte, e o outro, que era o deão do cabido, inteiramente dedicado ao clero. Nomearam os capitulares, por maioria de votos, o segundo concurrente, emquanto que a minoria do capitulo procedera a eleição do primeiro em local separado.

Tomou a peito o infante D. Fernando, irmão mais moço do rei, coagir o deão a ceder o campo ao seu adversario. Acompanhado de homens de armas assaltou a casa em que o deão residia, arrasou-a depois de destruidos os utencilios e alfaias, e afugentou da cidade o deão e seus parentes e mais declarados partidarios.

Deu brado o feito violento do infante. Exagerado pelos sectarios dos bispos, prestou armas para se molestar

o rei, que entretanto reprehendera o irmão e lhe exigira prestasse plena satisfação á Egreja. Foi o infante excommungado pelos prelados, e o rei ordenou-lhe partisse para Roma e supplicasse absolvição do Papa. Por seu lado, Sancho esforçou-se em praticar actos de satisfação aos prelados, que mais os animaram em seus designios de precipital-o na abjecção.

Cedeu de regalias da corôa, e impoz ao mesmo tempo ao irmão maiores dissabores. Perdia forças que lhe tinha a guerra adquirido.

Finara-se, no entanto, no correr de 1241, o Papa Gregorio IX, contando 97 annos de edade e 14 de governo da Egreja.

Librara em tormentosa lide contra o imperador Frederico II da Allemanha, Napoles e Sicilia. Vira-se constrangido a excommungal-o; elle, porém, resistira aos raios da Egreja, e obstara por fim que se reunisse em Roma um concilio convocado pelo Papa, ordenando a prisão dos bispos e sacerdotes, que obedeceram ao chamado do Pontifice. Mortificara-se Gregorio IX ao saber a noticia do feito praticado por Frederico II, e affirmam os escriptos da Egreja que morrera de desgosto, supposto pareça mais verosimil que o levasse á sepultura sua adeantadissima edade.

Depois de um pontificado de poucos dias de Celestino IV, elegeu o conclave dos cardeaes reunidos em Roma um sacerdote de familia genoveza, que tomou o nome de Innocencio IV.

Fôra elle um valido de Frederico II, que o protegera quando simples padre e devia-lhe sua nomeação para a cadeira de S. Pedro, empenhando-se fortemente Frederico em seu favor com os cardeaes do conclave.

Pontifice, porém, olvidou as obrigações contrahidas: preferiu os interesses ecclesiasticos á gratidão, e não tardou em iniciar luctas contra Frederico II.

Armou-lhe o imperador uma cilada na cidade de Castello, intentando prendel-o e coagil-o a submetter-se á

sua auctoridade. Milagrosamente escapou o Papa, e conhecendo que não tinha segurança em Roma, e nem na Italia, partiu inopinadamente, seguiu por caminhos agrestes, logrou chegar a Genova e d'ahi enveredando pela Cornixa, penetrou em Lyão, cidade de França que dependia de seu arcebispo e lhe garantia asylo seguro.

Estabelecido em Lyão convocou Innocencio IV um concilio de prelados, no intuito de fortalecer-se com o apoio dos bispos catholicos, contra as perseguições de Frederico.

De caracter violento e de espirito imbuido das doutrinas de Innocencio III, cujo nome tomara, porque preconisava e sustentava a supremacia dos Papas sobre todos os monarchas da terra, e intervinha em assumptos civis e temporaes, como superior juiz, manifestava-se Innocencio IV resolvido a abraçar e defender todas as questões e interesses do clero, das ordens e dos empregados ecclesiasticos contra as pretenções dos leigos.

Nada havia o clero portuguez alcançado de Gregorio IX; depositou suas esperanças em Innocencio IV, a quem logo os bispos se dirigiram, solicitando-lhe auxilio contra Sancho II. Para Lyão partiram alguns prelados diocesanos, desejosos de angariarem as boas graças do Pontifice, e insinuarem-lhe no animo indisposições no tocante ao procedimento do rei de Portugal.

Não lhes foi difficultosa a empreza. Acolheu-os, ouviu-os e attendeu-lhes as vozes o novo Papa, que expediu incontinente a Sancho II uma bulla de reprehensão e ameaças, quando não reparasse plenamente os males causados, de que o clero se queixava.

Esquecia-se do quanto Sancho havia alargado o dominio da egreja catholica, conquistando terras de musulmanos, povoando-as de christãos, sustentando as ordens militares e protegendo as dos frades mendicantes, que eram perseguidas pelos bispos portuguezes.

Aproveitou-se egualmente das circumstancias o infante D. Affonso, irmão do rei, e que, depois de serviços militares prestados á França, desposara a princeza Mathilde,

viuva de um filho de Felippe Augusto, e fôra agraciado com o condado de Bolonha. Representou o infante ao Papa que o rei consorciara-se com uma parenta, sem haver obtido todas as dispensas regulares da Egreja, e implorou de Sua Santidade decretação de nullidade do casamento. Temia-se de que Sancho II obtivesse filhos de D. Mencia de Haro, e que o throno de Portugal lhe escapasse deante de herdeiros directos, quando o infante considerava-se herdeiro presumptivo, na falta de prole de Sancho.

Não trepidou Innocencio IV em intrometter-se no assumpto. Commissionou os bispos de Astorga e Compostella para syndicarem dos impedimentos ácêrca do parentesco allegado, para sentenciarem a causa, e quando annullassem o consorcio, ordenava-lhes que não admittissem embargos ou appellação que de seus julgados o rei interpuzesse.

Não tardou em ser proferido accórdam de nullidade do casamento de Sancho II, bem que se provasse que o parentesco, além de oriundo de bastardia, era tão remoto, que quasi se não podia descobril-o.

Emquanto se passavam estes acontecimentos, conseguiam os bispos que o Papa, sob o pretexto de vexatoria administração civil, e de costumes desregrados do monarcha, resolvesse destituil-o do governo de Portugal, e transferil-o a delegado seu, considerando o reino portuguez feudo da Egreja, conforme se estipulara no reconhecimento de Affonso Henriques, ao acclamar-se independente de Leão e Castella.

Assentada a deposição de Sancho II, escolheu o Papa para substituil-o na auctoridade suprema o irmão D. Affonso, residente em Bolonha.

Partiram de Leão bispos portuguezes, auctorisados pelo Papa, afim de entender-se com o infante e assignar convenções condicionaes que resalvassem os direitos da Egreja.

Encontraram-se em Pariz. Achavam-se com o infante varios fidalgos portuguezes : explicou-se o plano da deposição de Sancho II, e da nomeação de Affonso para regente

Portugal. Quando aceito pelo principe, cumpria-lhe sair para Portugal, e derribar do throno o irmão mais lho, levando em suas mãos a bulla pontificia, que lhe va os poderes necessarios.

Nada seria mais agradavelmente ao ambicioso inte. Acceitou todas as condições que exigiram os mensaros do Papa; assignou com elles, e com fidalgos portuzes de sua parcialidade, escriptura solemne, em que ometteu revogar as prohibições vigorantes no reino de o poder o clero adquirir por compra bens de raiz; não pôr tributos em propriedades rusticas e urbanas dos predos, abbadias, mosteiros e irmandades; respeitar as pesas ecclesiasticas, ou ligadas por qualquer laço á Egreja; stentar a jurisdicção dos sacerdotes nas questões, quer vis, quer ecclesiasticas em que contendessem; indemnizar confrarias e prelados, pelas perdas que o procedimento e ecretos de seu irmão haviam causado; abolir todos os bstaculos para acquisição de bens pelo clero; perseguir que fossem excommungados; e conservar-se fiel e subisso filho e subdito do Pontifice. Não se contentaram os ispos com sua assignatura no pacto; coagiram o infante jurar o compromisso aos Santos Evangelhos.

Não assistia razão ao poeta Dante Alighieri para, na ua admiravel epopéa, appellidar a curia romana de lôba aminta?

Para Portugal seguiram logo fidalgos e delegados dos bispos, afim de communicarem os factos, e promoverem a revolta dos subditos contra seu rei, D. Sancho II, deposto do throno pelo Pontifice romano.

Publicou o Papa no entanto em concilio a bulla que confirmava a excommunhão de Frederico II, declarava-o deposto da corôa, e ordenava que a dieta dos eleitores germanicos nomeasse successor ao throno. No mesmo anno de 1245 publicou egualmente a outra bulla, que tirava a Sancho II de Portugal o governo do seu reino, e nomeava como regente seu irmão, o infante D. Affonso.

A primeira não foi obedecida pelos allemães nem

pelos mesmos italianos; e o Papa não pôde regressar p· Roma e nem para a Italia emquanto viveu Frederico . que continuou a reinar livremente.

Sorte diversa teve todavia a bulla referente a Port gal, e é a de que passamos a tratar agora.

Estabelecendo como principio inconcusso de dire canonico que cabia aos Papas o dever de fiscalisar o pro dimento dos reis, afim de firmarem a moral e os bons c tumes, depondo aquelles que se mostrassem indignos e i capazes de governar, declarava ainda a bulla pontificia q sendo Portugal feudo da Egreja Romana, cabia á Santa destituir do exercicio da auctoridade D. Sancho II, e n mear quem tomasse conta do reino : escolhia e elegia infante Affonso, irmão do monarcha deposto, por s presumptivo herdeiro, visto não haver prole directa Sancho II.

Ao espalharem-se em Portugal as noticias das re luções pontificias, dividiram-se os povos ; os que eram i fluenciados pelos bispos e pelos nobres descontentes d côrte prepararam-se para receberem o infante com todas honras devidas a seu cargo de regente do reino e coadj val-o na missão decretada pelo Papa ; muitos fidalgo porém, ordens militares e populares resolveram resistir á execução da bulla e sustentar com denodo o rei, que tanto louros ganhara em combates contra mouros, tantos territo rios e cidades conquistara para seu reino, e que se prepa rava naquelle momento para continuar guerras que liber tassem os Algarves que ainda restavam em Portugal per tencentes aos musulmanos.

Tratou Sancho II de oppôr resistencia aos conspirado res suspendendo a guerra contra os mouros. Confiou cas tellos e praças a subditos valentes e rodeou-se de amigos dedicados.

Seguiu, no entanto, o infante D. Affonso, á frente de francezes e fidalgos portuguezes. Embarcado em navios, que o governo francez benevolamente prestou-lhe, penetrou no rio Tejo, subiu-o, tomou posse de Lisboa em 1245, sem

que ninguem ousasse affrontal-o. Era o bispo poderoso na cidade, e preparou-lhe recebimento amigavel e enthusiastico.

De Lisboa, augmentado em força, que seus partidarios lhe obtiveram, foi estendendo seu dominio para o centro do reino.

Não se conservou inactivo Sancho II. Varios rencontros se travaram; combates pertinazes feriram-se. Dividiu-se o reino pelos dois irmãos. Mostravam-se ambos valentes e pertinazes nas suas luctas.

Contrariadas são as chronicas e tradições do tempo. Para uns escriptores, sustentava-se com vantagens Sancho, e D. Affonso, para outros, levava sempre de vencida seus adversarios.

Espantara, no entanto, um acontecimento grave, um attentado inesperado, um facto estrondoso. Grupos de fidalgos adherentes á causa de D. Affonso, e capitaneados por um irmão do arcebispo de Braga, chamado Raymundo Viegas de Porto Cabello, ousaram, em uma noite escura, penetrar em Coimbra e assaltar os paços, onde estava recolhida a rainha D. Mencia de Haro. Levaram de vencida os defensores do palacio, arrancaram dos aposentos a consorte de Sancho II e recolheram-n'a á villa fortificada de Ourem, e ahi a deixar em plena liberdade.

Ainda a respeito do evento realizado, contradizem-se os annaes, as chronicas, as tradições, tanto portuguezas como hespanholas.

Descrevem as scenas os parciaes de D. Affonso como combinada entre a rainha e os seus raptores.

Pretendem assim nodoar mais ainda a memoria de D. Mencia, tão suspeitada já de infidelidade quando consorte do rei D. Sancho.

Affirmam outros escriptos que a violencia dominou, e que a infeliz senhora soffrera insultos e desacatos

Não pôde falhar tambem a legenda, que para tornar pittoresca a situação, assegura que ella estava em companhia do rei, e que Sancho, aterrorisado e surprehendido, não

ousara oppôr-se ao acto execrando, deixando-a arrebatar de seus braços.

Esqueceu-se, porém, seu inventor que a historia verdadeira garante que Sancho combatia então, longe de Coimbra, não prevendo, sem duvida, sinistro tão inesperado, e que estava confiada a guarda da rainha e dos paços a um favorito, por nome Martim Gil de Saverosa, que, se não trahio, pelo menos mostrou-se indigno dos favores de seu amo.

Certo é, todavia, que a liberdade que em Ourem foi concedida a D. Mencia e onde ella viveu tranquillamente rodeada sempre de parentes e amigos, apresenta indicios vehementes de que acompanhara seus roubadores por vontade, e não fôra raptada no sentido restricto da palavra.

Persistia a lucta, e cada um dos contendores considerava-se habilitado para cantar o triumpho. Lembrou-se Sancho de que o rei Fernando III, de Castella, reprovara a bulla pontificia e não admittia o direito do Papa de depôr reis da terra. Deixando em ordem seus negocios de Portugal, correu a Toledo, e conseguiu que o rei incumbisse o infante seu filho de coadjuvar o monarcha legitimo.

Dirigiu-se, de feito, para Portugal o infante castelhano que acabara guerra gloriosa na Murcia. Ao pisar terras da Guarda apresentaram-se-lhe emissarios do arcepisbo de Braga e do bispo de Coimbra, mostrando-lhe uma monitoria pontificia que ameaçava de penas de excommunhão a todos que amparassem a causa de Sancho II, quaesquer que fossem suas gerarchias.

Não amedrontou-se o infante, e seguiu para Leiria. Ou percebendo que perdida estava a causa de Sancho, e que apoucadas forças trouxera do Castella, ou como referem alguns chronistas, atemorisado por missiva do Papa, certo é que regressou para Hespanha, abandonando o seu protegido.

Achou-se, pois, Sancho reduzido aos recursos que seus amigos lhe prestavam no reino.

Luctou, todavia. Luctou, porém, com egual tenacidade alentia, seu irmão, mais ambicioso, e que era despido iramente de escrupulos e de qualidades moraes e nobres.

Renhidas pelejas, continuadas escaramuças succem-se. Ora tomava um dos dous qualquer praça ou cas-; não tardava o contrario em reivindicar sua posse. avuras não faltavam de uma e de outra parte, e Sanо II provava que, apezar das superstições e prejuizos da ca, apezar do terror que produziam as excommunhões tificias, amigos e parciaes contava ainda e em numero nsideravel.

Cançado por fim Sancho II e sobretudo offendido momente pelo rapto da consorte, de quem se relembrava nstante e enternecidamente, resolveu abandonar o reino etirar-se para um asylo, que o garantisse contra o irmão. eixou Portugal, encaminhou-se para Toledo e recolheu-se paços do arcebispo, decidido a ahi acabar seus dias de la. Um anno se não terminara e já finava-se o desgrado monarcha quasi no abandono.

Não se assenhoreou Affonso todavia de todo o reino Portugal, pelo facto de haver-se para Hespanha retido Sancho II. Resistiram-lhe ainda varios castellos nfiados a valorosos soldados, que se conservaram fieis ao durante sua ausencia do theatro da guerra.

Despendeu muito tempo em corromper a uns, reduzir fome outros, que mantinham em fidelidade os castellos e aças. Sabiam seus defensores que Sancho II abandonara lucta, que Affonso estava senhor de todo o reino, mas conderavam dever de cavalheiros não entregarem os castellos em que Sancho o ordenasse.

Com as novas da morte do rei, conseguiu então Affonso apoderar-se de todo o reino.

Varias tradições e muitas lendas se formaram, que demonstram a tenacidade do partido de Sancho II e os costumes cavalheirescos da época.

Não ha logar, neste curto ensaio, para relatar quantas se propagaram e quantas achavam credito, e ainda actual-

mente o conseguiram de escriptores pouco criteriosos. I:
rimo-nos apenas a uma tradição, mais que as outras n
vel e digna de attenção. Não lhe asseguramos a veracid
historica ; bem que a narração não ultrapasse os limite
verosimilhança em presença das idéas da época.

Quando a aventura se não verificasse, symbolisa
pelo menos, a lealdade dos bons cavalheiros, e represent
a tradição concentrada em um só individuo, que poeti-
todo o conjunto de nobres acções praticadas por diver-

Alcaide de Coimbra, capital então do reino, fôra :
Sancho II nomeado um fidalgo, Martim de Freitas, ·
com razão lhe merecia toda a confiança.

Havia jà Affonso conquistado todo o reino, e s
acclamado rei, pela morte de Sancho e, resistia-lhe, no
tanto, Martim de Freitas, que em Coimbra governava
que ignorava ou fingia ignorar o passamento de -
legitimo soberano.

Nem o assedio com forças poderosas, nem subor.
de corrupção, nem supplicas e conselhos dobravam o ani·
de Martim de Freitas, para entregar-lhe o castello.

Mandou-lhe por fim Affonso declarar que San'
tendo fallecido em Toledo era elle agora rei de Portug.
como herdeiro legitimo do throno.

Pediu-lhe então e obteve Martim Affonso carta
seguro para sahir do castello, atravessar livremente
terras de Portugal, dirigir-se a Toledo, e verificar por
a authenticidade do facto.

Passou incolume por meio das hostes de D. Affon-
e chegando a Toledo, seguiu qara a Cathedral. Mand
levantar a lousa que cobria o tumulo onde se encerrava
os restos mortaes de Sancho II.

Reconheceu com seus olhos o cadaver do rei, atirou-
de joelhos, chorou copiosamente, e metteu nos braços d
defunto o molho de chaves do castello, que lhe havia si
confiado.

Depois de resar piedosamente, de considerar allivia'
sua consciencia, e terminado o seu juramento de fidelidad

a as chaves das mãos de Sancho, e voltou para Por-
al.

Procurando então a Affonso, reconheceu-o seu sobe-
no, e entregou-lhe as chaves de Coimbra. De tanta ga-
rdia admirado Affonso, que já se appellidava rei de
rtugal, e assumira o titulo de Affonso III, exigiu que
rtim de Freitas conservasse a alcaidaria. Recusou-lhe
alente soldado, e agradecendo-lhe a confiança declarou-
terminaria sua existencia mundana na mais recondita
dão.

Pretende a tradição, quando não transmitta um facto
dadeiro, provar pelo menos, que houve nessa epoca tão
rbarisada caracteres leaes, que sabiam praticar as nor-
as da cavalleria, e a religião de juramento, e que se não
avam à usurpação da corôa.

Pedira Sancho II em verba testamentaria que fosse
u corpo sepultado na egreja de Alcobaça, porque desejava
brir-se de terra da patria, que tanto amara e tanto se
forçara em engrandecer. Não se lhe cumpriu o desejo. Em
ledo conservou-se seu tumulo, e sumiram-se seus restos.

Santifica-lhe a expiação sua memoria. Sella-lhe o
ilio a gloria, Ennobrece-o o infortunio.

Que importa que os usurpadores do seu reino, e da
ua corôa, procurassem tisnar-lhe os creditos atirando no
squecimento suas façanhas em guerras, suas conquistas
e territorios mussulmanos, e o augmento de suas posses
ão amesquinhadas ainda na epoca ?

Chronistas não faltam para lisongear os vencedores:
ão o haviam os prelados pintado como rei tyranno gover-
nado pela mulher, instrumento de favoritos, e ao mesmo
empo adverso aos direitos e regalias do clero? Acompa-
nham-nos os escriptores, e insultam-lhe a memoria sem que
s contenha o espectaculo miserando de ter acabado seus dias
no desterro e solidão de Toledo quem tão bravas façanhas
praticara em prol da nação portugueza.

O que mais doe-nos no fundo da alma é que o eximio
antor dos Lusiadas acreditasse nas legendas e fabulas,

com que adrede se macula sua memoria! Não tinha noti[illegible] de seus feitos heroicos contra mulssumanos? Não o inspi[illegible]rava nem uma commiseração por tantos infortunios, [illegible] haviam acabrunhado o rei no seu passamento infausto, [illegible] terra extranha, abandonado pelos seus, e atè pela mulh[illegible] raptada, ou de proposito fugida de seus braços amant[illegible] ralado emfim de saudades pela patria, que tão ingrata [illegible] fôra?

Desprezem-se as legendas acerca de Sancho II. Ave[illegible]gue-se a verdade, aceite-se unicamente o que se acha com[illegible]provado. Sancho II foi homem excellente, bem que [illegible] fraco e talves inepto; mas foi patriota guerreiro e denoda[illegible] Não merece os insultos que os partidarios do usurpad[illegible] seu irmão, lhe dirigiram para attenuarem ou justificarem [illegible] attentados commettidos no intuito de deixarem-lhe o nom[illegible] nodoado pela calumnia.

O Papa Sixto V

Notabilissima é, de certo, a figura, de Sixto V, que occupou o throno pontificio romano desde 1585 até 1590.

A situação de Roma obrigou-o a ser mais politico que religioso, mais soberano temporal que pastor espiritual, mais rei que papa e successor de S. Pedro. Nenhum chefe do catholicismo teve tanto como elle de luctar no governo dos estados temporaes da Egreja, para sustentar sua dignidade, manter a ordem publica, castigar os crimes numerosos que quotidianamente se commettiam e extirpar as hordas de salteadores, que infestavam todo o territorio pontificio.

Das opposições, que contra sua auctoridade se levantaram, procede que variam os chronistas do seu tempo a respeito dos factos verificados, e os seus biographos no tocante á apreciação do seu caracter e da moralidade de seus actos. Deriva da diversidade das opiniões e dos escriptos uma infinidade de legendas, que escurecem e embotam a verdadeira historia.

Democratica como é a instituição da Egreja catholica, não ha que admirar saber-se que Sixto V nascera em miseravel choupana, pertencia á familia pobrissima, e, o que mais é, de camponios slavos, evadidos dos principados dalmatas, quando delles se apoderaram os terriveis musssulmanos da Turquia.

Procuraram, nessa occurrencia, muitas familias abrig[o] nas costas orientaes da Italia, preferindo expatriar-se a submetter-se ao jugo dos invasores, cuja religião lhes era tã[o] antipathica, e os costumes tão diametralmente oppostos.

Foi seu pai um dos slavos emigrados; recolhido á[s] vizinhanças de Fermo com mulher e filhos, consegui[u] ganhar, após duro trabalho e fadiga mortificantes, algum dinheiro, com que comprou uma pequena choupana rodeada de mesquinho terreno. Ahi nasceu Sixto Felix em 1521, e desde a mais tenra edade foi empregado em vigiar os fructos das arvores plantadas e em fiscalisar a diminuta vara de porcos que constituiam a fortuna da familia. Não ia á escola, por ser distante e exigir paga, bem que modica, mas para o que o pai não dispunha de recursos. Curioso o menino, começou por si a conhecer as lettras do alphabeto nas folhas de papel que os rapazes que por alli passavam, frequentando as escolas, abandonavam sciente ou descuidadamente. Adivinhando-lhe as propensões, delle apiedou-se um parente, frade franciscano, chamou-o ao seu convento, deu-lhe lições, e, ao attingir Sixto a idade de 12 annos, fel-o entrar para uma ordem religiosa, tirando-o dos cuidados da sua familia.

Com extraordinario fervor dedicou-se Sixto á leitura. Do convento, e depois do estudo de humanidades, passou-se para a Universidade de Bolonha e dahi para a de Ferrara, que cursou, a expensas da Ordem Franciscana. Manifestava singular talento para a dialectica, habilidade artificiosa e argucia notavel para discutir questões theologicas, as mais embaraçosas.

Em 1552 foi pela sua ordem monastica mandado para Roma e incumbido de prégar durante a Semana Santa. Attrahiram seus sermões nmeroso e escolhido auditorio, e em pouco tempo ganhou Sixto a fama de orador insigne.

Travou amisade com Ignacio e Felippe Nery, reputados chefes do partido da disciplina rigorosa na Egreja, e foi por elles apresentado ao Papa Paulo IV. Agradou ao Pontifice, que desde logo lhe dispensou protecção.

..eado reformador da Ordem dos Franciscanos, re-
ron a antiga constituição, aboliu os commissarios geraes, beleceu a severa disciplina, e destruiu abusos introdu- e já inveterados. Bem que já elevado em gerarchia acal e na posse de uma reputação que lhe affeiçoava os respeitos, continuou a guardar as maneiras mo- as de monge submisso e de exemplar religioso.

Desprezando queixas injustas que suscitara seu proce- nto de reformador, e reconhecendo-o sacerdote escru- so e de acção illustrada, o Papa arrancou-o do cenobio, e se recolhera, e nomeou-o bispo de Santa Agatha, e o depois, a seu pedido, bispo de Fermo.

Que gloria para familia ao vêl-o voltar para o ninho terno como principal auctoridade ecclesiastica na pe- na cidade em que abrira os olhos á luz do dia, e onde miseria passara os primeiros annos da infancia! Como xtasiavam os moradores da localidade deante da surpresa fortuna, que de tão baixo levantava pequenos e hu- des, honrando com seu sopro o merito e a capacidade!

Seu procedimento, seus actos, sua administração aram-lhe o conceito e grangearam-lhe o respeito il. Não decorreram muitos annos, quando o Papa, eciando-lhe mais os meritos e a indisputavel capacidade, eou-o cardeal da curia romana, e chamou-o para residir Roma.

Tomou então Sixto a appellido de Montalto, e devo- se aos deveres de seu cargo; alcançou consideração o sacerdote prudente, theologo profundo, orador eximio rupuloso. Mais sobresahia ainda com a fama que ad- rira anteriormente de reformador energico da Ordem Franciscanos.

Bem que recolhido a um claustro e entregue aos estu- theologicos, era constantemente consultado pelo Papa, e ava parte activa em trabalhos de commissões adminis- ivas e scientificas.

Corriam então para os povos da cidade eterna desas- os tempos. Inçados de bandidos e salteadores estavam

os territorios pontificios; nem nos campos nem nas p
ções havia segurança individual ou de propriedade. A
nenhuma exercia o governo e nem a justiça podia cu
suas attribuições. Commettiam-se impunemente, á l
dia, crimes e attentados dentro mesmo do recinto da ci
e impunes, ainda que conhecidos, passeiavam os malfeit
Arruinadas as finanças da Curia, anarchisada a adn
tração, desprestigiada a auctoridade, perturbada a t
instante a tranquillidade publica, anciavam os anim
bons patriotas por um governo forte, intelligente e ca
extirpar as males e calamidades, que a todos offend
envergonhavam.

Ao fallecer em 1585 o Papa Gregorio XIII, que
successor de Pio V, reuniu-se o conclave para nom
novo Pontifice.

A legenda neste episodio da vida de Sixto V re
e tenta desfigurar a historia. E quantos escriptores se
xaram arrastar pela colorido pittoresco, e pelas ficções
tinadas a adornal-o?

Acredita-se, por isso, e quasi geralmente, que Sixt
simulara molestias gravissimas e perigosas quer antes q
durante o conclave: fingia não poder sustentar-se em
empregava moletas para que conseguisse mover-se e an
ainda assim coxeava; tossia constantemente, como aff
tado e fundamente inanido dos pulmões, mostrava-se em
aos collegas humilde, subserviente e apropriado inst
mento de ambições individuaes, o que, junto a 64 anno
edade que já lhe pesavam, levara-lhes a convicção de q
além de não dever ser elle um Papa voluntarioso, pou
annos poderiam restar-lhe de vida.

Falsidade dos fabricadores de legendas! Era o ca
deal Montalto robusto de corpo e gozava de saude p
feita.

Não se lhe daria o numero de 64 annos que en
contava, ao apreciar-se-lhe o aspecto physico, e menos ai
o moral, que todos admiravam. Não foram intrigas, e
ganos, illusões, que decidiram o conclave a elegel-o p

ntifice. Impoz-lhe a escolha, não diremos a opinião lica, mas particularmente a briga interior no conclave.

A maioria dos cardeaes, além de temer affrontar a nião publica, conheceu que se necessitava de um sobe-o energico e reputado estadista. Estava, de mais, divi-a em facções de familias rivaes e poderosas, das quaes u uma alcançava o numero de suffragios ne aries a seus apatrocinados e predilectos.

Durou bastante tempo a duvida na escolha do Papa. s luctas renhidas, preferiram os cardeaes eleger um ranho, que não propendesse para nenhuma facção e fosse al e justiceiro para todos. Quem profunda a natureza e encia das cousas, julga e logo de antemão que as impu-ões da legenda contrariam todas as noções até da verosi-lhança, porque não se poderia por meios capciosos ele-r Sixto ao sólio pontificio, quando o conclave se compu-a dos varões mais insignes e illustrados da Egreja Catho-a, preconisados pela sua finura, tino e aspirações biciosas.

Legenda é ainda e não verdade historica, que apenas ito e annunciada ao povo sua nomeação de Pontifice, elle locara na cabeça a corôa, affirmara sua auctoridade supe-or, e exclamara—Agora sou Papa!— Despido dessas avatas que se lhe attribuem, procedeu modesta e digna-nte Sixto V. Empossado do mando supremo, dedicou-se rupulosamente aos deveres do cargo espinhoso, para que a eleito. Entendeu que antes das obrigações religiosas bia-lhe a tarefa de soberano temporal. Cuidou immedia-mente e de preferencia d'esta incumbencia. Era-lhe ister, para poder ser Papa espiritual e livre de todas as luencias externas, começar pela severidade e energia de m governo dictatorial e justiceiro.

Conciliou o favor e apoio dos vizinhos, no intuito de erar com franqueza e efficacia. Restituiu aos milanezes us privilegios na Rota; satisfez aos venezianos em pre-nções antigas ácêrca da posse da Aquiléa; propoz a Fe-ippe II de Hespanha praticar em Napoles uma p...

respeitadora de todos os direitos internacionaes: promett Toscana render-lhe justiça em questões suscitadas por ca de limites contestados; accommodou as familias Colom. Orsini, unindo-as por casamentos e interesses. A va povoações descontentes concedeu fóros que as satisfizes

Póde dirigir então sua attenção para os bandidos infestavam os estados pontificios.

Prohibiu o uso de armas curtas nas cidades, sob p de morte. Mandou cortar a cabeça a quatro mancebos no que primeiros foram apanhados em Roma infringi seus decretos, sem que attendesse a solicitações e ped das familias aliás poderosas; inexoravelmente proce contra outros, que lhe desobedeceram aos editos, em va pontos do seu reino. Com o temor que incutiu, com exemplos de severa justiça, que offereceu aos povos, fo restabelecendo a tranquillidade publica em Roma, cidades de provincia e nos campos distantes e isolados.

Transmittiu ordens aos barões e ás communas p extirparem os bandidos em suas terras, sob pena de ser castigados como cumplices por quantos maleficios comm tessem os faccinoras.

Prometteu premios a quem, vivos ou mortos, lhe ap esntasse bandidos, publicou uma lista enorme de nom dos mais reputados e temidos, e declarou que seriam recompensas pagas pelos parentes dos criminosos e, quan pobres, pelas communas que lhes permittissem asy Interessou barões, communas, parentes dos malfeito na sua exterminação, tornando-os responsaveis quan lhe não coadjuvassem os intentos. Ora era-lhe en gue o famoso Guerreiro, intitulado rei da Campania, o Lafera, o terror de Terracini, aprisionados pelos memb da propria familia. Muitos salteadores passaram ass para o poder das justiças regulares. Todos os dias leva tavam-se as forcas em Roma e em varias localidades, expunham-se aos olhos da população as cabeças decepa dos bandidos. Conta-se que empregou peçonha nos viver que costumavam roubar os bandidos e tão acertado corre

no, que mais de trinta que os furtaram para seu alimento rreram envenenados nos proprios desertos, descampados iontes,onde se abrigavam e onde resistiam valentemente opas disciplinadas.

Não poupou posição, classe, categoria de pessoas. re todos, pequenos e poderosos, leigos e ecclesiasticos, tiu-se a acção de sua justiça. Nas cidades, nas povoações, estradas, mostravam-se muitos e levantados esteios as cabeças dos condemnados pregadas no alto, não só exemplo, com para prova do rigor da administração lica.

Afugentados dos estados pontificios pela perseguição movida e felizmente executada pelo Papa e seus dele-os, mudaram-se os bandidos para os territorios vizi-. Lá mesmo conseguiu Sixto V que fossem presos recla-do a intervenção dos governos de Napoles, Veneza, o e Florença, que lh'os entregavam afim de expur-m seus crimes. Certo é que em menos de um anno con-iu Sixto V firmar a tranquillidade das cidades e povoa-, extirpar de bandidos os campos e extinguir as agita-e terrores incessantes de seus subditos. Como rei, como dor, como despota, commetteu serviços tão importantes, não póde desdourar-lhe a memoria qualquer excesso houvesse praticado. Menos execuções nos cadafalsos commetteram durante todo seu reinado, assevera um oriador consciencioso, do que assassinatos antes se pra-vam no espaço de uns cinco mezes.

Notavel foi egualmente sua administração financeira. decretos publicados restaurando as boas maximas go-nativas fundaram uma fiscalisação real, enriqueceram ario publico e proporcionaram a Sixto V meios para pagar o ensino theologico, estabelecer collegios junto ás versidades, tratar da dissecação de pantanos, e animar as istrias da seda e de outros productos. Inimigo do nepo-no, que fôra uma das chagas da curia romana, e que jus-ente apregoada por Luthero, quando ergueu na Alle-nha o grito de reforma da Egreja catholica, quer

tambem como resultado das vozes echoadas no concilio Trento, ou emfim como necessidade indispensavel, prov Sixto V com seu procedimento que não conhecia paren e nem amigos, quando tinha de conceder empregos honras, e fixou regras pelas quaes pelo merito e não p favor se podia subir ás categorias elevadas da sociedade do Estado. Culpa sua não foi, se depois que desappare do mundo, outros pontifices, imitando antecessores, en queceram, nobilitaram e promoveram as grandezas de s irmãos e sobrinhos, de seus parente e amigos.

Quem não leu ou ouviu falar da grandeza e magni cencia da antiga Roma dos Cesares? Não restam ainda a ruinas e ruinas gigantescas que a comprovam?

Por cima destes destroços levantavam os Papas d edade média basilicas portentosas, admiraveis patriarcha monumentos singulares, palacios, fortalezas, muitas d quaes se derrocaram ainda depois e despedaçaram durai a mudança de domicilio dos Pontifices para Avinhão deante das invasões dos francezes, hespanhoes e allemã na cidade eterna, e das peripecias de guerras civis que s travaram em seu proprio seio.

Outra, amesquinhada, arrasada, abandonada, er Roma, ao voltarem de Avinhão os Papas, no meiado d seculo XV A herva e os abrolhos se enrolavam pelas frest das columnas e rotos seios dos edificios estragados.

Devidos, são, portanto, a varios Pontifices, que a g vernaram de então em deante, os grandes melhoramen as reconstrucções grandiosas, que tornaram a restituir-l tal qual caracter de magnificencia, como o fôra sob o ju pagão, misturando-se o antigo com o moderno, os destroç da Roma imperial com as renovações da Roma pontific Julio II e Sixto V podem-se preconisar como os soberan que introduziram na cidade notaveis melhoramentos, be que se não devam recusar encomios a Sixto IV, a Pio IV e a outros dignos successores de S. Pedro.

A' Roma fez Sixto V chegar as aguas Marcias, deno minadas por elle felizes. Em vez, porém, de considerar

o Leão X, as ruinas da Roma pagã quaes reliquias iosas e de guardal-as com amor artistico no estado em se achavam, aproveitava-as em proveito de novos cios. Ornou a cathedral de S. Pedro com as columnas emplo de Severo; fez construir sua cupola e a lanterna ndo os planos vigorosos de Miguel Angelo; consagrou . Pedro e a S. Paulo as de Trajano e Antonio. Anciando iumpho do christianismo sobre o mythologico, transtou um velho obelisco, admiravel primor d'arte, para o ro da praça do Vaticano, festejou com artilharia e ques de sino o termo dos trabalhos executados e dedio á exaltação da cruz. Muitas transformações de Roma buem-se egualmente a Sixto V.

Não faltaram nunca á Italia artistas, litteratos e ios, e Sixto V soube aproveitar-lhe as aptidões e talentos. e, por elles coadjuvado, fundar museus, augmentar iothecas, elevar observatorios astronomicos, melhorar studos universitarios e continuar na reconstrucção dos plos destinados ao culto divino.

Cumprida sua missão de soberano temporal e absoo, pôde, por fim, occupar-se particularmente dos intees religiosos e das disciplinas catholicas.

Para combater a reforma de Luthero, que produzira sma assustador e augmentava a olhos vistos, havia-se allado o concilio de Trento, que fixara as disciplinas esiasticas e os dogmas indiscutiveis; improvisaram-se ldos destemidos e temerarios com a Companhia de us, que no confissionario, no pulpito, na escola e por o de missões commetteram somma importante de seros, bem que com o tempo se pervertessem os animos de s membros e se lhes desmoralisasse o espirito; com estas as alcançara o pontificado corrigir numerosos abusos, ndar costumes, na propria curia romana, com o que a tituição pontificia se foi reerguendo do abatimento e prestigio em que cahira. Sob estes pontos de vista, foi xto V um dos mais incansaveis e illustrados Papas que n occupado o throno de S. Pedro.

Não estimava, todavia, o povo romano a Sixto
Não era soberano popular dentro da cidade eterna, l
que grandes beneficios publicos houvesse promovido e
voneado. Não dava festas ás multidões populares, c
outros Papas praticavam. A severidade do governo e
que exercitava, mais as arredava de sympathisar com
soberano tão escrupuloso e como tal temido.

Estavam, além d'isto, acostumados a viver lar
mente em licença senão anarchia, e impunes ficavam t
os delictos. Desapprovavam tambem o acto de se dest
rem os velhos monumentos pagãos para se aproveita
em novas construcções e edificios as pedras, as colum
os arcos, os obeliscos que lembravam as tradições ma
tosas, as possantes e immorredouras reminiscencias
Roma Imperial dos Cesares, que alli restavam ainda, p
que inertes e arruinadas; mas que assim mesmo impu
respeito e exaltavam as reminiscencias.

Praticava Sixto V o mesmo systema que portug
em Gôa, e castelhanos no Perú e Mexico não trepida
executar. Arrasavam pagodes sumptuosos, templos a
raveis, monumentos artisticos e singulares dos antigos
bitadores do sólo. Estes não alcançaram materiaes p
novos edificios e modernas Egrejas e para casas de mora
O que era o soberbo templo do sol em Cuzco aos olhos d
barbaros hespanhoes conquistadores? De que serviam a
portuguezes monumentos artisticos dos asiaticos? Co
elles derribou Sixto V, em Roma, grandiosos restos
magnificencia architectural antiga para empregal-os
modernas construcções, posto que sem merito artisti
comparadas com as reliquias do passado.

Como soberano temporal nem um Pontifice o exced
em largas vistas de politica e em planos praticos de adm
nistração, que melhoraram as finanças, a justiça e o ens
publico.

Fala-se de Gregorio VII e de Innocencio III, com
Papas que em luctas constantes manifestaram-se superio
a seu tempo, e genios sublimados. Trataram, elles, porém

de realçar sobre todos os povos e monarchas a auctoridade da Santa Sé, de curvar as corôas e thronos ao jugo pontificio, como rei dos reis e auctorisados para disporem dos estados christãos a seu talente. Foi outra e muito diversa a politica de Sixto V. Não se impoz aos demais soberanos temporaes, respeitou-os sempre, jámais ambicionando arrancar-lhes poderes e territorios. Demonstraram plenamente sua habilidade diplomatica os procedimentos que empregou quando degladiavam Henrique IV de França e Felippe II de Hespanha, que procuravam attrahil-o á sua causa contra a do seu adversario. Como se apressou em absolver e reconhecer a Henrique IV como rei de França, no louvavel proposito de terminar as luctas sangrentas entre catholicos e huguenotes !

Em 1590 falleceu Sixto V. Ao exhalar o ultimo suspiro da vida, uma trovoada tremenda rebentou no espaço aereo. Copiosa chuva alagou as ruas de Roma.

O Tibre elevou suas aguas além do nivel da cidade. Vento impetuoso derrubou torres de egrejas e tectos de casas. Relampagos, raios e trovões assombraram a população.

O povo, que é por natureza supersticioso, o povo que tinha medo do Papa por causa de sua severidade inexoravel, o povo que preferia as festas pomposas de Roma pagã, effectuadas por Leão X, aos cadafalsos que exprimiam a justiça de Sixto V, imaginou logo uma legenda a respeito dos acontecimentos, e legenda apropriada ás crenças e superstições da época.

Não tinha Sixto V celebrado pacto com o diabo e por isso de guardador de porcos attingira á corôa pontifical, que se reputa a mais elevada das honrarias da terra ?

Não viera o diabo, através da anarchia dos elementos atmosphericos, tomar conta de sua alma no momento em que se desprendia do corpo ?

Descido o Papa ao sepulchro, correram multidões renes da plebe, desassombradas já do terror que elle lhes incutia, a destruir e derribar as estatuas que se lhe tinham

outr'ora levantado. Foi mister d'ahi por deante decretar que nem uma estatua ou monumento se erigisse em honra de Pontifices vivos, para que não passasse pelo opprobrio da vindicta e execução popular.

Descobrimento da ilha da Madeira

Porque se não havia de enfeitar a historia do descobrimento da ilha da Madeira com um episodio romantico, uma ficção agradavel, uma interessante legenda? No seio dos mares não surgira ella, como uma fada, aos olhos espantados dos navegantes portuguezes? Appareceu-lhes ao principio qual nuvem escura, amedrontadora, tenebrosa em distancia de aguas ainda não attingida e nem conhecida, pairando ao occidente do penedo do Porto Santo, que elles haviam já felizmente encontrado. Oppondo temeridade do animo ao pavor que produzia o phenomeno, foram-se a pouco e pouco approximando, até que, já bem perto, deslumbraram-lhes os montes, as florestas, e depois os promontorios, e por fim enseadas e praias que os convidavam e attrahiam.

Seria desculpavel aos portuguezes abrilhantar o feito, ornamental-o de episodios interessantes, eleval-o em vôos de phantasia e tornal-o pittoresco e poetico. Não o fizeram, porque, methodicos e praticos, trataram antes de aproveitar o achado e conseguir fructos vantajosos.

Foi outro povo que inventou e annexou a seu descobrimento uma legenda, e legenda amorosa, acreditada depois geralmente, inscripta e affirmada em muitas chronicas e escriptos historicos na lingua portugueza e nas estranhas. Deve-se á fabula, a ficção, a um inglez, e pois a inglezes cumpria ser mais honrosa que a portuguezes.

Separemos o trigo do joio, a verdade da mentira.

Comecemos pela exactidão historica, antes de nos occuparmos com a fabula.

Governava em Portugal D. João I, o chefe da dynastia de Aviz, acclamado rei pelas côrtes e sagrado como tal nos campos da batalha de Aljubarrota, em que foram destroçados os castelhanos, que pretendiam para seu soberano o throno do finado monarcha D. Fernando, ultimo varão da casa borgonheza, que deixara apenas uma filha casada com o monarcha de Castella. Firmada a paz, garantida a independencia, e reconhecido rei portuguez pelos proprios inimigos vencidos, entendera D. João I que lhe cumpria levar a guerra á Africa em perseguição de mouros, e augmentar á custa dos musulmanos seus diminutos territorios. Conquistou-lhes a praça de Ceuta em 1415 e mostrou-lhes o valor dos portuguezes. Entre seus filhos, todos espiritos illustrados e animos destemidos, educados primorosamente pela mãe, a rainha Felippa de Lencastre, dedicava-se particularmente aos estudos mathematicos e cosmographicos o infante D. Henrique, duque de Viseu. Cabe-lhe a gloria das expedições maritimas para se reconhecerem as costas africanas no Atlantico. Deve-se-lhe o inicio de abrir nos mares, até então não devassados, caminho para o descobrimento de terras ignotas e conquistas orientaes, que alargassem os horizontes das sciencias, do commercio e da industria de Portugal e da Europa e grangeassem á sua patria fama e respeito dos contemporaneos.

A' custa da sua particular fazenda e dos reditos do grão-mestrado de Christo, que lhe haviam sido doados, armava navios, convocava marcantes animosos, nacionaes e estrangeiros, incitava-os a rasgar o seio das ondas e a desvendar as terras africanas, que corriam para o sul, pintadas sob aspecto tenebroso e repletas de legendas aterradoras. Não iam lá os arabes? Porque as desconheceriam portuguezes? Não poderia ser por ahi o caminho das Indias, das quaes tanto se falava pela sua opulencia, mas onde europeus não haviam ainda chegado?

Entre seus favoritos prezava o infante a dois jovens

guerreiros e maritimos, que o haviam acompanhado na conquista de Ceuta: João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz. Ousaram os mancebos affrontar as tradições, obedecer a seu amo, e percorrer as costas d'Africa, em uma caravella, partida do porto de Terra Narbal, nos Algarves, ao principiar o anno de 1418. Arrastados para o centro do oceano por ventos impetuosos, que os empurravam, já desanimados e procurando acertar na volta para Portugal, que assombro foi o seu, avistando inesperadamente deante da prôa da pequena embarcação uma ilha situada aos 33 gráos de latitude e 3 e 40 de longitude! Dir-se-hia um conjuncto de rochedos, ora brancos, ora esverdeades e, ás vezes, de uma côr vermelha puxando á negra.

Dirigiram-se para a ilha e trataram de reconhecel-a. Desembarcaram cuidadosamente. Não faltavam arbustos em veigas apertadas entre penhascos, e arvores grandiosas denominadas—sangue de Drago. Nem um signal ou vestigio de ser habitada, tendo-a toda inteira e em todos os sentidos percorrido os descobridores. Sobre seis a sete milhas de extensão contaria duas e meia de largura.

Enthusiasmaram-se os dois jovens: consideraram-se logo coroados de notavel reputação pelo achado feliz que a sorte lhes offerecia. Tomaram rumo para Terra Narbal, onde estava então o infante, e referiram-lhe seus successos e venturas. Não se havia elle ainda estabelecido em Sagres, como praticara depois, onde formara uma academia de sabios astronomos de todos os paizes e onde reuniu tambem elementos poderosos para explorações maritimas.

Resolveu o principe que se colonisasse a ilha, e incumbiu a missão aos dois descobridores e a Bartholomeu Perestrello, que propoz-se a acompanhal-os e era conhecido como homem erudito e experimentado.

Tomou posse da ilha a expedição preparada pelo infante, e começou-se a cultivar a terra. Zarco e Vaz collocaram-se á frente da colonia. Perestrello entregou-se ao estudo da posição e condições da ilha e ao desenho geographico das costas. Logo que pôde organisar um mappa de

sua configuração e situação maritima, regressou para Portugal, alli deixando seus companheiros.

Notaram os dois mancebos que para o occidente se divisava, ás vezes, uma linha escura e constante no mesmo sitio. As legendas, que corriam então na Europa, sobre ilhas encantadas e perigosas, de que estava semeado o mar Atlantico, aguçavam-lhes a curiosidade, posto que os contivessem sustos, que as tradições espalhavam. Deliberaram, depois de maduramente pensarem, que deviam explorar o lado que lhes mostrava phenomenos ignotos. Embarcaram-se, navegaram para a nuvem negra desenhada longamente no horizonte, e bem não haviam percorrido quatro leguas quando divisaram uma terra coberta de arvoredos frondosos e de collinas pittorescas.

Approximaram-se, encontraram promontorios e praias arenosas, desceram á terra, tomaram della posse em nome de Portugal e deram-lhe o titulo de Madeira, por causa das mattas virgens e copiosas, que por todas as campinas e morros se estendiam esplendorosamente.

Como no Porto Santo, não depararam os navegantes indicio de que alli tivessem existido habitadores humanos, por maiores esforços que empregaram no exame de todas as localidades e sitios da ilha. Viram, no entanto, passaros e animaes silvestres em abundancia, rios com excellentes aguas potaveis, arvores variadas, arbustos proveitosos e carregados de flôres. Sentiram uma atmosphera perfumada, limpida, saudavel, bafejada por ventos permanentes, e aquecida por um sol, não ardente, mas vivificador, que sem levantar grandes calores, mitigava os invernos duros e rigorosos. Encontraram egualmente cópia excessiva de lobos, que com o tempo foram inteiramente exterminados, e por fim desappareceram da ilha.

Ao receber o infante D. Henrique noticia do acontecimento, apressou-se em aproveitar tão boa fortuna. Ajustou lavradores, officiaes de officio, e familias ; abasteceu-os de sementes de cereaes e fructos e remetteu-os para a ilha da Madeira, firmando assim seus direitos e desenvolvendo-

lhe as riquezas naturaes e agricolas do sólo. Por morte de D. João I, em 1438, e elevação de D. Duarte ao throno, como filho mais velho, recebeu do irmão uma regular doação da ilha, em premio das despezas que havia feito com o seu descobrimento, povoação e cultura.

Eis tudo quanto reza a historia verdadeira e escripta em linguagem chã e despretenciosa pelo primeiro chronista portuguez que se occupou do assumpto, Gomes Eannes de Azurára.

Apreciemos agora as legendas que se lhe accrescentaram.

Foi dellas o inventor um inglez, chamado Bowdish, já setenta annos decorridos após o descobrimento e quasi ao findar o seculo XV. Publicou em Inglaterra um livro a respeito. Emprega a fórma de romance, e descreve uma paixão amorosa, aventuras surprehendentes, lances dramaticos, desenlaces tragicos, appellidando seu escripto de — Excursões ás ilhas da Madeira e de Porto Santo. Agradou o painel traçado a auctores portuguezes, e Antonio Galvão no seu — Descobrimento de Portuguezes, ao principiar o anno da 1500; D. Francisco Manoel de Mello nas—Epanaphoras de varia historia, no seculo XVII; e Francisco José Freire no seculo XVIII em seus estudos philologicos, acceitaram credulamente as legendas, e até as accrescentaram em pontos particulares para as tornarem mais interessantes e encantadoras.

Segundo Bowdish, um nobre inglez, de nome Roberto Machaim, enamorara-se de uma lindissima ingleza, chamada Anna d'Arfet. Recusado para marido pelos paes da donzella, objecto de sua adoração, sob pretexto de ser desprovido de fóros de nobreza, fretou uma pequena embarcação, raptou a nympha, com ella embarcou em Bristol, e dirigiu-se para portos da França. Temporaes desfeitos afastaram o navio das terras que procuravam os mareantes, atiraram-n'o para o sudoéste e arrastaram-n'o por meio das vagas do oceano. Quando já perdidos se consideravam os navegantes, descobriram uma ilha, que foi a da Madeira.

Refugiaram-se os navegantes na ilha, tomaram della posse em nome da Inglaterra e improvisaram casas para se recolherem. Era a ilha um verdadeiro deserto, abundante só de arvores e de animaes silvestres. Quando refeito de descanso, e depois de alguns mezes, tratou Machaim de abandonar a ilha, bem que ella lhe parecesse um paraiso, pelo clima e pelo perfume dos arbustos. Antes, porém, de deixal-a, adoeceu e finou-se infelizmente a formosa Anna d'Arfet. Construiu Machaim uma capella onde depositou os restos mortaes da mulher, e levantou um mausoléo, nelle gravando um distico commemorativo do infausto acontecimento. Antonio Galvão, o portuguez do seculo XVI, não trepida em dizer que Zarco encontrara a capella e lêra a inscripção do tumulo, quando Zarco nada declarara em seus roteiros. Até onde chega a credulidade! Refere ainda que no palacio do governo existia um quadro a oleo representando a morte de Anna, e que o nome de Maxico dado a um dos pontões da ilha deriva do nome do enamorado britannico. Em que testemunho ou documento deparou tão pittoresca noticia?

Continuando a acompanhar a legenda imaginada pelo escriptor inglez, partiu afinal Machaim da ilha, reembarcando-se com seus companheiros, e tratando de dirigir-se para a França, bem que mergulhado nas maiores afflicções do peito por ali ter perdido a companheira querida do coração, o idolo por quem sacrificara nacionalidade, fortuna e vida!

Não sabendo navegar, não conhecendo rumos, foram todos levados pela correnteza das aguas e impulsão dos ventos para a costa de Marrocos, onde soffreram naufragio e tornaram-se prisioneiros e captivos dos mouros. Na escravidão a que os reduziram, nos pesados trabalhos a que os obrigaram os musulmanos, morreu o desgraçado inglez, tendo, todavia, communicado a um castelhano, então egualmente captivo dos marroquinos, suas aventuras pittorescas e miserandas.

A acreditar-se Bowdish, deriva deste facto o conheci-

ıento da ilha da Madeira, de que posteriormente apoderaım-se os portuguezes. A noticia que alcançaram serviu ara tentarem e realizarem o seu descobrimento e conuista.

Mais miudo e interessante manifesta-se ainda D. Franisco Manoel de Mello, nas Epanaphoras da varia historia ortugueza.

O mestre de Calatrava, D. Sancho de Aragão, legara m testamento, ao principiar o seculo XV, somma imporınte de dinheiro, destinada ao resgate dos captivos hesanhoes existentes na Mauritania. Uma expedição de misionarios e guerreiros castelhanos para Marrocos dirigiu-se, desempenhar as vontades do generoso fidalgo. Remidos os scravos e pago o preço exigido pelos marroquinos, embararam-se em uma caravella, de volta para a Hespanha. Foi navio apprehendido por Zarco, capitaneando um barco ortuguez de exploração, e que o levou para os Algarves. Entre os captivos remidos encontrava-se um castelhano, oão Morales, que contou a Zarco a historia do inglez Roerto Machaim.

Zarco exigiu segredo de Morales: pediu ao infante). Henrique que o empregasse em descobrimento de terras ıltramaritanas.

Já havia reconhecido Porto Santo, e ahi por perto rocurou a Madeira, segundo as indicações que Morales btivera de Machaim. Não lhe foi, portanto, difficil descorir a ilha e apossar-se della.

Não se descreve assim mais romanticamente o descorimento da ilha?

Certo é que nem uma nação inveja mais que Inglaerra o dominio da ilha da Madeira. Diligencias diplomaicas, promessas de auxilios, protecções á nacionalidade ortugueza, nada tem poupado para conseguir seus propoitos. Allegou-se até a legenda como historia no intuito de irmar direitos da Grã-Bretanha, como nação a que pertenia o subdito que primeiro a avistara, e nella pisara. Não reconhecêra Portugal á Castella como proprietaria das Ca-

narias, porque hespanhoes tinham ahi desembarcado ant
dos portuguezes enviados pelo infante duque de Viseu,
que entretanto tinham fixado marcos com as armas e escu
das cinco chagas de Christo? Porque não restituem os in
glezes, por esse principio, aos hollandezes o territorio am
ricano onde estão edificadas Nova York e Albany e q
os hollandezes haviam descoberto e declarado seu d
minio? Conseguiu Inglaterra uma vez empossar-se d
Madeira, quando em 1807 de Lisboa evadiram-se rainh
regente e côrte para o Brazil, no intuito de se não deixare
prisioneiros do exercito francez que ás ordens de Junot i
vadira o reino.

Pretextava então a Inglaterra necessidade de bloque
as costas portuguezas durante a guerra contra os france
e pois carecia do porto para as manobras maritimas. Te
minada a contenda e assentadas as pazes com a Franç
esforços bastantes empregou ainda para conservar em s
poder a ilha, mas D. João VI não lhe accedeu aos dese
e volveu de novo a Madeira para o dominio e posse d
portuguezes.

E' que realmente no oceano Atlantico nada se encont
que emparelhe em belleza, em opulencia, em fertilidade, e
salubridade, em clima tão deleitosamente temperado. Nã
ha planta que alli não prospere; não ha corpo human
que ahi não sinta refazerem-se-lhe as forças com a re
piração da atmosphera mais limpida, mais agradavel, ma
perfumada de flores e de arbustos, mais salitrada de ema
nações maritimas, mais doce e brandamente sacudida pel
virações continuadas, que reinam nos seus horizontes, or
quentes, ora frescos, sempre favoraveis á saude e constante
mente aprazíveis aos sentidos.

E que riqueza de vegetação! A parreira arrancada
ilha de Chypre e ao sólo de Napoles e da Borgonha, de
membrando-se em galhos carregados de cachos enormes
saborosos, produz os melhores vinhos do mundo. A pe
reira, a macieira, o pecegueiro, a oliveira, a goiabeira, o
castanheiro, a ameixeira, a bananeira, a laranjeira, toda

as arvores fructiferas européas, asiaticas, americanas; a canna trazida da Sicilia, aproveitada para assucar superior ao da beterraba; a cochonilha, e mil outras especies do reino vegetal; ahi se encontram em todos os cantos, promontorios, enseadas, monticulos, em que a ilha se reparte.

Que commercio extenso, proficuo, civilisador, que se mantém natural e espontaneamente, e que lhe alimenta a população activa e robusta!

Merecia, realmente, uma legenda para lhe realçar a fronte, ao apparecer ao mundo e ao mostrar seus encantos e feitiços. Não lh'a prestou o portuguez descobridor; inventou-a o bretão tempos depois, porque desde que o bretão a avistou della enamorou-se, e não cessou sua paixão, accrescida progressivamente com os tempos e com as difficuldades de possuir o objecto cubiçado.

Não fórma plano politico possuirem alli inglezes numerosas propriedades de valor, lindissimas quintas trepadas pelos morros, casas de commercio importantissimas, que monopolisam todas as transacções, compram todos os vinhos e productos da terra e da industria, e abastecem os mercados com todos os objectos necessarios a seu consumo e luxo? Não se contam no porto do Funchal, o principal da ilha, mais navios britannicos ancorados, mercantes e até de guerra, que os de todas as demais nações do mundo, inclusive da portugueza, alli juntos e occupados? Não a habitam mais de cem mil pessoas, em um espaço, que a ilha occupa, de cincoenta e sete kilometros de extensão sobre vinte e dous de largura, com numero consideravel de inglezes?

Verdadeira joia de primoroso preço, ramilhete de flores odoriferas, encanto e feitiço dos olhos, propriedade opulenta e productiva, terra abençoada, crime e crime imperdoavel seria commettido pelos portuguezes caso a cedessem á Inglaterra. E' a ilha credora de todos os sacrificios para lhe sustentarem o dominio, ampararem e conservarem no numero das possessões mais importantes do reino fundado por Affonso Henriques, augmentado por Affonso III

e João I, aureolado pelas emprezas gloriosas do Infante D. Henrique de Viseu, enriquecido emfim pelas conquistas de D. João II, e de seu successor D. Manuel, que colheu os fructos do que elle semeara, e por isso mereceu o titulo de Afortunado.

Requestem-n'a, namorem-n'a de longe os inglezes, dirijam-lhe olhares continuos de amor e de ternura, através do oceano, como á amante que arrebata, excita, inebria os sentidos; será a ilha da Madeira fiel a Portugal, e um dos ornamentos mais preciosos do seu diadema.



Henrique VIII de Inglaterra e suas seis mulheres

Aos dezoito annos de edade, e em 1509, tomou Henrique VIII conta do governo de Inglaterra. Recebia um reino tranquillo e a dynastia normanda incontestada em seus direitos para reger os destinos da nação. Representava o novo rei as duas facções até alli rivaes e pretendentes á corôa, a casa de York e a casa de Lancaster; de uma procedia pelo pae, de outra pela mãe era oriundo. Cavalheiro gentil aprendera a manejar as armas e ornara o espirito com instrucção sufficiente, particularmente no tocante ás sciencias theologicas. Encontrou a nação prostrada, a nobreza e o clero, que até então commettiam tantas turbulencias e sublevações, agora humilhados e enfraquecidos.

Casara-o cedo seu pae com a viuva do irmão mais velho, que fallecera antes de herdar o throno. Contava Catharina de Aragão seis annos mais que Henrique, e patenteava os mais severos costumes, os mais bellos sentimentos, a mais adoravel resignação; da união tinham nascido dous principes, um que foi a rainha de Inglaterra, Maria Tudor, e o outro que morrera na infancia.

Desassombrado da obediencia paterna e despido de sustos de levantamento de subditos, deu curso aos instinctos e paixões desordenadas, e entregou-se Henrique VIII mais á satisfação de seus prazeres e appetites que aos deveres de esposo, de cidadão e de monarcha. Revelaram-se logo suas inclinações, commettendo despotismos, desacatos

e tyrannias, e levando á França uma nova guerra, que foi desastrosissima para Inglaterra.

Ninguem lhe podia conter os impetos caprichosos do animo, e nem refrear os irreflectidos raptos que de momento lhe brotavam da mente.

Propagava-se por essa epocha a doutrina de Luthero, para a reforma da egreja christã, para a modificação dos seus dogmas, para a repulsa de auctoridade do Pontifice romano, e para tornar mais severa a pureza dos costumes.

Na Allemanha rebentara a guerra religiosa, e Henrique VIII, aconselhado por seu favorito, o cardeal Wolsey, escreveu folhetos em favor do Papa e iniciou em Inglaterra uma perseguição judiciaria e tyrannica contra os suspeitos de partidarios da reforma. Gratificou-o o Papa agradecido com o titulo de defensor da fé, comparando-o a Sancto Agostinho e a S. Jeronymo. Não previa o chefe da egreja catholica que elle se converteria mais tarde em seu implacavel inimigo!

Encaminhado á devassidão e desenvoltura de costumes, corria incessantemente após amores faceis e fugitivos, e a chronica de suas aventuras, bem que commentada e censurada geralmente pelo seu povo, não lhe aconselhava a arripiar carreira.

Desgostara-se da rainha, encerrara-a no fundo de seus palacios, não querendo vel-a nem mesmo encontral-a nos seus desvarios.

Resignava-se, no entanto, Catharina com animo tranquillo, e na solidão lamentava seus padecimentos. Mostrava-se por esse tempo na côrte uma dama fulgurante de belleza, arrebatadora de encantos, toda seducção e feitiço, pelo porte o ademans, Anna Bolena, oriunda de familia plebéa, mas que já penetrara entre as fidalgas. Assaltado de paixões rapidas e violentas, ainda que voluveis, deixou-se o rei fascinar por aquella deslumbrante formosura. Cobiçou-lhe a posse, apenas o surprehenderam tantos attractivos.

Todos os generos de seducção foram logo empregados

para vencer a donzella, tão admirada por elle e tão anheada por seus appetites insaciaveis. Anna, porém, resistiu ao amor, que o rei lhe manifestava nos termos mais calorosos, e declarou-lhe positivamente que era humilde demais para ser rainha; tinha, todavia, bastante dignidade para não ser amante.

Mais excitava-se a paixão de Henrique VIII com as recusas de Anna. Resolveu, como todos os despotas poderosos, cortar por si e violentamente as difficuldades que o separavam do objecto querido e ambicionado, e usufruil-o pelo unico modo que lhe parecia proficuo: lembrou-se de annullar seu casamento com Catharina, para casar-se com Anna Bolena.

Não fôra Catharina sua cunhada e pois parenta proxima?

Os canones da egreja catholica, as doutrinas de varios theologos, não se oppunham a semelhantes consorcios, que alguns denominam incestos? Não lhe devia o Papa tantos e tão importantes favores, e não tinha Henrique direitos a exigir delle uma decisão conforme seus caprichos? Não divorciara a Curia Romana, annos antes, o rei de França Luiz XII em hypothese quasi identica? Tratal-o-hia o Papa com inferioridade de consideração?

Para Roma expediram-se supplicas do rei. Clemente VII, porém, assustou-se. Além de não querer imitar a Alexandre VI, que facilmente decretava nullidades de matrimonio, e fôra quem divorciara Luiz XII de Joanna de França, assustava-se do imperador da Allemanha, parente chegado de Catharina, e que a tomara sob sua protecção. Não fôra o Papa prisioneiro de Carlos V durante sete mezes e não se salvara promettendo não contrariar-lhe mais a politica?

Aos fracos cabe a tergiversação, os adiamentos e promessas, que se não cumprem, para ganharem tempo e escaparem aos perigos de uma resolução qualquer que os comprometta.

Manobrou com esse systema Clemente VII. Ao passo

que deixava entrever a Henrique uma resolução satisfatoria, ordenava secretamente ao cardeal Wolsey, nomeado inquiridor e juiz, e ao nuncio acreditado em Inglaterra, protellassem o negocio, comquanto simulassem toda a urgencia na solução.

Pensava o rei que triumphava quando Wolsey, pretextando escrupulos, appellou para o nuncio, e este abandonou logo depois a embaixada que lhe fôra incumbida, sem que se houvesse resolvido a questão. Queixou-se Henrique energicamente ao Papa, e impoz-lhe a condição, quando não annullasse seu casamento, de consentir-lhe casar-se com segunda mulher, bem que se não considerasse divorciada a primeira.

Continuou o Papa a responder-lhe com subterfugios. Henrique VIII por natureza e caracter não estava habituado a mudar de designios e menos de caprichos. Irritado contra Wolsey demittiu-o dos empregos que exercia, mandou-o prender e instaurar-lhe processo como traidor. Falleceu felizmente Wolsey antes de ser julgado.

Convocou então Henrique seu parlamento. Temiam-se do rei todos os seus membros ; curvaram-se, pois, á sua vontade e decidiram reconhecel-o protector e chefe supremo da Egreja Ingleza, rompidos por este acto todos os laços que até ali a prendiam á Roma.

Para casar-se com Anna Bolena carecia declarar-se divorciado de Catharina. Para que apparecesse aos olhos do publico um simulacro de legalidade, nomeou o rei juizes ecclesiasticos que sentenciassem a causa. Não tardaram os improvisados magistrados em considerar nullo o casamento por motivo do parentesco proximo. Recolheu-se Catharina a um convento e na solidão e abandono terminou os dias de vida.

Passou o rei a novas nupcias com Anna Bolena.

Não admittiu, no entanto, ao principio, Henrique VIII as doutrinas da reforma proclamada por Luthero na Allemanha, bem que não reconhecesse tambem mais ao Papa como chefe da Egreja Ingleza. Continuou a conservar

os canones anteriores e guardar intacta a auctoridade dos dogmas catholicos, com a unica mudança do chefe espiritual. Proclamou-se francamente Pontifice, como rei de Inglaterra, que ficou separada de Roma na sua religião e egreja. Excommungou-o o papa. Desprezou-lhe Henrique VIII as bullas e breves, e seu povo acompanhou-o com o mesmo respeito, consideração e applausos. São sempre assim as multidões: seguem sempre os vencedores.

Constituiu-se Henrique VIII inimigo ao mesmo tempo dos lutheranos e dos catholicos; a uns e outros perseguia. Não se cansava de castigos. Victimas numerosas de ambos os cultos subiram ao cadafalso; era egualmente grave o crime de suspeita quer de perseverar na crença romana, quer de abraçar todas as doutrinas da reforma lutherana. Força é confessar que o catholicismo em Inglaterra perdia diariamente, porque as multidões, ciosas de sua nacionalidade, o consideravam governo estrangeiro, e a causa da reforma augmentava a olhos vistos com o numero de proselytos, que lhe adheriam, ainda que perseverasse o rei no meio termo por elle imaginado. A quantidade de victimas condemnadas e executadas no cadafalso por motivos de religião excedeu á de todos os reis perseguidores que lhe succederam no throno, quer Isabel, quer mesmo Maria Tudor e Thiago II.

Foram, portanto, abraçando as novas idéas de reforma grande parte da nobreza e do povo, emquanto que o clero e particularmente os frades preferiam obedecer a Roma. E' difficil descrever-se as arbitrariedades e violencias praticadas contra os religiosos considerados inimigos. Supprimiram-se todos os conventos, expelliram-se, prenderam-se, castigaram-se numerosa cópia de monges; apoderou-se a corôa de suas propriedades e terras; aboliram-se mais de quatrocentos collegios, cathedraes, capellas e hospitaes, que elles ou o clero secular administravam. Despiram-se dos cargos principaes da Egreja os padres recalcitrantes; confiaram-se as dioceses e abbadias a sacerdotes que adheriram á revolução proclamada pelo monarcha ou

a novos padres improvisados e consagrados por auctoridade régia. Entre os perseguidos e decapitados ás mãos do algoz, celebridades scientificas se contam, particularisando-se uma, como talvez a mais notavel, o profundo theologo Thomaz Moro, gloria das lettras inglezas.

A pouco e pouco se foi assim fundando em Inglaterra uma Egreja particular, de todo autonoma, separada tanto de Roma como das reformadas da Allemanha e da Suissa, posto que de uma e de outra adoptasse doutrinas, preceitos e exemplos.

O prazo, porém, de cinco annos decorridos desde seu novo consorcio, em vez de accrescer-lhe o amor e sympathia, saciara, pelo contrario, a paixão do voluvel Henrique VIII pela segunda rainha Anna Bolena. Começou a manifestar-se della enfastiado, cansado, aborrecido, e não tardou em voltar ás aventuras e correrias de que fôra tão predilecto durante o convivio com Catharina de Aragão.

Anna Bolena, todavia, devotava-se escrupulosamente ao cumprimento de seus deveres de esposa e esmerava-se em cuidados pela educação de uma filha que lhe nascera, e que reinou posteriormente, em Inglaterra, sob o nome de Isabel, dotada de animo tão varonil e intelligencia e criterio tão apurados que nem um soberano foi mais que ella admirado e veneradc pelo povo britannico. A familia de Anna, bem como ella, trocou a religião catholica pelo culto lutherano. Manifestava-se Anna francamente hostil aos proselytos de Roma e do Papa e esforçava-se em insinuar no animo do rei as idéas de uma reforma cada vez mais adcantada do catholicismo. Do enthusiasmo religioso de que ella dera signaes patentes deriva-se egualmente o despeito do rei, que não desejava ir tão longe no schisma que elle suscitara.

O conhecimento das opiniões religiosas de Anna suscitava opposição tambem e bastante odiosidade por parte de quantos não desejavam radicaes transformações do culto, e bem assim dos que, temerosos do rei e simulando acompanhal-o exteriormente em suas idéas, guardavam, todavia,

intimo da consciencia, os antigos ensinamentos e fideli-
de aos dogmas catholicos.

Não era já razão pcderosa para alienar-lhe os affectos,
o na solidão do claustro padecesse Catharina de Aragão?
io fôra Anna Bolena a causa de repudiar Henrique VIII
ua primeira consorte e o pretexto de se mudar de religião
enegar-se a obediencia ao chefe reconhecido da christan-
le? Rainha de facto e não de direito, não continuavam
itos a reputal-a? Não era natural que se levantassem
ialmente grandes invejas e ciumes contra a familia
provisada, que o capricho do rei elevara á primeira
rarchia do Estado? Não estavam exasperados muitos
algos da primeira grandeza de que a fortuna e só a
tuna alçasse Anna ao throno, quando sua estirpe era de
ala muito inferior á delles? Apenas perceberam os
tezãos mais agudos que o rei enfastiava-se de Anna,
enava-se do amor que lhe dedicara, começaram por seu
lo em commentos desairosos, conjecturando motivos mais
ndados que o capricho. Desde logo foi diminuida a côrte
Anna e crescendo o numero dos inimigos de sua pessoa
le sua familia e dos invejosos de sua sorte e elevada
uação.

Como Catharina, não poderia decahir Anna do favor
ité da protecção do monarcha?

Não tardou a manifestar-se publicamente indisposição
ntra Anna. Em sentido desairoso interpretavam-se todas
suas palavras e gestos; narravam-se actos; minucia-
m-se ditos da rainha, que se consideravam compromette-
res, sem que, todavia, apparecesse uma prova clara e
anifesta contra seu procedimento. Chegaram aos ouvidos
rei os boatos propalados; não o irritaram zelos, que o
nor já elle não professava. Impressionou-se, porém, sua
gnidade de rei, seu amor proprio de homem, e, incitado
lo capricho, orgulho e fatuidade, tratou logo de desfa-
r-se da segunda consorte.

Não lhe estava já acenando tambem a cobiça brutal
or Joanna Seymour, dama de honra da rainha, que, as-

tuta e formosa, resistia-lhe aos instinctos da nova pa[illegible] que lhe brotara do peito?

Por sua parte não cuidou Anna de serenal-o; [illegible] trava-se altiva quando o rei lhe dirigia perguntas cap[illegible] e ciumenta contra Joanna Seymour, por ella já suspei[illegible] rival. Contrariado assim Henrique e exacerbado cada mais contra Anna Bolena, que se lhe não humilhava e [illegible] parecia assustada deante de ameaças, mandou abrir [illegible] vassas a respeito do procedimento da rainha, nome[illegible] juizes especiaes, conhecidamente inimigos da familia. [illegible] maram-se como testemunhas os desaffectos já pelo ci[illegible] inveja, já por motivos de religião, já adivinhos das [illegible] tenções do monarcha e anciosos de agradar-lhe nas [illegible] vistas novas.

Resultaram, porém, dos inqueritos imputações ap[illegible] vagas; cada um depoente mencionando uma diversa e [illegible] cordando todos entre si. Continuava o processo, sem poder prever exito favoravel aos desejos de Henrique V[illegible] Para os espiritos reflectidos prova seria este facto em fa[illegible] de Anna e não contrária á sua innocencia. Falavam testemunhas que lhes constava ter ella amantes; não es[illegible] cificavam, porém, nome nenhum, e como seria possivel [illegible] ella com elles se communicasse nos seus paços, espiona[illegible] cercada de tantos inimigos e desaffectos, sem que apanhassem documentos ou vestigios que demonstrassem crime? Que significavam apenas ditos de outiva ou [illegible] tos infundados?

Hesitavam ainda os juizes quando o rei ordenou-l[illegible] positivamente que sentenciassem a causa. Apezar de [illegible] protestos e lagrimas, foi Anna Bolena condemna[illegible] Tornaram-se os juizes instrumentos da vontade do r[illegible] bem que não movidos por convicções e consciencia propr[illegible] Não estava, por seu lado, Henrique VIII convencido [illegible] crime imputado á consorte, mas queria libertar-se della [illegible] collocar no throno e em seu logar a joven e linda Seymou[illegible]

Quanto é tocante a carta que a historia guarda e q[illegible] Anna Bolena escreveu a Henrique VIII, da Torre [illegible]

ndres, designada para sua prisão, e no meio dos soffri-ntos e dôres que ali padecia, sujeita a um processo ver-nhoso, exposta ás injurias e doestos de seus desaffectos!

" — Elevastes-me, Senhor, da posição modesta em a sorte me collocara á de vossa esposa e de rainha: a alta dignidade, sabeis melhor que ninguem, nunca a objecto de minha ambição ou desejos. Se me achastes na de semelhante honra em epocha mais feliz, porque em bastar um capricho ligeiro, ou perfidos conselhos meus inimigos para roubar-me não só o amor, mas até avor do meu rei? Não consintais, Senhor, que a odiosa .mnia, derivada da idéa da grandeza a que me lançastes, ule vossa esposa fiel sempre e de uma filha que della itimamente tivestes. Julgai-me, se o precisais, mas em bunal legal, e não por inimigos pessoaes e sem consciencia, blicamente, deante de todos, com fórmulas que permittam fesa, e conto que assim reconhecer-se-ha minha inno-ncia. Se se demonstrar então que sou criminosa, conde-nai-me livremente, castigai-me, e livre ficareis então de ir-vos áquella que ora merece a vossa affeição e é a usa de toda esta minha perseguição. Quando, porém, teja assentada minha morte e resolvida minha deshonra, me resta pedir a Deus que vos perdôe! Torre de Lon-res, 6 de Maio de 1536."

Não commoveu-se o tyranno. Recebida a sentença ndemnatoria, assignou ordens para executar-se sem perda tempo dentro mesmo da Torre de Londres. Ainda hoje li se guarda o cepo em que pousou Anna a formosa beça, recebeu o golpe rijo do cutello que lhe descarregou carrasco, e perdeu a vida violentamente. Mandou-se vir Calais, em França, então possessão ingleza, um algoz amado. Anna não se queixou de ninguem, não lastimou a sorte, mostrou-se resignada, e apenas dirigiu a Deus na curta oração, pedindo-lhe perdão para Hen-que VIII. Seu cadaver encerrou-se em um caixão de rvalho e depositou-se em um dos quartos da torre.

Conta a legenda que em Richmond esperava Hen-

rique, encostado a uma janella do palacio, que da T de Londres se lhe dirigisse o signal de estar concl a execução. Quando ouviu os tiros e percebeu o estand negro entregou-se a um accesso de alegria que par loucura: no dia seguinte celebrou seu casamento Joanna Seymour.

Grande foi a indignação que em Londres causou inesperado acontecimento; mas que podia o povo en queeido praticar? Não se affirmava na sentença Anna tomara parte em conjuração contra o rei, visto qu não conseguira demonstrar que houvesse commettido a terio?

Não se tornara Henrique VIII o soberano on potente da Inglaterra? Não chamara á sua causa os n e o clero, já pelo temor, já com honrarias, já com con sões de bens roubados aos mosteiros, e sequestrados a p soas condemnadas pelo seus tribunaes subservientes? era nem catholico, nem lutherano, não tinha opiniões ligiosas fixas, mas era chefe de uma egreja improvis e dictador supremo da nação.

Sentou-se no throno Joanna Seymour, como terc mulher de Henrique VIII. Da nova união matrimo nasceu um principe, Eduardo, que foi tambem rei de glaterra com o appellido de VI. Não gozou, toda Joanna Seymour por muito tempo das vaidades de rain Bem não decorrêra um anno, quando dos resultados parto sobreveiu-lhe a morte.

Não se habituara Henrique VIII a dispensar mul titular, além das innumeras favoritas que sempre requ tava. Enfastiado, todavia, de suas subditas inglezas, p tendeu consorte de estirpe régia. Apezar dos esforços seu emissario o ministro Cromwell, não conseguiu princ senão a de um pequeno estado da Allemanha. Anna Cleves consentiu, para ser rainha, aceitar-lhe o leito. S retrato agradou ao rei, que a recebeu em Inglaterra co esposa; jamáis porém pôde-se-lhe affeiçoar nem por u instante.

Dirigiu desde logo os olhos para Catharina Howard, filha do seu favorito, duque de Norfolk, e tratou de divorciar-se ainda da quarta consorte! Mostrou-se, porém, Cromwell contrário ao designio: expelliu Cromwell do seu conselho, mandou-o processar e condemnar á morte como traidor.

Quinta mulher contou, pois, Henrique VIII. Divorciado por sentença de Anna de Cleves, consorciou-se com Catharina Howard.

Não foi, todavia, Catharina Howard mais feliz que suas antecessoras. Dir-se-hia o leito régio empestado.

Denunciou-se ao rei que, antes de seu casamento, havia Catharina entretido relações illicitas com dois individuos, Derban e Marwek; e continuava-as occultamente depois que Henrique VIII a desposara.

Prenderam-se os dois accusados, que confirmaram a exactidão da denuncia, no tocante ao tempo em que era Catharina solteira. Negou Catharina ao principio, mas, perante os cumplices, confessou que os conhecera intimamente. Affirmou, porém, que era livre antes de casar-se, e não adivinhava que subiria ao throno. Como rainha procedia regularmente, e pois não podia ser reputada criminosa.

Na Torre de Londres foi Catharina mandada encerrar; processada e condemnada, não escapou á morte ignominiosa, executada no cadafalso. Não se perdoaram seus dois anteriores amantes que perdêram egualmente a vida ás mãos do algoz depois de soffrerem affrontosos tratos e torturas horrendas.

Procurou Henrique nova mulher. Escolheu Catharina Parr, viuva do ultimo lord Latinner, cujos dotes physicos e espirituosos conceitos o encantaram. Com a marcha dos annos e principalmente por causa das estravagancias de uma vida libidinosa e desregrada, tinham-se-lhe transformado as apparencias physicas, affeiado as feições do rosto, e curvado o corpo, em éras passadas delgado e elegante. Aspirava, comtudo, a ser ainda amado das mulheres.

Não decorreu muito tempo sem que se enfastiasse da sexta consorte. Escreveu alguns capitulos de accusação contra ella, no proposito de confial-os a juizes que a sentenciassem como praticara no tocante ás outras.

Ou por descuido seu, ou por diligencia e vigilancia de Catharina, chegou ao conhecimento da rainha a intenção de Henrique VIII. Não vivia ella em permanente desconfiança da sua versatilidade, lembrando-se das antecessoras? Assustada reflectiu sobre os meios de salvar-se. Simulou paixão estremecida pelo marido, mostrou-se-lhe dedicada aos seus projectos religiosos, prometteu-lhe illimitada obediencia, exemplar resignação e tratou de affeiçoar-lhe o animo e a piedade.

Ou deveras enternecido, ou resoluto apenas a adiar, suspendeu Henrique VIII seus intentos a respeito da rainha, mas tratou de feril-a no mais fundo dos sentimentos do coração. Não era ella intima amiga de Anna Ascue, dama nobre da côrte, reputada espirito esclarecido da epocha? Não se dizia que Anna Ascue recusava adherencia a certos pontos da nova doutrina religiosa, adoptada pelo monarcha? Mandou-a Henrique VIII prender e processar, e incumbiu aos juizes applicassem tratos, polés e tormentos, afim de coagil-a a confessar seus erros e a declarar principalmente seus cumplices. Não poderia ser apontada e incluida a rainha, e não era a occasião mais azada então para o rei d'ella libertar-se?

Supportou Anna o supplicio das torturas, resistindo com admiravel coragem. Nem uma palavra deixou escapar que compromettesse quem quer que fosse. Martyrisada no corpo, nos braços, nas pernas, com ferros abrazados e açoites afiados, morreu victima innocente, no cadafalso. Não ousou a rainha defendel-a e nem lamentar-lhe a sorte, preferindo submissão decidida a riscos certos.

Felizmente para Catharina Parr, chegou tambem ao rei a vez de soffrer e muito soffreu, antes que d'ella se separasse. Já padecia de uma ulcera antiga em uma das pernas. Exacerbou-se a chaga, e dôres horriveis atormentavam-n'o.

Não o aliviavam momentos sequer de descanso; dias ites inteiras gemia, desesperava-se, lamentava-se, entre-a-se a inauditos furores. Não podia cuidar nem do go-no do reino nem dos negocios domesticos. Aggravada a vez mais a ulcera, resultou de seus effeitos que descesse pultura Henrique VIII em 1547.

Quem é aqui o culpado? As mulheres, que a legenda riptores pouco escrupulosos têm desenhado como as de castigo, ou Henrique VIII, o marido fero e al de seis differentes consortes das quaes nenhuma guiu saciar-lhe por muito tempo os instinctos tor-e vergonhosos? Da historia verdadeira resulta o co-imento de que nenhuma dellas faltou aos deveres pulosos de rainha e esposa. Catharina Howard, unica, gara-se a amores, antes de ser pelo monarcha esco-la para subir ao thalamo régio.

Quem hoje em Londres percorre a formosa abbadia de stminter e admira as galerias lateraes guarnecida de pe-nos aposentos, onde estão sepultados varios personagens stres de Inglaterra, ali poetas, acolá homens de estado, n artistas afamados ou historiadores, litteratos e sabios inctos, e ao pé delles os reis e principes das diversas nastias que têm reinado na Grã-Bretanha, encontra a canto e isolada uma cellula estreita e escura. Nella me o somno eterno o rei Henrique VIII, e em vez de aphio para ornamento do sarcophago, collocaram-se çando a um e outro seu lado os restos mortaes de s seis mulheres, das suas seis victimas! Seria de pro-sito, como ironia acerba á sua memoria ou para que não assem debaixo da terra, como haviam brigado durante da, inseparaveis lá, já que o não tinham sido em-nto no mundo viveram?



Nicoláu Villegaignon

Não ha em lingua nenhuma moderna uma biographia gular de Villegaignon : nem sua patria, a França, possue ma narrativa minuciosa e completa dos seus feitos.

A noticia, que enumera maior numero de factos a seu speito, encontra-se em uma historia da expedição de arlos V contra Argel, escripta por Gramont, que refere arios feitos militares desempenhados por Villegaignon a Hungria, na Africa e na ilha de Malta. Outras nar- tivas tratam separadamente do que elle praticou na uropa, ou quando nas terras brazileiras, onde revelara alidades de soldado e caracter de chefe intolerante e rabiliario.

Nesta ultima phase da sua vida não se deve acreditar em o que diz João Lery, que se constituiu historiographo os acontecimentos coloniaes, por ser exageradamente dverso a Villegaignon ; nem o que affirma Thevet, eu companheiro e correligionario desde que partiu de rança até regressar para França. Afóra interessantes clarecimentos que Lery e Thevet prestaram no tocante ao aiz e aos gentios que o habitavam, nem um valor historico erecem seus escriptos. Felizmente ha bastante que colher as cartas de Barré, e mais ainda na importante obra de affarel a respeito das pretendidas colonisações de fran- zes na America.

Villegaignon foi, entretanto, um homem notabilissi-

mo. Soldado, marinheiro, historiador, critico, theologo, engenheiro, politico, quasi que encyclopedico nas sciencias e nas lettras.

Lembra-nos salientar os traços principaes de sua vida, reunir os elementos dispersos que diversas obras encerram, e tornal-o assim mais conhecido e apreciado.

Interessa aos brazileiros particularmente por causa da bahia e terras do Rio de Janeiro, onde pretendeu fundar uma colonia franceza.

Parece que Villegaignon nasceu em 1510 em um logarejo de Champanha, denominado Provins; procurador régio era ali seu pai, assignava-se conselheiro de sua magestade, pertencia á ordem nobre da magistratura, e como tal usava de brazão de armas.

Nicolau Villegaignon cursou na Universidade de Pariz os estudos superiores de philosophia e theologia; teve por condiscipulo o celebrisado João Calvino, reformador religioso, que em Genebra fundou uma seita protestante, que tanto quasi destôa da de Luthero como da Egreja Romana.

Apenas attingiu á edade legal, abandonou Villegaignon as escolas, e professou na ordem dos cavalleiros de João de Jerusalém, que do governo da ilha de Rhodes se haviam transferido para a de Malta. Inspirava-o desde os mais tenros annos uma decidida vocação para o serviço militar, e pois dedicou-se á tactica das armas. Nem uma noticia descobrimos a seu respeito até o anno de 1541.

Tentara então Carlos V, imperador da Allemanha e rei da Hespanha, apoderar-se de Argel, no intuito de exterminar o ninho de corsarios e piratas, que ali acontados devastavam o Mediterraneo e o Atlantico, tomavam á força navios mercantes, assaltavam as costas ibericas, roubavam, incendiavam e espalhavam por todos os seus estados o terror e o sangue.

Pediu Carlos V o auxilio dos cavalleiros de Malta. Cérca de cem acceitaram-lhe o convite, e juntaram-se ás suas tropas. Entre elles figura Villegaignon. Partiu o impera-

dor, dirigindo uma armada de sessenta navios e um exercito de mais de vinte e cinco mil soldados.

Desembarcou e apoderou-se, sem difficuldades maiores, das posições que rodeiavam a cidade moura.

Copiosas chuvas torrenciaes, porém, obstaram-lhe a marcha, e restauraram os animos dos argelinos, para resistir-lhe. Bravuras commetteram particularmente os cavalleiros de Malta durante o cerco que se estabeleceu em torno de Argel; habilidade bastante revelou o imperador. Foi-lhes, todavia, fatal a sorte, e Carlos V viu-se compellido a desamparar a empreza e a regressar para Hespanha. Libertaram-se os mahometanos dos sustos, e entoaram a Allah canticos enthusiasticos de victoria. Nomeada memoravel deixaram, todavia, os terriveis guerreiros, que se vestiam de encarnado e traziam sobre o peito, gravada nas vestes com que se cobriam, uma grande Cruz de Jesus Christo.

Baptismo de sangue recebeu Villegaignon nos repetidos tiroteios e combates que ali se deram, e para restabecer-se foi levado a Roma, confiado aos cuidados do cardeal Bellay, e recommendado aos medicos mais affamados da cidade. Aproveitou-se do tempo para escrever e publicar na lingua latina uma historia da expedição de Argel, da qual participara tão brilhantemente. Nos idiomas francez e allemão foi a obra traduzida immediatamente, como relação fidedigna, e impressa em 1546 em Paris e em Neuburgo.

Restaurada a saude, não quiz conservar-se em inacção. Dirigiu-se para Hungria, onde soube que christãos e turcos se guerreavam tenazmente. Servia em 1542 sob as ordens do imperador da Allemanha quando constou-lhe que França e Hespanha preparavam-se para romper hostilidades. Correu a alistar-se no exercito de sua patria, e combateu briosamente na conhecida batalha de Grisoles, ganha pelas armas de Francisco I de França.

Pretendia, no entanto, Henrique VIII de Inglaterra que a rainha da Escocia, Maria Stuart, ainda muito

criança, se esposasse com seu filho e herdeiro Eduardo no proposito de juntar a seus estados os dominios da Escocia. Obteve Henrique VIII promessa do regente do reino. Não se contentou com ella, exigiu que lhe fosse entregue a rainha, afim de ser educada em Inglaterra, ahi consorciar-se com seu filho, logo que attingisse a edade apropriada. Não tinha então Maria Stuart mais que quatro a cinco annos. Tão inopportuna e inconveniente proposta recusou o regente admittir. Tratou então Henrique VIII de apoderar-se violentamente da pessoa de Maria Stuart. Uma frota penetrou na bahia de Forth, um exercito transpoz as fronteiras e marchou sobre Edimburgo.

Nos seus apuros resolveram o regente de Escocia e seus conselheiros implorar soccorros de França. Não trepidou Henrique II que succedera a Francisco I, em responder satisfactoriamente. Aprомptou-se a frota para conduzir á Escocia um corpo expedicionario. Villegaignon, já conhecido como bravo e apreciado em emprezas temerarias, tomou o commando de uma nau de guerra. Bem que fallecesse por esse tempo Henrique VIII, o duque de Limerick, regente em nome do novo rei Eduardo, continuou a politica iniciada. No ancoradouro de Forth estabeleceu-se a esquadra ingleza; no de Leith ancorou a franceza, comquanto menos importante em numero de navios, armamento e pessoal belligerante. Não se consideravam em guerra, mas vigiavam-se mutuamente, promptos ao primeiro signal que lhes fosse dado para romperem em hostilidades.

Planejaram os estadistas escocezes mandar Maria Stuart para França afim de salval-a dos inglezes: como, porém, atravessar mares dominados pelos navios de Inglaterra?

Adoptou-se um estratagema. Uma parte da frota franceza dirigir-se-hia para o norte. Simulando retirar-se dobraria os cabos septentrionaes da Escocia, penetraria no golfo de Clyde, e abordaria na bahia de Dumbarton,

lado opposto da ilha ; a menina rainha, conduzida por
terra furtivamente para Dumbarton, embarcar-se-hia então
nos navios francezes, e seguiria para o continente. Indispensavel era todo o segredo para que os inglezes lhes não
frustrassem os planos. Combinados os projectos com o chefe
francez, foi escolhido Villegaignon para commandar cinco
navios, incumbidos da empreza.

Escapou Villegaignon á vigilancia dos cruzadores
inglezes. Atravessou com felicidade de um para outro
lado da ilha. Era então uma viagem por demais temeraria e arrojada sobre mares altanados e perigos, cachopos
pouco conhecidos. No dia 7 de Agosto de 1548, fundeava
em Dumbarton, recebia a bordo a rainha, os fidalgos e
côrte que a acompanhavam, fazia-se de vela, e seis dias
depois entrava no porto de Brest, depois de concluida
com a maior felicidade a delicada commissão que se
lhe havia encarregado.

Recompensou-o Henrique II, nomeando-o vice-almirante da Bretanha, e concedendo-lhe cargo importante no
porto militar de Brest.

Defendiam-se no entanto e bravamente os defensores
da ilha de Malta contra ataques pertinazes de turcos, que,
senhores do Mediterraneo pelos seus piratas das costas
africanas desde Tunis até Alger, anciavam apoderar-se da
cidadella e fortaleza, onde residiam os famosos cavalleiros
de S. João de Jerusalém. Não pôde Villegaignon conservar-se tranquillo em França ao soar-lhe aos ouvidos nova
tão grave. Obteve licença de Henrique II e partiu para
Malta decidido a coadjuvar os esforços dos seus correligionarios. Ahi summariam-se suas bravuras, bem como em
Tripoli onde acudira para descercar a praça. Sua fama
espalhava-se por entre os musulmanos : conheciam-no pela
grandeza do corpo, pelas vestes encarnadas ; assustavam-se
ao vel-o apparecer nos combates. Despeitado, porém, contra
o grão-mestre da Ordem, hespanhol de nascimento, e que
em sua opinião não sabia empregar os poderosos recursos
de que dispunha, e preferia travar brigas e partidos entre

os proprios companheiros, abandonou Villegaignon a i
de Malta, regressou para a França, e publicou uma n
rativa dos acontecimentos, endereçada ao rei de Hespan
no intuito de revelar-lhe os males causados á causa d
christãos pela incapacidade do Grão-Mestre da Orde

Estabeleceu-se em Brest, para exercer o cargo que l
fôra confiado. Mas o genio de Villegaignon era brigo
irascivel e não se subordinava a pessoa alguma por ma
levantada que lhe fosse em jerarchia. Rompeu com
governador geral da cidade, e Henrique II ordenou qu
Villegaignon deixasse Brest e se occupasse em outro ser
viço do Estado.

Foi então que pensou Villegaignon em formar es
belecimentos coloniaes na America. Em paz estava
França ; não lhe sorria voltar para Malta e sujeitar-se a
Grão-Mestre que elle tão acremente accusara de fraco
inepto. Em que occupar-se ? Para que assumpto conver
sua actividade ?

Tentaram-no alguns armadores e negociar
quem conversara a respeito de excursões maritimas,
normandos e bretões praticavam nas costas do Brazil en
busca da madeira, que produzia uma preciosa tinta escar
late. Ouviu contar maravilhas do novo paiz ; salubre e
uberrimo, habitado por indigenas mansos e amigos d
francezes, facil de communicações e preparado para futur
auspicioso.

Deparavam-se apenas difficuldades nos mares, quand
se encontravam portuguezes, francezes ou hespanhoes, que
se tratavam mutuamente como piratas, não poupando o
roubo, o incendio, o assassinato. Não se mostravam em
Ruão, Dieppe e Honfleurs, numerosos gentios brazileiros
passaros exquisitos e animaes singulares, madeiras de
grande valor, que navios francezes traziam e que causavam
admiração e espanto ?

Faltava-lhe a Europa com a justiça que pensava ter
resolveu fundar no Brazil uma colonia, em que livremente
preponderasse e governasse, embora em nome de França.

como suzerana e metropole. Procurou o almirante Coligny, poderoso ministro sob Henrique II, e expôz-lhe seus planos.

Geitosamente insinuou-lhe que no Brazil se podiam asylar, e com liberdade prosperar, quantos abraçavam a religião protestante; não era Coligny reformista e não devia favorecer os sectarios de seu culto? Não se poupariam luctas em França, afastando para a America os proselytos do protestantismo? Prometteu-lhe apoio o almirante, seduzido pelas idéas de tolerancia que Villegaignon affirmava.

Pelo lado dos protestantes considerou-se coadjuvado Villegaignon. Convinha-lhe tambem o auxilio dos catholicos. Ao rei dirigiu-se directamente; ao cardeal de Lorena supplicou intervenção favoravel. Não seria vantajoso á França fundar colonias ultramarinas, povoal-as com o excesso de seus habitantes na Europa, formar novos nucleos e centros de commercio?

Conseguiu promessa régia, e cuidou logo de organisar planos para a empreza. Confiou-lhe Henrique II dous excellentes e grandes navios, artilhados fortemente: ordenou que do erario publico se pagassem munições de guerra e de bocca, soldos de marinheiros, etapa de officiaes de bordo e todas as despezas necessarias para segura navegação; que se subsidiasse com dez mil francos a tarefa de contractar-se obreiros e emigrantes, e se facultasse ao vice-almirante o recrutamento para as equipagens, conforme lhe fosse conveniente.

Assim a Coligny agradava Villegaignon, assegurando-lhe tolerancia e liberdade religiosa na America, e deixando-lhe entrever que pendia seu espirito para o protestantismo; ao rei e a seus parentes, ultramontanos catholicos, manifestava-se firme como cavalleiro de Malta e defensor fiel e denodado da orthodoxia romana. Começam desde então os escriptores a nodoar-lhe o caracter; representava dous papeis differentes e oppostos. Tinha por ventura idéa honesta e boa fé de guardar neutralidade

no Brazil, e não intervir em questões religiosas, para que ellas não ameaçassem, como na Europa, divisões de povos, cidades e familias e acarretassem guerra civil devastadora e sanguinolenta ?

Uniram-se-lhe logo armadores bretões e normandos, no intuito de abrir mais regular commercio entre a França e Brazil. Não se applicavam já a uma navegação, bem que sujeita a luctas com portuguezes, que como descobridores da terra não tratavam ainda de povoal-a convenientemente para garantirem sua posse ?

Apoiados agora pelo governo não deviam esperar lucros remunerativos de suas diligencias e mais prospero futuro?

Desde que Pedro Alvares Cabral, no dia 22 de Abril de 1500, encontrara o Brazil, procurando caminho para as Indias, os francezes atiraram-se ás costas americanas, abriram relações com os gentios e com elles commerciaram; que lhes importavam luctas com os portuguezes, embora perdessem muitas caravellas nos encontros ?

Por seu lado os portuguezes tratavam agora de fundar colonias nos pontos mais interessantes.

Dividira D. João III suas terras em capitanias, de cincoenta leguas pouco mais ou menos de costa e todo o interior de que os donatarios se apossassem : creava assim feudos na America como na Europa haviam existido. Pensava que povoaria e defenderia por este modo mais effectivamente a terra contra as invasões de povos estranhos. Os sitios, porém, habitados pelos portuguezes, poucos eram na extensão immensa do Brazil, e mal seguros e garantidos, quer dos assaltos de europeus que os ambicionassem, quer de surpresas de gentios, que em tribus copiosas e ferozes povoavam as mattas interiores e mostravam-se seus fidagaes inimigos.

Com difficuldade conseguiu Villegaignon immigrantes : foi-lhe mister tiral-os das enxovias e masmorras, e receber condemnados a trabalhos publicos e á forca, para ter colonos : encontrou ainda neste trabalho o auxilio do governo.

Protestantes e catholicos foram admittidos, promettendo-se a todos tolerancia e liberdade religiosa.

Austero cavalleiro de Malta, habituado á rude disciplina dos acampamentos militares, como eram os conventos de sua Ordem, entendeu Villegaignon que devia transportar para a America o rigor, o sacrificio, as abstinencias de costumes e as leis de castidade: não admittiu, portanto, mulheres a bordo dos navios apparelhados para a expedição. Pensou tambem que a terra pintada tão deslumbrantemente possuia tudo o que os colonos precisassem, e que bastava-lhe levar mantimentos e bebidas sufficientes para a viagem maritima.

Não esqueceu, todavia, ricos moveis, livraria excellente, ornamentos luxuosos de egrejas, vestimentas pomposas, com que imaginava offuscar os olhos dos indigenas e impôr-se a seus espiritos rudes e enthusiastas.

Embarcaram-se, emfim, em tres navios cêrca de quatrocentos homens, collocando-se á frente Villegaignon, como chefe e governador das terras que occupasse, em nome de Henrique II, rei de França.

Para não alongarmos esta noticia deixaremos de parte as peripecias da viagem.

A 10 de Novembro de 1555 penetraram os tres navios francezes na bahia de Guanabara, que os portuguezes haviam já conhecido e mimoseado com o nome de Rio de Janeiro, porque tomaram a bahia por um rio caudaloso, e no mez de Janeiro a tinham descoberto. Consideravam os portuguezes seus dominios toda a costa do Brazil desde além da linha equinoxial até o termo ultimo do sul, bem que hespanhoes se houvessem estabelecido no Rio da Prata.

Ao Brazil concorriam já para trafico de madeiras portuguezes, inglezes e francezes em navios isolados e particulares, posto que nem um dos dous ultimos povos houvesse ainda formado estabelecimento ou colonia. Os portuguezes tinham já creado pequenas povoações, pelos esforços individuaes de varios donatarios, a quem a

corôa distribuira a terra: ao norte Olinda, Bahia de Todos os Santos, Ilhéos, Porto Seguro, Espirito Santo; ao sul São Vicente e Santo Amaro. Abandonado estava, todavia, o Rio de Janeiro, bem que incluido na carta de concessão de Martim Affonso de Souza.

Habitavam o Rio de Janeiro tribus pertencentes á familia denominada Tamoyos, descendentes do mesmo tronco que os demais indigenas da costa desde o Ceará até quasi o Rio da Prata, posto que guerreando-se mutua e permanentemente, e falando dialectos um tanto variados, ainda que oriundos da mesma lingua.

Com algumas tribus relacionavam-se os portuguezes: outras, e particularmente os tamoyos, nutriam odios entranhados contra elles e moviam-lhes tanto mais tenaz opposição, quanto viviam os portuguezes em paz com seus inimigos do sul, os goyanazes de S. Vicente.

Extasiou-se Villegaignon deante do esplendido panorama que a bahia do Rio de Janeiro apresentava aos olhos. Lago, senão immenso mar, cercado de montanhas, umas graniticas, terminando como em flexas pittorescas, *outras* revestidas do mais luxuriante arvoredo coberto da vegetação mais opulenta; ramalhetado o golfo de ilhas, cabos e enseadas encantadores, e apenas por uma estreita entrada communicando-se com o Oceano Atlantico. Contemplando tão grandioso espectaculo, penetrando-se de commoções maravilhosas, absortos e extaticos de admiração, mostravam-se os mareantes e consideravam-se no paraiso.

Examinou Villegaignon as enseadas, as ilhas, as costas do continente. Em vez de desembarcar em terra firme, onde poderia formar estabelecimento agricola que prestasse recursos naturaes aos colonos, preferiu *uma pequena* ilha, que se appellida hoje da Lage. Deparando difficuldades para o desembarque, escolheu outra maior e mais extensa, que conserva em nossos dias o seu nome, e que pela sua posição parecia dominar mar e terra e conter todos os elementos para a defensa, quando por inimigos assaltada. Ahi formou a séde do seu governo, e tratou de fortalecer-se e

garantir-se, encetando os trabalhos necessarios para a accommodação de todos os immigrantes. Os indigenas davam a esta ilha o nome de Uruçumirim.

Nada egualava o ardor dos francezes: trabalhavam todos assiduamente em levantar um forte importante no pequeno morro que existia no centro da ilha e que foi galardoado com o nome de Coligny. No interior do forte installou-se a moradia do chefe, cavaram-se prisões, rasgaram-se salas, e por cima collocaram-se peças de artilharia, e torres para signaes militares. França Antartica appellidou Villegaignon a toda a terra que com os olhos divisava, e que considerava de seu dominio.

Avistavam-se na terra firme indigenas que passeavam e espiavam; andavam nús, bem que ornados de plumas de passaros; encostavam aos hombros arcos, e feixes de flexas; corriam a bahia canôas enormes conduzindo quarenta e mais gentios, que em torno e em distancia observavam o forte dos francezes, e que manobravam com extrema pericia. Não se chegavam, parecendo assustados; necessario foi a Villegaignon procural-os, abrir relações com as tribus, receber dellas alimento, iniciar commercio e relações proficuas. Enviou á terra firme, com presentes para os tamoyos, alguns normandos, que por acaso encontraram-se com varios compatriotas, que se tinham deixado ficar no paiz, ou fugitivos ou abandonados de navios francezes mercantes, e que tinham adoptado os usos e costumes de vida dos indigenas. Lograram-se, por este modo, interpretes para se entenderem e conciliarem, e não tardaram os tamoyos em ir á ilha franceza, referir suas indisposições contra os portuguezes, prometter amizade aos novos europeus chegados. Ao avistarem Villegaignon, que os apavorava com as suas vestes e armas deslumbrantes, e que d'ahi por deante appellidaram de Pai-Colã, atiravam-se-lhe aos pés e confessavam-se-lhe submissos.

Estava, pois, em poder de Villegaignon a terra do Rio de Janeiro.

Erro e erro grave commetteu, desde o principio, Vil-

legaignon. Em vez de passar colonos para a terra firme, e confiar-lhes as sementes, que trouxera, de plantas necessarias e uteis á nutrição, empregou todos os seus companheiros e muitos gentios que seduzira, nas obras de fortificação da ilha. Coagido foi, portanto, a receber mantimentos dos gentios, e até agua para seu uso e necessidades, pois que a ilha estava della inteiramente desprovida; gastara-se tambem o mantimento que de França se trouxera.

Faltando-lhe tino administrativo, não percebeu Villegaignon que grande parte dos immigrantes compunham-se de réos de policia, de malvados e criminosos, já condemnados pelos tribunaes francezes; que os gentios desconfiavam sempre dos europeus; que a menor rixa suscitada, produzindo falta de confiança, entregava-o á fluctuação dos acontecimentos, e collocava á mercê dos gentios a ilha balda de todos os recursos indispensaveis á vida.

Não tardou em realisar-se a scisão. Era absoluto e teimoso Villegaignon em suas resoluções. Suscitou rixa com os normandos que encontrara entre os gentios e que serviam de interpretes, e castigou com crueldade alguns por faltas mesquinhas e desculpaveis. Tornou-os assim inimigos, e com seu procedimento descontentou e irritou os proprios companheiros que com elle tinham vindo de França.

Não poucos destes trataram desde logo de conspirar e depôl-o da autoridade suprema. Esperavam para praticar o crime que para França partissem os navios, temerosos da subordinação dos marinheiros que eram affeiçoados ao vice-almirante.

Conjurações quando não executadas logo que concebidas frustram-se necessariamente. No dia 4 de Fevereiro de 1556 mandava Villegaignon, avisado das tramas, enforcar alguns dos conspiradores, castigar outros com severidade, e ameaçar com vigorosos castigos quantos não observassem completa disciplina e obediencia. Fugiram logo da ilha cêrca de vinte e cinco: e a deserção para o seio dos gentios

continuou a effectuar-se de modo a assustar-se o chefe, aliás dotado da maior coragem e arrojo. Pensou então Villegaignon na mudança de sitio. Da ilha não podia perseguir os que se transferiam para a terra firme. Mandou correr a costa pelo sul e pelo norte, reconhecel-a e descobrir local mais apropriado para a colonia.

Não lhe trazendo os exploradores noticia favoravel, perseverou em residir na ilha, e redobrou de esforços para a edificação dos fortes, e muralhas de defensa. Mais nisto que propriamente em colonisação occupava seu espirito.

Escreveu, no entanto, para França pedindo a Coligny e ao cardeal de Lorena novas remessas de colonos : persuadido de que não encontraria catholicos bastantes, lembrou-se de rogar auxilio a Calvino, chefe da igreja protestante de Genebra.

Appellando para suas antigas relações na Sorbonna, simulava opiniões reformistas, prognosticava que o culto novo prosperaria no Brazil, e garantia protegel-o e amparal-o. E emquanto lhe não chegavam as respostas perseverou em governar a ilha, como se fóra a de Malta, sua colonia como de professos religiosos, e soldados disciplinados, que haviam jurado castidade. Prohibiu toda a communicação com a terra firme, receioso de que os europeus relacionados com os indigenas entretivessem contacto illicito com mulheres gentias. Alienou de todo por fim a sympathia e respeito que lhe deviam tributar seus companheiros.

De França e da Suissa recebeu boas noticias de reforços de gente : Coligny e Calvino tinham acolhido com prazer suas propostas e confiavam em suas promessas favoraveis aos protestantes Tres navios ás ordens de um seu sobrinho, denominado Bois-le-Comte, partiram de França em 19 de Novembro de 1556, carregando cêrca de duzentos emigrantes pela maior parte calvinistas, e muitos escolhidos pelo proprio Calvino.

Já em companhia de Villegaignon viera para o Brazil um cosmographo catholico André Thevet ; entre os novos colonos notava-se agora o protestante João de Lery ; publica-

ram ambos, de volta para a Europa, relações dos acontecimentos de modo inteiramente diverso, contradizendo-se a cada passo, e tornando-se guias pouco seguros pelas suas exagerações partidarias religiosas, e pelas divergencias manifestas a respeito das idéas e dos feitos de Villegaignon. Deparam-se, todavia, nas obras de ambos, esclarecimentos e noticias interessantes acêrca do Rio de Janeiro e dos costumes de seus primitivos habitantes.

Pirata verdadeiro tornara-se Bois-le-Comte chefe da nova expedição durante sua viagem; assaltava quantos navios encontrava, roubava-os, lançava-lhes fogo, e assassinava-lhes as tripolações, hespanhoes, portuguezes ou de quaesquer outras nacionalidades. Avistou por fim terra entre os rios Mucury e Doce. Correu para o sul, depois de combater em vão contra os indigenas que não lhe permittiram o desembarque, e de tentar loucamente o assalto do forte do Espirito Santo, perto da actual cidade de Victoria, onde já existiam estabelecimentos portuguezes. Chegou finalmente ao Rio de Janeiro, e desembarcaram na ilha de Villegaignon os emigrantes, ao som de numerosos tiros de artilharia, com que se saudava sua boa vinda.

Alegrou-se Villegaignon, e começou a apreciar alguns personagens protestantes, entre os quaes dous pastores illustrados, que lhe attrahiram logo as sympathias.

Resultou das relações que travou Villegaignon com os dous missionarios protestantes enviados por Calvino que elle dedicou-se á leitura de livros protestantes de controversias, e seu espirito principiou a imbuir-se das novas doutrinas. Mostrara-se até então catholico firmissimo. Pareceu apostatar depois pelo menos em palavras, e em alguns actos exteriores praticados. Manifestaram-se descontentes os antigos catholicos, e gloriosos os discipulos de Calvino. Trataram os ministros protestantes de organisar propaganda para seu culto, auxiliados pela protecção séria ou apparente de Villegaignon. Folgava o antigo cavalleiro de Malta com elles discutir, argumentar e instruir-se. Affirma Lery, bem que nos não mereça muito

credito, que Villegaignon resolvera-se a tambem receber communhão protestante, e declarara publicamente que abjurava a religião de Roma.

Convém, todavia, dizer que Villegaignon affirmou sempre, e jurou depois em França, que só por politica protegera os protestantes e jamais apostatara.

Não durou muito tempo a alliança de Villegaignon e dos protestantes. Nas suas controversias com os padres, divergia ás vezes em opiniões, e tão teimosos revelavam-se elles como o proprio Villegaignon.

Não passava Villegaignon de theologo de phantasia, como fôra Henrique VIII de Inglaterra; e as affirmações pertinazes e duras dos ministros de Calvino acabaram por indispôl-o com suas doutrinas.

Não lhe pesaria tambem a idéa do quanto seria em França censurado e talvez punido pela lei e pela côrte, apostatando tão fóra de proposito? Qualquer que fosse a razão, mudou Villegaignon de rumo. Voltou-se de novo e com a mesma exageração de caracter para o lado dos catholicos.

As hostilidades doutrinaes tomaram tal incremento que Villegaignon iniciou uma perseguição systematica contra os protestantes. Imploraram desesperados os suissos de Genebra que lhes consentisse regressar para a Europa. Recusada sua supplica, abandonaram tumultuariamente a ilha em numero crescido de quasi duzentos, transferiram-se para a terra firme e ahi levantaram cabanas a que se recolheram.

Travaram muitos delles amizades com os gentios, que andavam já afastados e desconfiados de Villegaignon, e que eram incitados pelos primeiros colonos que tinham fugido ás tyrannias do vice-almirante, e que as contavam nas suas tabas no seio das florestas.

Apparecendo no Rio de Janeiro em 1558 um navio mercante francez, conseguiram os protestantes genebrenses embarcar nelle, na intenção de voltar para sua patria. Villegaignon, porém, concordou com o commandante do

navio que era mister maltratal-os durante a viagem e entregal-os em França ás justiças para serem castigados como hereticos. Era um navio velho, estragado, arruinado. Abandonou, comtudo, as plagas do Rio de Janeiro. Dias depois supportou formidavel tempestade pela altura do Cabo Frio. Desesperados a bordo pelos insultos e soffrimentos que estavam recebendo do commandante, e temerosos deante das ameaças de perseguições em França, exigiram saltar na terra que se avistava. Forneceu-lhes o commandante um escaler. Cinco, todavia, unicos, ousaram abandonar o navio, e no escaler foram levados á costa e voltaram d'ahi para a bahia do Rio de Janeiro.

Apresentaram-se á Villegaignon, implorando-lhe perdão, jurando-lhe obediencia e declarando-se arrependidos. Elle, porém, a tres mandou precipitar da torre da ilha ao mar, perdoou a um sómente. Conseguira fugir-lhe o quinto para a terra firme, escapando a nado ás suas iras e vinganças.

Entre os que seguiram para França ia João Lery, o historiographo, que publicou escriptos narrando as crueldades de Villegaignon e sua apostasia do catholicismo. Seus opusculos e o que contavam os companheiros levantaram celeuma estrepitosa na Europa contra Villegaignon. Protestantes e catholicos revoltaram-se e o apregoaram traidor e tyranno, dando-lhe a denominação de Caim da America.

Um escriptor francez, Crispi, na sua historia dos martyres, summaria barbaridades de Villegaignon, citando nomes de numerosas victimas que elle trucidara, não só dentre os protestantes, como dentre os catholicos. Deve haver de certo muita exageração na narrativa de factos falseados e deturpados, que indispunham, comtudo, os animos da colonia contra o vice-almirante.

Conhecendo, finalmente, Villegaignon, que havia já perdido mais da metade dos seus companheiros, mortos de molestias adquiridas e fugidos ou para França ou para os gentios, que era detestado na ilha pelos que lhe restavam,

e que só novos colonos poderiam auxilial-o, quando os portuguezes, que possuiam o norte e o sul do Rio de Janeiro, se decidissem a atacal-o e a recuperar seus dominios, resolveu voltar para França, não só no intuito de defender-se das accusações que sabia lhe eram dirigidas, como de reunir nova somma de emigrantes com que se fortalecesse de regresso ás suas possessões americanas. Em fins de 1558 ou principios de 59 abandonou Villegaignon as plagas de Guanabara, que nunca mais viu, posto que jurasse aos companheiros, que deixara na ilha, que em breve termo regressaria com soccorros abundantes.

Arvorou-se, por sua escolha, em commandante do forte seu sobrinho Bois le Conte. Contraste com o valente e arrojado chefe que se retirava. Mais atilado, todavia, porque preferiu reconciliar-se com os tamoyos, e com elles viver tranquillamente.

Chegado á França, ou Villegaignon esqueceu-se da colonia, ou não conseguiu auxilios que para ella reclamasse, porque tanto catholicos como protestantes desconfiavam de sua firmeza de principios religiosos ; levara, no entanto, comsigo cêrca de cem indigenas, de ambos os sexos e de todas as edades, que distribuiu pelos parentes, amigos e protectores, afim de angariar-lhes as sympathias ; entregou-se a polemicas, escreveu opusculos, levantou controversias e publicou numerosos folhetos, não em defensa sua como chefe da expedição americana, mas em proclamar seus sentimentos catholicos e ultrajar com furor incrivel os protestantes : logrou assim reganhar, um pouco, a confiança dos primeiros, e logo, nas luctas fratricidas que começaram em Amboise em 1560, vêmol-o á frente de fanaticos commetter barbaridades e perseguir ferozmente os protestantes, que ahi foram trucidados.

Seria indifferente á noticia da expulsão dos francezes da bahia do Rio de Janeiro, quando em 1560 para ahi dirigiu-se Mem de Sá, governador geral, nomeado para a colonia portugueza do Brazil ? De certo que não seria tão facil a Mem de Sá e a seus sobrinhos a tarefa de lançar

fóra do paiz os companheiros de Villegaignon, quando estes o tivessem á sua frente. Bois le Conte não possuia, porém, a bravura e arrojo de Villegaignon ; poucos companheiros, além d'isto, restavam-lhe na ilha fortificada, e bem que relacionado já com os tamoyos e coadjuvados por elles abandonaram os francezes a terra, que ao principio tanto lhes sorria.

Ha quem affirme que desejou Villegaignon, ao receber a nova da victoria dos portuguezes, regressar para o Rio de Janeiro, mas que lhe fóra negada a licença precisa.

Iniciava-se, no entanto, a guerra civil em França entre catholicos e protestantes. A Henrique II succedêra por pouco tempo seu filho Francisco II, e a este Carlos IX. Como pensar o governo de França em colonias ultramarinas ? Desamparou-as á sua sorte.

Atirou-se Villegaignon a luctas fratricidas : incumbido de limpar de protestantes a Normandia, partiu de Pariz com forças militares. Anciava dar novas arrhas aos catholicos, para restaurar de todo seus creditos religiosos. Arrastava-o zelo exagerado contra os protestantes.

Assaltou-se Ruão, provou ainda Villegaignon suas valentias, e ao mesmo tempo seus ferozes instinctos. Comquanto gravemente ferido em uma perna, lançou-se arrojadamente ás muralhas da cidade, e não poupou vida a inimigos que encontrava. Já adeantado em annos combateu ainda briosamente em Montican e tornou-se o terror dos protestantes francezes, que se estigmatisavam com o appellido de huguenotes. Restaurou por este modo e com as novas façanhas os antigos creditos de catholico fervoroso. Não perdeu occasião, tambem, de escrever folhetos politicos e religiosos, sendo, todavia, de admirar que nada jamais escrevesse no tocante ao Brazil, deixando a Lery campo livre para desacredital-o e menoscabal-o, quando apenas Thevet e seu antigo secretario Barré, em algumas curtas defesas e cartas particulares publicavam respostas fracas e tão despidas de provas quanto as accusações.

Com a edade não se lhe quebrava, todavia, a actividade do corpo, e nem se lhe diminuia a força de espirito.

Apanhou-o, porém, em Beauvais uma molestia grave, quando se dispunha ainda a combater. Em Janeiro de 1571 ahi morreu, e foi sepultado na capella dos Cavalleiros de S. João de Jerusalém.

Maria Stuart

Contava Maria Stuart seis dias apenas de existencia, quando, em 1542, por morte de seu pai, Thiago V, rei de Escocia, foi acclamada rainha; e empossaram-se da regencia do reino o conde de Arran, e da tutella da princeza, sua mãi, Maria de Guiza.

Tormentosos corriam os tempos para a Escocia. De cinco reis, predecessores e avoengos de Maria Stuart, Thiago I e Thiago II, haviam sido assassinados; Thiago III e Thiago IV tinham morrido em combate contra seus subditos revoltados; Thiago V, seu pai, finara-se de desgostos e despeitos vendo-se abandonado pela nobreza da Escocia em momento critico de guerra contra os inglezes.

Mal attingira Maria Stuart quatro annos, foi coroada, bem que em tenra menoridade, e pedida por Henrique VIII, de Inglaterra, em casamento, para seu filho Eduardo, que lhe devia succeder na corôa; aspirava fundir ambas as nações em uma só e collocal-as sob o mesmo sceptro e commum governo. Não estavam tão ligadas pelo parentesco as duas familias régias, e tão relacionados e proximos os dous povos que habitavam a ilha famosa conquistada pelos duques da Normandia, que por ella tinham deixado suas preciosas possessões em França?

Regente e conselheiros supremos da Escocia annuiram aos desejos de Henrique VIII, e comprometteram-se ao consorcio requerido.

Exigiu, então, Henrique VIII que se lhe entregasse a noiva afim de educal-a em Inglaterra, até que na edade respectiva pudesse effectuar-se sua união conjugal com o principe Eduardo.

Não agradou o projecto ao governo da Escocia e nem aos nobres preponderantes.

Alvoroçou o povo egualmente.

Não se tratava de despojar a nação de um dos seus mais primorosos direitos, quando ella estremecia de amores pela independencia da patria e pela prosperidade da sua dynastia reinante? Pretendia-se ainda roubar-lhe a educação de sua rainha, que em Inglaterra esqueceria sua patria e preferiria a adoptiva.

Recusou-se a solicitação do rei da Inglaterra.

Não era Henrique VIII, porém, facil de recuar de seus designios.

Preparou um exercito para invadir as terras da Escocia; equipou uma esquadra para bloquear-lhe os portos e pela violencia coagil-a.

Cumpria-lhe apoderar-se da pessoa de Maria Stuart, para que se não malograssem seus intuitos politicos.

Finou-se, todavia, em 1547, e antes que executasse seus planos. Subiu ao throno seu filho Eduardo VII, ainda menor, e tomou conta das redeas da publica administração o duque de Sommerset, que não alterando o systema politico do rei fallecido, fez partir o exercito e esquadra destinados a trazer de Escocia para Inglaterra a criança de cinco a seis annos, que herdára uma corôa tão ambicionada.

Solicitou então o governo escocez a intervenção e auxilios de França, onde a Francisco I acabava egualmente de succeder Henrique II, seu filho. Sorriu a occurrencia ao rei de França: não tinha tambem um filho, quasi da mesma edade que Maria Stuart, e casados que fossem, não se poderiam reunir as duas corôas de França e Escocia?

Naquelles tempos não dispunham os povos dos seus destinos, e nem as nações de suas propriedades territoriaes

e de suas privativas independencias. Além das conquistas pelas armas, os casamentos dos principes reinantes, os legados testamentarios, as doações entre vivos, mudavam as nacionalidades, transferiam os habitantes, como rebanho de carneiros, do senhorio de uns para o de outros soberanos. A' Inglaterra não pertencera assim o Anjou, a Guyanna, e outros territorios francezes transmittidos por casamentos e heranças? Não os restaurara a França depois sómente de guerras implacaveis e perseverantes que duraram mais de cem annos?

Enviou egualmente Henrique II para Escocia uma frota e prometteu coadjuvar os povos ameaçados pela Inglaterra.

Fundeou a esquadra ingleza no golfo de Forth, ao lado oriental da ilha, e iniciou hostilidades contra a proxima cidade de Edimburgo. Collocou-se de observação e vigilancia a frota franceza dentro do porto de Leith. Das relações travadas entre o almirante francez e o governo da Escocia resultou um accôrdo que exigia arrojada execução, para que a joven rainha não cahisse em poder dos inglezes que por mar e terra tomariam pontos importantes da Escocia, desde que ganhassem uma batalha sobre as tropas escocezas incapazes de resistir-lhes.

Simularam alguns navios francezes abandonar o porto de Leith; em vez, porém, de seguir para o sul, tomaram rumo ás escondidas para o norte, dobraram a costa septentrional da Escocia por entre as ilhas Orcades e Hebridas, e penetraram no canal de Irlanda e golfo de Clyde. Chegados a Dunbarton, deveriam receber ahi a seu bordo a menina rainha e transportal-a para França.

Foi Nicolau Villegaignon, commandante de uma não, encarregado da temeraria tarefa. Acompanhado por mais quatro navios, desamparou o porto, e manobrou de modo que esquivou-se á vigilancia ingleza. Difficilimo então era o rodeio da Escocia pelo norte; executou-o Villegaignon com pericia e felicidade; no dia 8 de Agosto de 1848 tocou em Dunbarton, recebeu a rainha e sua co-

mitiva composta de quatro damas chamadas todas Marias e de muitos fidalgos escocezes que a acompanhavam para França. De Holyrood a tinham o regente e a tutora feito seguir mysteriosamente para Dunbarton, sem que o houvessem presentido as forças inglezas que no porto estacionavam.

No dia 13 de Agosto chegava Villegaignon com sua frota ao porto de Brest, e desembarcavam no meio de saudações estrepitosas do povo os illustres personagens que lhe haviam sido confiados.

Creou-se e educou-se em França Maria Stuart, tratada como pertencente á familia régia e na categoria elevada de rainha da Escocia.

Luctaram ainda os inglezes e escocezes até que, por morte intempestiva de Eduardo VII, em 1553, cingiu a corôa ingleza Maria Tudor, filha de Henrique VIII e de Catharina de Aragão.

Mudou de todo a politica, e ao culto protestante inaugurado por Henrique VIII e mantido por Eduardo VII succedeu immediatamente a reacção catholica. De novo imperou officialmente em Inglaterra a religião romana.

Após fallecimento, porém, de Maria Tudor, em 1553, foi proclamada rainha a princeza Isabel, sua irmã paterna e filha de Anna de Bolena. Do semi-protestantismo religioso de Henrique VIII passara, pois, Inglaterra para o catholicismo exagerado de Maria Tudor: com Isabel restaurava-se o culto protestante. Acompanhavam os povos a seus reis nas metamorphoses de religião por interesse mais que por crenças conscienciosas.

Em Abril de 1558 consorciou-se em Pariz Maria Stuart com o principe real Francisco, que foi o segundo rei francez deste nome. Festas sumptuosas celebraram-se por ordem de Henrique II que, antes do matrimonio, conseguira que Maria Stuart assignasse uma doação da Escocia á França caso fallecesse sem filhos, excluidos os parentes que ella contava no seu reino. Logo depois o principe e a princeza

testaram contra a subida de Isabel ao throno da Inglara, pretextando sua incompatibilidade de reinar, tanto no filha de Anna de Bolena, considerada adultera e exeada no patibulo da torre de Londres, como protestante giosa e adversa ao catholicismo romano: declararam-se es reis de Inglaterra, na qualidade de herdeiros mais oximos de Maria Tudor, e juntaram nos escudos de suas mas, franceza e escoceza, as de Inglaterra e Irlanda. Não a um desafio formal que endereçavam a Isabel? Um ulto manifesto que lhe dirigiam? Uma declaração guerra franca? Não a convertiam em figadal inimiga? atou egualmente Henrique II de garantir sua inencia na Escocia, favorecendo os catholicos contra os otestantes que ali engrossavam de numero. As doutrinas de Calvino penetravam facilmente na Escocia, quer lo sentimento e caracter dos habitantes, quer pela otecção e auxilios que Isabel da Inglaterra lhes prestava. s theorias de Calvino, espalhadas de Genebra, agraavam summamente aos escocezes, e augmentava-se cada ez a quantidade dos protestantes, reduzidos pelas preicas do missionario Knox. Conseguiu, comtudo, Henque II transferir a regencia para Maria de Guiza, mãi de laria Stuart, por meio da corrupção do conde Arran e de arios fidalgos importantes da Escocia, aos quaes concera titulos honorificos e dinheiro.

Quando assim desenvolviam-se os acontecimentos, xtinguiu-se a vida de Henrique II em 1559, ferido em rneio, bem que casualmente, por uma lança dos companheiros. Foi Francisco II acclamado rei, e Maria Stuart inha de França. Na guerra travada na Escocia e que outava o paiz, luctaram, pois, francezes e inglezes. Contra s francezes decidiu-se a sorte e foram elles compellidos a eixar a ilha, depois de assignar-se um tratado, pelo qual se omprometteram os reis de França a não usarem mais do tulo de reis de Inglaterra e Irlanda, e nem de escudo de rmas que reunisse as de França e Escocia. A convenção uarda a data de 1560, declara a Escocia nação protes-

tante e confia a principal influencia governativa á aris cracia escoceza, limitando, cuidadosamente, a auctorid do rei ou do regente.

Mal terminava o anno, e antes que os reis de Fran ratificassem o accôrdo, falleceu em Dezembro Fra cisco II.

Viuva aos dezoito annos de edade, conheceu Mar Stuart sua precaria posição: perdera o throno de Fran e o da Escocia balanceava, posto que os escocezes con nuassem a consideral-a sua rainha. Poderia, porém, cons var-se em França? Em que qualidade? E lhe prestari nesse caso obediencia seus naturaes vassallos? Chegara lhe felizmente commissões da Escocia, quer de catholic quer de protestantes, reconhecendo-a sempre sua rainh e exigindo seu regresso para o reino, afim de por governal-o.

Nada póde exprimir o sentimento e a dôr que a assa taram: acostumara-se á França; educara-se em França adoptara os costumes de França; sahira da Escocia c seis annos de edade; guardava tristes reminiscencias d patria, e era obrigada a trocar a vida civilisada, luxuos agradavel, dos paços magnificos de Pariz, de S. German e de Fontainebleau pela solitaria e merencoria morad de Holyrood, vasta fortaleza antes que palacio de mo narchas!

Resolvida a deixar a França, mandou pedir a Isab passaportes para atravessar a Inglaterra. Respondeu-lh Isabel que lh'os daria quando ella houvesse ratificado o tratado de Edimburgo de 1560, considerando-a só então soberana. Maria Stuart e seu marido lhe não haviam desconhecido tambem os direitos á successão de Maria Tudor?

Decidiu-se Maria a seguir directamente por mar para a Escocia; embarcou-se em Agosto, deixando a França com as mais pungentes saudades.

Os romancistas e denominados historiadores ataviaram-n'a nesse momento da vida de legendas encantadoras; attribuem-lhe versos e adeuses poeticos á França, que ell

mais compuzera, bem que folgasse muito na companhia os litteratos francezes.

Repetem-se ainda hoje poesias, que se dizem de sua era, quando eram aliás redigidas por vates francezes, seus admiradores, no intuito de endeusal-a.

Saudades e profundissimas saudades levou de certo a França, e não deixou-as menores entre os francezes, que lhe admiravam os dotes do espirito, a belleza das formas, a galanteria dos gestos, as seducções, que exercia, os encantos que a natureza lhe prodigalisara.

Não ha chronica franceza, poesia franceza, romance francez, narrativa franceza, que não a louve e exalte como prodigio de formosura e de intelligencia.

Cantaram particularmente suas graças os poetas Ronsard, Jodelle, Dubellay e Jamin, que figuravam então no Parnaso de França.

Descreveu-a pittoresca e elegantemente o astuto Brantome, que acompanhou-a até Escocia.

A 19 de Agosto desembarcou no porto de Leith: recolhida pela nobreza e pelo povo com demonstrações lisongeiras e cordiaes, entrou em Edimburgo e tomou conta do palacio de Holyrood. Não pôde abafar ahi lagrimas abundantes, que lhe saltavam dos olhos em borbotões ao contrastar o paiz selvagem da Escocia e as riquezas de França, os paços sumptuosos e risonhos do Louvre e o monumento tristonho que lhe devia servir de residencia. Mais contristou-se seu espirito e acabrunhou-se seu coração, ouvindo toda a noite em derredor de Holyrood canticos agrestes, que entoavam os povos escocezes, ao som de violas discordes e melancolicas, que tangiam desbragadamente, no proposito, todavia, de manifestar-lhe seus sentimentos patrioticos. Como tão distante estava tudo isto dos feiticeiros brincos e festejos, que lhe tinham em França embalado a existencia e inebriado os sentidos!

Começou a governar com manha e justiça. Não aprendera em França com Catharina de Medicis? Não

adoptara modos agradaveis, praticando astucias e estratagemas condemnados? Não se lhe infiltrara no animo a galanteria e a perfidia, a graça e a subtileza da côrte de Pariz? Partilhou ao principio os cargos principaes do governo entre protestantes e catholicos, mostrando-se tolerante para os dois cultos que se debatiam. Não desejava ella conservar suas crenças religiosas, sustentar altar levantado em seu palacio e celebrar livremente as ceremonias exteriores do seu culto? Não durou, porém, sua simulada neutralidade. Foi pendendo a olhos vistos para o partido dos catholicos, e alienando as sympathias dos protestantes. Notavel é que muitos principes ambicionaram logo consorciar-se com Maria Stuart. Felippe II, de Hespanha, pedira-lhe a mão para seu filho o infante D. Carlos. Os reis de Dinamarca e da Suecia pretenderam para consorte. Fernando, imperador da Allemanha, a desejava para o archiduque Carlos, seu segundo filho. Isabel de Inglaterra lembrou-se tambem de propôr candidato, e apresentou Roberto Dudley, filho do duque de Northumberland, que Maria Stuart repelliu logo com desdem e despeito.

Excitou-a a paixão a preferir Henrique Darnley, aparentado com as familias de Inglaterra e Escocia, e que contava apenas dezenove annos de edade. Bem que elle houvesse abraçado o culto protestante, effectuou-se o casamento, executando-se as bençãos catholicas na capella do palacio de Holyrood.

Irromperam desde logo hostilidades e serias luctas entre catholicos e protestantes, entre ambiciosos e despeitados; sublevaram-se varios fidalgos e praticaram-se desordens perigosas. Foi Maria Stuart coagida a combater convulsões intestinas, a ordenar prisões e julgamentos, e a mandar executar no patibulo varios condemnados. Não cessavam, porém, tramas sediciosos, que Isabel de Inglaterra animava na Escocia contra Maria Stuart, incitando os protestantes que lhe eram devotados.

Por seu lado, imitou-lhe o exemplo Maria Stuart

promovendo alvorotos em Inglaterra e suscitando os catholicos contra Isabel. Detestavam-se as duas rainhas e mimoseavam-se com os appellidos mais affrontosos e com as mais pungentes injurias.

Não teimava sempre Maria em declarar que era rainha de Inglaterra, como neta de Henrique VII?

Não perseverava Isabel em exigir a ratificação do tratado de Edimburgo de 1560, sem a qual a não reconheceria rainha da Escocia? Isabel, porém, era mais atilada, mais intelligente, mais calma e mais circumspecta que Maria Stuart. Pelas qualidades superiores do espirito— verdadeiro homem, não mulher, porque nunca conheceu o que era rebate do coração. Neste ponto depreciava-se Maria Stuart. O coração falava-lhe mais forte e sobranceiro que a cabeça: sacrificava-se pelo coração, que lhe subjugava toda a vontade e toda a acção. E' no homem o amor um episodio apenas; na mulher, porém, a vida inteira, porque monopolisa-lhe todos os instinctos e tendencias.

A acreditar-se em muitos historiographos e particularmente nos despachos diplomaticos de agentes politicos da época, deviam se considerar ambas as rainhas bellas, elegantes, espirituosas e illustradas; a preferir-se o testemunho de alguns chronistas coevos, posto que obscuros, era Maria Stuart realmente uma formosura deslumbrante e attrahia a seus pés cópia extraordinaria de adoradores; com os olhos scintillantes electrisava; com a voz suave e musical prendia; com os encantos, que derramava em torno de si, fascinava e inebriava; com os gestos graciosos da dança captivava; emquanto que Isabel impunha-se como rainha, mas não agradava pela severidade dos modos, dignidade dos gestos e sombrio dos traços. Para embaixadores e lisongeiros, porém, qual é a rainha ou princeza que não seduz com feitiços mais ou menos peregrinos?

Attribue a chronica, senão a legenda, varios amantes a Isabel. Será exacta a asserção? Provas, todavia, não se descobrem; não passam as allegações de conjecturas mais ou menos verosimeis. Nunca ella demonstrou preferencias

aos personagens de sua côrte ou do seu governo : ouvia-os e decidia por si livremente. Nunca nenhum ousou tomar liberdades deante della, e nem dirigil-a ou governal-a. Mostrava-se sempre rainha, e não admittia familiaridades. Continha e castigava severamente quem quer que fosse que lhe faltasse ao respeito. Conseguiu pela correcção de seu procedimento governar por si a Inglaterra, por mais de quarenta annos, sem jámais casar-se, e passar no entanto aos olhos e pensamentos dos subditos como virgem. Vangloriava-se desta qualidade, que lhe permittia não subordinar-se a nenhum homem.

Quanto era differente Maria Stuart! Ligeira de palavras, leviana de acções, imprudente no modo de tratar, accessivel a lisonjearias, escravisada pelas paixões, curvada pelo que amava, nada sabendo esconder e nem encobrir, porque a violencia do seu peito transbordava á menor emergencia, e não simulava então nem calma e nem prudencia !

Achou-se Maria Stuart envolvida em difficuldades e perigos provenientes das luctas enraivecidas, que entre si travaram os protestantes e catholicos. Tramâvam, conspiravam, ameaçavam-se com franqueza : crimes de assassinato perpetravam-se a miudo em assaltos a castellos, em emboscadas, em escaramuças ferozes : fidalgos importantes cahiam mortos ao punhal dos sicarios armados pelos inimigos : carecia cada um andar acautelado e garantido com escoltas de partidarios.

Suscitava aïnda a rainha contra si suspeitas de honestidade pelo seu procedimento ligeiro e familiar com certos favoritos ou protegidos. Não haviam ousado alguns temerarios empregar estratagemas para approximar-se dos seus aposentos ? Não tinham havido prisões e processos de temerarios adoradores ? Não fôra condemnado e enforcado Chataland por ousar introduzir-se em sua camara, e esconder-se debaixo de seu leito ?

Não fôra educado convenientemente lord Darnley ; agradara á rainha pelos dotes physicos, mas depois de casado tornára-se importuno, desattencioso, insolente com a

pria consorte. Desconfiado de actos praticados por Maria
art, e que lhe pareciam destoantes da dignidade femi-
, virou-se contra um artista musico e joven, de nome
id Riccio, italiano de nação, catholico fervoroso, que
ára entrada nos paços régios, na categoria de secreta-
particular da rainha e de seu mestre de musica. Não
e Darnley supportar a intimidade de Riccio com a rai-
e deixou-se arrastar pelos ciumes.

Exigiu que Maria Stuart despedisse o italiano. Re-
ou-lhe a rainha, declarando-lhe que, se commettera
ne, aos tribunaes competia julgal-o. Resolveu Darnley
ssinal-o. Penetrando um dia nas salas do paço onde o
sta estava com varios fidalgos e damas, occupado em
concerto de musica e canto, precipitou-se sobre o in-
z, agarrou-o pelo braço e tentou arrastal-o para fóra.
n as mãos segurou Riccio as vestes da rainha, ati-
ido-se a seus pés e supplicando-lhe o salvasse. Gritou
ainha, appellidou guardas e pediu soccorro. Darnley,
rém, arrancou Riccio á força dos pés da rainha, e
ou-o violentamente para outra sala, onde sicarios que
collocara assassinaram immediatamente a punhaladas
esditoso artista.

Separaram-se necessariamente marido e mulher desde
tragica e sanguinolenta scena.

Apertada, todavia, a rainha, de sustos e receios da
era de Darnley, que se apoiava fortemente no partido
otestante, já na Escocia superior em numero ao catholico,
tendeu dever contemporisar e fingiu resignar-se, esperando
casião opportuna para reagir contra o insulto que
portara.

Simulou até reconciliar-se com o marido, para do es-
ito afastar-lhe suspeitas. Preparou no entanto sicarios
a opportunamente cumprir suas ancias de vingança.
frente delles collocou-se um fidalgo importante, lord
othwell, arrastado pela ambição politica e pela paixão
e parecia nutrir pela rainha. Não tardou muito tempo
offerecer-se-lhe occasião apropriada; escolhera Darnley

para residencia de estio uma linda casa de campo, a ce distancia de Edimburgo, e ahi recolhia-se tranquillame ás noites. Ateiou-se, porém, uma vez fogo á casa, qua dormia Darnley: a pretexto de acudir em soccorro e a gar o fogo, introduziram-se nos aposentos de Darn assassinos que o trucidaram no proprio leito.

Brados de indignação levantou no povo catastro tão horrorosa. Os protestantes, sobretudo, exaltados p seu chefe Knox, que muito preponderava na Esco declararam-se inimigos da rainha.

Viu-se Maria compellida a mandar prender e proc sar alguns suspeitos do homicidio de Darnley, afim mostrar-se alheia ao que se passara, e parecer determin a vingar a morte do marido. Deixou no entanto a residen de Edimburgo e partiu para Seton, temerosa de sublevaç levando em sua companhia lord Bothwell, que a voz p blica, entretanto e claramente, apontava como auctor pr cipal do attentado. Protegeu Maria Stuart tão efficazme os accusados e entre elles o proprio Bothwell, que ella f obrigada a submetter ás justiças, que os tribunaes os a solveram, posto que perseverasse o povo em acredital criminosos, bem como culpada egualmente a prop rainha.

Quando, porém, pareceu á rainha que se serenava os espiritos, regressou para Holyrood. Apaixonada ag por Bothwell, combinou consorciar-se com elle e assenta a seu lado no throno. Restaurando a lei presbyteriana q permittia o divorcio, conseguiu que Bothwell renuncias á consorte, para poder celebrar segundo matrimonio. Fi giu-se no entanto raptada de seus paços por Bothwell, intuito de justificar a necessidade de aceital-o por mari e de salvar por meio do matrimonio a honra macula Cumpriram-se os sacramentos necessarios e Bothwell co seguiu satisfazer sua ambição politica.

Extraordinaria celeuma suscitou-se no entanto reino contra Bothwell e contra a rainha. Não eram amb catholicos? Que garantias restavam agora aos subdit

protestantes? Concorreu, para augmental-a, Isabel de Inglaterra, remettendo auxilios de armas e dinheiro e incitando conjurados.

Maria e Bothwell, enfraquecidos de recursos e de partidarios, receiaram-se dos habitantes de Edimburgo e mudaram sua residencia para Dunhan. Proclamaram então os conspiradores sua deposição do throno e reconheceram como rei o filho Thiago, ainda menor, de cuja pessoa se apoderaram e a quem nomearam tutor, e ao reino regente.

Pensou Maria Stuart que separando-se de Bothwell, declarando que delle se divorciava, dirigindo-se aos revoltosos, falando-lhes como rainha, e ousando penetrar em Edimburgo, seria de novo acolhida com favor e restabelecida no governo, firmando as garantias que os protestantes exigissem.

Illudiu-se. Não a acreditaram os sublevados. Prenderam-na e recolheram-na ao castello de Lochleven.

Foi ahi obrigada a assignar abdicação formal do throno. Tinha, todavia, ainda numerosos partidarios. Não é rara a fidelidade politica, posto que sem esperança de exito.

Pôde Maria, pelos esforços de seus amigos, evadir-se do castello e em Hamilton reunir um exercito de sectarios e fieis subditos, capitaneados pelos fidalgos catholicos. Uma batalha decidiu, porém, sua sorte em 1568, no sitio denominado Langride. Derrotou-lhe as tropas o regente Murray, e Maria Stuart procurou asylo em Inglaterra, emquanto que Bothwell fugiu para a Noruega.

Principia agora a segunda série de aventuras imprevistas e mais lugubres ainda para a formosa rainha, que tão querida, adorada e exaltada havia sido sempre em França, e na Escocia, nos primeiros annos da sua edade e do seu reinado. Penetrando em territorio do dominio de Isabel, communicou-lhe os acontecimentos e pediu-lhe soccorros contra os revoltados que a tinham vencido. Respondeu-lhe Isabel que o não podia fazer, emquanto ella não provasse estar innocente no assassinato de Darnley e em outros

crimes, que seus subditos lhe attribuiam. Ao mesmo tempo chegava ordem para ser Maria Stuart recolhida presa á fortaleza de Carlisle. Appellou Maria Stuart para os reis e principes da Europa, reclamando-lhes intervenção e auxilios. Tanto o imperador da Allemanha como o rei da França luctavam nos seus Estados, convulsionados pelas guerras excitadas entre a religião catholica e o culto protestante. Unico, Felippe II de Hespanha, protestou então contra a prisão de Maria Stuart, e ameaçou Isabel de Inglaterra de correr em sua defesa quando lhe não fosse restituida a liberdade.

Travou-se, pois, a lucta entre Hespanha e Inglaterra. Felippe II enviou sommas pecuniarias consideraveis aos catholicos em Inglaterra, e incitou o povo a depôr Isabel do throno e a proclamar legitima rainha a Maria Stuart, como a parenta mais proxima, a quem competia a corôa de Inglaterra. O Papa Pio V excommungou Isabel e desligou seus povos dos deveres da obediencia.

Maria Stuart por seu lado seduziu o duque de Norfolk com seus encantos, e promoveu, tanto na Escocia como em Inglaterra, levantamento de catholicos, para o fim de facilitar-lhe a liberdade. Castigava Isabel os revoltosos inglezes, apenas tinha noticia dos seus planos: nos cadafalsos pagaram Norfolk e muitos nobres mais, com a vida, suas intenções criminosas. Na Escocia declarou-se tambem a guerra civil, e o regente Murray não escapou ao punhal dos assassinos. Corria o sangue por toda a parte. Catholicos e protestantes gladiavam-se barbaramente em um e outro reino da ilha, proclamando aquelles o nome de Maria e estes o nome de Isabel.

Corriam tumultuarios, pois, os annos, quando rebentou e cumpriu-se em França a terrivel carnificina dos Huguenotes, ou protestantes, na noite de S. Bartholomeu, de 1572, de sombria e execranda memoria. Espanto, assombro, horror causou em Inglaterra e na Escocia a noticia do successo. O parlamento inglez exigiu de Isabel que mandasse processar e julgar os catholicos das ilhas britannicas,

que naturalmente approvavam os feitos hediondos dos de França; que installasse um tribunal para julgar a Maria Stuart, como auctora principal e incitadora dos levantes e revoltas dos seus correligionarios; que providenciasse de modo a garantir as vidas e bens dos protestantes, que formavam a maioria da nação. Enviou Isabel soccorros de tropas e munições para a Escocia, no proposito de exterminar as constantes conspirações e alvorotos e de subjugar o partido catholico, que ainda se revelava adherente á Maria Stuart. Apromptou-se tambem para resistir a Felippe II de Hespanha, que se dispunha a invadir as ilhas britannicas. Encheu os mares de corsarios que infestaram as costas de Hespanha, Perú, Mexico e Chile. Remetteu soccorros aos Paizes Baixos e á Hespanha para acoroçoar as revoltas dos protestantes e dos mouros de Alpujarra. Apezar, no entanto, de suas providencias, continuava seu reino a agitar-se, a revolucionar-se e a causar-lhe, portanto, bastantes sustos. Era invocado sempre o nome de Maria Stuart, quer na Escocia, quer em Inglaterra, como a instigadora dos catholicos, bem que sequestrada de todas as communicações dentro das muralhas da fortaleza que a guardava prisioneira.

Mais apertadas ordens a seu respeito foram todavia ainda transmittidas ás auctoridades encarregadas de vigial-a e guardal-a em Carlisle. Transferiu-se mesmo a detenção para o castello de Tilbury e logo depois para o de Charley. Mais perigos levantava-lhe, comtudo, Maria Stuart como prisioneira que quando rainha, porque tornara-se a bandeira de seus inimigos, quer na Escocia, quer em Inglaterra.

Desesperava-se Maria Stuart; ora manifestava-se tomada de irritação e furor, ora cahia em prostração de espirito e de corpo. Ou tramava e conjurava, deparando meios para communicar-se com seus amigos e sectarios; em despeito de toda a vigilancia dos carcereiros, ou entregava-se aos trabalhos de bordados de seda, que primorosamente sabia executar, e que ás vezes mandava de presente a

Isabel, com missivas supplicantes, por intermedio do embaixador francez em Londres.

Chegaram, no entanto, á Inglaterra noticias aterradoras ácerca dos preparativos de guerra de Felippe II, e de auxilios que França e Allemanha pretendiam por fim prestar ao rei de Hespanha; para mais accrescentar os receios espalhou-se que uma tentativa de assassinato de Isabel, tramada no continente, era em Inglaterra promovida pelos partidarios de Maria Stuart. Organisada uma policia particular em Inglaterra para descobrir os auctores do premeditado crime, muitos individuos foram encarcerados, e no processo indicava-se o nome de Maria Stuart como principal auctora. Toma esta tentativa de assassinato o nome historico de seu auctor, o catholico Babington, um dos mais audazes inimigos de Isabel.

Cumpre declarar que culpada fôra Maria Stuart pela morte de Darnley; que decobriram-se em sua propria correspondencia escripta provas manifestas da sua participação neste attentado; que nodoavam-lhe tambem a memoria alguns procedimentos particulares, impossiveis de ser justificados. Fóra de duvida é tambem, todavia, que Maria Stuart não interveiu nem noticia teve da tentativa tramada contra a vida de Isabel de Inglaterra.

De Charley foi então Maria Stuart transportada para Teixel, e apprehendidos todos os seus papeis e documentos. Em vista das declarações de Babington, Balland e outros co-réos, resolveu o conselho privado da Inglaterra que se devia submettel-a tambem a processo e julgamento.

Nomeou-se um tribunal excepcional para a sentença, e de Teixel foi Maria Stuart transferida para as masmorras do castello de Fotheringsay, onde installou-se a côrte suprema de justiça, escolhida para decidir de sua sorte.

Resolveu a principio Maria Stuart não responder ao tribunal: pensou, todavia, depois, que ganharia sua causa, provando innocencia quer na invasão ameaçada por Felippe II, quer no projecto de Babington para o assassinio de Isabel de Inglaterra. Demonstram os inqueritos que

se defendera nobre e habilmente: não negou suas soli-
ões para que os principes estrangeiros lhe acudissem
occorro, solicitando sua liberdade; nem que em Esco-
istentara seus amigos fieis, visto que era rainha e não
tia de seus direitos. Provou, comtudo, exuberante-
e que não maquinara jámais contra a rainha, em cujo
r se achava prisioneira.

Não a attendeu o tribunal: não estava estabelecida a
entre catholicos e protestantes? Não se detestavam e
vam como animaes ferozes? Ha mais implacaveis
igos que os proprios compatriotas, quando se contra-
e combatem? Não são mais crueis e devastadoras
a as guerras religiosas que as civis? Foi Maria
rt condemnada á morte. A maior parte dos historia-
s limpam os creditos de Isabel, descrevendo-a con-
a á execução da sentença. Será ainda uma legenda?
ou não, certo é que as duas casas do parlamento inglez
rvieram efficazmente, sanccionando a sentença conde-
toria do tribunal e communicando a Isabel o resultado
uas resoluções. Aproveitou-se naturalmente Isabel do
do parlamento para afastar de si o proposito da exe-
io de tão iniquo attentado. Assignou a sentença con-
uatoria da desditosa victima.

Revelou Maria Stuart não só coragem como nobreza,
ação de alma e de espirito, em tão miserandas emer-
cias. Sabendo que fôra condemnada, escreveu tranquil-
ente suas disposições testamentarias. Exigiu logo um
essor catholico, e aos insultos de Paulet, nomeado seu
ereiro, que ordenava se lhe abatessem do leito as
as régias e fosse ella tratada, não no caracter de rainha,
como uma mulher ordinaria e morta legalmente, re-
ndeu que suas armas eram a cruz de Jesus Christo e
de Deus recebera a dignidade de rainha, restituindo-a
Deus com sua alma desprendida do corpo. Ao Papa, a
ippe II de Hespanha, ao duque de Guiza, recommen-
que protegessem seu filho Thiago VI da Escocia e o
ssem voltar para o gremio dos verdadeiros catholicos.

Escreveu tambem a Isabel dizendo-lhe: "Agradeço do c
ração a Deus de pôr fim, por vossas sentenças, á peregrina
triste de minha vida. Não a desejo prolongar, porque
experimentei amarguras. Supplico a Vossa Magestade q
consinta que meu corpo seja transportado para a Fran
afim de ser lá enterrado ao lado do de minha mãi; q
meu supplicio seja publico e não secretamente executad
que livremente possam retirar-se meus famulos com
pequenos haveres que possuem, e a mesquinha lembran
que lhes deixo em testamento. Pelo sangue de Jes
Christo, por nosso parentesco, pela memoria de Hen
que VII, nosso avô commum, e pelo meu titulo de raini
não recuseis acceder a supplicas tão razoaveis, responde
do-me affirmativamente, para descanso de meu espirit
morrerei como vivi.—Vossa affeiçoada irmã e prisioneir
Maria Stuart."

Isabel não respondeu a esta carta.

Publicou-se, no entanto, e em bandos officiaes, e
voz alta e por varias vezes nas ruas e praças de Londre
a sentença condemnatoria de Maria Stuart. Implorara
em vão os reis de França e Escocia a misericordia da ra
nha de Inglaterra. No dia 1º de Fevereiro de 157
assignou Isabel as ordens para ser executada a decis
dos juizes da Alta Côrte. Mandou, todavia, dizer a
carcereiro Paulet que preferivel era um assassinato p
meio de veneno, e que simulasse suicidio. Paulet, porém
não aceitou a incumbencia, apezar de ter provado o ma
duro caracter e mais barbaros instinctos, no tocante a
tratamento que dava á sua prisioneira. Dous mezes depo
chegou a Fotheringsay o carrasco de Londres. Pelas du
horas do dia 5 de Fevereiro, o grande marechal de Ingla
terra, acompanhado de varios fidalgos, apresentou-se
Maria Stuart e avisou-a respeitosamente de que era che
gada a occasião de executar-se a sentença. "Louvad
seja Deus, respondeu-lhe Maria Stuart, parecendo calm
e resignada. Tempo era já de se terminarem minhas mise
rias e soffrimentos. Estou presa ha dezoito annos. Morre

em nome de Deus e de sua egreja catholica, apostolica e romana."

Collocou a mão sobre um livro dos Evangelhos e jurou solemnemente que era innocente do crime de tentar contra a vida de Isabel, rainha de Inglaterra.

Foi-lhe denegada a presença de seu confessor. Declararam-lhe os fidalgos incumbidos da execução da sentença que ella se cumpriria no dia seguinte, pelas oito horas da manhã.

Foi então que Maria Stuart recordou-se dos presagios tristes, que por vezes a tinham assaltado durante sua attribulada vida. Ao desembarcar em Brest, quando criança, cahira uma ponte atulhada de gente curiosa, e muitos morreram. Ao trocar a França pela Escocia, levantou-se forte ventania em Calais e afogaram-se varios escaleres carregados de povo que a saudava.

Ao deixar o castello de Lochleven, uma luz vermelha, semelhante a pingo de sangue, a seguira durante toda a sua viagem pelo lago, que em batel atravessava. Não a deviam acabrunhar o espirito reminiscencias tão palpaveis das desgraças e affrontas que lhe estavam reservadas ?

Seja como fôr, realidades ou legendas, intensa devia ser a sua dôr, ao encarar o triste fim de sua vida.

Empregou Maria Stuart toda a noite em escrever cartas a seus parentes, recommendar a seus famulos que nunca abandonassem a religião catholica, e ler a historia da vida dos santos. Ao amanhecer escolheu um lenço de cambraia fina, com que lhe cobrissem os olhos, quando a tivessem de degollar ; vestiu-se de luto ; distribuiu presentes aos circumstantes ; ajoelhou-se perante um altar, que conservava ; entoou fervorosamente a reza dos agonisantes e mandou depois entrar os executores da sentença. Tendo na mão um crucifixo, que beijava com todo o respeito, sahiu sobranceira de seus aposentos, desceu as escadas, apoiada nos braços de duas criadas e achou-se em frente do cadafalso, preparado na sala debaixo do castello. Ajoelhou-se e recomeçou suas rezas em voz alta e sonora,

orando a Deus pelo Papa, pela egreja catholica, pelos reis fieis a Roma, por seu filho Thiago, por Isabel e pelos seus inimigos. Levantou-se e tratou de despir-se, como lhe ordenaram. Conservou apenas sobre o corpo uma saia de tafetá encarnado por cima da camisa. Abraçou alguns famulos e supplicou-lhes não chorassem, porque ella não morria, libertava-se do mundo. Apoderaram-se então de sua pessoa dous ajudantes do carrasco, que lhe vendaram os olhos e lhe collocaram a cabeça sobre o cepo fatal. O proprio algoz mostrou-se commovido. Ajoelhou-se perante ella e implorou-lhe perdão. Manejando depois o cutelo, errou o golpe, tão perturbado, que feriu-a apenas nas costas. Repetido, porém, o golpe, decepou-lhe a cabeça em um instante, sem que Maria Stuart proferisse uma palavra, exhalasse um suspiro, praticasse um gesto que indicasse susto.

Sorte inexplicavel do destino ! A Isabel succedeu no throno de Inglaterra Thiago VI da Escocia, filho de Maria Stuart, com a denominação de Thiago I. Consummou-se assim, finalmente, a união dos dous reinos sob uma só corôa, não como os povos, mas como os reis desejavam.

Ignacio de Loyola

Nasceu Ignacio de Loyola em 1491 no castello de .yola situado na provincia de Güipuzcoa. Descendia de .uilia fidalga, muito considerada em Hespanha. Edu-u-se na côrte de Fernando de Aragão e de Isabel de .stella, entrou ainda muito joven no numero dos pagens duque de Nejara, e distinguiu-se logo depois em tor-ios e justas, que eram a prova das valentias e opulencias s cavalleiros da época.

Esbelto mancebo e destemido campeão, deslumbrava olhos dos seus contemporaneos com os bellos cavallos ie possuia, as refulgentes armas, com que se adornava, aventuras galantes a que se arrojava, e as proesas e ;anhas que commettia.

Era apontado e admirado como o gentilhomem mais rfeito, e ao mesmo tempo o moço mais extravagante e dacioso, o namorado de damas mais feliz de quantos se nheciam.

Penetraram em 1521 exercitos francezes pelo terri-rio da peninsula iberica a travar guerras com os hes-nhoes, já então concentrados sob o sceptro de Carlos I, V, na categoria de imperador da Allemanha, como é historia conhecido.

Defronte de Pamplona enleiou-se sanguinolento com-ite. Tomou parte na acção Ignacio de Loyola, e revelava riosamente as ardentias de seu animo e a dextridade de

seu braço, quando um estilhaço de bala feriu-lhe e des-daçou-lhe ambas as pernas.

Recolhido á casa paterna foi entregue aos cuida[dos] dos mais habeis facultativos. Soffreu resignadamente, e se[m] demonstrar a menor dor ou afflicção, operações cirurgic[as] demoradas e repetidas. Longa foi a molestia, difficil[i]sissima a cura. Por muito tempo pregado ao leito, v[iu] Loyola decorrerem as horas, os dias, as noites e os me[zes] cortado de soffrimentos physicos e entregue a meditaçõ[es] extases e desesperos de não poder mais correr atrás d[e] damas, cantarolar-lhes ás janellas, lidar em duellos e tor-nar-se o assumpto das conversas dos amigos. Como ma[is] affeiçoar as damas, sequestrado de pernas, desbotado d[e] côres, transformado de physico? Não lhe diziam os espelh[os] em que se mirava que não poderia mais suscitar paixõe[s]

Lembrou-se de leitura para distrahir-se e consolar-se pediu livros. Não os queria de contos de cavallaria, do[s] Pares de Carlos Magno, de Bernardo del Carpio e do Cid, nem de Amores da Amadis de Gallia e da donzella Theo-dora. Sabia-os todos de cór, que como alimento intellectua[l] o haviam exaltado, e dirigido nos certames e peripecia[s] da vida. Preferia applicar o animo a alvo diverso, j[á] que não podia quasi ter-se em pé, e considerava-se perdid[o] para as aventuras, que tanto o tinham deleitado.

Deram-lhe os parentes a "Vida de Jesus Christo" e a "Vida dos Santos" livros já então traduzidos em caste-lhano e proprios para exercicios pios e cogitações religiosas.

Percorrêl-os com os olhos e impressionar-se com os milagres que referiam foi acto instantaneo, decisivo, pro-fundo, que revolveu-lhe e modificou-lhe todas as idéas e abriu-lhe á mente novos e desconhecidos horizontes.

Percebia que se tornava outro homem: que na s[ua] imaginação resplendia sopro divino; que nos seus senti-mentos intimos trocava-se a direcção que até ahi havia[m] seguido. O que era a terra deante do céo illuminado com [as] figuras mysticas de S. Domingos e de S. Francisco? O q[ue] eram as luctas guerreiras deante dos feitos assombrosos d[e]

tos e os milagres por elles praticados? O que era a ade, o arraial, em comparação com um mosteiro povoado ermitões e monges, vivendo na pobreza, nos jejuns, nas ciplinas, nas preces, na absorpção divina, e preparando-para a eternidade? O que era a mais formosa donzella ante a Virgem Maria, sustendo em seus braços o filhi-o que com sua palavra, seus exemplos e sua morte oica salvara os homens da perdição que os arras-a?

Não contribuiria egualmente para robustecer-lhe estes os pensamentos o facto de conhecer-se aleijado das nas, demudado de rosto, alquebrado de dotes physicos a agradar e angariar sympathias?

Como quer que seja, certo é que sómente apoz quasi s annos pôde levantar-se do leito e andar; mudado, ém, de rumo estava inteiramente seu espirito: sonhos, es, apparições phantasticas, allucinações mysticas o mavam agora para outro systema de vida: anciava itar os santos, cuja biographia o inflammava de en-siasmos fervorosos, e não sentia senão desprezo pela stencia mundana das sociedades turbulentas e pecca-as.

Abandonou o castello paterno, a familia, os amigos: nsformou-se em ermitão, despiu o fato de fidalgo e riu-se com uma capa esfarrapada de romeiro. Tomou cajado tosco por unico companheiro, internou-se a pé os desertos pedregosos de Monserrat, enveredou por usos caminhos e dirigiu-se para o convento de Maureza, ado no fundo de um valle agreste e sombrio.

Acolhido benevolamente pelos monges da solidão, otou-se á vida ascetica, gastou cinco dias inteiros em fessar suas culpas; não occultou o menor feito de sua la, o mais pequeno sentimento de seu coração. No in-to de se não esquecer, nas vigilias, em que convertia as tes não dormidas, appellava para todas as reminiscencias sadas, e voltava a repetir quanto entendia necessario n de que o confessor lhe conhecesse o fundo do coração e

as palpitações intimas da alma, ficando assim descarregad sua consciencia.

Consumiu-se em jejuns, em preces, em fustigaçõe physicas e disciplinares um mez inteiro; ligou ao pescoço uma cadeia de ferro e collocou o silicio sob o burel que lhe cobria o corpo.

Falava em revelações que recebêra, em sonhos que o extasiavam, em communicação de sua alma com as imagens que guarneciam os altares e nichos do mosteiro. Comia pouco e mal, não se lavava, não mudava as roupas andava sujo, immundo e miseravel. Incitava compaixão dos companheiros e não lhes attendia as exhortações, para deter-se na carreira rapida de prostração e ruina physica em que se deixava precipitar.

Cogitou um dia partir para Jerusalem. Não estava lá o corpo de Jesus? Não fôra o logar do martyrio do filho de Deus? Não lhe cumpria ahi servir aos pobres, catechisar os indoutos, salvar as almas contra as tramas do demonio?

Partiu resoluto do claustro de Maureza: ás brenhas intrincadas e assustadoras atravessou sem medo, seguindo o curso de um riacho escondido nos rochedos e desprezando os caminhos conhecidos e trilhados. Chegou á Barcelona, tendo-se apenas alimentado com hervas silvestres; recolheu-se a um mosteiro de dominicanos; implorou e obteve passagem gratuita em um navio que viajava para a Syria.

Melhorou de saude durante a navegação. Diminuiram-lhe tambem as allucinações do espirito. Saltando no porto de Acre, pediu logo auxilio a piedosos christãos que encontrou, e conseguiu partir para Jerusalem, onde monges caritativos o receberam e benevolamente o trataram.

Alguns mezes deteve-se na cidade santa; percebendo, porém, que nada podia praticar de util, pobre ermitão e despido de instrucção necessaria, resolveu, a conselho de seus protectores, voltar para a patria; não podia lá mais proficuamente estudar, professar, ensinar e adquirir proselytos para uma nova instituição religiosa, que já lhe assaltava o

espirito e que pelo rigor da disciplina, austeridade da vida, firmeza dos exemplos e lições proveitosas, tornasse os homens mais felizes e mais moralisados?

Despediu-se humildemente dos seus protectores tanto de Jerusalem como de Acre; neste porto embarcou em um navio catalão que voltava para Hespanha.

Não se demorou em Barcelona, seguiu logo para a casa paterna e acolheu-se ao seio da familia. Tornou-se então mais mundano nos modos e nas vestimentas, posto que começasse a prégar pelas ruas e praças, reunindo as classes infimas e falando-lhes na linguagem do Evangelho. Suspeito de heresia pelo clero de Güipuzcoa, foi chamado e reprehendido: convenceu-se então de que deveria modificar seu procedimento, e aceitou conselho para estudar theologia, afim de melhor exercitar sua vocação consciencíosa. Conseguiu receber um pequeno peculio pecuniario e partiu para Pariz, que preferiu ás universidades de Hespanha, por ser a de Pariz muito celebrisada na época.

Em Pariz apresentou-se ao collegio Sainte Barbe, já então affamado pelos estudos e severidade de regimen. Pediu e obteve sua admissão. Dentro de seus muros encontrou-se Loyola com outro hespanhol, bem que mais velho, e que o acompanhava em identicos enthusiasmos.

Chamava-se Francisco Xavier, e foi um dos mais distinctos missionarios nas Indias, e sanctificado pela egreja. Com elles convivia tambem um saboyardo, de nome Faver, que egualmente illustrou-se depois com feitos meritorios de vida ascetica e provou talentos propagandistas.

Seguiam os tres amigos os cursos do collegio, e acompanhavam as lições dos mestres theologicos na Universidade, revelando-se discipulos extremamente diligentes e aproveitados. Relacionaram-se intimamente ainda com mais tres castelhanos, Laynez, Bobadilla e Salmeron, que se educavam em Pariz na mesma occasião e tempo.

Sociedade estreita travaram os seis condiscipulos, instruindo-se, enthusiasmando-se mutuamente em seus trabalhos escolares, em procedimentos exemplares, em extases

mysticos, em completa harmonia, em alvos identicos de regeneração do mundo e de defensa do catholicismo, já então muito abalado pela revolução religiosa, iniciada por Luthero na Allemanha, desenvolvida e modificada na Suissa e em França por Calvino.

Após uma missa em Montmartre, á que assistiram, celebrada por Faver, que unico revestia-se então de ordens ecclesiasticas, reuniram-se em uma pequena casa os seis estudantes, concordaram e juraram voto de castidade e de pobreza, consagração de toda a vida ao soccorro dos christãos e á conversão dos sarracenos de Jerusalém, logo que houvessem concluido seus estudos : quando não pudessem conseguir seu desideratum, comprometteram-se a offerecer ao Papa suas pessoas para se empregarem no serviço que quizesse o Pontifice sem que recebessem o menor salario e nem impuzessem a menor condição, e em qualquer logar ou emergencia que lhes fosse designado pelo vigario de Christo.

Em 1537 terminaram seus cursos universitarios: alegres deixaram Pariz e seguiram para Veneza.

Collocou-se Loyola á frente dos companheiros, como mais arrojado, como aquelle que de cavalheiro mundano se convertera em cavalheiro espiritual, e pois os devia dirigir por mostrar-se mais temerario.

Veneza sustentava então guerra contra os turcos, que povoavam os mares de piratas e corsarios. Impossivel foi a Loyola e a seus companheiros emprehender a viagem de Jerusalém. Recolheram-se ao convento dos Theatinos, reformado ultimamente e dirigido pelo afamado theologo Caraffa. Applicaram-se ao curativo dos doentes nos hospitaes da cidade, seguindo o exemplo dos Theatinos e conforme sua derradeira reforma. Pensou desde logo Loyola que misteres de propaganda commettem-se com obras caritativas e não segundo o systema das demais ordens monasticas que se entregavam ao estudo, ao isolamento, e ás penitencias dentro das abobadas e longos corredores de mosteiros.

Convenceram-se tambem os seus amigos de que não bastava prégar, ensinar: era mister soccorrer os afflictos, salvar os desgraçados. Tomaram então ordens ecclesiasticas, e dedicaram-se ao serviço de enfermeiros. Decorrido, porém, algum tempo, convieram em executar a segunda condição do seu juramento em Montmartre, e que consistia em offerecerem-se ao Papa em Roma, afim de empregal-os Sua Santidade como resolvesse conveniente.

Deixaram Veneza, e por todas as cidades, por onde passavam, iniciaram prédicas religiosas ás multidões de povo, que nas ruas e praças publicas se agglomeravam para ouvil-os. Exhortavam-n'as á penitencia e á caridade, e Loyola deu logo o titulo de Companhia de Jesus aos que se declararam seus discipulos e prometteram seguir-lhe os exemplos.

Espantaram, ao principio, em Roma com seus modos rusticos, suas palavras estridentes e fogosas, seus actos de abnegação e mysticismo, seus sermões publicos e enthusiasticos. Posto que mendigos e desprovidos de protecção, attrahiam, todavia, proselytos, viviam de esmolas, prestavam-se a acudir a todas as afflicções humanas e proclamavam obediencia absoluta e completa ao Papa, como successor de S. Pedro, e que consideravam impeccavel como representante de Jesus na terra.

Teve o Papa Paulo III noticia de seus procedimentos e agradaram-lhe as maximas que apregoavam. Anciava o Papa moralisar o clero, corrigir os abusos da Egreja, disciplinar rigorosamente as ordens monasticas muito então desacreditadas, reformar emfim e com energia os costumes e as tendencias da Curia e dos empregados ecclesiasticos.

Não revoluteavam Allemanha, França, Inglaterra, Paizes Baixos, Suecia e Escocia com as reformas preconisadas por Luthero, que arrancava á Egreja toda a auctoridade e prestigio? Não perdia terreno todos os dias o Pontificado de Roma ás vozes dos innovadores? Não poderia uma nova milicia religiosa capitaneada por Loyola, oppôr diques aos dissidentes lutheranos e calvinistas,

virtudes ao clero catholico, disciplina aos representantes da egreja, reforma, emfim, aos costumes estragados do tempo?

Foi durante este periodo que no cerebro do mystico Loyola se foi apurando a idéa de instituir-se uma nova ordem religiosa, differente das outras monasticas, e devotada á combater zelosamente o schisma religioso e sustentar a auctoridade illimitada da Cadeira de S. Pedro.

Meditando profundamente, e de accôrdo com seus primitivos companheiros, organisou e redigiu os estatutos por que se devia reger a nova sociedade que recebeu o titulo de Companhia de Jesus.

Formava uma ordem monastica, diversa, em pontos importantes, das ordens existentes, Benedictina, Carmelitas, Theatina e Mendicantes.

Não adoptava como ellas a separação do mundo, a vida na paz e na solidão dos claustros, nem as preces, jejuns, côros e praticas de devoção em commum e nem as vestes tristes e lugubres com que se cobriam. Deveria permanecer no meio da sociedade civil e pertencer a ella, applicando-se ao pulpito, á confissão, á instrucção e aos serviços de caridade, relacionando-se com reis, poderosos, povo miudo e escravos, para dominar-lhes as consciencias penhorando-lhes as sympathias. Seu traje seria o ordinario do clero, podendo ser mudado quando nos missões de propaganda o exigissem as circumstancias.

Aos votos e juramentos espirituaes e mundanos das demais ordens accrescentava-se um que se considerava o principal—obediencia inteira, completa e illimitada ao Papa, ao geral da Companhia e aos mais elevados socios em gerarchia.

A ordem devia reger-se por um geral eleito por toda a vida; subordinavam-se-lhe os professos, primeira categoria, com votos de castidade e de pobreza, e applicados ás propagandas e missões em todas as partes do mundo para onde fossem expedidos; seguiam-se os coadjutores espirituaes auxiliados pela classe dos escolasticos incumbidos da instrucção publica.

Dividir-se-hia o mundo em provincias, com principal séde em Roma, residencia do geral, representante de toda a Companhia perante o Papa.

Cada provincia teria á sua frente um provincial, representante do geral, ao qual cumpria tambem fundar collegios de instrucção, escolher prégadores, professores, confessores e missionarios. As universidades, faculdades de ensino, lyceus e collegios podiam possuir bens, costeiar e recolher rendas. Os jesuitas nada deviam ter de seu, devotavam-se á Companhia, que os alimentava e governava. Tudo quanto adquirissem pertenceria á Companhia. Leis severas asseguravam a disciplina e mantinham a harmonia.

Era rigoroso dever de cada um obedecer cegamente ao seu superior, mover-se como o bastão na mão do dono. Entrando para a Companhia deixava a familia, os amigos, a sociedade civil e politica, os bens de fortuna, as idéas e paixões do mundo. Pertencia desde então como propriedade á sua Companhia, e esta era d'ahi em deante para elle, pae, mãe, irmãos, parentes, affeiçoados; pois que constituia-se seu unico mundo espiritual e real. Monopolisava a Companhia por este modo seu corpo, seu espirito, sua alma. Era prohibido ao socio receber ou escrever cartas particulares, sem que o Superior as lêsse.

Não deveria haver segredos por mais intimos que se não communicassem ao confessor; tornava-se indispensavel ainda denunciar os vicios do coração, recontar todas as idéas, que lhe borbulhassem no espirito. Desapparecia a individualidade deante dos interesses da Companhia.

Custa a crêr como de um cerebro accessivel ao mysticismo, ás visões, ás apparições phantasticas; de um espirito ascetico e que acreditava em milagres e revelações directas da divindade, como elle proprio o declarava, sahisse tão harmonica e completa uma instituição religiosa e politica, e tão geitosamente adaptavel á pratica, como foi a da Companhia de Jesus!

Em 1560 o papa Paulo III approvou, bem que pro-

visoriamente, os Estatutos da Companhia, que foram confirmados definitivamente em 1543. Conseguiu logo Loyola numerosos companheiros que examinara, estudara e escolhera. Pela Italia, Hespanha, Portugal, Allemanha, França, Suissa, Paizes Baixos espalharam-se immediatamente os soldados da milicia jesuitica, prégando, confessando, fundando collegios de instrucção, consolando, missionando, sustentando a auctoridade absoluta do papa e moralisando com excellentes maximas e procedimento exemplar.

Dir-se-hia estabelecida para as classes infimas da sociedade, porque era essencialmente democratica : correram, todavia, a alistar-se em seu seio burguezes, nobres, fidalgos de elevada jerarchia, descendentes até de stirpes régias. Entre tantos que se inscreveram na Companhia de Jesus nota-se Francisco Borgia, duque de Gandia e vice-rei de Barcelona, que abandonou a vida civil para trajar a roupeta da ordem e dedicar-se ao serviço da religião catholica. Como não exaltar-se o espirito popular, assistindo a prédicas energicas, á pratica de acções virtuosas, a ser viços pessoaes prestados a quem d'elles necessitava, a soccorros espalhados, á expressão de uma doutrina consoladora e moralisadora, fundada na egualdade e fraternidade dos homens?

Deve egualmente admirar que de mortificações, martyrios, disciplinas, jejuns, abstinencias e praticas asceticas, com que Loyola lacerava seu corpo e estragava sua saude, nos *exercicios espirituaes* por elle publicados fossem os jesuitas dispensados, para não perderem tempo inutilmente, e sustentarem suas forças physicas na lucta incessante á que se deviam entregar. Impõe a instrucção para o povo; regularisa systemas novos para a instrucção superior, porquè tambem exige mathematicos, medicos, physicos, astronomos, legistas, lexicographos, linguisticos, litteratos e poetas. Devia a Companhia influir pelas luzes e talento de seus socios, bem que declarasse expressamente que — o desejo ardente da alma não se satisfaz com a abundancia, mas com a contemplação interior.

Afim de conseguir este estado necessario, recommenda a meditação, e que repilla o jesuita de si toda a preoccupação estranha, domando sua imaginação, curvando sua vontade, esmagando todos os desejos e instinctos que possam perturbal-o.

O amor de Deus, accrescenta, consiste na communhão de todas as faculdades e de todos os bens. Deus concede suas graças á alma em recompensa de sua resignação, de sua liberdade, de sua intelligencia, de sua memoria e de sua vontade, que se devem sacrificar em bem proprio e da egreja.

A Companhia atirou-se arrojadamente ás luctas e controversias. Não temeram seus socios as perseguições dos protestantes, em cujos territorios penetraram; nem o martyrio, que nos bosques sombrios e desconhecidos encontraram missionando selvagens da America e da Africa e os barbaros da India, da China e do Japão. Não houve paiz no universo, que não visitassem para exercer a propaganda religiosa. Desde o Canadá até o Perú, o Brazil e o Paraguay; desde o Indostão até os confins orientaes da Asia, encontravam-se jesuitas missionarios, ardentes na fé, corajosos na acção, dedicados temeraria e ao mesmo tempo geitosamente, ao cumprimento de seus deveres e dos seus votos.

Tão valentemente combateu na Europa a Companhia, que se lhe deve haver parado a marcha ascendente do protestantismo, creando-se uma reacção em favor da auctoridade do Pontificado. Não se apagou o fogo da reforma, mas conteve-se nos pontos em que ella se enraizava, e no catholicismo conservou-se a parte da Europa ainda não contaminada.

Tal influencia exercia a Companhia, que ao reunir-se em 1545 o Concilio Ecumenico de Trento, enviou o Papa dous de seus socios, Salmeron e Lainez, para que com o cardeal Caraffa o representassem no Congresso.

Dezoito concilios ecumenicos conta a historia que haviam funccionado antes do de Trento, e mais afamados

e concorridos os de Basilea e Constança : em numero, porém, de membros, excedera o de Trento seus predecessores, incluidos legados, cardeaes, arcebispos, bispos, abbades e geraes de ordens ecclesiasticas de todas as nações catholicas convocadas para o fim de restabelecer-se a paz e a concordia da Egreja, fixar-se o dogma e firmar-se a disciplina do clero.

Carlos V, rei da Hespanha e imperador da Allemanha, exigira, em 1530, do papa Clemente VII, um concilio ecumenico, no intuito de extirpar as controversias e luctas religiosas incitadas por Luthero, e de satisfazer os principes e magnatas reunidos na dieta de Augsburgo, que annunciavam a necessidade de extinguir-se os abusos praticados pelos representantes da Egreja Catholica.

Esquivara-se o pontifice ás suas reclamações, protelando a convocação e ganhando tempo. Persistiu Carlos V em seus designios até que Paulo III convocou, em 1540, os grandes dignatarios da Egreja a reunirem-se em Trento.

Tempestuosas e violentissimas foram não raramente as sessões do concilio installado. Curiosa é a sua leitura e a dos escriptos de Sarpi e Palavicini. Suspendeu-se por annos, quer por causa das guerras de Carlos V, quer pelas dissensões travadas entre seus membros. Mudou de local uma vez ; de Trento transferiu-se para Mantua. Voltou, todavia, pouco depois e terminou sua missão em Trento em 1563. Fracção hespanhola lidou com fracção franceza; ora a uns, ora a outros juntavam-se allemães e italianos para resolverem os assumptos. Conflictos á mão armada marearam a reputação da assembléa. Bispos bateram-se não só com a palavra, mas com braços e armas, e tambem uns contra os outros. O de Chirou ficou bastante maltratado, ferido e ensanguentado pelo da Cava. Varões tão respeitaveis esqueciam-se da edade e da elevada categoria, arrastados pela opposição dos partidos e dos interesses particulares.

Fixou-se, por fim, o dogma condemnando a doutrina

de Luthero sobre a graça e a justificação; fundou-se a disciplina da Egreja regulamentada vigorosamente. Declarou-se o pontifice interprete dos casos de consciencia, juiz das disciplinas e chefe dos bispos com auctoridade absoluta no intuito de alargar-se-lhe a jurisdicção para a reforme dos costumes relaxados do clero, e a rehabilitação da fé, tão abalada então pelos acontecimentos e pelos abusos.

Portugal e Polonia adoptaram inteiramente as resoluções do Concilio de Trento; Felippe II de Hespanha admittiu-as com restricções; França e as demais nações catholicas ou as repelliram com franqueza, ou comprometteram-se a adoptar apenas algumas e poucas. Não divergia nem uma só nação catholica a respeito do dogma, separaram-se, porém, algumas no tocante á supremacia do Papa, não reconhecida pelos Concilios de Basilea e de Constancia, e outras relativamente ao systema de disciplinas.

Fosse como fosse, o Concilio de Trento affirmando os dogmas, fixando as disciplinas da Egreja e condemnando abusos do clero, prestou serviços á moral e á religião; relevantissimos foram ainda os de alguns varões morigerados, que occuparam a cadeira de S. Pedro depois de Alexandre VI e do faustoso e folgazão Leão X, amador antes da antiguidade, que da egreja catholica que lhe fôra confiada; concorreram mais que todos, porém, os socios da Companhia de Jesus que exaltavam o espirito religioso, mantinham a unidade da fé catholica, amedrontavam os schimas; pode então Roma elevar-se de novo nas consciencias dos fieis, apezar das derrotas que soffrêra e dos vicios que corroiam a curia, e que, com razão, a haviam desacreditado.

Formam seus primeiros cincoenta annos de vida a edade de ouro da Companhia de Jesus; em todas as partes do mundo se encontravam seus socios, consolando os pobres nas suas choupanas, os miseraveis nos seus escondrijos; doutrinando todas as classes da sociedade, camponezes, burguezes, nobres, dynastias reinantes; dirigindo

habilmente a educação e a instrucção publica; apoderando-se do pulpito para angariar proselytos pela convicção; empregando a confissão para descobrir os pensamentos reconditos do peito; cathechisando na America, na Africa, na Asia; expondo-se corajosamente a perigos de vida, mas chamando á sociedade e á civilisação numerosas tribus de gentios, selvagens e idolatras, defendendo as prerogativas dos pontifices romanos; fundando collegios, universidades, escolas em todos os logares e melhorando os methodos de ensino; cumprindo rigorosamente seus estatutos; e honrando-se com grandiosos vultos e talentos peregrinos em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Falavam os jesuitas todas as linguas do universo, entendiam-se com os gentios americanos, os caffres da Africa, os numerosos povos asiaticos tão diversos de idiomas e de costumes. Era para elles o jesuita um apostolo, que affeiçoava todos os respeitos e sympathias.

Ao exhalar em Roma seu ultimo suspiro, em 1556, regozijava-se já Loyola, contando fundadas no mundo conhecido quatorze provincias da Companhia, afóra a Romana, enumerando mais de cem collegios de dois mil socios, que procediam exemplar e activamente na obra que lhes fôra conhada. De Roma elle mandava suas ordens, suas instrucções; como auctoridade era mais obedecido que o proprio Papa, porquanto este directamente não raro encontrava opposição e resistencia, que lhe impossibilitavam a acção e aniquilavam a vontade. A ponta e a lamina da espada jesuitica attingiam a todos os pontos do universo, o punho guardava-se em Roma e nas mãos do Geral da Companhia, que a manobrava admiravelmente.

Começara a Companhia com dez socios; em 1608 contava dez mil; em 1700 vinte mil; em 1750 mais de trinta mil espalhados pelo mundo.

Não tardou tambem a época da decadencia e da ruina: como todas as instituições, teve a Companhia de Jesus de soffrer o destino e as penas reservadas ás creações

ıanas. Não por vicio intrinseco, mas pelos feitos de s proprios membros. A importancia que adquiriram, esprezo das proprias disciplinas e as ambições individ es os arrastaram para além do alvo visado por seu stigioso fundador. Almejaram dominar a politica dos os, influir sobre os monarchas, dirigir os governos, ar o regimen espiritual com o da terra e collocar acima todos os poderes a auctoridade da Companhia.

Mudaram para isso, e repetidas vezes, de idéas, de trinas, de axiomas: aos fins sacrificaram os meios; populares, defensores das regalias e liberdades dos os, ora sectarios do poder absoluto dos reis: aqui rimiam uma linguagem, alli outra diversa. A convenia da Companhia predominou exclusivamente, occu-os de preferencia. Preferiam ganhar amigos a conseguir istãos verdadeiros. Depois de combaterem a doutrina justificação pela graça, defendida pelos protestantes, ram logar ao livre arbitrio e sustentaram que todas as as eram escusaveis. Envolveram-se nas intrigas das tes, nas conjurações dos revolucionarios, nas sublevas dos povos. Converteram por fim as missões em emzas de commercio e tornaram-se banqueiros, negociantes ıonopolisadores de generos da agricultura e da indusa. Alienando de si os favores dos governos e o amor e a ição dos governados, foram por aquelles condemnados á persão, ao exilio, á abolição da Companhia, e não enconram em parte alguma apoio popular que os sustentasse.

Está regulada a vida quer moral, quer physica, já das ões e dos homens, já das instituições e das idéas. A la um a sua sorte e o seu tempo. Tudo se extingue, ou inja as grandezas, ou estorça-se na miseria, seja-lhe a istencia prolongada ou curta a duração.

Nasceu em tempo proprio a Companhia de Je-s.

Como um metéoro esplendoroso, fulgurou na sua edade imitiva. Já lhe não era propicia a época quando cahiu e ando desmoronou-se no seculo XVIII; estava minada

pelos vicios que se lhe haviam introduzido no seio e lhe tinham transformado inteiramente o instituto.

Legou-nos por esse motivo sua historia reminiscencias desagradaveis e que ainda perduram.

Nem lhe salvaram a memoria os eminentes serviços que ao principio prestara á causa da religião e da humanidade.

Reformou-se, é verdade, nos tempos modernos ; tomou nova physionomia, dedicou-se a misteres diversos dos da sua primitiva instituição. Espalhou-se de novo pelo mundo a instruir os povos. Que importa? Conserva-se sempre a suspeita, a macula, com que foi mareada ; a lembrança dos seus ultimos feitos tendentes a assegurar-lhe poderio illimitado e satisfazer-lhe as ambições desmarcadas, que de seus socios se apoderava, guarda superioridade sobre a recordação de seus gloriosos triumphos, quando combatia tão denodadamente em pró da egreja catholica.

Pedro I da Russia

Tem a legenda seus favoritos, que eleva e aformoseia, passo que no tocante aos decahidos de sua graça não se atenta com despojal-os de suas qualidades ; trata tambem ennegrecer-lhes as biographias com ficções e fabulas, e os transformam inteiramente.

Pedro, intitulado o Grande da Russia, ganhou-lhe as mpathias. Os chronistas e historiographos exaltaram-n'o a demasia, e enfeitaram-lhe a vida de feitos grandiosos, honradissimos propositos. Pintaram-no caracter sublime, róe, genio. E quem superficialmente aprende a historia sim o acredita.

Reduzamol-o, porém, a suas proporções verdadeiras, screvendo-o com exactidão tanto nos seus actos meritorios, mo na sua politica e na sua moralidade. Apreciemol-o mo imperador e como homem, despindo-o do falso colodo que se lhe têm applicado.

Ignorante, selvagem e cruelissimo governou um povo umeroso, submergido porém nas trevas da barbaria, e ue se não deveria denominar europeu. Raiava, entretanto, seculo XVIII, que tanto brilho e civilisação derramava.

Verdade é que accrescentou extremamente seus domiios da Russia em territorios e povoações, mas não rivalisa eu genio, bem que possante e temerario, com o de Carlos V u I de Hespanha, e nem com o de Frederico II da Prussia;

quando muito approximava do de Carlos XII da Suecia. São estes os tres reis guerreiros, conquistadores e politicos que nos tempos modernos legaram mais extensa e memoravel nomeada, bem que não attinjam a gloria de Napoleão I. E para a Russia Pedro Grande o vulto mais proeminente. Deve-lhe a Europa o conhecimento da Russia. Deve-lhe a Russia suas primeiras relações com a Europa. Quando se mostraram, repentinamente, elle e seu povo, os olhos dos europeus, afastados até então de todo o seu contacto, espantaram, assombraram-se e electrisaram-se todos os espiritos de França, de Inglaterra, da Allemanha, de Italia e de Hespanha. D'ahi deriva-se, portanto, um dos motivos que favoreceram e exaltaram sua reputação.

Constituia a Russia, na época do fallecimento do seu kzar, satrapa, autocrata ou imperador, de nome Alexis pelos fins do seculo XVII, uma nação mais asiatica que européa pelos costumes, instituições e raças diversas que a habitavam, hunos, slavos, mongols, tartaros, sarmatas, scytas, cossacos, que a tinham dominado cada um a seu turno, e por fim se haviam assimilado e confundido, prevalecendo como mais poderoso o elemento slavo.

Deixara Alexis dois filhos e seis filhas de um primeiro matrimonio, um filho e uma filha do segundo, que contrahira. Sepulta-se na escuridão dos tempos passados a historia da Russia, que não tinha sido escripta, e que só de então para cá tornou-se conhecida. Não havia escolas fundadas, não havia cultivo litterario ou scientifico, não havia communicação entre seu povo e os conterraneos, e coevos.

A religião grega tornara-se, todavia, quasi universal, e os bispos, os abbades, os missionarios e frades exerciam influxo decisivo sobre massas brutas, sobre escravos numerosissimos e sobre intitulados nobres, despidos inteiramente de luzes. Comquanto imposto á força o christianismo bysantino com o alphabeto grego, não tinha ainda conseguido modificar os costumes incultos e grosseiros dos habitantes.

A esse immenso territorio, que se estendia do Mar 'aspio ao Glacial, mal chegavam viajantes estrangeiros. nglezes ou hollandezes, que quasi unicos iam lá mercajar, volviam dizendo que haviam encontrado populções insociaes e brutas. Só ao principiar do seulo XVIII é que alli se fundou uma imprensa, e esta estinada exclusivamente a publicar livros de religião e ithurgia, que se traduziram do grego.

Os annaes bysantinos e as chronicas árabes tratam le todas as nações estabelecidas na Europa occidental e eptentrional do seu tempo e mais ou menos vizinhas; não ios legam, comtudo, nem uma noção a respeito da Russia.

Referem alguns mais modernos que alli regeram sysemas politicos diversos, comquanto mais ou menos deturados: fallam em existencia de republicas, de autocracias, le dictaduras, de absolutismo, sem que nos expliquem os lementos que os compunham.

Consta, porém, e claramente, que Fedor succedera a seu pai Alexis, e fôra rei durante cinco annos: por sua morte, em 1682, tumultos, sublevações, luctas sanguinarias suscitaram-se, pretendendo um bando que occupasse o throno o irmão do primeiro leito, Ivan, posto que idiota e mudo; outro que a Pedro, oriundo do segundo casamento, pertencesse a corôa; um terceiro, emfim, que a filha mais velha de Alexis, o princeza Sophia, devia de ser preferida a Ivan, por incapaz, e a Pedro, por oriundo de segundo consorcio. O primeiro era já maior de edade, o segundo teria apénas dez annos.

Duraram as luctas bastante tempo. Accommodaram-se por fim as pretenções. Sophia elevou-se á regencia, em nome dos dous irmãos, e começou a governar o imperio. Cuidou de esmagar primeiro o partido de Ivan, e depois exterminar o de Pedro, no intuito de firmar-se exclusivamente no throno.

Audacioso e aventureiro, adivinhou-lhe, porém, Pedro as intenções. Partiu do convento da Trindade, onde se educava, bem que não contasse mais de dezesete annos,

collocou-se á frente dos seus partidarios, bateu as forças d
irmã, prendeu-a, recolheu-a a um mosteiro e condemnou-
á reclusão perpetua e á penitencia monastica. Obrigo
egualmente o irmão Ivan a assignar renuncia dos direit
magestaticos.

Reconhecido kzar, e unico kzar pela generalidad dos povos, não tardou em manifestar seu animo violent e instinctos atrozes do coração. Sem fórma de processo, e por varias vezes, mandou degolar grupos de iuimigos e d suspeitos ; com o knout, instrumento de tiras de couro e arame que lacerava as carnes, castigar velhos, mulheres e crianças ; e transportar para a Siberia multidões de familias de cuja fidelidade desconfiava. Iniciou assim o se reinado tendo por fundamento o terror, e por justiça o patibulo, a tortura, o desterro e o captiveiro.

As execuções, os exilios, as escravidões a que foram condemnados boyardos, bispos, generaes e fidalgos, restabeleceram a paz dos tumulos. Alliviado, então, Pedro de cuidados no interior do seu paiz, ambicionou augmentar os seus dominios á custa dos vizinhos turcos e persas, contra os quaes começou a dirigir guerras inversas. Percebendo que não dispunha de exercito regular e organisado nem de armas aperfeiçoadas, resolveu examinar por si a situação dos povos policiados da Europa, de que tinha ligeiras noticias. Aspirou aprender o que fosse conveniente a seus designios.

Deixou Moskow, que era então capital de seus estados, e em 1697 encaminhou-se para a Hollanda, afamada pelos seus estaleiros de construcção naval e pelas suas conquistas e colonias ultramarinas. Servindo-se de um passaporte particular, tomou o appellido de Mikelloff Peterkoff, fez-se acompanhar por sequito escolhido de russos, e dedicou-se, em Sardaam, ao estudo e pratica da arte maritima. Depois de remetter para a Russia seus mais adeantados discipulos e muitos obreiros hollandezes que contractou para o serviço de seus estados, trocou a residencia da Hollanda pela de Inglaterra, e desta nação

ınsferiu-se depois para a Allemanha, desejoso de in- 'uir-se tambem na organisação, disciplina e armamento s exercitos de terra. Achava-se em Vienna, quando ɔu-lhe aos ouvidos a noticia de levantamentos revolucio- rios na Russia, promovidos por sua irmã, ainda que isioneira. Abandonou incontinente a capital da Austria, ıpresentou-se em Moskow, quando ninguem ahi o es- rava.

Destroçou os rebeldes senhores de algumas fortalezas, :estaurou sua auctoridade.

Parece inverosimil o que se narra de sua vingança ntra os que em sua ausencia se haviam sublevado.

Mais de dous mil subiram á forca; mais de cinco mil ram decapitados a golpes de machado; mais de dez mil ınsportaram-se para os aridos areaes da Siberia, depois rigorosamente castigados com o knout. O kzar assistia ı pessoa ás execuções, animava e coadjuvava os algozes cumbidos da tarefa de cortar cabeças. Por vezes apode- va-se da machadinha, e folgava de funccionar, como fôra o proprio carrasco. Dir-se-hia que lhe alegravam vista e aguçavam a curiosidade os espectaculos da con- rsão dos rostos das victimas, as palpitações das carnes rtadas, o sangue saltando das veias e borrifando a terra. ebia vinho nos intervallos para excitar ainda mais seus rores, e ganhar novas forças. Obrigava os cortesãos, não ro, a imital-o nas execuções. Mandava, depois, partir lo meio os corpos dos mortos, e pregar as cabeças e pe- ıços dos tronco sem postes levantados nas estradas e mpos, afim de servirem de exemplo a todos os seus ıssallos. Nestas operações sanguinarias gastaram-se então ais de quinze dias, e o imperador jámais cansou-se de esenciar e auxiliar o horroroso espectaculo.

Que respondem a estes factos os credulos historiado- s e poetas que o pintam como philosopho illustrado e vilisador estremecido do seu povo?

Falla-se dos tormentos de ferro, de fogo, e de agua, npregados pelas Inquisições de Hespanha e Portugal;

de assassinatos barbaros praticados polos reis inglezes : gaiolas de ferro de Luiz XI de França ; de envenenamei numerosos dos condotieri famosos da Italia ; de cri ferozes de Fredegunda e Brunehilda da raça Merov propias eram taes atrocidades das primeiras épocas at zadas e violentas da edade-média. Pedro, chamado Grande, da Russia, vivia, porém, no seculo XVIII. seculo roformador, o seculo philosophico e progressista p excellencia.

Tratou Pedro de civilisar a Russia ? Engano perf dos que escrevem a seu respeito, guiados pela fama m tirosa, que lhe prestaram os lisongeiros e admirador de feitos estupendos, bem que brutaes e selvagens. Pen sómente em formar exercitos, crear marinhas e fortale e augmentar a Russia á custa da China, da Turquia, Persia, da Polonia e da Suecia, cujos territorios ambi nava reunir aos seus estados. Escolas unicamente militar e não civis, promoveu. Reformou exclusivamente e beneficio do engrandecimento material do imperio, e n em proveito da moral nem da intelligencia dos vassall que se dividiam em classes, sotopostas umas ás outras, todas acurvadas ao jugo régio desde os servos ou escrav que formavam mais de um terço da nação, desde as class médias que eram egualmente numerosas, até os boyard e bispos, que corôavam o edificio.

Muito antes da Russia brilhavam com honra a Pol nia, a Hungria, a Bohemia, a Suecia, nações quasi suas l mitrophes, quando nem pensava em Russia o *Occidente* d Europa.

Era o governo da Russia autocracia, dictadura perpetua : o imperador, rei, pontifice, general, legislador juiz; fortuna, posição, propriedade, vida do vassallo del dependiam. Permanecia a maioria da população em estad de captiveiro, ligada ao solo : Caprichavam os kzares em fazer subir e descer em haveres, titulos e gerarchias quant lhes agradavam, ou lhes aborreciam. De um para outr momento tornava-se nobre o servo, e servo o nobre.

A venda de uma herdade arrastava comsigo os servos
lores em seu territorio; passavam de uns para outros
res, e não podiam mudar de residencia e subserviencia,
libertar-se, posto que possuissem capitaes sufficientes.
tem-se modificado esta situação bem que rasguem
novas os horisontes do seculo XIX.

Desde a paz de Westphalia era a Suecia que guardava
endia o oriente da Europa; nação civilisada, brava e
rtante, dominava a Finlandia, a Pomerania e a Livo-
s bocas dos tres rios allemães, Oder, Weser e Elba, e
Baltico. Não satisfeito com praticar assaltos con-
s nas terras asiaticas, iniciou Pedro I campanhas
a Europa, assaltando a Polonia. Sahiu-lhe ao
tro Carlos XII da Suecia, que derrotou-o por vezes
igou-o a recolher-se á Russia.

Aproveitou-se, todavia, Pedro de seus desastres, pre-
-se melhor para novas guerras, augmentou e disci-
a suas tropas, e em novas pelejas que feriu conseguiu
os suecos, conquistar-lhes o golfo de Riga e a Fin-
a, Livonia e a Ingria. Com a paz superveniente
iu a Suecia, elevou-se a Russia, e fez então soar seu
na Europa, que quasi até então o ignorava.

Tratou Pedro Grande de mudar a capital de seu
io, para centro mais apropriado ás relações da
a, fundou a cidade de S. Petersburgo e abandonou
w, a santa. Precisava, dizia, de uma janella aberta
a Europa com navegação maritima e facil. Nas bocas
do Neva e em terrenos tomados á Suecia resolveu
ar a séde dos seus dominios já bastante consideraveis.
Mais de duzentos mil obreiros obrigou o kzar a tra-
r dia e noite e durante muitos annos continuados,
na edificação da nova cidade, quer na dessecação dos
nos que alagavam seus arredores; já no desviar o
do rio Neva e já nas construcções defensivas da for-
de Kronstadt, quer em um porto necessario para a
arinha militar: cêrca de cem mil pessôas empregadas
viço morreram de molestias locaes, febres, castigos e

tormentos. Regozijou-se Pedro, assistindo á terminação
sua obra que transformava as condições da Russia. (
seguiu tambem com as providencias e legislação que
cretou converter em um regimento militar toda a
nação, com disciplina tão rigorosa como a dos quarte
acampamentos de soldados, por este modo tornando-a
mida e respeitada na Europa e na Asia.

Fôra Pedro casado com a princeza Eudoxia e te
consorcio um filho, a quem dera o nome de Alexis.
suas excursões pela Allemanha, passando por Mar
burgo, viu uma lindissima criada de estalagem, cha
Catharina, mulher espirituosa e dotada de ambições
geradas. Deixou-se fascinar com seus encantos e se
com suas palavras e espirito. Levou-a para a Russia.
pudiou incontinenti a consorte, que encerrou em um con
to e celebrou segundas nupcias com Catharina. Aq
fôra-lhe fiel, posto que lhe não contentasse os fog
appetites. Narram as chronicas muitas aventuras gala
da segunda, que não perdia occasião de trahir os dire
do régio thalamo. O nome de um dos seus inculc
amantes, o camarista Moins, chegou ao conhecimento
Pedro, que mandou-lhe cortar a cabeça em presença
imperatriz, obrigada a assistir a uma execução, que d
pungil-a, mas a que ella simulou indifferença para q
kzar se persuadisse de sua innocencia.

Dava-lhe cuidados o filho. Bem que casado e
prole, Catharina detestava-o como sóem as madra
perseguia-o, maltratava-o e incitava o pai a não p
par-lhe dissabores. Fugiu Alexis da Russia, asylou-se
Vienna, e d'ahi transferiu-se para Napoles. Pedro
denou-lhe que voltasse, ameaçou-o com castigos qua
lhe desobedecesse. Considerou o principe que lhe conv
regressar para a patria, confiando no perdão paterno. Pr
porém, apenas chegado a Moskow, foi coagido a assig
renuncia do throno em favor de um irmão, que resulta
segundo matrimonio de Pedro com Catharina de Mar
burgo.

Rebentando posteriormente uma revolta em varias localidades do imperio, pensou Pedro que Alexis e a imperatriz repudiada haviam para ella cooperado, e ordenou que se lhes applicasse incontinente o supplicio do knout, como principio do castigo. Um tribunal excepcional condemnou-os depois á morte. Os desgostos que mãe e filho supportaram extinguiram-lhes em breve a vida; não passa de legenda a tradição russa de que o kzar os fizera degolar pela mão do carrasco. Convém dizer que Catharina succedeu no throno a Pedro, e governou a Russia dois annos e meio, com o titulo de Catharina I, mas que morrendo-lhe o filho antes de herdar, coube a corôa a Pedro II, filho do perseguido Alexis e neto de Pedro I.

Apezar, todavia, da vigilancia e rigores do czar, não paravam as sublevações dos subditos. Que importavam as execuções em massa pela forca e pelo cutello, os duros soffrimentos do knout e as deportações de milhares de familias para a Siberia?

Os boyardos, os proceres dos estados conspiravam constantemente.

Sob os successores de Pedro I, e ainda nos nossos dias, não se descobrem a todo o momento revoltas na Russia, embora suffocadas no sangue, nos castigos e no exilio com a mais feroz barbaridade?

Amontoam-se assim crimes sobre crimes nesta horrenda historia tanto em relação aos subditos, submettidos ao capricho e despotismo do kzar, como no tocante á propria casa imperial, dentro dos paços, no intimo da familia. E' ahi que maior cópia de assassinatos se tem perpetrado contra soberanos e principes.

Vencedor da Suecia, conquistador de territorios importantes na Europa, sua patria temida no Occidente, persistia em luctas interruptas na Asia contra tartaros, persas e turcos. Uma segunda viagem emprehendeu Pedro á França, Italia e Allemanha, com apparatosa ostentação, porém, e não como na primeira, em que passeava como

particular e sob nome supposto. Descêra ao tumulo Luiz XIV de França em 1715. Corria o governo da menoridade de Luiz XV sob a regencia do duque de Orleans. Foi recebido o kzar em Pariz com todas demonstrações e etiquetas régias, hospedado magnificamente, victoriado como costumam fazel-o os francezes aos soberanos que visitam sua grande cidade e admiram as maravilhas que a opulentam e ennobrecem. Lucrou muitó a nova capital da Russia, porque Pedro mandou de Pariz architectos, pintores e operarios intelligentes, que lhe ornaram os edificios e levantaram-lhe os monumentos com arte e gosto aperfeiçoado.

Nada se publicou no tocante ás suas viagens pela Allemanha e outros paizes. Quanto, porém, á que effectuou em França, apparecem memorias curiosas. Para a côrte illustrada de Pariz representou Pedro o papel de verdadeiro selvagem nos gestos, nas palavras, nos modos. Procurou Mme. de Maintenon, amante e viuva de Luiz XIV, recolhida á solidão de S. Cyro, não dirigiu-lhe uma palavra, e nem tirou o chapéo da cabeça, parecendo encaral-a com uma curiosidade ou ruina. Recusou ao regente, Felippe de Orleans, convite a jantares declarando-lhe que era soldado, e com pão e cerveja satisfazia-se. Ao menino Luiz XV disse em voz alta: — Pobre criança, se te não matarem succumbirás sob as superfluidades de teu luxo e a sciencia de teus homens de espirito—Visitou o tumulo do cardeal de Richelieu na Sorbonna, o asylo dos invalidos e o theatro da Opera, e onde quer que estivesse mandava a todo o instante buscar cerveja para si e para sua comitiva. Embriagava-se nas tavernas, cantava nas ruas, mostrava-se em logares immundos. Ridicularisava-o o povo, intitulava-o o cardeal Dubois contramestre de bordo de náu hollandeza, mas Voltaire e os encyclopedistas applaudiam-no, vendo nelle a democracia representada. Dos escriptores francezes parte quasi toda a sua fama e o enfeite de legendas, com que a historia mentirosa descreve sua memoria.

Certo é que o imperador Pedro I organisou exercitos superiores de cem mil homens e esquadra de navios de mais de vinte vasos de guerra, quando no inicio de seu reinado não encòntrara tropas regulares nem flotas maritimas. Pôde assim sustentar guerras na Europa e na Asia, conter a Suecia, arruinar a Persia, aterrorisar a Turquia, afastar os tartaros, reter attonita a Hungria e ganhar provincias e territorios da Polonia.

Não será erro declarar que creou a Russia, e que a fez conhecer da Europa, bem que a contivesse na barbaria, porque elle era metade herói, metade tigre.

Conseguiu por sua m orte deixar a Russia enormemente engrandecida, forte, material, mas não moralmente; annexara-lhe numerosos territorios, elevara sua população ao dobro do que se calculava quando subira ao throno.

A legenda imputa a Pedro I um testamento politico por elle deixado aos seus successores. Recommendou-lhes que entretivessem sempre guerras entre a Russia e seus vizinhos, como necessidade para engrandecer-se a nação, e abaterem-se as rivaes e adversarias ; que augmentassem as possessões na Asia, caminhando sempre para o Oriente, para a China e para as ribas do Mar Negro ; que se immiscuissem em todas as questões européas, particularmente nas da Allemanha, Bohemia, Hungria, Polonia e estados do Danubio e Turquia, devendo empregar todas as armas para impôr a influencia russa. Como quer que seja, real ou falso, as disposições do testamento têm sido rigorosamente cumpridas pelos autocratas da Russia, considerados no seu papel de politicos. Não tem egualmente descontinuado o systema de constantes revoltas e conspirações permanentes, que convulsionam sempre a nação e occupam os cuidados do governo e da policia.

Mais de admirar é que os proprios soberanos ainda não escapam aos sustos de assassinatos, que contra elles tramam os filhos, as mulheres, os irmãos, os parentes, os boyardos, os clerigos e as classes proletarias.

Para que lembrar o que succedeu a Paulo, a Alexandre, a Nicolau ? Para que repetir a historia de crueldades e crimes, que não está terminada em nossos dias ?

Em 1725 falleceu Pedro I, chamado o Grande. Se o não reputam alguns escriptores tão barbaro como foi realmente, é porque realizou-se na Russia a prophecia da velha de Syracusa. Após elle reinaram tyrannos que o excederam em atrocidades, e que lhe deixaram um bom nome no contraste que se estabeleça entre os kzares de ambos os sexos que têm occupado o throno da Russia.

Allonzo Ojeda

Um dos mais intelligentes e arrojados aventureiros foi, de certo, Allonzo Ojeda, nascido em Nova Castella em 1459, oriundo de familia nobre, pagem do duque de Medina Celli e official nas guardas régias de Isabel, a Catholica, rainha de Castella. Commetteu proesas notaveis no cerco de Granada; foi um dos primeiros soldados a escalar as muralhas da cidade moura, e o que levantou o estandarte castelhano sobre as ameias do castello do Generaliffe, derribando a bandeira musulmana que ali tremulava. Ganhou, ainda, fama de dextro e ardiloso cavalleiro no manejo das armas, e particularmente em duellos derivados de galanteios amorosos e peripecias romanescas. Era, porém, pobre e, mais que tudo, ambiciosissimo de riqueza e gloria.

Lembraram-lhe alguns parentes e amigos que, visto que o theatro de façanhas estava fechado em Hespanha com a quéda de Granada e expulsão dos mouros e arabes para a Africa, um novo abria-se nas terras occidentaes descobertas em 1492 por Christovam Colombo, e que se acreditavam partes das Indias Asiaticas. Offereceu-se Ojeda a Colombo para acompanhal-o na sua segunda viagem de 1494. Aceita a proposta, partiu como seu immediato no commando das forças expedicionarias, e tomou parte em todas as explorações verificadas nas differentes ilhas do mar das Antilhas, de que Colombo se assenhoreara.

Confessou Colombo em officios dirigidos ao gover de Castella que ninguem lhe prestara mais relevantes eminentes serviços nas luctas feridas com os gentios terra; que Ojeda o coadjuvara poderosamente com prisão do cacique Canoabo, conseguida por meio de ast cioso estratagema, e que era o seu adversario mais enca niçado e dispunha de forças muito superiores; que Oje emfim, fôra o que descortinara minas de ouro na famo ilha, que depois denominou-se S. Domingos, e era ch mada pelos indigenas Haity.

Desgostoso, comtudo, de Colombo, recolheu-se Oje a Castella no correr do anno de 1496. Declarava franc mente que se não subordinaria mais a chefe nenhum, só para emprezas por elle concebidas arriscaria a vid

Protegia-o um tio, inquizidor, e estimava-o o bis Fonseca, que fôra collocado á frente da repartição creal para os negocios das Indias Occidentaes, e era acolhid benevolamente pela rainha. Aproveitou-se Fonseca d indisposições que se incitavam contra Colombo, nascida de inveja e de despeito, mas que se propalavam com forç no animo publico e na propria côrte. Tinha o famos argonauta effectuado sua terceira viagem em 1497, desco berto novas terras e remettido bastante ouro e quantidad de perolas recolhidas nas costas do golfo do Pariá. Não eram incentivos bastantes para ambicionarem aventureiro seguir-lhe os passos? Deveria elle monopolisar os proventos da descoberta de continentes desconhecidos?

Conseguiu Fonseca que a rainha publicasse qu concederia cartas patentes a exploradores que á sua cust particular emprehendessem viagens ultramarinas em procura de terras ignoradas, mediante contractos com o thesouro; e aconselhou a Ojeda que imitasse a Colombo, associando-se com especuladores, que prestassem capitaes para se armarem e tripolarem navios apropriados.

Affirma Americo Vespucio em cartas que se publicaram que fôra elle quem tentara a Ojeda para alcançar as auctorisações do governo: parece-nos, todavia, mai-

razoavel que Ojeda devesse a idéa ao bispo, e que conhecendo Vespucio, commerciante em Sevilha, muito esclarecido em sciencias astronomicas, muito habilitado em desenhos de cartas geographicas, e muito curioso de noticias de descobrimentos maritimos, com elle se entendesse para desempenhal-a. Certo é que Americo ufana-se de ter por si e seus amigos de Sevilha reunido os fundos precisos, e annexado á empreza João de la Cosa, piloto sagaz e experimentado.

Logrou Ojeda o direito de explorar novas terras, como o praticara Colombo, com a condição de não offender-lhe as posses existentes. Ligado a Americo e a Cosa, apparelhou quatro caravellas. Favoreceu-o ainda o bispo, dando-lhe cópia dos roteiros e mappas que lhe enviara Colombo no tocante á terceira viagem; que mais que as anteriores excitava a cobiça em Hespanha pela noticia de existencia de perolas preciosas que abundavam na costa appellidada do Pariá.

Tomou Ojeda o commando da esquadrilha. Com elle embarcaram Cosa e Americo, que desejou acompanhal-o na qualidade de commissario e desenhador de cartas geographicas. Em 1499 partiram do porto de Santa Maria, proximo a Cadix. Tinha Ojeda deante de si o roteiro e mappa de Colombo para guiar-se em direitura ao golfo de Pariá. A corrente, porém, das aguas e os ventos contrarios o empurraram mais para o sul, de modo que a primeira terra avistada jazia na altura de 4 a 5 graus de latitude norte, quando Pariá acha-se a 10. Deprehende-se este facto das notas de bordo e testemunho posterior de Ojeda perante os tribunaes de Hespanha. Devia ser a costa de Surinhãe ou terras proximas das Guyannas. Nunca Ojeda declarou que dobrara a linha equinoxial para o hemispherio do Sul.

Espraiamo-nos neste ponto porque Americo para attrahir fama e grangear nomeada affirmou em cartas que descobrira a costa do Brazil e as boccas do Amazonas, quando a maior gloria caberia a Ojeda, chefe da empreza, e não a Americo. Falsidade tão demonstrada como outras,

de que abundam as cartas referidas, que os florentinos acclamaram como veridicas, para ornarem a memoria do seu compatriota. Não foi o Amazonas, sim o Orinocco, que assustou com o rumor e valentia de suas vagas os companheiros de Ojeda.

Rumando então para o norte e em vista sempre de terras, logrou Ojeda penetrar no golfo do Pariá, visitar as ilhas da Trindade e Margarida e seguir pela costa de Venezuela. Nunca pôde accommodar os gentios, que encontrava: era sempre recebido como inimigo, e escaramuças sangrentas travavam-se a cada tentativa de desembarque. Chegado a Macaraibo, conheceu que havia perdido bastantes homens da equipagem e que os navios estavam arruinados por tal fórma que deviam considerar-se innavegaveis. Perdido estava, portanto, todo o seu trabalho, e nenhumas vantagens mais poderia imaginar que lhe compensassem a infelicissima empreza!

Resolveu regressar para Hespanha. Depois de supprir-se de mantimentos na ilha do Haity, abandonar duas caravellas e concertar as que lhe restavam, seguiu em direitura para a Europa.

Como resignar-se, porém, seu animo, seu temperamento, seu caracter, sua mesma miseria, a uma existencia de socego e inacção? Em 1502 alcançou novos socios, que entraram com os fundos necessarios. Recebeu novos favores do bispo Fonseca. Com quatro novas caravellas, que ajuntou, e repleto sempre de esperanças, seguiu ainda para o mar das Antilhas. Nesta viagem não o acompanhou Americo.

Penetrando no golfo installou-se, escolhendo o sitio denominado Coquibaçoa; erigiu um forte e iniciou uma povoação. Pôde ao principio obter algum descanso com os indigenas, trocar com elles mercadorias e receber viveres, perolas e ouro. Não se conservaram, todavia, por muito tempo as amigaveis relações entaboladas. Desconfiados os indigenas, retiraram-se para os bosques e escaramuças e brigas desde então suscitaram.

Dura, trabalhada, perigosa tornou-se sua existencia.

Era-lhe mister ferir repetidos combates com os gentios, repellir-lhes os assaltos amiudados; apoderar-se de mantimentos que encontravam em suas aldeias, quando conquistadas; supportar molestias, miserias, e fome ás vezes. Rompeu, então, uma revolta capitaneada pelos officiaes superiores. Foi Ojeda accusado de havel-os illudido, de guardar nos cofres, sem distribuir-lhes, a parte correspondente á que tinham direito, de perolas e ouro, que trocara com os indigenas por mercancia e bugigangas de preço infimo, e de pretender egualmente defraudar a corôa na porcentagem que lhe cabia. Victorioso o alvoroto, foi Ojeda preso e, para que não pudesse fugir, collocaram-lhe aos pés ferros pesados. Embarcaram-se todos os aventureiros, abandonando a terra e dirigindo-se para o Haity.

Ao aproximar-se da costa aproveitou-se Ojeda de um descuido de seus algozes e atirou-se ao mar. Não lhes pôde, porém, escapar ás pesquizas, pelo pesado dos ferros que lhe estorvavam os movimentos das pernas. Reconduzido para bordo, foi mandado para as enxovias de S. Domingos e entregue aos tribunaes, que lhe instauraram processo. Soffreu condemnação e sequestro de todos os bens, ao pagamento de uma somma importante á corôa, e a alguns annos de prisão. Appellou Ojeda para o governo da metropole. Remetteram-se para Hespanha os respectivos papeis. De Hespanha volveram sem perda de tempo, mandando o governo que se lhe restituisse a liberdade, se lhe entregassem os bens confiscados e fosse considerado innocente. Em consequencia dos esforços dos amigos e protectores, que contava em Hespanha, conseguira cantar victoria, mas ficara arruinado completamente.

Conseguiu-lhe, no entanto, seu amigo João de la Cosa, novas concessões do regente de Castella, D. Fernando de Aragão, ao passo que egualmente um denodado campeão, Diogo de Nicuesa, alcançara direito ás terras vizinhas das que reputavam-se de Ojeda. Chegada ao Haity quasi ao mesmo tempo que a outra expedição de la Cosa, augmentou Ojeda os elementos de que precisava. Auxiliou-o ainda o

bacharel Eneiso, rico habitante de S. Domingos, que associou-se á sua empreza. Partiu tambem Ojeda do Haity levando comsigo um mareante pratimoso, denominado Francisco Pizarro, e chegou com prospera viagem á Carthagena, onde desembarcou tresentos homens de guerra, e alguns missionarios destinados á cathechisação dos gentios. Estava resolvido fundar uma cidade que fosse a capital de seus estados.

Guarda a historia como monumento de curiosidade a allocução que elle mandou ler pelos missionarios aos indigenas, noticiando-lhes sua intenção e convidando-os á obediencia.

" Eu, Allonzo Ojeda, subdito dos muito altos e poderosos soberanos de Castella e Aragão, conquistadores de nações barbaras, como seu enviado e capitão, notifico-vos, da melhor maneira que posso, que Deus Nosso Senhor, unico e eterno, creou o céo e a terra, e um homem e uma mulher, de quem todos os habitantes do mundo descendemos." — Expunha-lhes depois os preceitos do catholicismo, a supremacia do Papa, a soberania dos reis de Castella e Aragão: ameaçava-os com guerra de exterminio, escravidão perpetua, assolação de propriedades, incendio de aldeias, assassinato das mulheres e filhos, caso se não curvassem ás suas determinações e governo.

Ou não o entenderam, ou zombaram os gentios da proclamação. Iniciaram-se combates sanguinolentos, dos quaes sempre resultava victoria para os hespanhoes, mais perfeitamente armados. Em um delles cahiu morto João de la Cosa. Estava já muito reduzido o numero dos soldados de Ojeda, e attribulados todos com as fadigas incessantes e luctas repetidas, quando appareceu-lhes a esquadra de Nicuesa, que lhes reanimou os peitos corajosos. Propoz Ojeda juntar as forças e tirar desforra dos gentios, surprehendendo-os em suas aldeias. Aceitou Nicuesa o alvitre, e uma noite assaltaram importante povoação de indigenas, que inesperadamente foram destroçados e compellidos á fuga. Incendiada a aldeia e convertida em ruinas; trucidadas numerosas tribus de selvagens, velhos,

ianças, adultos e mulheres, voltaram os hespanhoes para ns acampamentos, satisfeitos da façanha praticada. Seguiu ienesa para as terras que lhe tinham sido designadas e idou Ojeda de sustentar e fortificar sua fundação colonial e appellidou São Sebastião.

Percebendo que dispunha de minguadas forças re-tteu para o Haity um bergantim a pedir auxilios de nte e a levar ao bacharel Eneiso prisioneiros e algum ouro nseguido.

Não esqueceram todavia os indigenas suas injurias. intaram-se unisonos muitos grupos pertencentes á raça rahiba, e assaltaram a povoação castelhana, anciosos de presalias. Bem que vencedores ainda e capitaneados pelo trepido e temerario chefe, em pouco tempo se foi reduzindo quantidade de hespanhoes, e muitos morriam de feridas tas pelas flexas envenenadas dos inimigos, que succediam, is aos outros, em novos combates. Uma noite apropin-iaram-se os gentios do forte, e desafiaram os defensores m sons horrendos de tambores, insultos repetidos e gritos tumbantes. Não attendeu Ojeda senão ao seu valor; á nte de um punhado de bravos, sahiu-lhes valerosamente encontro; recuaram os gentios, dirigindo-se como em ga para uma floresta vizinha. Ahi escondidos começaram disparar successivas flexas; tres quebraram-se no escudo Ojeda, uma, porém, se lhe enterrou na coixa direita, e irou-o em terra como morto.

Acudiram os castelhanos, defenderam briosamente o efe, desbarataram os selvagens e voltaram para seu ar-ial, trazendo aos braços o impavido Ojeda.

Desconfiado de envenenamento produzido pela setta imiga, declarou Ojeda ao cirurgião que lhe queimasse imediatamente a ferida com ferro em braza, asseverando-e que era o unico remedio contra a peçonha. Praticada a eração, ardeu-lhe o corpo inteiro febre intensissima: rante um mez pareceu estorcer-se em agonia. Ou, porém, sistisse á operação sua robustez physica, ou a queima da rida a curasse, certo é que depois de atrozes soffrimentos

tos restabeleceu-se. Agradecendo a uma imagem da Virgem que trazia sempre pendurada ao pescoço, attribuiu-lhe com a mais funda convicção o milagre conseguido. Essa imagem, affirmava elle com fé, o havia sempre preservado nos combates, e agora salvado á morte, que em qualquer outro seria inevitavel.

Amotinavam-se, todavia, seus soldados e companheiros; não convinha abandonar o sitio e voltar para o Haity ou para Hespanha, antes que fosse tomada e arrasada a fortaleza pelas hordas crescentes de indigenas inimigos. Organisou-se uma sublevação para obrigal-o a levantar acampamento.

Não era, porém, o caracter de Ojeda susceptivel de domar-se. Entendeu-se francamente com os companheiros. Chamou-os á razão e a accordo. Combinou-se que elle partiria para S. Domingos a buscar soccorro. Quando não regressasse no prazo fixado de quarenta dias, poderiam todos os moradores de S. Sebastião não só desamparar o forte como a terra.

Embarcou-se Ojeda em uma fragil e quasi innavegavel caravella ali arribada e tripolada por verdadeiros piratas, escapos das prisões de S. Domingos. Temporaes desfeitos a insultaram tão poderosamente, que deu á costa na ilha de Cuba.

Varias legendas a respeito de suas façanhas e aventuras narram Las Casas e Charleroix, chronistas contemporaneos. Recusando o cirurgião queimar-lhe em S. Sebastião a ferida rasgada pela setta envenenada dos gentios, porque pensava inevitavel a morte por effeito de tão barbara operação, ameaçou Ojeda assassinal-o, quando persistisse na desobediencia. Não pareceu soffrer, nem indicio de dôr e nem palavra manifestou que o indicasse. Em tal situação achou-se, entretanto, que foi necessario conservar todo o corpo molhado com pannos ensopados em vinagre durante mais de dois mezes afim de acalmar o fogo que o devorava. Referem ainda que em Cuba, então ainda inteiramente em poder dos seus povos indigenas, elle dirigiu

seus companheiros através de brejos, florestas e montanhas, respeitado pelos selvagens da ilha, que se espantavam de sua coragem e temeridade, até que alcançou as praias fronteiras de Jamaicá. Muitas vezes tirava do peito uma miniatura flamenga que representava Nossa Senhora, mãe de Jesus Christo. Collocava-a em um galho de arvore, ajoelhava-se, resava fervorosamente. Os soffrimentos de Ojeda e de seus companheiros em Cuba são considerados por Las Casas superiores aos de todos os hespanhoes que maiores desgraças supportaram nas Indias Occidentaes. Alguns morreram inanidos, outros enlouqueceram furiosos. Os proprios indigenas, por fim, tiveram pena dos que restavam, mais esqueletos que homens, e os soccorreram com provisões alimenticias. Ojeda construiu então um pequeno chalet, no centro de uma taba ou aldeia de gentios, armou dentro um altar e sobre elle collocou a reliquia da Santa milagrosa. Dirigiu-se aos gentios, exaltando as virtudes da mãe de Christo e pedindo-lhes conservassem a miniatura para sua salvação.

Accrescenta Las Casas que annos depois vindo a esse logar pedira ao cacique da aldeia que lhe trocasse a reliquia por um quadro maior representando a Virgem, e que o cacique assustado a furtara de noite e a levara para longe, de modo que desapparecera, ficando o altarzinho desfalcado para todo sempre da sua preciosidade.

Onde acabam as legendas e se verifica a verdadeira historia, parece impossivel assegurar-se. Como quer que seja, não ha duvidar quanto assombrosa e trabalhada foi a vida de Ojeda.

De Cuba partiu emfim Ojeda em canôas prestadas pelos indigenas e desembarcou na Jamaica. Que sustos, porém, ainda lhe assaltaram a mente, ao saber que ahi governava um destacamento hespanhol João Esquibel, seu inimigo declarado desde S. Domingos! Esquece felizmente seus odios antigos o militar castelhano e poz á disposição de Ojeda uma pequena caravella que o transportara para o Haity.

Esperava-o em S. Domingos o ultimo acto do destino. Quando, forte e vigoroso e no fastigio do commando, nos fumos da gloria, no gozo do poder, na satisfação de uma popularidade espantosa, andava cercado de consideração e respeito de seus compatriotas; quando nas luctas sangrentas em terra e mar, activo, infatigavel, esperançoso, quantas honrarias o acolhiam, quanta confiança mostrava na divina protecção da Virgem?

Não encontrou mais em S. Domingos nem amigos nem protectores, nem affectos, nem socios para novas emprezas maritimas e conquistadoras. Ainda nellas pensava! Offuscara o mundo com valentias; os povos o consideravam heroe emquanto praticava portentosas façanhas, e lhe não faltavam recursos para sustentar-lhes o encanto e o brilho. Dissipara essa opinião o infortunio; já não era aos olhos de seus compatriotas o audaz companheiro de Colombo, o vencedor de Canoabo, o governador da provincia, o descobridor das terras ignotas. Descera á classe de aventureiro, desajudado da fortuna. Reduzido á mendicidade, era obrigado a pedir esmolas pelas ruas da cidade suscitando com humildade a commiseração dos habitantes que o appellidavam louco e espirito repleto de chimeras. Uma ultima proeza commetteu ainda. Assaltado por uma horda de vagabundos, que tentaram assassinal-o em uma das ruas da povoação, defendeu-se tão briosamente que, apoiado apenas na espada, rechassou-os, afugentou-os e libertou-se de um cerco em que o haviam enleiado. Eram na maior parte antigos soldados, que, compellidos pela miseria á vagabundagem, pretenderam matal-o, como auctor de seus males. Decorridos alguns mezes de penuria extrema, resolveu-se Ojeda a procurar asylo em um convento. Na egreja recolhia-se o soldado veterano mas invalido, implorando soccorro. Levava á paz do claustro as grandes dores da vida. No mosteiro de S. Francisco pediu agasalho. Acolhido galhardamente, ahi resolveu esquecer a existencia variada e tormentosa do mundo. Não tardou em jurar os votos da ordem, e dizem alguns chronistas, na

do escriptor Gomara, que se não poupava a jejuns etidos, mortificações, flagicios physicos, exercicios reli-sos, que alçaram-lhe o credito de christão fervoroso, em se methamorphoseara o guerreiro cujo arrojo attingira emeridade.

O painel que alguns escriptores esboçaram de seus imos momentos de vida commove profundamente. Dir-hia um santo, que no mundo vivera ou vegetara, exclu-amente virado para o céo, um dos cenobitas mais dosos, ou um anachoreta antigo, no seio das asperas vernas do Oriente. Teria então cincoenta annos de ade, e foi mister aos frades Franciscanos comprar-lhe habito para amortalha-lo e desce-lo ao sepulchro, que vestido que usava era mais um andrajo de panno podre emendado, que cobertura de homem.

A primeira colonia ingleza na America

Provoca a curiosidade e attrahe interesse a historia
s primeiros estabelecimentos coloniaes fundados na
nerica pelos inglezes.

Logo que na Europa annunciou-se o descobrimento de
vas terras, denominadas então Indias Occidentaes, effe-
ıado por Christovam Colombo em 1492 e em nome da
espanha, alvoroçaram-se os espiritos de todos os povos,
citaram-se seus instinctos ambiciosos. Os portuguezes
las costas da Africa, os hespanhoes pelo Occidente do
lantico, em procura ambos das Indias, seriam monopo-
adores de conquistas ultramarinas, e se augmentariam
m novos territorios longinquos e desconhecidos, mas que
descreviam opulentissimos de riquezas? Um veneziano,
abelecido em Bristol, de nome João Caboto, pai de
ımerosa familia de armadore se negociantes, propoz em
96 a Henrique VIII de Inglaterra emprehender expe-
ções maritimas, e chegar tambem á China e ao Japão
nominados Cathay e Cipango nos livros de Marco
ıulo, que se tomavam como oraculos. Dispunha-se a
guir o rumo de Colombo, bem que em direcção mais
norte, para não encontrar hespanhoes e nem offender
direitos de Hespanha.

Concedeu-lhe Henrique VIII carta-patente para
mar navios, que devassassem o oceano, descobrissem

e domassem terras ignotas, explorando-as e administrando-as á vontade, contanto que reconhecesse á suzerania de Inglaterra.

Partiu Caboto de Bristol commandando duas caravellas e singrou com direitura para o Occidente.

Avistou o cabo Bretão e correu a costa meridional até á Florida. Encontrou tribus selvagens, que lhe resistiram valentemente e lhe não permittiram a occupação do solo e nem sequer o desembarque. Fixou, apezar da opposição indigena, marcos esparsos aqui e alli pelas praias, no sentido de assegurar o direito de Inglaterra. Desanimado de proseguir em seus projectos, voltou para Bristol, depois de perdida grande parte de sua fortuna na malograda empreza.

Não foi mais feliz em uma segunda viagem, que emprehendeu durante o anno de 1498.

Pertence-lhe, todavia, a gloria de ter sido o primeiro europeu que viu e pisou terra americana. Até então Colombo só conhecera as ilhas do mar das Antilhas.

Não se moveu mais o governo de Inglaterra no tocante a expedições. Um ou outro subdito arrojado, por sua conta e a seu risco, aventurou-se : raros foram, todavia, os felizes que trouxeram madeiras, animaes e indigenas prisioneiros, com que entretinham a attenção e a curiosidade dos seus compatriotas. Desastres, naufragios, assassinatos couberam a grande numero dos ousados navegadores.

Decorreram os annos, e governava Isabel, quando um dos seus mais queridos e brilhantes favoritos, Walter Raleigh, concedeu a rainha em 1584 doação inteiramente feudal das terras que conquistasse na America, com onus apenas de pagar á corôa o quinto do ouro e prata que encontrasse.

Sobresahia Raleigh no meio dos gentishomens da côrte ingleza pela bravura, cavalheirismo, intelligencia, illustração e graças de cortesão fino e astuto. Não ganhara o favor de sua soberana, arrancando de seus hombros o

ıto bordado e atirando-o aos pés da rainha, para que ı magestade não pisasse em lama, que pejava o chão, r onde devia caminhar?

Um irmão de Raleigh arriscara-se, annos antes, em prezas maritimas e perdera a fortuna e a vida nas peri-ias de viagem. Como que um pensamento pio inspirava leigh, tomando como herança fraterna a obrigação de mar estabelecimentos coloniaes na America.

Mandou Releigh executar uma exploração da costa ericana; trouxeram-lhe seus subordinados fumo, milho, tatas e madeira, e pintaram-lhe o paiz sob aspecto en-ıtador e propicio a toda regular colonisação.

Enthusiasmada Isabel com as narrativas dos nave-ntes, declarou a Raleigh que dava á terra descoberta o me de Virginia, como demonstração de seu particular reço. Não era ella conhecida pela rainha virgem? Ex-tou-o a proseguir nas expedições e a formar um estado s novos dominios, que lhe cabiam em sorte.

Não trepidou Raleigh em perseverar na conquista territorio. Tres expedições preparou e remetteu, uma ós outra, em bons navios e com gente escolhida.

Esperavam-no, porém, desventuras e desastres. As ıerras com os gentios, senhores do solo, a fome e as doen-ıs exterminaram a maior parte dos invasores. Não havia ı 1608 signal nenhum de conquista ingleza na America, lvo os tumulos em que estavam sepultados os nautas nodados.

Não falou-se mais em Inglaterra de conquistas ultra-arinas, durante o reinado de Isabel. Não tinha a rainha ınto em que occupar-se — guerras estrangeiras, luctas ligiosas e sublevações intestinas?

Lembrou-se, porém, Thiago I, em 1608, de aprovei-ır os descobrimentos inglezes, baldos até ahi de occupação ficaz, e que poderiam ser apoderados por nações estra-has. Dividiu em duas partes o territorio conhecido pelo ome de Virginia; ratificou na do sul o titulo que a distin-ıia; appellidou a do norte colonia da Nova Inglaterra.

Traçaram-se assim os dous nucleos primitivos da colonisação ingleza, que posteriormente se partiram em trese dos Estados que compõem na actualidade a União Americana.

Começa a historia propriamente da colonisação ingleza na America pela Virginia e pela Nova Inglaterra. Por cartas patentes concedeu Thiago I a uma companhia de Londres a primeira, e á outra de Bristol e Plymouth a segunda, com obrigação de colonisarem, traficarem, pescarem, tomarem terras dos gentios, que podiam distribuir a emigrantes, subordinando-se sempre ás ordens da corôa.

Nota-se, com admiração, que tão tarde a Inglaterra iniciasse estabelecimentos coloniaes na America, quando Caboto a descobrira um seculo antes e quando hespanhoes e portuguezes possuiam a parte central e meridional da America, e os francezes haviam fundado tambem nucleos de propriedade na Luiziania e no Canadá. Os proprios hollandezes, apezar das guerras de libertação contra a Hespanha em que porfiadamente laboravam em seu sólo, tinham conseguido coalhar de navios os mares da China, das Indias e da Africa, e levantar na America do Norte dous presidios, a que deram o nome de Amsterdam e forte Orange, cujos nomes logo que foram expellidos pelos inglezes trocaram-se pelos de Nova-York e Albany.

Foi a companhia de Londres a primeira que expediu gente para os dominios que lhe tinham sido demarcados. A' frente da sociedade collocara-se Kakhind, dotado de animo emprehendedor e de summa actividade.

Foi escolhido para chefe da execução o major Wingfield, que convidou para seu companheiro o capitão Smith, muito reputado então pelas suas façanhas praticadas na Europa, e que contente aceitou o offerecimento, para não conservar-se ocioso em Inglaterra.

E' Smith um dos aventureiros mais audazes de que trata a historia da Europa. Tantas legendas se annexaram á sua biographia, que difficultam a apuração da verdade.

Nascera em Lancashire e descendia de familia plebéa. Contava menos de vinte annos de edade e fugira da casa paterna, embarcara para os Paizes Baixos e começara uma vida curiosa, errante, agitada pelos mais estravagantes acontecimentos. Conta elle, em memorias que deixou, que em Flandres fôra roubado do que tinha; conseguira, porém, atravessar a França e, encontrando em Marselha um navio que seguia para a Italia, arriscou-se a tomar nelle passagem, bem que carregado de romeiros catholicos que iam á Roma desempenhar promessas e votos religiosos. Temerosa tormenta obrigou os navegantes a refugiarem-se no pequeno porto da ilha de Santa Maria. Supersticiosos os peregrinos attribuiram suas desventuras ao unico protestante que se contava entre os passageiros e atiraram-no ao mar, libertando-se por este feitio do herege importuno.

Escapou Smith nadando para uma náo franceza, que avistara e que acolheu-o com benevolencia. Continuava tranquillamente a viagem quando appareceu ao penetrar no Adriatico uma caravella mercante veneziana. Aconselhou Smith ao commandante francez que a accommettesse e tomasse.

Depois de um combate pertinaz e azedo, em que Smith provou que sabia manejar as armas, apoderaram-se os francezes da caravella. Deram-lhes os vencedores parte nos despojos conquistados, cêrca de mil sequins de ouro, como premio de sua valentia e denodo. Desceu á terra nas costas da Dalmacia e seguiu para a Austria, no proposito de offerecer-se a serviço militar contra os turcos, que então dirigiam guerra contra a Hungria.

Aceito na qualidade de voluntario, partiu com o exercito allemão para o theatro das operações militares, que era em Olympade, quasi ás ribas do Danubio, e praça assediada pelos turcos. Nobilitou-se com feitos de armas e mais que tudo com estratagemas, que lembrava para illudir e fatigar o inimigo, e foi elevado ao commando de uma companhia de cavallaria no regimento do conde de Melowicht.

As façanhas do capitão Smith foram tão exagerad mente celebradas, que mais acreditamo-las fabulas q realidades, não só as que lhes emprestaram os contemp raneos allemães, como as que os compatriotas ingleze exaltaram com orgulho. Refere-se que combatera n Transilvania como antigo paladino contra um chefe turc que o desafiara a duello particular por causa de succes amorosos. Venceu-o, matou-o, cortou-lhe a cabeça e pend rou-a a um poste na entrada da cidade ottomana de Reg Irritado com seu feito, outro destemido turco mandou-lh dizer que se resolvera a vingar a affronta do guerreir correligionario. Novo combate em que Smith, bem q gravemente ferido, honrou-se tambem com a victoria mandou dizer ás damas da praça que estava prompto a sacrificar-se por ellas contra quantos guerreiros não sou bessem render-lhes preito e honoragem. Têm tanto de ro manescos estes incidentes, que mais legendas e ficções se devem reputar.

Destroçados os turcos daquellas localidades, foi Smith premiado pecuniariamente, e recebeu diplomas de nobreza e escudo d'armas com emblemas de tres cabeças de turcos e distico glorioso—o que tudo consta dos registros do collegio heraldico de Inglaterra.

Nem sempre, porém, a fortuna protege. Como a guerra proseguisse, cahiu Smith prisioneiro dos turcos na Valaquia.

Vendido em Axiopoles ao pachá Bogall, foi empregado no serviço do harem, como escravo christão. Uma das odaliscas viu-o e admirou-lhe a elegancia do porte. Conversaram em italiano, e travaram colloquios compromettedores. Guardou Smith o nome da turca, Tragabizanda, e deu-o a um cabo que descobriu posteriormente na America do Norte, e que é hoje conhecido pelo appellido de cabo Anna, desnaturada, com o tempo, a primeira denominação que recebera.

Suspeitoso o pachá das suas relações com a sultana, mandou-o castigar e empregar em duro serviço de arar

campo e abrir vallas com os mais despreziveis captivos, tendo um collar de ferro ao pescoço e uma corrente do mesmo metal ligada á cintura.

Avistou Smith um dia ao pachá revistando suas propriedades, montado em agil cavallo, revestido de armas brilhantes, acompanhado apenas por um pagem ainda infante. Precipitar-se atrevidamente sobre elle, derribal-o, matal-o, afugentar o pagem, montar no cavallo e fugir foi rapida empreza e felizmente executada.

Através dos desertos, sems aber o caminho que seguia, alguns meses vagou pelas serras, pelos valles e pelos penedos bravios, nutrindo-se com fructos silvestres que encontrava, e não deparando nem povoação e nem pessoa viva. Chegou felizmente ás margens do rio Don, descobriu e entrou na praça russa de Ecopolis. Agradou ao governador a narrativa do seu feito, recebeu-o com favor, mandou-lhe quebrar os ferros de escravo e confiou-o a uma velha respeitavel, chamada Calamata, que tratou-o com carinho tão primoroso, que em breve sarou de muitas feridas que rasgavam-lhe o corpo, e logrou recuperar todas as forças physicas.

Dirigiu-se depois para Leipsic, onde encontrou seu antigo chefe, o conde de Melowicht, que lhe forneceu os meios de voltar para Inglaterra. Em 1604 estava em Londres, aborrecido, porém, da vida sedentaria e ancioso de novidades e extravagancias. Não se compadecia seu caracter com existencia tranquilla, conforme elle proprio confessa nos escriptos que deixou, e que narram grande parte de suas aventuras naturalmente e parte com exactidão, a maioria, porém, arramelhetada de episodios de ficção.

Admittido então pela Companhia de Londres, destinada á exploração da Virgina, embarcou para a America.

Sorria-lhe agradavelmente a empreza de visitar o novo mundo e conhecer os seus originaes habitantes. Durante a viagem manifestava qualidades tão superiores do mando, que assustado Wingfield da influencia que ganhava sobre os companheiros, entendeu dever seques-

tral-o de communicação com a equipagem e aventureiros, e recolhel-o ao beliche até que chegassem ao sitio em que deviam desembarcar. Saltado, porém, em terra, instaurou logo Smith contra Wingfield uma queixa dirigida á Companhia de Londres. Foi o commandante condemnado a uma multa pecuniaria e demittido do cargo que occupava na colonia. Tomando Norfolk conta do governo, tornou-se então Smith a cabeça, o espirito, a alma da empreza iniciada. Apezar das rixas e revoltas que suscitaram os depravados aventureiros, que formaram a maioria dos emigeantes e posto que se sentisse a falta de obreiros e agricultores para adeantamento dos trabalhos de construcção e amanhos de terras, necessarios ao desenvolvimento da colonia que se pretendia fundar proximo á bahia de Chesapeack e nas boccas do rio James, creou-se um nucleo de povoação regular, que dominou-se James Town e que foi o primeiro for mado pelos inglezes.

Collocado á frente da empreza, que lhe transferira Norfolk, ao regressar para Inglaterra, espantava Smith com sua actividade, impunha-se com sua intelligencia, fazia-se temer e respeitar com sua perspicacia. Abandonada a idéa de procurar-se ouro, prata ou pedras preciosas, á agricultura do fumo dedicaram-se exclusivamente os emigrantes, e a pouco e pouco a foram desenvolvendo do littoral para o sertão das terras.

Excursões sobre excursões determinava Smith, no intuito de explorar o interior e affeiçoar a amizade dos gentios. Uma dellas executou-a por si o chefe atilado, embarcando-se com doze homens bem armados em uma canôa de voga, subindo o rio Chicahomiry, procurando o cacique afamado Powhatan, que até então esquivava-se de entreter relações com os invasores do solo americano. Entranhando-se pelo bosque com apenas dous europeus e dous indigenas, que lhe serviam de guias, deixados á beira do rio, á grande distancia de Jamestown, a canôa e os demais companheiros, foi surprehendido por uma horda numerosa de caboclos, e com elles travou combate renhido.

Morreram os dous inglezes, fugiram os guias, e, ferido em uma perna por uma setta, foi Smith preso, amarrado com cordas e conduzido em triumpho para as tabas dos inimigos, deitado em uma rêde e carregado pelos indigenas guerreiros.

A darmos credito ao valoroso bretão, appareceu-lhe um monstruoso selvagem, nú, todo besuntado de côres encarnadas e pretas, coberto de plumas, e tendo sobre as costas estendido um manto de pelles de serpente, dirigiu-lhe horriveis imprecações que Smith não entendeu, derramou farinha e milho á roda delle e despejou-lhe sobre a cabeça grande quantidade d'agua. Seria um padre ou sacerdote dos indigenas? Após elle, mostraram-se mais tres selvagens com riscas coloridas pelo corpo, e uns chocalhos barulhentos que sacudiam. Puzeram-se a dansar e a cantarolar. Não tardaram em vir outros gentios armados, e mulheres, entre jovens e lindas, velhas e horrendas megeras. Tres dias gastaram os gentios nestas ceremonias singulares, que pareciam destinadas a amedrontal-o.

Levado depois á presença de Powhatan, viu-o rodeado de mais de tresentos cortezãos, cada um mais grotesco e hediondo. Assentadas a seu lado estavam duas filhas núas, formosas e encantadoras creaturas, em torno das quaes agglomeravam-se outras donzellas.

O que o chefe gentio lhe disse não entendeu Smith, pareceu-lhe, porém, ameaças, sentença de morte, pelos applausos, gritos, uivos, bater dos chocalhos, com que os indigenas acompanharam suas palavras e gestos.

Arrastaram-no então para uma especie de praça, extensa e limpa defronte da taba ou aldeia, e amarraram-no a um poste. Parece que era chegada a hora para ser morto, porque innumeraveis indigenas cercaram-no, armados de massas pesadas, com que costumam quebrar as cabeças dos inimigos. Um successo inesperado teve então logar, e que produziu geral espanto. Pocahontas, filha de Powhatan, implorou a vida do prisioneiro. Recusando-lhe o pai, ella ergueu-se destemida, correu para onde estava

Smith, collocou-se adeante delle e declarou que haviam de mata-la antes que chegassem ao prisioneiro.

Enterneceu-se Powhatan e declarou-o perdoado, bem que escravo. Seria piedade de Pocahontas? Admiração pela coragem que elle demonstrava? Enthusiasmo pela sua figura? Instincto amoroso por um guerreiro joven, elegante, e cuja reputação era já conhecida na aldeia recondita dos gentios? Combinação talvez entre o pai e a filha para accommodarem-se inglezes e indigenas por meio de uma scena dramatica?

Como quer que fosse, certo é que dahi por deante foi Pocahontas a intermediaria de pazes entre européus e americanos; que seu pai concedeu a liberdade a Smith, compromettendo-se a dar-lhe vastos territorios em derredor de Jamestown e a tratal-o como filho, recebendo apenas em compensação duas espingardas e uma pedra de moer farinha.

Volveu Smith para o seio dos seus compatriotas, que já o consideravam morto, após sete semanas de ausencia e de completa falta de noticias. Não esqueceu-se de entreter relações amigaveis com Powhatan, enviando-lhe continuamente pequenos presentes que lhe prendiam a affeição. Tempos depois entendeu conveniente visitar a aldeia dos gentios, e levar-lhes mimos que recebera de Inglaterra. Viu então pela segunda vez a bella Pocahontas e foi festejado com grande demonstração de amizade. Bem que impressionado pela formosura da indigena, não o seduziram seus encantos e attractivos. Regressou tranquillamente para Jamestown.

E' digno de attenção um episodio que em suas memorias Smith refere. Uma noite appareceu-lhe em Jamestown a bella Pocahontas e communicou-lhe que contra elle tramavam os gentios uma traição e cumpria prevenir-se. Agradeceu-lhe Smith o aviso e declarou-lhe que lhe daria o que ella quizesse em paga dos seus serviços e sympathias em prol dos inglezes. Recusou-lhe Pocahontas as offertas, e voltou para a taba paterna. Devem-se a Smith impor-

tantes explorações no Potomac e outros rios; allianças com os gentios, que asseguraram a tranquillidade da colonia e uma administração equitativa para seus compatriotas, que lhe conservaram sempre particular sympathia.

Cansado emfim do governo da colonia, e porque se lhe não expediam de Londres os elementos de que ella carecia para desenvolver-se, como eram: armas, petrechos de guerra, obreiros, agricultores e particularmente mulheres para se formarem familias e manterem-se os bons costumes, confiou o commando a um amigo e partiu para Inglaterra no anno de 1610.

Decidiu-se então o governo inglez a patrocinar efficazmente o novo estabelecimento, deante das reclamações e supplicas de Smith, que lhe garantia vantagens extraordinarias. Nomeou governador e capitão-general lord Belawere, e organizou governo local e municipal para se regerem os povos. Concedeu subsidios á companhia, afim de continuar nas explorações e posse de territorios. E' notavel que pela primeira vez partiram mulheres inglezas para a colonia; uma leva de algumas duzias foram embarcadas. Diz a chronica — pobres, mas puras e sem mancha. O colono que queria casar-se pagava o preço do embarque e despezas da noiva. Não havendo moeda, e sendo commercio exclusivo do estabelecimento a compra e venda do fumo que se cultivava em larga escala, e que remettido para Inglaterra tornava-se muito remunerativo, liquidavam-se as transacções, servindo o fumo de moeda, e pagavam-se os preços das mulheres em razão de uma estabelecida quantidade de fumo.

Não deve surprehender-nos este facto. Durante alguns tempos no Maranhão, sob o dominio dos portuguezes, notava-se a mesma falta de moeda e as transacções liquidavam-se com algodão, genero então muito cultivado e que constituia commercio activo.

Que fim levara, porém, a bella Pocahontas desde que Smith abandonara a colonia?

Affirmam as tradições do paiz que o capitão Argell viajando entre os indigenas Potomacos soube delles que Pocahontas vivia em retiro, longe do paiz e separada da sua tribu. Conseguiu o inglez que o chefe amigo dos Potomacos lhe entregasse a solitaria, persuadido de que o pai, para recuperar a filha, alliar-se-hia francamente com os inglezes, em vez de perseverar em ciladas e traições.

Trazida para a colonia de Jamestown, ahi viu-a um inglez chamado Rolfe, que enamorou-se de Pocahontas, e com insano trabalho e solicitude conseguiu que ella abraçasse o christianismo e aceitasse-o por seu marido. Obtida a licença do Governador, casou-se em 1613 com a bella gentia, e com ella dirigiu-se para Inglaterra em 1616, apresentando-a na sociedade sob o titulo de miss Rebeca.

Logo que o capitão Smith soube da chegada de Pocahontas a Londres, tratou de procural-a e vêl-a. Refere assim a entrevista que teve logar na residencia da indigena.

"— Depois de modesta saudação, ella ouviu-me, e não respondeu palavra; depois virou-se para o lado e escondeu a face como descontente. Seu marido e outras pessoas que alli estavam commigo, comprehendendo seu humor, deixaram-na tranquilla cêrca de duas horas, sem se dirigirem a ella. Passado esse espaço de tempo Pocahontas endereçou-me as seguintes palavras: " Promettestes paz e amizade á Powhatan e o chamastes vosso pai quando prisioneiro em Potomac. Cumpre-me tratar-vos da mesma maneira. Dar-vos-hei um nome agradavel e peço-vos me chameis de irmã."

Pronunciadas apenas estas palavras, rebentaram-lhe dos olhos lagrimas pesadas e cobriu-se-lhe o rosto de um rubor extraordinario. Foi mister terminar a visita, que se tornava incommodativa.

Seriam reminiscencias do coração que perturbavam por este feitio a vida de Pocahontas? Accrescenta Smith que, coberta com as vestes inglezas, ella pareceu-lhe mais bella e encantadora que na simplicidade nua de gentia errante.

Retirou-se Smith impressionado, tristonho, desconfiado de que Pocahontas o amasse e arrependido, talvez, de lhe não haver correspondido no affecto com egual ternura. Não era uma belleza esplendida, não se revestia de qualidades moraes superiores, não revelava intelligencia singular? Que valiam prejuizos de raça deante de dotes tão peregrinos?

Não decorrera um mez depois da entrevista quando chegou-lhe aos ouvidos a noticia de que ella succumbira a um accesso febril que a accommettera.

Pintores e poetas, não deparais neste episodio historico inspiração para arrancardes prantos dos corações sensiveis? Não deriva talvez delle o delicioso primor litterario de Chateaubriand, appellidado Atalá?

O realismo moderno tende, porém, para outras idéas, e em vez do bello e do ideal, prefere o horrivel e o immundo.



Marcos Lucano

Empossara-se Nero do sceptro imperial de Roma. Foi o ultimo da familia de Cesar, que governou o estado.

Eleições tumultuarias, revoltas de soldados, sedições do povo collocaram depois a corôa ora na cabeça de um, ora na de outro ambicioso e aventureiro, qualquer que fosse sua classe ou raça. Tambem o novo imperador, que se acclamava, raras vezes conservava-se no throno ; deposto ou assassinado, era logo substituido nas insignias da realeza.

Dir-se-hia, ao iniciar Nero sua administração, que Roma possuia emfim um imperador, que havia de reparar os males causados por Claudio, Caligula e Tiberio, e que seguiria o exemplo dado por Augusto, nos ultimos annos de sua vida, quando, restabelecida a ordem publica, firmado o seu poder e anniquiladas as conspirações, regeu os povos com moderação, tolerancia e justiça notaveis.

Talentos não faltavam a Nero. Inclinado á musica, á pintura, á poesia, á eloquencia, á oratoria, chamara para coadjuval-o na ardua missão do governo Burrho, conselheiro experimentado e honestissimo, e Seneca, o moralista, o philosopho, o rhetorico, que o havia educado a rogos da imperatriz Agripina. Infelizmente, aos prazeres dedicou-se o joven imperador, e por vaidade exagerada a indesculpaveis extravagancias, pretendeu os louros das musas de preferencia ás glorias do sceptro, que lhe coubera em sorte.

Como não lhe adivinharia os instinctos a cópia de cortezãos, que o cercaram, e que tratavam de seus interesses lisongeando-lhe as paixões ?

Não era já seu maior jubilo recitar no theatro de Pompeo, aberto ao publico, versos que compuzera, e receber applausos estrepitosos e acclamações dos espectadores? Não se inebriava de alegria quando representava trechos de tragedias, e ouvia em torno resoar phrases que apregoavam celeste sua voz ao cantar melodias e proclamavam-n'o rival de Apollo ?

Não anciava a consideração de poeta superior, e a fama de primeiro actor dramatico e de musico mais completo do seu tempo ?

Decorreram, todavia, mais ou menos regularmente, os quatro primeiros annos do seu reinado. Abandonando a administração publica a Burrho e a Seneca, consentindo-lhes plena liberdade para decretarem as providencias que julgassem necessarias, agradou por tal fórma a seus dois ministros que conseguiu que o acompanhassem aos theatros e casas de leitura, ouvissem suas recitações dramaticas, admirassem seu talento de cantor e sua agilidade de arrancar da harpa sons harmoniosos, e dessem signal aos espectadores para applaudirem, animando-os no enthusiasmo pelo artista imperial, que os honrava.

Não poupavam-se, no entanto, as perseguições contra os romanos que se consideraram censores das acções do imperador, e por fim até contra os que se não mostravam em os actos publicos e não gritavam ahi bravos estridentes como os cortesãos mais refinados. O imperador queria e mandava que todos endeosassem-lhe os talentos de poeta e de artista.

Resultou dos habitos contrahidos por Nero que dos theatros e das casas de leitura transferiu-se para os lupanares e asylos de prostituição ; dos vicios para os crimes, da doudice para a perversidade. Revelou claramente suas ferinas qualidades, mandando matar o irmão Britannico, a mãe Agripina e duas consortes Octavia e Poppea.

Com o talento crescia sua loucura : nutrido de máos ıstinctos, era egualmente um imperador de opera ; um :elomano que tremia deante da platéa e fazia fremer ımbem os espectadores obrigados a ouvil-o e applaudil-o.

O primeiro passo para o crime custa muitas vezes a ar-se : executado, porém, caminha seu auctor apressada-ente na carreira vertiginosa que lhe cega os olhos e cujo .nite lhe não é permittido perceber.

Um incendio horroroso declarara-se em Roma a 19 de 'lho do anno de 64. Começara na porta Capena, transfe-ra-se para o grande Circo entre os montes Palatino e elio, invadira depois o forum e o velabro ; subira o Pala-no e chegara aos Esquilios, proximos ao actual templo de . João de Latrão. Durava, havia mais de dous dias, sem ie se tratasse de extinguil-o. Quatorze regiões da cidade tavam abrazadas pelas chammas do fogo.

Divertia-se Nero em Actium quando lhe communi-ıram a noticia. Sua ausencia defende-o contra a legenda 'ie lhe attribue a idéa e a auctoria do attentado. Correu ara Roma e presenciou arder egualmente os palacios e ırdins imperiaes do Palatino e os quarteirões vizinhos.

Em vez de impressionar-se e de transmittir ordens ımmediatas para apagar-se o incendio e salvarem-se os dificios publicos e particulares, refere a tradição que se 'ansportara de admiração pelo sublime horror do especta-lo. Accrescenta ainda, bem que não appareçam provas o asserto, que collocado em cima de uma torre, de onde :visava a scena, empunhara a lyra, arrancara-lhe das ordas sons vibrantes, e os acompanhara recitando uma legia antiga ácêrca da ruina de Troia. Durou o fogo oito ias, parecendo animado antes que combatido, e enormes uinas alastravam o chão immenso que vai das margens o Tibre até além do Colyseo.

Tornou-se grande parte de Roma montão de [illegible] e scombros. Exasperaram-se os animos dos habi[illegible] idade, quer com os prejuizos materiaes, quer com [illegible]u-nero consideravel de mortes que causou o incendio.

Exigiram providencias do imperador e castigos rigorosos dos malfeitores. Não podiam acreditar que tivesse sido fortuito o acontecimento, ou, quando o fosse, não houvesse sido augmentado e robustecido por inimigos da grandeza e opulencia de Roma.

Subiu ao espirito de Nero um pensamento infernal. Lembrou-se da seita de christãos que residiam em Roma, que zombavam do culto pagão, desdenhavam dos seus deuses, desrespeitavam seus templos e viviam separados da comunhão e sociedade romana. Não os envolviam ás suspeitas de que eram os auctores do incendio? Não se agglomeravam em quarteirões afastados do Transtevere, na miseria e na immundicia ?

Não se compunham em grande parte de judeus das mais baixas classes e costumes ?

Resolveu punir todos os chistãos, ordenou que fossem presos e encerrados em masmorras como os auctores do incendio.

Decretada contra elles a pena de morte, principiou-se por obrigal-os pelos tormentos da tortura a denunciar quantos adheriam ao christianismo, e que não eram conhecidos. Não eram todos inimigos do genero humano, na opinião dos idolatras?

Terrivel dia foi o de Agosto de 64! Iniciou-se o martyrio em massa dos adoradores de Christo ! Uns foram atirados ás feras e nos amphytheatros por ellas devorados. Morreram outros degollados, ou pendurados em cruzes. Foram muitos despidos e untados seus corpos de azeite, ligados a postes, collocados symetrica e artisticamente nos jardins incendiados do palacio imperial e allí queimados vivos, servindo de archotes que illuminavam funebremente a atmosphera e no entanto divertiam e extasiavam os olhos de multidões infrenes de romanos populares, que odiavam os chistãos profundamente. Homens, mulheres, crianças, que importava o sexo e a edade, nem um se poupou suspeito de abraçar a religião nova, que, partida

da Palestina, propagava-se pelo mundo e ganhava progressivamente adherentes.

Poucos christãos escaparam, fugindo ás perseguições e retirando-se de Roma. Assegura a Egreja que foi um delles, S. João, filho de Zebedeu, e apostolo e discipulo querido de Jesus Christo, que se presume ser o auctor do Apocalypse, e que evadiu-se para Epheso onde escreveu a narrativa dos deploraveis eventos do anno 64 verificados em Roma.

Assegura a tradição egualmente que entre os martyres commemoram-se o apostolo S. Pedro, que deixara Jerusalem para regularisar a egreja christã fundada em Roma, e bem assim S. Paulo, que fôra enviado preso á cidade eterna, afim de ser julgado pelos feitos que na Asia se lhe imputavam.

Pagaram innocentemente os christãos pelos verdadeiros incendiarios de Roma.

Começava ainda Nero a governar, quando Seneca apresentou-lhe um sobrinho, joven ainda, mas talentoso e instruido, que lhe fôra enviado de Hespanha.

De toda a familia dos Senecas Córdova fôra o berço. Nas Gallias, Hespanha e Africa, nos Estados do Danubio, Bosphoro e Grecia não preponderava a raça romana, não se fallava a lingua romana, não se obedecia ás instituições politicas e ás leis civis e criminaes de Roma, não se practicava a mesma administração municipal, não se observava a religião polytheista, que se venerava em Roma? Não enriqueceram a litteratura latina hespanhoes, gallos, africanos, gregos, escrevendo no idioma de Cicero? Por eleição, ou revolução, não subiram ao throno imperial romano, hespanhoes, gregos, gallos, godos, scythas, mouros e arabes?

Chamava-se o sobrinho de Seneca Marcos Lucano. Em Roma educara-se, confiado aos cuidados do tio: preparava-se para ir á Grecia, no intuito de aperfeiçoar-se em estudos litterarios. Era ainda a Grecia que contava maior numero de escolas e mestres mais afamados; posto que materialmente curvada como colonia romana, influia,

comtudo, sobre a metropole quer pela intelligencia, quer pela civilisação. Da Grecia vinham, já durante a republica, professores emeritos, e gregos haviam sido e eram ainda os educadores espirituaes dos romanos.

Agradou muito a Nero o joven Lucano.

Ordenou-lhe que voltasse para Roma no mais curto espaço de tempo, porque queria-o para seu companheiro de estudos e de divertimentos. Não lhe bastavam Petronio e Persio, poetas epigrammaticos, comquanto ridicularisassem energicamente os defeitos e vicios dos personagens mais importantes do tempo, e pintassem a sociedade romana em toda a sua nudez e immoralidade, descrevendo as vergonhas e pustulas que a corroiam. Abaixavam-se elles como todos os litteratos de seu tempo á potestade que governava Roma, encomiavam-na nas suas apotheóses e proclamavam-na o genio mais sublime, que o mundo produzira.

Era um côro de symphonias e de elogios ao principe semi-deus comparado com Jupiter e com Apollo.

Desde a morte de Augusto, em cujo tempo raiara a litteratura latina com os seus maiores esplendores, continuava seu cultivo, bem que diminuido de intensidade e de força, e não produzindo genios, que hombreassem com os do tempo do primeiro Cesar. Esforçava-se Nero em favorecer-lhe os vôos, um tanto sopeados sob Tiberio, Caligula e Claudio, bem que não consentisse que os litteratos se afastassem do respeito e admiração devidos á sua pessoa. Podiam encomiar a republica morta, elogiar Pompeu, Cicero, Catão e Bruto, censurar Cesar. Cumpria-lhes, porém, protestar que nenhum soberano valia Nero, quer nas virtudes, quer no genio poetico e nos dotes artisticos: que Roma e os povos sujeitos á Roma não podiam ter outro Cesar que mais os felicitasse.

Póde-se, todavia, affirmar que, apezar da simulada tolerancia imperial, não havia mais republicanos em Roma: as antigas e gloriosas tradições estavam esquecidas; opposição que se suscitava, censurava individuos, não ás intituições novas, bem que lhes pesasse o cesarismo.

Mostravam-se mais felizes e contentes as provincias com os governadores imperiaes do que o tinham sido com os proconsules da republica. Gozavam agora as cidades de liberdades e administração municipal, tinham magistrados de sua particular eleição, quando durante o regimen dos consules dura era a sujeição, pesado o jugo e prohibida toda e qualquer liberdade nos vastos territorios que pertenciam á Roma.

Durante a republica apregoava-se a liberdade em Roma, mas as desordens, as luctas civis, as guerras interiores, as infamias de compras de clientes e de votos nos comicios, as violencias nas eleições, os ataques á mão armada dentro dos proprios muros da cidade, o sangue derramado pelos Scillas e Marios, as brigas entre Cesar e Pompeu, Augusto, Antonio e Lepido, tudo como que era ainda recente, e pois afastava as sympathias e os olhos de tão miserando espectaculo, mau grado os absolutismos e tyrannias dos imperadores, perverso e sanguinario como Tiberio, louco e feroz como Caligula, estupido e imbecil como Claudio, porque ao menos gozava-se em Roma de tranquillidade e de ordem. D'ahi derivava o desprestigio do regimen republicano, em que abundavam os despotas, quando com o cesarismo a um só estava-se sujeito.

Apenas regressado da Grecia, foi logo Lucano admittido na côrte de Nero, tornou-se seu amigo, seu commensal, seu favorito : acompanhava-o na vida dissoluta dos prazeres e devassidões, que alternavam com as recitações de poesia, harmonias da musica e delicias do canto, já nos theatros, e já nos jogos gregos introduzidos por Nero ; e não raras vezes nas salas de leitura, que existiam então em Roma, e onde se liam os livros apenas terminados como annuncios de periodicos, com o que excitava-se a curiosidade e attrahiam-se compradores para as cópias que se offereciam á venda.

Fêl-o o imperador nomear questor, bem que não houvesse attingido a edade legal, admittir no collegio dos augures e casar com uma nobre herdeira, que o dotou com

bens consideraveis de fortuna. Rodeado de prestigio e honras, não pensava Lucano senão em agradar ao imperador, e cuidou immediatamente de escrever um poema épico, que rivalisasse com o de Virgilio e exaltasse mais gloriosamente Nero do que a Augusto fizera o vate afamado de Mantua.

Escolheu para assumpto as guerras de Pompeu e de Julio Cesar, e deu o titulo de "Pharsalia" ao poema. E' um erro pensar-se que desgostar-se-hia Nero contando-se-lhe os ultimos combates da liberdade de Roma e as luctas gloriosas de sua agonia. Não o incommodavam satyras contra seus antecessores no throno, quanto mais elogios ao passado. Prova é que foi-lhe o poema dedicado e que o imperador aceitou com satisfação a offerta, depois que ouviu ler os tres primeiros cantos que o poeta apresentara.

Principiava o poema com o panegyrico de Nero. Descrevia-lhe a belleza physica, as qualidades de estadista, a sabedoria do governo, os talentos de artista, o genio de poeta, a felicidade romana sob seu paternal e illustrado reinado.

Cortezanismo, lisonjearia, lamentavel adulação! Triste sorte do poeta! Nodoa eterna á sua memoria! Mas como ousaria elle cantar as glorias republicanas, elogiar Pompeu, Bruto e Catão, murmurar de Julio Cesar, se o não amparasse a protecção imperial? Vaidoso Lucano com a posição social adquirida, com a reputação de poeta distincto, que alcançara, procuraria com este poema ornar a fronte com corôas mais gloriosas? Não atormentavam-lhe os ouvidos os versos copiosos, que escreviam tantos vates, todos hoje desconhecidos, então admirados, que abundavam em Roma? Já Horacio dissera em tempo: "Todos fazemos versos ao acaso, sabios e ignorantes." — Nossa actual época e nossa lingua portugueza tão apropriada á expressão de todos os sentimentos humanos, não repete identicas scenas? Não se publicam tantos versos, isentos comtudo de poesia, que é o pensamento, a imagem, a inspiração,

e não simplesmente a fórma artistica que derrama-se em palavras sonoras e rimas correctas?

Prova é que poucos nomes de poetas romanos escaparam para o conhecimento da posteridade; não acontecerá o mesmo a nós e á nossa época? Nada é novo no mundo. Assiste-se ao mesmo espectaculo representado quasi pela mesma maneira: demagogos, democratas, liberaes, defensores dos direitos do povo, logo que sobem ás alturas do poder, não se convertem hoje, como outr'ora tambem, em aristocratas, ordeiros, conservadores, apostatando com o maior cynismo!

Em despeito de alguns retratos admiravelmente traçados dos principaes personagens, de varios quadros descriptivos e enthusiasticos e de não poucos trechos que exprimem excellentes e elevados sentimentos, parecem os tres primeiros cantos da Pharsalia mais uma narrativa que um poema, mais uma historia que um asssumpto esmaltado de phantasia e de imaginação, mais repleto de figuras de rhetorica que de imagens poeticas.

Pretendeu Lucano ser exacto e verdadeiro na exposição da lucta entre os guerreiros que se disputavam o dominio de Roma. Não aceitou a fabula, a ficção e nem a legenda. Não invocou auxilio dos deuses de Homero, e nem as inspirações das musas de Virgilio. Aspirou crear uma escola nova, sem apoio da imaginação, sem rasgos de phantasia, destoando das doutrinas que vigoravam e das lições que os criticos eruditos propagavam como essencia de poesia.

Encontram-se no seu poema pinturas exactas e technicas da organisação e tactica das tropas, da qualidade das armas e utensilios da guerra, dos planos empregados pelos generaes e chefes dos exercitos belligerantes. Para que o maravilhoso, exclamava Lucano, quando a verdade é mais agradavel e util?

Affeiçoou o poema sympathias, mas suscitou tambem opposição e censuras desabridas. Petronio zombou delle no seu romance intitulado "Satyricon". Não contente

ainda, refez o poema com outro de sua composição sobre o mesmo assumpto, posto que com titulo differente, intromettendo os deuses do Olympo nas disputas de Cesar e Pompeu, dividindo as deidades da mythologia em dous partidos, imaginando scenas de ciumes, fuga da paz, da fidelidade, da concordia deante de monstros que partem do inferno, e se precipitam sobre a terra. Convém, todavia, dizer que quasi tão inferior se mostra Petronio a Lucano, como o audacioso padre José Agostinho de Macedo ao grande poeta Luiz de Camões. Tanto Petronio como Lucano eram favoritos queridos do imperador e tratavam ambos de angariar-lhe o favor e a approvação. Enganam-se os que pensam que o romance em prosa ou em verso é genero moderno de litteratura. Conheciam-no e cultivavam-no os antigos gregos, persas e arabes; imitaram-no os latinos; empregaram-no os escriptores do imperio do Oriente até que Constantinopla cahiu aos pés de Mahomet II no correr do seculo XV; não o desconheceu tambem a edade média, apropriando-o a seus costumes cavalheirosos e satyricos.

Certo é que declarou-se Nero contente com a "Pharsalia" e egualmente com o "Satyricon", de Petronio; não o encomiavam ambos, poema e romance, proclamando-o poeta superior, astro sublime a cuja sombra elles se amparavam?

Posto que Petronio não desagradasse a Cesar, incorreu comtudo no odio de seu favorito Tigelino, o principal instrumento de seus caprichos, o executor de seus planos sanguinarios, liberto que na jogatina e especulações mercantis enriquecera-se da noite para o dia, e que na opulencia provava sempre os gostos grosseiros e costumes baixos da primeira plana social da qual sahira. Fidalgo improvisado pela protecção imperial, que o constituira seu confidente particular, abriu casa franca; dava banquetes sumptuosos, esplendidas festas; discorria em sciencias, lettras e artes, a que por caracter e espirito era inteiramente alheio, e em que tropeçava a todo o instante expondo-se ao ridiculo; rodava em carruagens de preço, sustentava cavallos de

raça ; ostentava grandezas com mulheres perdidas e affrontava a decencia e a moral com o espectaculo insensato e tresloucado de grandezas e de luxo.

Através, porém, do seu apparatoso fausto, notava-se o mau gosto do homem nascido e criado na miseria crapulosa ; por baixo de suas riquissimas vestes descobriam-se os signaes do antigo escravo ; do seu corpo o cheiro infeccionava, posto que humectado de aromas constantemente, no proposito de abafal-o sob os ficticios perfumes.

Não os ha identicos na actualidade ? São de Roma sómente os Tigelinos ?

Era, porem, poderosissimo Tigelino : sua opulencia prostrara-lhe aos pés multidão copiosa de lisongeiros ; sua influencia exercia-se livremente. Não faltam aduladoresaos ricos e poderosos. Não perdoou o ricaço a Petronio, que o descrevera tão ridiculamente no seu romance, e engenhou desde logo vingar-se quando se lhe offerecesse occasião opportuna.

Com o correr do tempo, todavia, se foi Nero desgostando tanto de Petronio como de Lucano : gostava dos poetas, mas haviam de ser considerados inferiores a elle.

Destacava-se de Petronio, porque a fama do cantor do "Satyricon" parecia crescer demasiado. Não applaudia o povo a Petronio com o mais intenso enthusiasmo, sempre que transitava pelas ruas ou apparecia nos amphytheatros e circos ? No tocante a Lucano não se reproduziam as mesmas scenas ? Não era por ignorantes comparado a Virgilio ? Além de pouco firme é sempre perigosa a amizade dos grandes.

O imperador indispoz-se com Lucano, inteiramente, quando no theatro de Pompeu recitou Nero seu poema de Niobe e sem implorar-lhe licença, e mal terminados os applausos, levantou-se Lucano e leu uma poesia que electrisou os espectadores e compelliu-os a bravos e acclamações mais estrondosos que os prodigalisados ao imrador. Audacia fôra de certo disputar a Cesar as honras poeticas ! Perdoaria a virtudes severas, a declamações re-

publicanas, que nenhum damno lhe causariam. Arcar, todavia, com seu talento, atrever-se a recitar versos, que simulavam luctar com os do imperador e disputar-lhe as palmas do triumpho — não se devia reputar attentado de lesa magestade?

Recebeu Lucano no dia seguinte intimação official prohibindo-lhe recitar versos nos theatros e salas de leitura. Pareceu a Cesar o castigo infligido sufficiente para desesperar ao poeta, logo que lhe difficultava, senão obstava de todo a publicidade de suas obras.

Cruelissima pareceu de feito a Lucano a imperial resolução. Talvez preferisse a morte. Habituara-se á admiração publica. Dizia Cicero que uma boa palavra retida queima a bocca. Mais vivaz e afflictiva devia ser a dôr do poeta condemnado a guardar para si seus versos, a tel-os só para si, a não procurar admiradores. Ferido tão profundamente em seu amor proprio, passou-se Lucano para o campo dos inimigos de Nero, que muitos havia e que no maior segredo conjuravam. Accrescentou a seu poema, que só continha tres cantos, unicos até então conhecidos, sete outros, que destoam muito dos anteriores nas idéas, no sentir, no pensamento. Revelaram-se então com franqueza suas sympathias pelos defensores da republica contra Julio Cesar. O despeito, a desesperação, a colera, inspiraram-lhe trechos dignos dos mais exaltados louvores. Como pinta Catão? Como o descreve nos seus ultimos momentos? Como lhe attrahe todo o respeito, toda a veneração? Como arranca de seus labios expressões sublimes a respeito de Deus, e relativamente á moral? Afigura-se um christão, instruido nas bellissimas doutrinas do evangelho, espiritualista sublime e philosopho egual a Platão. Catão toma o primeiro logar no poema; torna-se assim o protogonista, o heróe verdadeiro da "Pharsalia".

Era impossivel, todavia, a Lucano apagar os elogios e apotheoses que dirigira a Nero na invocação e nos tres primeiros cantos do poema, contraste que tanto divergia dos ultimos que escrevera. Um republicano convicto não

attingiria a tanta eloquencia, nem lograria exprimir com tanta propriedade e paixão os sentimentos da liberdade e o amor da patria. Razão sobrava a Lucano quando incluiu no poema versos que lhe prognosticam a immortalidade.

PHARSALIA NOSTRA

Vivet, et a nullo tenebris damnabitur œvo

"Liberdade! exclama — fugiste-nos para não voltar mais: asylaste-te além do Tigre e do Rheno — Perdida para que a não conheça mais a Italia, tornaste-te acolhida só dos scythas e dos germanos. Porque te não conservaste escrava, ó Roma, desde o dia em que Romulo chamou salteadores para te habitarem até o dia em que succedeu o desastre de Pharsalia? Peiores que todos escravos somos, porque envergonhamo-nos de sêl-o."

Não é hoje lido, e nem mesmo nas escolas se estuda a lingua latina pelo poema de "Pharsalia". Não póde ser collocado na mesma linha da "Eneida", que é propriamente o poema épico dos romanos; nem ao lado do poema didactico de Lucrecio; e das sonoras metamorphoses de Ovidio; mas innegavel é que a "Pharsalia", sendo mais uma historia metrificada que um poema verdadeiro, encerra bellezas, que lhe asseguram o favor da posteridade; demonstra uma imaginação possante, uma energia de linguagem e uma elevação de pensamentos, que lhe garantem merecida fama de poeta inspirado, comquanto revestida de defeitos impossiveis de desculpa.

De que servia para satisfação de Lucano terminar assim seu poema, reconhecer-lhe elle proprio a formosura, extasiar-se de seus versos, orgulhar-se de seus pensamentos. Ninguem o podia lêr, ninguem o podia recitar; fugiam todos assustados de Lucano, quando convidados a ouvil-o, ainda que em segredo e ás escondidas, em voz baixa? Não pairava no ar a sombra de Nero. Não se introduziam os delatores nos sitios mais reconditos? Não

o perceberiam os famulos? Não rodavam em torno, sem ser vistos, os denunciantes?

Por toda a parte farejavam os espiões, para ganharem alviçaras pelas novas que a Cesar transmittissem. E Cesar á proporção que envelhecia mais folgava em derramar o sangue humano.

Confiou, porém, Lucano seu poema á posteridade. Pesava-lhe já a existencia. Como deslisal-a tranquilla, depois da vida turbulenta, dissipadora, devassa, extravagante, que em companhia de Nero passara e a que se habituara?

Intentou tirar desforra de homem de brio e de patriota; não lhe bastava a vingança da penna; pouco valor lhe conhecia depois da lisongearia que endereçara ao tyranno de Roma.

Soube que se conspirava contro Nero, e se tentava libertar Roma de seu tyrannico governo. Collocara-se á frente da conspiração um romano poderoso, denominado Pisão, que ambicionava substituir a Nero na auctoridade suprema.

Não eram movidos por sentimentos de liberdade, por opiniões republicanas. Inspirava-os unicamente o odio contra a pessoa de Nero; era-lhes indifferente trocar um tocador de cithara por qualquer actor de tragedia, um saltimbanco de corda por qualquer toreador de animaes bravios. Não trepidou Lucano em juntar-se aos conjurados. Todas as probabilidades de exito feliz refugiam-lhes. O povo miudo presava Nero porque recebia gratuitamente alimentos. *Panem et circenses.* Os melhores cidadãos, porém, comquanto aterrorisados, sentiam a necessidade de exterminar um governo tão odioso, e posto não ousassem conspirar, acompanhavam, entretanto, com sympathias os planos que se forjassem para libertar-se Roma do seu imperador ensandecido.

Mostrava-se Pisão entendido em conspirações. Guardava-se o maior sigillo, bem que já importante fosse o

numero dos seus cumplices, e cada vez mais crescessem-lhes as forças.

Uma indiscrição, porém, causou o descobrimento da conspiração; e uma indecisão no seu cumprimento o seu aborto.

Pertencia ao nucleo dos inimigos de Nero uma mulher de costumes duvidosos, mas de uma energia de caracter que o de nenhum homem excedia. Chamava-se Epicharis; era joven, bella, espirituosa, encantadora. Entendia Epicharis que podia com seus attractivos de sereia augmentar a phalange dos conjurados; e coadjuvar assim e efficazmente os planos de revolta. Illudiu-se, porém, com um Proculo, tribuno do povo, que se mostrava captivo de suas graças. Proculo trahiu-a e denunciou o que Epicharis lhe communicara.

Presa immediatamente Epicharis, nada lhe puderam arrancar os juizes, e nem o proprio imperador, que a interrogou pessoalmente, nem no tocante á conspiração, e nem a respeito de cumplices. Negou sempre e com altiva decisão quanto Proculo delatara.

Applicaram-lhe tormentos para compellil-a á confissão. Perderam seus trabalhos, porque Epicharis resistia a todas as provas do martyrio; supportou surras de azorrague; chagas produzidas por fogo e agua fervente; apertos de braços e pernas em ferros, que lhe deslocaram os membros e quebraram-lhe os ossos. Não a amedrontavam os supplicios e nem pareciam abatel-a as dôres que lhe infligiam. Desesperada finalmente, aproveitou-se de falta de vigilancia dos guardas e suicidou-se no carcere a que a haviam recolhido.

Souberam-no os conjurados, e revolveram apressar a execução de seus planos, antes que fossem descobertos. Lembraram aproveitar a residencia de Nero naquelle momento em uma casa de campo de Pisão, para ahi ser Nero apunhalado antes que pudesse appellidar soccorro.

Recusando-se Pisão, deliberaram adiar para as festas de Ceres o rompimento da revolta, e ser então Nero assassinado no Circo.

Sevino, um dos conspiradores, porém, imprudentemente mandou afiar de ante-mão punhaes, armar escravos e familiares, e lavrou seu testamento. Foram indicios que, apenas conhecidos, bastaram para desconfianças da policia diligente, que funccionava. Prendeu-se Sevino, e acareou-se com o liberto que recontara os factos. De respostas incoherentes e contradictorias serviu-se a policia, e numerosos suspeitos foram immediatamente arrastados aos carceres. Entre elles incluiu-se Lucano. Promessas de perdão, tormentos e martyrios, conseguiram o alvo da policia. Accusaram-se mutuamente os cumplices da revolta tramada. Envolveram-se egualmente na conspiração os nomes de Seneca, bem que já afastado dos negocios publicos, e residente fóra de Roma, e o de Petronio, que Tegelino por testemunhas peitadas mandou denunciar, aproveitando-se da occasião para saciar sua vindicta contra o poeta que o ridicularisara. Condemnados ao ultimo supplicio, foram uns estrangulados ao cadafalso, e outros receberam a graça de escolher o genero de morte que preferissem.

Guardou a tradição em Roma, e Tacito abraçou-a, que Lucano nos seus depoimentos denunciara a propria mãe como cumplice, atormentado pelos soffrimentos e martyrios, que lhe foram applicados. Varios escriptores, todavia, negam o facto, que considera-se legenda inventada por desafeiçoados ou inimigos.

Petronio achava-se em Cumas quando soube que fôra condemnado : suicidou-se immediatamente.

Seneca e seu sobrinho Lucano, que Nero distinguira para morrerem á vontade, mergulharam-se em banhos quentes, e, depois de cortadas as veias, deixaram que se lhes extinguisse paulatinamente a existencia, á proporção que perdiam o sangue e as forças.

Teria então Lucano 27 annos de edade, e eram já decorridos 65 depois do nascimento de Jesus Christo. Recitou seus versos até que a voz faltou-lhe e a vida sumiu-se-lhe.

Seccou-se assim em botão a flor mais formosa que brotava nos jardins da poesia daquelle periodo historico.





Mafoma, Mafamede ou Mahomet

De uma região mal conhecida pelos romanos, bem que elles houvessem estendido suas conquistas á Syria, á Persia, ao Egypto, á Armenia e ás ribas do rio Tigre, do mar Caspio e do mar Negro, partiu, ao alvorecer o seculo VII, uma voz que produziu extraordinaria e espantosa revolução social e uma nova religião que abalou o mundo e que ainda hoje domina numerosissimas populações do globo. Fundou-se a possante monarchia dos arabes, e propagou-se o culto do Islam tão vertiginosamente, que se derramou por toda a Asia e Africa, e ameaçou invadir a Europa e arrastal-a para horisontes e crenças differentes das que até então a inspiravam.

Nos paizes situados entre o golpho Persico, o mar Vermelho, o mar das Indias e os desertos da Syria, residiam muitas tribus destacadas, fallando a mesma lingua, considerando-se descendentes de Sem ou Caim, e dos filhos de Abrahão, governados independentemente e por patriarchas de sua particular eleição. Eram umas nomades, outras pastoras, commerciantes as conchegadas aos mares; tinham cidades, villas, arraiaes, espalhados pelo solo; viviam, porém, em luctas, rixas, brigas permanentes que alimentavam nos povos espirito guerreiro, caracter feroz, actividade extraordinaria e costumes severos. Denominava-se Arabia toda a região.

A parte approximada á Palestina constituia desertos cobertos de areaes, movediços ao sopro dos ventos, faltos inteiramente de agua, e baldos de cultura; aqui e alli, como oasis, umas palmeiras, com alguns poços para guardar as aguas da chuva: grupos de homens, quantidade de cavallos e de camellos empregados em serviço lento mas continuo, os percorriam constantemente. Ao longo, porém, do mar Vermelho; da costa indiatica e das terras regadas pelo golpho Persico, povos civilisados, ricos, commerciantes, industriaes, agricolas: estas ultimas provincias eram por elles denominadas Hedjad, Iemen, Hadrenat, Mahrat, Onan e Bahrein.

A mais afamada e importante cidade appellidava-se Meca, e pertencia ao Hedjar. Moka, Medina e Aden não lhe disputavam primasia, bem que consideraveis e populosas.

Tradição guardavam os habitantes de que em Meca residira Abrahão, ahi edificara o templo de Kaaba, e quizera sacrificar seu filho Isaac; memoram egualmente que nos arredores de Meca subsistem ainda os restos do poço honrado com o nome de Agar, a Samaritana.

A vida dos camponios assemelhava-se inteiramente á dos hebreus como nol-a descreve a Biblia.

Os costumes dos moradores das cidades identicos. Bem manifestavam que porção do mesmo sangue lhes corria nas veias.

Entre elles se havia refugiado grande parte dos israelitas expellidos de Jerusalem pelo romano Tito, e dahi provinha que eram tambem adoptadas e admittidas as crenças judaicas.

Quando o general dos romanos apoderou-se de Jerusalem, incendiou-a, arrasou-a, e dispersou pelo mundo os seus habitantes; erraram em busca de asylos os desgraçados judeus, e em numero consideravel inundaram a Arabia e misturaram-se com os arabes.

No tocante a crenças religiosas, havia na Arabia grande confusão de cultos: predominava, porém, mais o Judaico, não tanto no complexo dos dogmas, quanto em

algumas exterioridades. Como em Jerusalem, estava o templo de Kaaba confiado a uma raça de sacerdotes que o guardavam, e que pela sua auctoridade exerciam poderoso influxo no governo da terra. A' idolatria extravagante dos egypcios e de outros povos, juntavam os arabes de modo incomprehensivel noções da unidade de Deus, da revelação da vida futura, e das penas do Inferno e do Purgatorio.

A's terras arabicas não chegaram jámais persas, gregos e nem romanos, os grandes conquistadores da antiguidade. Narravam apenas suas chronicas que abyssinios e africanos haviam ousado infestar por vezes as costas do mar Vermelho e invadir seus dominios.

Nas historias romanas falla-se, todavia, de duas rainhas afamadas, uma Zenobia, viuva, e a outra Maria, que resistiram ás aguias dos Cesares e as derrotaram em occasião que os romanos assaltavam a Arabia. Ha decerto ahi legendas, ficções, porque dos conhecimentos posteriores, que se conseguiram no tocante aos arabes, não se encontra governo de mulheres, quer antes que se formasse o imperio musulmano, quer posteriormente, bem que se saiba que as mulheres eram na Arabia muito consideradas e honradas.

No anno de 570, nasceu, em Meca, Mafoma, como os portuguezes e hespanhoes o chamam, Mafamede na lingua dos arabes, e Mahomet, conforme o appellidam varios povos da Europa.

Descendia de familia nobre e importante. Confiado, orpham de pae e mãe, á tutella e cuidados de um tio, occupou-se durante sua infancia em conduzir camellos, cuidar de cavallos e pastorear gados.

Nunca aprendeu a lêr e nem a escrever. Revelava, porém, tão rara intelligencia, comprehensão tão rapida das cousas, e prudencia e perspicacia tão extraordinarias em verdes annos, que seu genio era admirado por quantos o conheciam.

Ao passo que applicava-se aos misteres de que era encarregado, combatia sempre que se travavam rixas e luctas, em que laboravam constantemente as tribus arabes. Ma-

nifestava notavel coragem, provava valor de braço, revelava tino guerreiro. Grangeava, cada vez mais, reputação de esforçado campeão e de batalhador audacioso.

Aos vinte annos de edade empregou-se na casa commercial de uma viuva rica, de Meca, por nome Kedjah, que entretinha relações mercantis e correspondencia activa na Phenicia, no Egypto, na Syria e na Palestina.

Obrigou-o seu encargo a viajar pelos paizes vizinhos e distantes. Percorreu-os por vezes e aproveitou-se de suas excursões para relacionar-se com os homens doutos, que encontrava, mostrando-se sempre ancioso de aprender e illustrar-se. Ouvia-os attentamente, e discutia com elles a respeito dos assumptos mais elevados e philosophicos, particularmente religiosos. Conseguiu por este modo que se lhe lêssem e explicassem a biblia, os evangelhos e os livros santos dos judeus e dos christãos.

Desde então dedicou-se a meditações religiosas e a contemplações mysticas.

Após alguns annos de serviços agradou por tal maneira á viuva, que o protegera, que com ella consorciou-se, e tornou-se Mafoma, pelo casamento, rico e independente. Até os quarenta annos, parece, viveu obscuro e tranquillo no gozo da felicidade domestica que a sorte lhe assegurara.

Entregava-se, no entanto, a cogitações e extases mysticos, recolhia-se aos desertos e ás montanhas do Hira, e passava dias e noites inteiras, no seio da solidão a contemplar o céo e os astros, a estudar a natureza e a chamar em seus sonhos o anjo Gabriel para dirigil-o e inspiral-o na vida.

Como todas as intelligencias devotadas ás crenças sobrenaturaes, aos pensamentos mysticos e á absorpção religiosa, proclamou sempre que o anjo Gabriel o incitava a desempenhar uma reforma religiosa, prognosticava-lhe a missão de propheta e revelava-lhe os mysterios da natureza e a vontade de Deus. Não tinham apparecido no mundo tantos prophetas que se impunham á credulidade dos povos

do Oriente em demasia susceptiveis de acredital-os e obedecer-lhes?

Procurou organisar uma associação de parentes e amigos, que lhe servissem de acolytos, adoptassem as noções da nova religião, que começou a ensinar com o titulo de Islamismo, isto é — abandono absoluto á vontade de Deus—religião approximada á pureza primitiva de Abrahão, e que em sua convicção devia regenerar as virtudes e a força dos povos. Não resultaria dahi união politica e social dos arabes sob um só governo, poderoso, propagandista, dominador dos vizinhos? Não escandalisava o espectaculo de desordens e dissidencias civis no seio da mesma raça, de extravagancias de cultos, de idolos, de dogmas, de liturgia nos templos, e particularmente na Kaaba, onde figuravam toda a especie de imagens e idolos, e até animaes e plantas que se adoravam como divindades? Não era indispensavel extirpar semelhante sacrilegio?

Organisou sob sua direcção uma escolhida sociedade e começou a ditar preceitos religiosos, maximas politicas, idéas de moral publica e domestica, colligidas em um livro que foi ditando aos que empregava em escrevel-o, e que era destinado a espalhal-as pelo povo, e grangear suas adhesões e sympathias. Ao conjuncto de suas prelecções deu o titulo de Korão, que quer dizer— o codigo, o livro sagrado, a biblia para os musulmanos—Compõe-se de 714 capitulos ou sorates, partidos, como nos livros hebraicos, em phrases resumidas e formadas de pensamentos que se harmonisam. Resplendem no entanto hyperboles calorosas, imagens poeticas, mas rapidas, e brilhantes de simplicidade e não raro de verdadeira e singular eloquencia. Concentra-se em suas paginas toda a sciencia da vida, a revelação de Deus, a obrigação dos crentes, a constituição emfim politica, civil e religiosa, á que cumpria aos arabes submetter-se rigorosamente.

Espalhava-se o conhecimento do korão, e conseguia-se a propaganda de suas doutrinas. Não correspondiam tanto aos costumes, ás necessidades, ás imaginações dos

arabes, ardentes, fogosos, e ao mesmo tempo resignados e pacientes? Não estava o livro ornado das maximas proveitosas e de uma arrebatadora linguagem, que, bem que em prosa, attingia horisontes de elevada poesia?

Não se formava com sua theoria e pratica uma sociedade morigerada, obediente e enthusiastica? Não se rehabilitava a condição da mulher, declarando-se comprehendida nas heranças, honrada pelos filhos, protegida pelo marido? Não se ordenavam precauções hygienicas, aconselhando os banhos, prohibindo comidas de porco e uso de bebidas alcoolicas, afim de conservar-se a saúde e o vigor do corpo? Não se impunha aos filhos a veneração dos paes? Aos maridos amor ás consortes, a estas dedicação aos maridos? Não se recommendava a caridade para com os pobres?

Modificava-se de certo com o culto do korão o genio do arabe; nova direcção lhe era assignalada, e novos horisontes abertos.

Não desdenhou Mafoma a predica publica de suas doutrinas religiosas e politicas. Tomando por seu modelo Jesus Christo, que instruia seus discipulos, começou tambem a dirigir-se e fallar ás multidões populares. Escolheu para local de suas conferencias o proprio templo de Kaaba, e ahi apresentava-se frequentemente e dirigia aos numerosos espectadores, que concorriam a ouvil-o, phrases repassadas de vehemencia e de fogo, que os convenciam e inebriavam.

Crescia, pois, o numero de seus adeptos e de Méca transmittia-se a adherencia e propaganda aos arredores e vizinhanças da cidade, e dahi aos mais distantes logares da Arabia.

Não podiam os Choreichistas, guardadores do templo e das crenças religiosas da nação, conservar-se indifferentes ao movimento revolucionario, que se ia derramando. Engenharam repellir da Kaaba o propagandista, suscitando-lhe opposições ás predicas, insultando-o, ameaçando-o, maltratando-o, sempre que persistisse em continual-as.

Não podendo Mafoma voltar ao templo, nem mesmo para rezar, sem que soffresse insultos e até offensas physicas, transferiu o local de de suas predicas para a praça publica, e perseverou em conferencias. Tramou-se, então, contra sua vida, e foi coagido a fugir de Meca. No anno de 622 abandonou secretamente a cidade; tomou caminhos escusos para escapar ás perseguições de seus inimigos, e depois de grandes perigos deparou, emfim, asylo em Medina, cujos habitantes lhe esposaram a causa. Fixou-se na tradição dos musulmanos como dia glorioso, com o nome de Hegira, aquelle em que Medina o acolhera dentro em seus muros.

Com extraordinaria habilidade augmentou ahi Mafoma o numero de seus partidarios, já por meio de predicas ao povo, já espalhando cópias do korão para ser lido e apreciado por todos nas novas doutrinas religiosas por elle proclamadas. Cuidou egualmente em armar adherentes para combater, e logo que percebeu que dispunha de força sufficiente para affrontar perigos, appellou para a guerra, e partiu para Méca. Venceu em Beder os partidarios dos Coreichistas que se lhe oppuzeram, mas em segunda escaramuça, perto do monte Ound, foi derrotado, e compellido a retroceder para Medina.

Continuou, todavia, a guerra sem que se decidisse a victoria até que accordaram os dous partidos em uma tregua de 10 annos, que foi assignada, e que permittia a entrada de Mafoma em Meca para rezar no templo, na qualidade de peregrino, mas que lhe prohibia a propaganda de doutrinas religoiosas.

Pôde, portanto, Mafoma voltar para Meca; logo, porém, que ahi appareceu, suscitou sua presença desordens e tumultos na cidade, que obrigaram os Choreichistas a romper as tréguas ajustadas.

Coagido a regressar para Medina, organisou Mafoma um poderoso exercito e á sua frente marchou contra Meca, penetrou á força d'armas em seus muros, dirigiu-se ao templo, derribou os idolos, os animaes, as plantas sin-

gulares que estavam collocadas sobre os altares, e declarou que exclusivamente a Deus pertencia o templo, e Deus sómente se devia nelle adorar, porque não havia senão um Deus, unico e todo poderoso.

Foi desde então considerado chefe religioso, e proclamou-se Propheta de Deus, dizendo-se inspirado pelo anjo Gabriel que lhe communicara em visões sua missão. A exemplo de Meca, Medina e outros importantes logares das provincias de Hedjar e do Iemen, reconheceram publicamente sua auctoridade quer no governo religioso, quer no civil e politico da Arabia. Enviou Mafoma emissarios ás demais provincias para prestarem-lhe homenagem e obediencia, e reconhecerem chefe temporal e propheta de Deus. Tomou o titulo de kalifa que significa Imperador absoluto.

Purificado o templo de Kaaba de profanações e idolos; repellidos de sua guarda os Choreichistas; e dedicado dahi em deante exclusivamente ao serviço de Deus e ás orações religiosas, tratou Mafoma de publicar decretos para execução cabal do korão, como instituição social, politica, civil e religiosa, unica lei, unico livro que devia governar os arabes e cujos mais singulares sorates ou capitulos se gravaram desde logo nas paredes e nas portas dos edificios publicos para sciencia de todos os crentes.

Era Mafoma robusto de corpo, magestoso de aspecto, agradavel de maneiras, de vontade inabalavel, de espirito ardente e artificioso, de coragem intrepida, de genio vasto e exaltado.

Suas meditações, prédicas, instituições e combates procuravam um alvo exclusivo : reunir todos os arabes sob um unico regimen, como um só povo, uma unica nação ; infiltrar em seus animos uma só crença, uma unica religião; e governar por este feitio os espiritos e os corpos.

Opposto inteiramente a Christo nas qualidades, no alvo e na pureza dos meios, empunhou Mafoma o sceptro temporal quando Christo, desprezando o mando, preferia viver ensinando e catechisando as almas com as

palavras e exemplos de humildade e de moral evangelica. Empregou Mafoma a espada para obrigar os povos a seguil-o e obedecer-lhe, quando Christo perseverava exclusivamente em aconselhar, convencer e angariar pelo espirito e pela convicção das consciencias proselytos para sua santa doutrina. Artificiosa e astutamente apropriou-se do titulo de Propheta, annunciando-se continuador de Noé, Jacob, Abrahão, Moysés e Christo, que dizia haviam sido antes delle os unicos prophetas de Deus. Christo nunca impôz-se propheta; palestrava modestamente com os discipulos que o acompanhavam e não admittia anjos como intermediarios de Deus. Certo é que, desde que Mafoma dominou e governou os arabes, perdeu a pureza e a doçura do caracter, confundiu a religião com a politica, e introduziu a fraude nos seus actos e procedimentos.

Propagava-se, no entanto, pela Arabia sua doutrina religiosa já pelas maximas do korão, já pela violencia e força das armas, que Mafoma empregava percorrendo as diversas localidades, travando combates, ganhando victorias e conquistando povos.

Fallava em um só Deus, unico poderoso e creador do mundo, e no seu novo Propheta que era elle. Promettia a gloria aos bravos, saques aos soldados que o servissem nas tomadas de cidades, delicias illimitadas aos homens amorosos de sensualidades physicas. Recommendava austeridades, privações, rezas, jejuns, moralidade de procedimentos para ganhar-se o céo. Annunciava a fatalidade para a morte, no intuito de infiltrar coragem e valentia nos seus sectarios, que deviam convencer-se de que a bravura não expunha a vida, e que no livro da vida estava fixado fatalmente o dia da morte.

Praticas, superstições, annuncios falazes afastavam ainda o temor da morte. Reservava-se aos guerreiros notaveis, e aos homens bons, a eternidade com prazeres ineffaveis. Não estava o céo povoado de mulheres formosas, de perfumes, de flores e de gozos incandescentes para as almas dilectas?

Não se inferia do korão que se restaurava o culto antigo do Abrahão e Ismael em toda a sua simplicidade e innocencia? Não apregoava tolerancia para os homens tranquillos que não cuidassem em oppôr-se á fé musulmana? Bastava que só participassem de honras e privilegios arabicos os que admittissem o Islamismo.

A' proporção que conquistava, proclamava estes principios aos povos vencidos, de modo a desarmal-os e tornal-os vassallos pacatos e quietos; impunha apenas um tributo pecuniario aos que preferissem continuar com suas crenças, compromettendo-se, todavia, a não tratar de propagal-as e nem obstar ao desenvolvimento do korão; trucidava sem piedade os que lhe resistiam e lhe não queriam reconhecer a auctoridade.

No meio de extravagancias e superstições, que se descobrem no korão, e que aos europeus e americanos escandalisam e irritam, mas que soavam agradaveis aos ouvidos e ás imaginações ardentes dos povos orientaes, mister é confessar que se deparam preceitos de moral, de justiça e de caridade, que Mafoma aprendera na doutrina de Christo, e que elle constituira egualmente em fundamentos de sua religião.

Admira-se com razão sua habilidade profunda para conseguir, como conseguiu, gravar seus conceitos não sómente nos espiritos, senão tambem nos corações: ahi raia seu genio prodigioso. Creou instituições civis e religiosas que espalharam-se por grande parte da Asia, Africa e Europa, e que permanecem ainda actualmente intactas e inalteradas nos paizes musulmanos. Razão é que na sua essencia precisam todas as religiões de noções de moral, de justiça e de caridade, para poderem corresponder á alma, á consciencia e ao espirito do homem. Não as encerra egualmente o Budhismo que por isso conta na Asia tão numerosos sectarios?

Não trata o korão das penas e recompensas da outra vida para os que existiram no mundo? Não pinta o Inferno, o Purgatorio, e por fim o Paraiso? E' este

unicamente diverso dos das outras religiões, porque destina prazeres physicos á vida d'além tumulo.

Para que Mafoma lograsse, todavia, os resultados que anhelava, mister lhe foi inebriar as imaginações com principios superstíciosos, com imposturas milagrosas, com revelações inventadas e surprehendentes, que admiravelmente prestavam alimento e crença aos exaltados povos do Oriente. Conseguia soldados denodados, dizendo-lhes : "A espada é a chave do céo : um dia passado em combate conta por mais que dous mezes de rosas : aquelle, que morre nos combates, parte para o céo absolvido de seus peccados." Lisongeava os costumes tradicionaes dos arabes, permittindo a cada um quatro mulheres, comtanto que lhes respeitasse os direitos e privilegios, assegurasse-lhes rendas certas e convenientes, e não faltasse aos deveres do tálamo.

Para dar-lhes o exemplo, elle proprio, depois da morte da sua primeira mulher, consorciou-se com oito mais, isto é, em numero dobrado dos subditos, por competir-lhe o privilegio de kalifa.

Dez annos gastou em batalhas e na conquista e fusão de toda a Arabia sob seu sceptro espiritual e temporal. Não satisfeita sua ambição, enviou emissarios aos povos e governos vizinhos, exigindo que reconhecessem sua missão, seu culto, sua lei, e sua soberania. Atacou os romanos na Syria e venceu-os ; os habitantes da Palestina e curvou-os a seu jugo ; apoderou-se de Jerusalém, domou o territorio todo do Euphrates ao mar Vermelho, e deixou por sua morte assustados os persas e egypcios.

Sentiu, porém, que se lhe extinguiam as forças da vida. Tratou de prevenir o futuro. Trocou a residencia de Meca pela de Medina, e ahi tratou de mandar escrever maximas e disposições para seu povo reger-se. Sem que designasse positivamente successor ao kalifado, recommendou á nação sua familia e parentes ; e publicou instrucções para que a influencia arabica se estendesse, seu imperio se impuzesse ao mundo, bem como sua religião

aos povos da terra. Combater, combater sempre, marchar, marchar para deante, eis a maxima que exigiu se cumprisse. Subiu ainda á tribuna, em vesperas de deixar a existencia, para proclamar seus conceitos e recommendar fidelidade á sua religião. Fanatisando os povos, fundou um imperio, que seus successores elevaram á maior grandeza e poderio.

Em 642 finou-se Mafoma em Medina, contando 63 annos de edade.

Nada ha que estranhar na fortuna, que acompanhou suas doutrinas religiosas, e segurou e firmou a preponderancia arabiga, durante tantos seculos, que decorreram depois de sua morte.

Era já o povo arabe, antes que governasse Mafoma, enthusiasta de poesias e dotado de vivissima imaginação.

Não trata a historia litteraria de um vate afamado, Arnay, que escrevera o poema de Antar, esmaltado de tão delicioso colorido, que Jules Janin e Lamartine encominaram-no extremamente conhecendo-o apenas por traducção? Com as traducções não se perde, porém, toda a formosura artistica na fórma, na propriedade dos vocabulos, no torneio da phrase, na fineza das imagens?

Produziu essa particular qualidade dos arabes extraordinaria admiração pelos feitos e pelos escriptos ditados por Mafoma, e pois a adoração e endeosação de sua memoria, submissão aos preceitos e normas que elle legara. Escapara o povo por seus actos patrioticos ao jugo dos sacerdotes, ao retaliamento da nação e ás invasões de estrangeiros. Ganhou victorias repetidas, conquistou paizes vizinhos e elevou sua patria a reino poderoso.

Cumpriram os kalifas que succederam a Mafoma suas disposições. Coadjuvaram-n'os os povos da Arabia.

Como lavas de um Vesuvio atiraram-se sobre as nações estranhas, caminhando sempre, através de triumphos, e não só á sua religião e á sua lingua, como a seu governo, submetteram em pouco tempo a Asia desde o Indo e o Euphrates, o Egypto até Marrocos e o Senegal, as Hes-

panhas, Sicilia e ilhas do Mediterraneo até limites de França, e parte meridional de Italia. Oito seculos pouco mais ou menos de gloriosos trophéos enumera sua historia politica.

A religião perseverou, bem que guerras civis e sublevações de turcos, beduinos, sarracenos, egypcios e mouros exhaurissem as forças do imperio arabico e o fizessem desapparecer em chammas de fogo e em rios de sangue, partilhando-se seus despojos, e curvando a seu turno sua raça a outras tribus e nações, posto que continuadoras do seu culto. E' o destino de tudo quanto existe na terra, porquanto só Deus é eterno, e por isso as religiões que o reconhecem sustentam-se, emquanto os imperios politicos desmoronam-se e sepultam-se com os homens.

No centro da mesquita em Medina repousam os ossos de Mafoma, honrados sempre pelos vencidos e vencedores que adoptam ainda sua religião! Alli vão annualmente romarias e romarias de fieis da Asia, da Africa e da Europa beijar-lhe o tumulo, prestar-lhe homenagem como seu propheta e propheta do seu Deus.

Não menos de duzentos e cincoenta milhões de crentes conta actualmente no mundo a religião de Mafoma.

Bem que de innumeras legendas, umas inventadas para exaltar-lhe a gloria, outras para diffamar-lhe os feitos e intentos que alcunham de imposturas, se ornem suas biographias, não vale a pena minucial-as, despidas como são de toda a veracidade, e repletas de inverosimilhanças. O que escrevemos é exclusivamente o transumpto escrupuloso da exactidão historica.

Pedro Alvares Cabral

Dos chefes militares mandados á India, desde seu descobrimento por Vasco da Gama, e durante o seculo XVI, destacam-se dous vultos, que se não celebrisaram nem por feitos barbaros, actos violentos e crueldades ferozes, como alguns commetteram, e nem por escandalosos roubos e piratarias, a que muitos se entregavam.

Pedro Alvares Cabral, o segundo almirante que para ali foi enviado, e D. João de Castro, o decimo quarto governador, com a gerarchia de 4º vice-rei. Algumas acções de barbaridades, todavia, ambos commetteram, manifestaram, porém, caracteres mais benevolos e brandos que alguns dos demais conquistadores, e mais puros e honestos que a maioria dos capitães portuguezes, que governando a India nodoaram-se de infamias.

Esteve Cabral na India de 1500 a 1501 e voltou para Lisboa, depois de haver cumprido a missão que lhe fôra confiada.

Noticia apenas o abbade Diogo Barbosa Machado, na sua "Biographia Lusitana", que fôra Cabral filho terceiro de Fernão Cabral, adeantado da Beira, senhor de Azurara e alcaide-mór de Belmonte; que era em Portugal reputado destemido militar, e estimado por el-rei D. Manuel, sem todavia especialisar nem um dos seus feitos. No seu excellente "Diccionario Biographico" não

pronuncia Innocencio da Silva uma palavra a seu respeito. De João de Barros, Osorio, Castanheda, Damião de Góes e outros historiadores, que relatam sua viagem á India, nada se colhe egualmente que indique nem o anno e logar em que nasceu, nem a existencia que passou no reino europeu, quer antes quer depois de haver desempenhado tão honrosa commissão, e nem quando e onde finou-se, posto que fosse Cabral credor de que se lembrasse-lhe a memoria á posteridade, pois que seu nome não podia ficar em esquecimento depois do descobrimento do Brazil e de suas excursões na India. Contentam-se os escriptores referindo-nos que fôra escolhido por D. Manuel para continuar as explorações da India, praticadas por Vasco da Gama, e investido da categoria de chefe da segunda expedição aprestada e dirigida aos mares e terras asiaticas.

Devia, no entanto, ser Pedro Alvares já conhecido no reino, por quanto el-rei o designara para tão delicada empreza, logo que em 1499 o descobridor da India regressou e assombrou seus compatriotas com a narrativa das opulencias, riquezas, producções do sólo e maravilhas que encontrara, e que promettiam a Portugal futuro deslumbrante, como successor de Veneza, que pelos portos orientaes do Mediterraneo e pelo Egypto monopolisava até então o commercio daquellas abastadissimas regiões do mundo.

Treze navios tripolaram-se ao commando de Pedro Alvares, quando quatro naus unicamente se haviam confiado a Vasco da Gama.

Tinha-se já bastantemente melhorado a construcção dos navios. Dividiam-se em naus, de lotação de quatrocentas toneladas, galés, fustas e bastardas menores. Levantavam-se castellos á prôa e a pôpa das naus, guarnecidos de canhões: dos castellos corriam bailéos de um e outro lado, para esconderem-se os mosqueteiros quando em combate, e eram ainda os navios mais formidaveis com esporões de aço na prôa para as investidas. Fortaleciam-se as galés e menores embarcações com grossas peças

de ferro no centro e tambem nas extremidades, além de columbrinas nos cestos das gaveas. Navegavam á véla e tinham bancos apropriados para os remadores, que trabalhavam quando em calmaria.

No dia 8 de Março de 1500 ouviu el-rei missa na ermida de Belém, que cedeu o logar ao soberbo edificio dos Jeronymos, que, para memoria do descobrimento da India, ahi levantou D. Manuel. Tinha el-rei a seu lado Pedro Alvares, rodeiava-se de luzida côrte de fidalgos, e prégou sermão relativo á viagem emprehendida o bispo de Ceuta. Sobre o altar depositara-se uma bandeira com a cruz da Ordem de Christo, que, benzida pelo prélado durante a ceremonia religiosa, foi depois passada ás mãos de D. Manuel, e das do rei para as de Cabral.

Conservando-a levantada aos ares marchou o almirante para o caes do Rastello, como chamava-se o sitio, acompanhado pelo rei e pelos circumstantes. Imponente foi de certo o espectaculo deante da numerosa multidão de povo, que se apinhava pelos montes vizinhos e pela praça, e da quantidade consideravel que tinha-se embarcado em escaleres e falúas cobertas de flamulas.

No caes despediu-se Cabral de D. Manuel, saltou aos escaleres, e seguiu para bordo de sua frota, ao som estrepitoso de sinos, de musicas, de tiros de artilharia e de vivas populares que atroavam os ares, e seguido de lustrosa comitiva.

Ao amanhecer do dia 9 de Março levantou a frota suas ancoras, abriu suas velas e, ajudada por vento favoravel, foi descendo mansamente as aguas do rio Tejo, e penetrando no oceano. Sumiu-se por fim aos olhos saudosos dos compatriotas, que prognosticavam-lhe as mais esplendorosas venturas.

Iam a bordo capitães e pilotos amestrados na escola de marinha fundada pelo infante D. Henrique de Vizeu, e que em Portugal fructificara tão vantajosamente. Encontravam-se juntos o celebre Bartholomeu Dias,

descobridor do Cabo da Boa Esperança, e os valentes guerreiros Nicolau Coelho e Sancho de Tovar. Frei Henrique, como guardião, dirigia sete monges franciscanos e oito capellães da armada. Mil e duzentos homens entre soldados e marinheiros compunham a tripolação da esquadra, que fôra até então a mais numerosa e solidamente construida, que Portugal havia lançado ás furias do oceano, em procura de terras e conquistas.

Bonançosos mares levaram-na ás Canarias com cinco dias de viagem, e com mais oito á ilha de S. Nicolau, do archipelago do Cabo Verde, que avistaram os navegantes a 22 de Março. Durante a viagem desgarrara-se da frota a galé commandada por Vasco de Athayde. Não houve meio de encontral-a, e a galé, bem que açoutada por maus tempos e exposta ás ondas enfurecidas dos mares, conseguiu regressar após quasi dois mezes para Lisboa, salva, mas com a mastreação derribada, e a tripolagem curtida de fome, de sede e de escorbuto.

Seguindo as instrucções que lhe transmittira D. Manuel, fundadas nos conselhos de Vasco da Gama, devia a armada arredar-se da costa africana e fazer-se ao largo, e ao occidente, e na altura 20 graus de latitude sul emproar então para o Cabo da Boa Esperança, afim de evitar calmarias constantes que reinam nas vizinhanças da Africa e que difficultam e demoram as viagens.

E' aqui logar proprio para refutar a pretenção de alguns escriptores modernos portuguezes, que sustentam que Pedro Alvares Cabral não procurava unicamente as glorias que adquiriria na India, intentava egualmente descobrir terras novas ao occidente, no desejo de elevar-se á altura de Colombo e de Vasco da Gama, e de accrescentar sua reputação e firmar mais solidamente seu nome e memoria na historia da patria.

Tres unicos documentos contemporaneos de seus feitos têm-se até hoje descoberto, e nenhum delles lhe presta designios agora phantasiados. Um em lingua castelhana, assignado pelo physico-mór da armada, e ultimamente

encontrado na torre do Tombo em Lisboa, nada adeanta. Os escriptos, porém, de dous companheiros de sua viagem, Pedro Vaz Caminha, que ia como escrivão do almoxarifado que se fundasse nas Indias, e um piloto portuguez, cujo nome não ficou conservado, concordam em todos os incidentes da navegação, que minuciam escrupulosamente, quando o do physico-mór contém apenas generalidades. Porque esconderiam o intento de Pedro Alvares, quando o almirante tinha interesse de publical-o em seu beneficio? Quando particularmente a carta de Caminha dirigida a D. Manuel devia ter sido escripta por ordem e em nome do almirante, e pois por elle conhecida? Bastantemente ricos de informações da época são os depositos e livrarias de Portugal, e infelizmente se não tem ainda descoberto as communicações officiaes, que Cabral deveria ter directamente endereçado a seu rei e a seu governo. Da leitura attenta das obras publicadas e das respostas régias não se infere uma phrase, uma palavra que revele o pensamento intimo e occulto que se procura attribuir actualmente ao almirante.

Não lhe basta a honra do achado, que lhe proporcionara a fortuna, e mistér é accrescentar-lhe a gloria de procurar terras novas?

Nem ajudam os propositos apregoados de descobrir afóra a India os livros que nos deixaram os historiadores portuguezes do seculo XVI, e mesmo do seculo XVII. Nem mesmo são-lhe attribuidas fabulas e nem legendas para esmalte dos acontecimentos. Para que, pois, improvisar-se modernamente novo intuito? Incontestavel é que afastando-se das costas africanas seguira Cabral as instrucções régias, e se não inspirava pela ambição de encontrar novo sólo ao oeste, cuja existencia nem podia sequer adivinhar, quando cumpria-lhe seguir para o oriente, que pelas noticias alvoroçava todos os espiritos e excitavam a cobiça geral as riquezas tão apregoadas das Indias. Accresce ainda que outro motivo não podia ter então D. Manuel senão o da navegação da India, iniciada por Vasco da Gama,

que acabava de chegar, e cuja narrativa o exaltara, orgulhara, e enchera de esperanças grandiosas de abrir commercio, enriquecer seus estados, engrandecer seu reino, e legar seu nome na historia.

Ao cahir da tarde do dia 21 de Abril, mostraram-se á tona d'agua hervas denominadas pelos mareantes "botelho", que são signaes de proximidade de terra. Celebrava a egreja catholica o dia de terça-feira da semana da Paschoela, e logo após ás hervas descobriram-se passaros, que mais confirmaram as supposições de Cabral de que perto de seus olhos existia terra. Continuou o mesmo rumo de sudoeste, e na quarta-feira 22 de Abril viu deante de si um morro elevado, para o qual mandou dirigir-se a frota.

Fundearam os navios pelas 4 horas da tarde, a seis leguas pouco mais ou menos distante da terra descoberta, e com um fundo de mar de 19 braças.

Cumpre nesta occasião provar com os tres documentos já referidos que Cabral descobriu o Brazil a 22 de Abril de 1500, quarta-feira, e não como erradamente alguns chronistas posteros apontaram, o dia 3 de Maio, com o que officialmente no Brazil se anda em desacerto, fixando anniversario falso, em vez do verdadeiro, para as festas que celebram-se em memoria do feito felicissimo, que ennobrece e engrinalda a historia portugueza.

Não merece reparo um decreto do actual governo republicano annunciando o dia 3 de Maio como o anniversario do descobrimento da terra do Brazil? Não se intitula descobrimento tambem o dia de Janeiro do mesmo anno, em que Vicente Pinzon avistou por acaso as costas do norte e as boccas do Amazonas, porque aquelle contentou-se, encontrando terras inopinadas, de examinal-as e percorrel-as, e seguiu logo sua rota para o norte, emquanto que Cabral tomou posse official, levantou padrões com as armas do seu soberano, e avisou-o immediatamente afim de mandar proceder á occupação do sólo.

Do Porto Seguro, na ilha de Véra-Cruz, em data de 1 de Maio de 1500, escreveu Pedro Vaz Caminha a el-rei D. Manuel, annunciando-lhe o descobrimento. A Academia Real de Sciencias de Lisbôa publicou este documento quasi nos nossos dias, e o encontramos transcripto tambem na 2ª edição da excellente Corographia Brazileira do padre Ayres do Casal, impressa no Rio de Janeiro em 1833. Além de tão importante documento, tanto o castelhano do physico-mór como egualmente o escripto por um piloto, que servira na esquadra de Pedro Alves Cabral, confirmam a data de 22 de Abril como o dia do descobrimento, bem que escriptos estes ultimos nas Indias.

E' curioso notar-se que o do piloto fôra traduzido em latim e dado aos prélos em Basiléa, entre as viagens de Luiz Cadamosto, em 1555, na collecção intitulada—Novus orbis Regionem æ Insularum. — Da lingua latina trasladara-o Ramusio para a italiana, e incluira-o nas narrativas de viagens celebres, que sahiram das imprensas de Veneza, em 1573. Voltou ao idioma original portuguez por traducção, que a Academia de Sciencias, inspirada constantemente no desejo louvavel de prestar esclarecimentos á historia, mandou publicar em Lisbôa em 1814.

Concordam os tres escriptos na narrativa dos factos principaes e nas datas em que se praticaram apparecendo apenas entre elles raras e mesquinhas differenças. O erro dos fundadores do imperio brazileiro no tocante á data do descobrimento, fiando-se em varios escriptores dos seculos XVII e XVIII, e notavelmente na obra de Gaspar da Madre de Deus, é desculpavel por não terem talvez ainda noticia dos documentos do seculo XVI, que tiram todas as duvidas a respeito : mas o dos estadistas posteriores, quando já conhecido o erro, e proclamada a verdade, expõe-se á severa critica.

Approximou-se Cabral no dia 23 da terra descoberta na vespera e lançou a frota seus ferros ao fundo defronte de um rio, depois de haver-se procedido ás precisas sondagens. Ordenou o almirante que Nicolau Coelho seguisse em um

escaler, e soubesse o que eram aquellas plagas e quaes seus habitadores.

Approximou-se Nicolau Coelho e viu homens nús que, como curiosos, bem que armados de arcos e flexas, desceram á praia a encontral-o. Não ousou Nicolau Coelho desembarcar. Trocaram-se signaes de mãos e de cabeças sem que se entendessem, posto que manifestassem-se mutuos e pacificos symptomas de regozijo e de estima.

Atirou-lhes á praia Nicolau Coelho uma carapuça branca, um boné vermelho e um chapéo de sol que levava. Recebeu, em troca, um sombreiro de pennas de aves multicores e um fio de continhas brancas. Estavam, pois, entaboladas as relações ; era, porém, mistér que se comprehendessem.

Voltou Coelho para bordo e communicou suas impressões ao commandante.

Levantou-se, porém, á noite forte vento do sueste. Ao amanhecer sexta-feira, 24, entendeu Cabral que lhe cumpria procurar algum ancoradouro, para abrigo dos navios. Deixou a localidade e rumou para o norte, navegando sempre á vista da costa.

Dez leguas mais adeante divisou um recife, que parecia esconder um porto. Mandou examinal-o por officiaes, que acharam uma enseada apropriada á segurança da frota.

Ao monte que vira Cabral no dia 22 deu o nome de Paschoal ; ao rio o de Frade e ao ancoradouro, a que se acolheu logo, o de Porto Seguro. Este ultimo appellido transferiu-se depois a uma povoação fundada nas suas proximidades, applicando-se o titulo de bahia Cabralia á enseada que Cabral demandou e onde abrigou-se no dia 24 de Abril.

Estavam todas estas paragens entre os 16, 17 e 18 graus de latitude sul, bem que então se não fazia muito acertadamente o calculo astronomico.

Em occasião em que um escaler portuguez examinava a costa appareceu-lhe uma piroga com dois gentios, que foram recolhidos, levados á nau capitanea e entregues a

Cabral, que acolheu-os benevolamente, deu-lhes comida, vinho e cama, afim de passarem a noite a bordo, o que tudo os gentios aceitaram de bom grado. Os signaes manifestados pelas indigenas pareceram a Cabral significar que na terra havia ouro e prata. Eram os gentios de côr de cobre, tinham cabello corrido e negro, bem feitos de corpo, nús, coroados de pennas de passaros, e traziam arcos e flexas. Pertenciam á tribu denominada tupininquin, que viveu em constante amizade com os portuguezes, e que pertencia a raça de todos os indigenas da costa do Brazil.

No dia seguinte presenteou-os Cabral com carapuças de baeta de varias côres, rosarios e ninharias, a que elles mostraram grande apreço. Mandou desembarcal-os em terra e em sua companhia um degradado que recebeu ordens de viver entre elles, aprender-lhes a linguagem e servir de interprete aos portuguezes, que de futuro ahi deviam aportar.

Penetrando então a esquadra na enseada de que fallamos, ordenou Cabral a Bartholomeu Dias e a Nicolau Coelho que saltassem em terra e procurassem travar relações com gentios.

Amigaveis foram, effectivamente, os primeiros tratos. Brando e docil patenteava-se o gentio. Mais de duzentos entre homens e mulheres viram os visitantes portuguezes. Pareceram-lhes formosas as raparigas, tanto mais razoavelmente quanto ellas andavam núas como os homens, revelando a elegancia das fórmas physicas. Tinham os homens os labios furados, nelles introduziam ossos e pequenas pedras, e pintavam o corpo extravagantemente. Entranhando-se no interior da terra, espantaram-se os portuguezes deante de uma aldeia, ou taba, repleta de casinhas cobertas de palha, e fechada com uma muralha de esteios grossos e fortes. Dentro das habitações notaram redes penduradas, que serviam de leitos, utensís de cozinha, e vasilhas de barro. Em derredor da aldeia, descobriram rios e regatos abundantes, mattas virgens admiraveis, plantações de milho e algodão, instrumentos de caça e

pesca. Nos ares numerosas aves esvoaçavam intemerata alegrando os olhos dos visitantes.

Regressando para bordo explicaram tudo ao almirante, que decidiu-se a descer á terra. Saltou no dia 15 o almirante e passeou algum tempo pela praia.

Tendo observado uma ilhota formada pelas enchentes da maré, bem que peninsula quando reagia a vasante das aguas maritimas, para ella dirigiu-se no dia 26.

Raiava o domingo da Paschoela, e o almirante, todo o seu estado-maior e o corpo de sacerdotes desembarcaram na ilhota. Mandou ahi levantar um altar, dizer missa e pronunciar-se sermão. Cumpriu suas ordens o guardião dos franciscanos, coadjuvado pelos seus confrades. A' devoção com que assistiam os portuguezes pareciam associar-se os gentios, que em numero consideravel imitavam silenciosos, os movimentos e gestos dos companheiros de Cabral. Mostraram-se encantados deante do espectaculo que apresentavam aquelles estrangeiros, revestidos de fardas e insignias, e guardando respeitoso acatamento durante a celebração do sacrificio divino.

Terminada a ceremonia religiosa, dansaram e cantaram desordenadamente os gentios, no intuito naturalmente de dar provas do seu contentamento.

Até o ultimo dia do mez visitaram os mareantes portuguezes a terra, derrubaram mattas para lenha, e fizeram aguada, para as necessidades de bordo.

Deliberou no entanto Cabral que partisse para Lisboa a levar noticias a el-rei uma das fustas, e que officialmente se praticasse a posse da terra achada em nome de D. Manuel de Portugal.

No dia 1º de Maio uma e outra cousa foram desempenhadas.

Desceu á terra Cabral com todo o ceremonial. Não se dirigiu á ilhota, desembarcou em terra firme.

Fez levantar uma grande cruz em um outeiro sobre uma columna com as armas portuguezas. Ouviu segunda missa no Brazil e assistiu a novo sermão que prégou o guar-

dião dos franciscanos, conservada levantada nos braços a bandeira real portugueza. Tomou assim e á moda do tempo posse official da terra. Mandou desembarcar mais dous dos degradados que tinha a bordo, afim de residirem entre os gentios. Despediu para Lisboa o navio que devia levar a el-rei noticia da nova terra descoberta á que dera o nome de ilha de Vera Cruz, nomeando para seu commandante Gaspar de Lemos. Por esse navio é que enviou Pedro Vaz Caminha a narração da viagem, á que temos por vezes alludido.

No dia 2 de Maio deixou Cabral as plagas do Brazil, nome em que foi trocado tanto o primitivo de ilha de Vera Cruz, como o de Santa Cruz, que o substituira.

Proseguiu em sua derrota para a India, afim de desempenhar a missão especial, que lhe fôra incumbida, de tratar com os régulos que governavam o Indostão.

A 12 de Maio divisou-se ao nordeste um formidavel cometa cuja cauda estendia-se muito ao longe. Durante oito noites escuras e seguidas apavorou os mareantes, como presagio de calamidade. Ao sumir-se aos olhos, rebentou logo uma medonha tempestade ; tufões espantosos levantaram-se, os mares toldaram-se, e as ondas agitaram-se tão desabridamente, que subiam por cima das embarcações e varriam de continuo o convez elevando-se até ás vergas dos mastros. Das onze embarcações, affirma o piloto portuguez em sua narrativa, quatro menores perderam-se com toda a sua matalotagem sem poder-se-lhes prestar soccorro. Bastante maltratados ficaram os demais navios, que dispersaram-se, e perderam-se de vista, tendo a borrasca persistido durante vinte dias sem cessar sua impetuosidade. Arribou Pedro Alvares á Sofala com tres naus ; ahi esperou os vasos que lhe faltavam e viu-se obrigado por fim, posto que benevolamente acolhido pelo régulo da terra, a continuar para Quiloa. Encontrou ahi felizmente as quatro embarcações que se tinham desgarrado, no furor mais intenso da tormenta.

Não podendo conciliar-se com o régulo de Quiloa, que recusou-se a tratos amigaveis, proseguiu para Melinde,

depois de reconhecer Mombaça, Moçambique e numerosas ilhas semeadas pelos mares costeiros.

A 2 de Agosto aportou Cabral em Melinde. Recebeu do régulo presentes consideraveis de carneiros, aves e fructas, e entabolou negociações, fallando por interpretes na lingua arabe, que era na terra conhecida.

Tinha-se Cabral munido de presentes para os régulos africanos e indiaticos, com quem cumpria-lhe entender-se, e bem assim de mimos particulares, com que lhes pagasse os que recebesse. Resultou das excellentes relações travadas entre o régulo de Melinde e Cabral que, em troca de dous degradados que mandou desembarcar, um piloto mouro experimentado lhe foi offerecido para auxilial-o na sua rota ás Indias.

Atravessou a frota o golfo, deixando ao lado do norte as cidades de Magadoxo e Ormuz, e tomando apenas algum descanso na ilha de Anchediva.

Ao ancorar deante de Calicut a 13 de Setembro, recebeu Cabral uma embaixada do rajah, que lhe annunciava o mais agradavel acolhimento. Mandou Cabral salvar a artilharia por algum tempo, desejoso de mostrar-se desde logo habilitado para a guerra, quando paz não encontrasse. Communicou á embaixada indiana que vinha, por ordem de D. Manuel de Portugal, negociar e firmar relações de commercio, para o que pedia ao rajah audiencia solemne afim de entregar-lhe as cartas e presentes de seu rei e apresentar-lhe suas credenciaes diplomaticas.

Concordes nas condições da entrevista, recebeu Cabral a bordo refens de cinco principaes vassallos do rajah, e de trinta tangedores, além de outros menos importantes personagens: o commandante da frota portugueza desembarcou com 50 soldados escolhidos.

Residia o rajah nos arrabaldes de Calicut; veiu, porém, á cidade para receber o almirante portuguez. Em um palanquim ornado de seda, ouro e pedras preciosas, carregado por oito homens, seguido de bandas de musica e

tropas, acompanhado por numerosas mulheres e concubinas, que o não deixavam, umas montadas em elephantes e outras repousadas em palanquins, fez solemne entrada em Calicut, ajoelhando-se todo o povo ao vêl-o passar, até que elle recolheu-se a um sumptuoso edificio que lhe era reservado.

Introduzido no paço, foi Cabral levado a uma espaçosa sala. Estava o rajah sentado em um estrado de seda, nú da cintura para cima, e envolvido da cintura para baixo em um panno de setim delicadissimo repassado de fios de ouro: tinha na cabeça um barreto de brocado crivado de diamantes e perolas; brincos de ouro com enormes rubis pendiam-lhe das orelhas: os braços e dedos ornavam-se de finas pedrarias. Em derredor formavam-lhe cortejo deslumbrante numerosos personagens, ricamente adornados e quantidade notavel de pagens e de mulheres untadas de sandalo, nuas da cintura para cima, coroadas de flores, recamadas de colares de ouro e esmeraldas, braceletes e anneis de valor elevadissimo. Ao lado direito do rajah conservavam-se de pé os escrivães, tendo nas mãos estiletes e folhas de palmeiras para gravarem os ajustes e tratados, em que combinassem.

Emquanto tanto luxo e sumptuosas riquezas offuscavam os olhos dos portuguezes, sobresahiam elles apenas com suas armaduras de ferro, e com pistolas e espadas que conservavam á cinta.

Pelos pateos e columnatas de alabastro do palacio viam-se elephantes submissos com suas coleiras de guizos e campainhas, murmurosos corpos de negros e bucellarios a dansarem, redomoinhando em tregeitos exquisitos, ao mesmo tempo que sons disparatados de instrumentos de musica singular resoavam pelos ares.

Em arabe fallavam os interpretes ao rajah e a Cabral explicando depois e expondo o assumpto que a ambos interessava.

O rajah recebeu as cartas e presentes de D. Manuel, e declarou conceder liberdade de commercio aos portu-

guezes. Offereceu casa e hospedagem a Cabral sempre que quizesse descer á cidade de Calicut. Designou egualmente um edificio á beira-mar para nelle estabelecer-se a feitoria que os portuguezes requeriam.

Fundou Cabral immediatamente a feitoria; guarneceu-a com cincoenta portuguezes, afim de apoiar e desenvolver o commercio.

Regularmente corriam as relações, quando um dia os habitantes de cidade, exaltados pelos mouros, que temiam a concurrencia mercantil dos portuguezes, incendiaram a feitoria e mercadorias que continha, e assassinaram a maior parte dos portuguezes que a guardavam. Poucos dentre estes lograram evadir-se para bordo.

Exasperou-se Cabral ao receber a noticia do feito.

Apoderou-se logo de dez navios mouros ancorados no porto, degolou em seguida a fio de espada quinhentos dos tripolantes, approximou suas naus da cidade, e iniciou um bombardeio, que destruiu casas, monumentos e pagodes importantes.

Passou do bombardeio para o incendio. Fez descer gente á cidade, que os habitadores assustados abandonaram immediatamente e não tardou o fogo, applicado aos edificios, em augmentar-lhe as calamidades.

Contente com a represalia, partiu para Cochim, cidade situada a vinte leguas sul de Calicut.

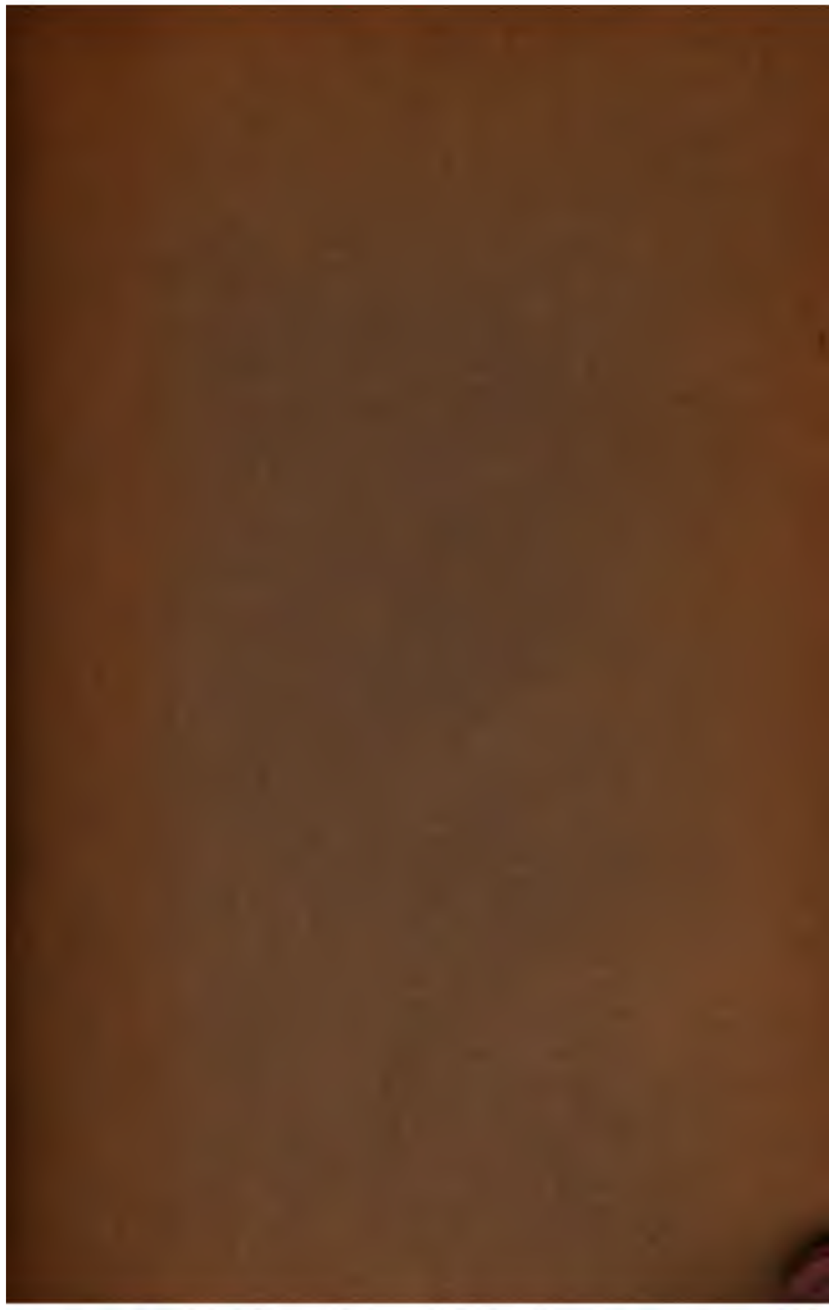
O rajah de Cochim, que teve noticia immediata do destroço e incendio de Calicut, recebeu-o de braços abertos, e concedeu-lhe terreno para uma feitoria e liberdade inteira para o commercio. Ahi e em Cananor, abasteceu-se Cabral de pimenta, canella, cravo, e especiarias de commercio interessantissimo para a Europa, e carregados os navios por conta d'el-rei de Portugal dicidiu-se a voltar para Lisbôa.

No intuito de affeiçoar o rajah de Cochim apprehendeu Cabral duas naus de Calicut, que lhe incommodavam as possessões, trouxe-as para a enseada de Cochim e ahi lan-

INDICE DA 2ª SERIE

PAG.

Advertencia dos Editores.. 5
Carlos I de Hespanha e V de Allemanha........................... 11
Almanzor.. 33
Ricardo, Coração de Leão.. 47
Roma e Avinhão, Papas e anti-papas.............................. 61
Cid Campeador... 77
D. João V Rei de Portugal....................................... 91
Fernão de Magalhães... 105
D. Sancho II Rei de Portugal.................................... 123
O Papa Sixto V.. 143
Descobrimento da ilha da Madeira................................ 155
Henrique VIII e suas seis mulheres.............................. 165
Nicolau Villegaignon.. 179
Maria Stuart.. 199
Ignacio de Loyola... 219
Pedro I da Russia... 235
Alonzo Ojeda.. 247
A primeira colonia ingleza na America........................... 259
Marcos Lucano... 273
Mafoma, Mamafede ou Mahomet..................................... 291
Pedro Alvares Cabral.. 305



Quaresma & C. — Livreiros-editores

LIVRO DO LAVRADOR

OU

Tratado completo de agricultura theorica e pratica

CONTENDO

todas as regras para o perfeito conhecimento das diversas especies de terrenos, sua classificação scientifica e vulgar; exposição dos varios methodos de cultura e das principaes operações agrarias; estudo dos estrumes e descripção dos instrumentos aratorios mais aperfeiçoados, seguido do *manual completo da cultura das hortas, pomares e jardins*; exposição methodica das peculiaridades culturaes das plantas da grande lavoura brazileira, d'aquellas que ha vantagem em desenvolver-se no paiz, cultura das plantas tincturiaes, oleaginosas e textis, cultura das plantas forrageiras, e terminando por um tratado de industria sylvicola

POR

MANOEL DUTRA

1 enorme vol. in 8º grande enc.................................. 10$000

A obra que actualmente é entregue á apreciação do publico é, segundo a opinião dos competentes, trabalho de merito real e de vantagens incontestaveis para todos os que se applicam á lavoura, pois o seu auctor, homem erudito em questões agricolas, já pela longa pratica que possue, procurou apresentar trabalho que aproveitando tudo o que de mais notavel tem apparecido para o desenvolvimento agricola, não olvidasse comtudo da sua applicabilidade ás condições do paiz, quer climatericas, quer economicas.

Ao envez do que tem acontecido com identicos trabalhos, que não passam de meras traducções de obras estrangeiras, cujos preceitos e theorias são inapplicaveis no nosso paiz, o agricultor brazileiro encontrará na presente obra, inspirada no que de mais util tem-se feito sobre o assumpto, um verdadeiro e judicioso consultor para qualquer difficuldade com que depare na pratica do seu mistér e tudo em linguagem clara e concisa para evitar más interpretações.

LIVRARIA DO POVO—Rua de S. José, 65 e 67